

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Raquel Miranda Vilela Paiva

A BIBLIOTECA ESCOLAR E OS NATIVOS DIGITAIS

Belo Horizonte

2018

RAQUEL MIRANDA VILELA PAIVA

A Biblioteca Escolar e os Nativos Digitais

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do título de Doutor em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa: Informação, Cultura e Sociedade

Orientador: Prof^a. Dr^a. Adriana Bogliolo Sirihal Duarte

BELO HORIZONTE

2018

P149b Paiva, Raquel Miranda Vilela.

A biblioteca escolar e os nativos digitais / Raquel Miranda Vilela Paiva. – 2018.
181 f., enc.

Orientadora: Adriana Bogliolo Sirihal Duarte
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da
Informação.

Referências: f. 171-181.

1. Ciência da informação – Teses. 2. Bibliotecas escolares – Teses. 3.
Tecnologia – Aspectos sociais – Teses. I. Título. II. Sirihal Duarte, Adriana
Bogliolo. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da
Informação.

CDU: 027.8:004.738



UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

FOLHA DE APROVAÇÃO

"A BIBLIOTECA ESCOLAR E OS NATIVOS DIGITAIS"

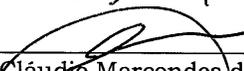
Raquel Miranda Vilela Paiva

Tese submetida à Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos à obtenção do título de "**doutora em Ciência da Informação**", linha de pesquisa "**Informação, Cultura e Sociedade**".

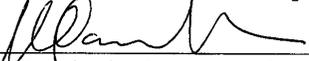
Tese aprovada em: 18 de abril de 2018.

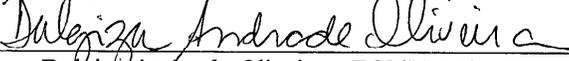
Por:


Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo - ECI/UFMG - presidente da banca

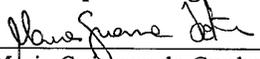

Prof. Dr. Cláudio Marcondes de Castro Filho - Universidade São Paulo


Profa. Dra. Bernadete Santos Campello - ECI/UFMG

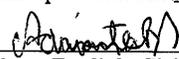

Profa. Dra. Maria da Conceição Carvalho - ECI/UFMG


Profa. Dra. Dalgiza Andrade Oliveira - ECI/UFMG

Aprovada pelo Colegiado do PPGCI


Profa. Maria Guilomar da Cunha Frota
Sub -Coordenadora

Versão final aprovada em 18/04/2018


Profa. Adriana Bogliolo Sirihal Duarte
Orientadora



UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

ATA DA DEFESA DE TESE DE **RAQUEL MIRANDA VILELA PAIVA**, matrícula: 2014655485

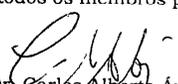
Às 10:00 horas do dia 18 de abril de 2018, reuniu-se na Escola de Ciência da Informação da UFMG a Comissão Examinadora aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação em 12/03/2018, para julgar, em exame final, o trabalho intitulado **A biblioteca escolar e os nativos digitais**, requisito final para obtenção do Grau de DOUTORA em CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, área de concentração: Produção, Organização e Utilização da Informação, Linha de Pesquisa: Informação, Cultura e Sociedade. Pelo afastamento por motivo de saúde da orientadora Profa. Dra. Adriana Bogliolo Sirihal Duarte, a banca foi presidida pelo Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo, após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à candidata para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

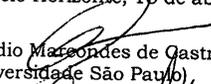
Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo – Presidente da banca	APROVADA
Prof. Dr. Cláudio Marcondes de Castro Filho	APROVADA
Profa. Dra. Bernadete Santos Campello	APROVADA
Profa. Dra. Maria da Conceição Carvalho	APROVADA
Profa. Dra. Dalgiza Andrade Oliveira	APROVADA

Pelas indicações, a candidata foi considerada APROVADA, ressalta-se a necessidade de realizar as modificações apontadas pela banca.

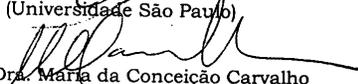
O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 18 de abril de 2018.

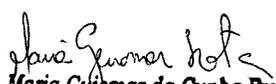

Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo
Presidente da banca (ECI/UFMG)


Prof. Dr. Cláudio Marcondes de Castro Filho
(Universidade São Paulo)


Profa. Dra. Bernadete Santos Campello
(ECI/UFMG)


Profa. Dra. Maria da Conceição Carvalho
(ECI/UFMG)


Profa. Dra. Dalgiza Andrade Oliveira
(ECI/UFMG)


Profa. Maria Guilmar da Cunha Prota
Sub-Coordenadora do Programa de Pós-Graduação
em Ciência da Informação da UFMG

Obs: Este documento não terá validade sem a assinatura e carimbo da Coordenadora.

DEDICATÓRIA

Aos meus amores: pai, mãe, filho, marido, irmão, sobrinho e Adriana, que sempre estiveram comigo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus, por me propiciar esse momento da minha vida. Agradeço a Ele, não apenas por me amparar, mas por colocar em meu caminho verdadeiros anjos nessa terra.

Agradeço a minha família, meu pai Osmário, minha mãe Judite, por sempre tentarem me entender, me amparar e me ajudar, mesmo quando tudo parecia tão difícil. Meu marido Leonardo, eu sei que foi difícil, tantas viagens de férias nas quais livros e notebook foram companhias certas. Foram muitos momentos onde a vida se misturou a pesquisa, mas você estava ao meu lado. Meu filho Rodrigo, sempre compreensível nos momentos em que a mãe não podia parar o trabalho para te fazer o café... Marcelo, sem palavras para agradecer não apenas a compreensão, mas as discussões de ideias e impressões. Meu primo Madson, sempre pronto para orar por mim!

Agradeço, com muito amor, a minha orientadora Adriana Bogliolo. Você não foi uma orientadora, mas uma parceira e uma amiga fantástica! Como é bom trabalhar com você! Sempre tão disposta a ajudar, a compartilhar, a dividir... Tenho certeza que nossa parceria não termina aqui, no fim dessas páginas! Ainda vamos fazer muitas coisas juntas!

Agradeço ao Centro Pedagógico da UFMG, que me possibilitou me afastar das minhas atividades profissionais para mergulhar na pesquisa de campo. Agradeço, com muito carinho, à equipe da biblioteca: Flávia, Rosana, Juliana e André, sem a inestimável ajuda de vocês, isso tudo não seria possível. Vocês hoje são amigos que moram no meu coração.

Foram muitos os amigos dessa caminhada, muitos que compartilharam alegrias e sofrimentos. A lista seria enorme. Mas não posso deixar de agradecer nominalmente à Rosilene e à Cleide. Meninas, vocês sempre foram demais! Sempre juntas, sempre unidas, sempre uma apoiando a outra. Conosco não tem sábado, domingo, feriado, sol ou chuva! Sempre juntas! Valeu "Casal de 3"!

Agradeço profundamente todos os professores que estiveram comigo nessa jornada do Doutorado, mas, preciso agradecer com muito amor e carinho, aos membros que aceitaram participar da banca. Alguns desde a qualificação, outros nesse momento da defesa. Cláudio Marcondes, Bernadete Campello, Dalgiza

Andrade, Cláudio Paixão, Conceição Carvalho, Eliane Rocha, vocês são especiais. Carlos Alberto Ávila, Casal, muito obrigada por me acolher no momento mais difícil. Eu nunca vou esquecer a generosidade de vocês.

Agradeço às três escolas que me receberam para a pesquisa. Não foi fácil, muitos disseram “não”, mas vocês, além do “sim”, me receberam com muito respeito e carinho, possibilitando o trabalho de campo e as entrevistas de uma forma que nem eu mesma esperava. Agradeço às bibliotecárias, equipe de biblioteca da escola A, professores da escola C e ao professor da escola B, que abriu as portas de suas salas de aula para que eu entrasse. Vocês foram os responsáveis pelo sucesso da minha empreitada.

Agradeço a todos os jovens nativos digitais que participaram das observações, acolhendo a pesquisadora. Agradeço, em especial, aos 31 entrevistados, que doaram seu tempo e sua sinceridade, possibilitando que o trabalho fosse bem realizado.

Enfim, tenho certeza que não fui capaz de citar aqui todos que caminharam comigo nesse tempo, todos que me apoiaram nos momentos difíceis. Mas sou grata a cada um que, de alguma forma, fez parte da minha vida nos últimos quatro anos.

A todos o meu muito obrigada!

Você quer armas? Estamos em uma biblioteca! Livros! As melhores armas do mundo!

Doctor Who

RESUMO

Ainda que os dados do Censo Escolar apontem melhoras na realidade da biblioteca escolar (BE), esse espaço ainda não está presente em todas as escolas brasileiras. Os debates sobre a biblioteca escolar tiveram início na década de 1970, mas muitos temas ainda se encontram mais na teoria que na prática. A bibliografia sobre biblioteca escolar demonstra que, apesar desse espaço nem sempre existir, sua importância é afirmada em todas as teorias. A presente tese tem como um de seus pressupostos que o papel da biblioteca escolar vai além da tradicional formação de leitores. A função pedagógica da biblioteca escolar é um tema que merece mais debates para ser assumida pelos profissionais presentes nesse espaço. Essas reflexões estão presentes nos estudos sobre letramento informacional. Os bibliotecários atuantes nas bibliotecas escolares, além do seu papel como educadores, têm que se preocupar em adequar sua atuação aos alunos a serem atendidos. Diante da necessidade da biblioteca presente no contexto escolar assumir sua função pedagógica e se preparar para atuar com os jovens nativos digitais, o projeto acredita ser fundamental conhecer esse novo público, que se encontra inserido na Sociedade da Informação e imerso em tecnologia. Para uma atuação mais eficaz acredita-se ser necessário compreender como esses alunos pensam e lidam com a biblioteca e com as informações. A pesquisa investigou o que os alunos atuais, os nativos digitais, pensam sobre a contribuição da biblioteca escolar e do bibliotecário na sua formação. Conseqüentemente, esperou-se como contribuição, ao se resolver este problema, apresentar indícios e sugestões que respondam a questão adjacente: como a biblioteca escolar deve se adequar para atender as expectativas desses alunos em relação aos seus serviços de informação? O aporte teórico que embasa a pesquisa possui pontos que contribuem para a compreensão da questão e inclui: a biblioteca escolar e sua atuação no Brasil; o letramento informacional e o papel educativo da BE, a formação e atuação do bibliotecário no contexto escolar e os Nativos Digitais. Foi realizada uma pesquisa do ponto de vista etnográfico. A coleta de dados foi realizada através de notas de campo/diário de campo e gravações. Neste momento, usou-se as teorias de Wolcott (1994), utilizando o quadro de descrição, análise e interpretação para organização e tratamento dessas informações coletadas. O trabalho foi realizado em três escolas, sendo uma pública e duas privadas. Essas escolas apresentam três realidades distintas de biblioteca, além de formas de ensino diferentes entre si. O trabalho apontou que esses alunos, nativos digitais, possuem características próprias, como citadas por Prensky (2011) e Palfrey; Gasser (2011) já haviam elencado. Diante dessas características, conclui-se, entre outras coisas, que muito além de mudar o espaço da biblioteca escolar, se faz necessário mudar a postura do bibliotecário atuante nesse contexto.

Palavras-chave: Biblioteca escolar. Nativos Digitais. Bibliotecário escolar

ABSTRACT

Although data from the School Census point to improvements in the reality of the school library (BE), this space is not yet present in all Brazilian schools. Debates about the school library began in the 1970s, but many themes are still more in theory than in practice. The bibliography on school library shows that, although this space does not always exist, its importance is affirmed in all theories. The present thesis has as one of its assumptions that the role of the school library goes beyond the traditional training of readers. The pedagogical function of the school library should be more debated and assumed by professionals present in this space. These reflections are present in the studies on information literacy. Librarians working in school libraries, in addition to their role as educators, have to be concerned with adjusting their performance to the students to be served. Given the need of the library present in the school context to assume its pedagogical role and prepare to work with the young digital natives, the project believes that it is fundamental to know this new public, which is inserted in the Information Society and immersed in technology. For a more effective performance it is believed to be necessary to understand how these students think and deal with the library and the information. The research investigated what current students, digital natives, think about the contribution of the school library and the librarian in their training. Consequently, it was hoped that as a solution to this problem, it would be possible to present clues and suggestions to answer the adjacent question: how should the school library be adapted to meet the expectations of these students in relation to their information services? The theoretical contribution that bases the research has points that contribute to the understanding of the question and includes: the school library and its work in Brazil; the information literacy and the educational role of BE, the formation and performance of the librarian in the school context and the Digital Natives. An ethnographic research was carried out. Data collection was done through field notes / field diaries and recordings. At the moment, the theories of Wolcott (1994) were used, using the description, analysis and interpretation framework for the organization and treatment of this collected information. The work was carried out in three schools, one public and two private. These schools present three distinct library realities, as well as different teaching styles. The work pointed out that these students, digital natives, have their own characteristics, as cited by Prensky (2011) and Palfrey; Gasser (2011) had already listed. Given these characteristics, it is concluded, among other things, that rather than changing the space of the school library, it is necessary to change the position of the librarian in this context.

Keywords: School library. Digital natives. School librarian.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Idade dos entrevistados	80
Tabela 2 - Fontes de Informação	108
Tabela 3 - Tipologia de programas citados pelos entrevistados	117
Tabela 4 - Canais de Preferência dos entrevistados – com mais de uma citação	117
Tabela 5 - Séries Netflix citadas por mais de um entrevistado	121
Tabela 6 - Tipo de canais assistidos no YouTube	122
Tabela 7 - Youtubers indicados pelos entrevistados	123
Tabela 8 - Canais de YouTube citados pelos entrevistados.....	123
Tabela 9 - Gêneros literários – Preferências	135
Tabela 10 - Principais características da biblioteca dos sonhos.....	143
Tabela 11 - Tipos de acervo	146
Tabela 12 - Regras na biblioteca dos sonhos	150
Tabela 13 - Tipos de pessoa que trabalharia na Biblioteca dos Sonhos	153
Tabela 14 - Comparação das aparências físicas da biblioteca real e a dos sonhos.....	160
Tabela 15 - Comparativo de Idades para a biblioteca real e a dos sonhos	160
Tabela 16 - Comparativo de gênero entre biblioteca real e a dos sonhos	161
Tabela 17 - Atributos mais citados para a biblioteca real	163
Tabela 18 - Principais atributos para a biblioteca dos sonhos.....	163

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tarefas e ações necessárias ao desenvolvimento da biblioteca escolar como recurso educacional e agente interdisciplinar de apoio pedagógico.	38
Quadro 2 - Ações para o desenvolvimento de competência informacional	40
Quadro 3 - Relação autores e conceitos de Nativos Digitais.....	45
Quadro 4 - Canais de preferência dos entrevistados – com apenas uma citação	118

LISTA DE ABREVIATURAS

SIGLA	–	NOME COMPLETO
BE	–	Biblioteca Escolar
CRB	–	Conselho Regional de Biblioteconomia
CEFET	–	Centro Federal Tecnológico
ENEM	–	Exame Nacional do Ensino Médio
FAFICH	–	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
PBH	–	Prefeitura de Belo Horizonte
PPP	–	Projeto Político Pedagógico
UFMG	–	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 REFERENCIAL TEÓRICO	20
2.1 BIBLIOTECA ESCOLAR.....	20
2.1.1 A biblioteca escolar no Brasil.....	22
2.1.2 O letramento informacional e o papel pedagógico da biblioteca escolar.....	33
2.1.3 A formação e a atuação do bibliotecário na escola.....	41
2.2 O USUÁRIO DA BIBLIOTECA ESCOLAR NA ATUALIDADE: OS NATIVOS DIGITAIS	44
3 METODOLOGIA	47
3.1 COLETA DE DADOS	48
3.2 ANÁLISE DOS DADOS.....	50
3.3 A PESQUISA DE CAMPO.....	51
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	54
4.1 DIÁRIO DE CAMPO.....	54
4.1.1 Escola A	55
4.1.2 Escola B	60
4.1.3 Escola C	70
4.2 AS ENTREVISTAS.....	78
4.2.2 A biblioteca escolar.....	81
4.2.2.1 Memórias de biblioteca.....	81
4.2.2.2 Uso e utilidade.....	83
4.2.2.3 Bibliotecário – Pontos positivos e negativos.....	86
4.2.2.4 O que atrai e o que afasta o aluno da biblioteca	88
4.2.2.5 Conhecimento sobre a biblioteca da escola	95
4.2.2.6 Pontos positivos e pontos negativos da biblioteca escolar.....	97

4.2.2.7 <i>Biblioteca Atual X Biblioteca Anterior</i>	99
4.2.3 O mundo da informação	104
4.2.3.1 <i>Gosto pela pesquisa</i>	104
4.2.3.2 <i>Curiosidades e interesses</i>	106
4.2.3.3 <i>Onde busca informação</i>	108
4.2.3.4 <i>Gosto pelo estudo</i>	113
4.2.3.5 <i>Televisão</i>	116
4.2.3.6 <i>Celular</i>	125
4.2.3.7 <i>Computador</i>	128
4.2.3.8 <i>O mundo da leitura</i>	132
4.2.4 A biblioteca ideal	143
4.2.5 A biblioteca real e a biblioteca dos sonhos – aproximações e distanciamientos	159
5 CONCLUSÕES	166
REFERÊNCIAS	173

1 INTRODUÇÃO

A realidade da biblioteca escolar (BE), conforme verificado no Censo Escolar de 2017, melhorou, estando presente em 54,3% das escolas de Ensino Fundamental e em 88% das escolas de Ensino Médio. Contudo, cabe destacar que as notas estatísticas reúnem na mesma situação BE e salas de leitura. Lembramos que as salas de leitura divergem das bibliotecas por suas características, principalmente pela ausência de bibliotecário responsável e de serviços característicos da BE. Conforme os dados, 95,7% das escolas públicas federais, 81,1% das escolas estaduais, 38,9% das municipais e 82,2% das escolas particulares de Ensino Fundamental contam com bibliotecas escolares e/ou salas de leitura. Esse percentual sobre para 97,8% das escolas públicas federais, 85,9% das escolas estaduais, 80,8% das municipais e 92,5% nas escolas particulares de ensino médio regular (INEP, 2018).

Os estudos sobre a biblioteca escolar no Brasil remontam a década de 1970. Neste percurso, muitos autores têm se debruçado e apontado, em vários casos, os problemas presentes neste âmbito. Apesar de ser um equipamento nem sempre presente nas escolas, é importante destacar que a Lei no. 12.244 de 2010 (BRASIL, 2010) regulamenta que toda instituição de ensino, seja pública ou privada, deverá ser dotada de Biblioteca. O prazo estipulado para a adaptação das escolas à norma é de 10 anos. Sendo assim, tem-se a perspectiva de que a BE passe a se tornar presente nas escolas brasileiras.

Em termos legais pode-se notar avanços nas bibliotecas escolares, contudo na realidade cotidiana ainda se encontram situações adversas como as demonstradas nas pesquisas desenvolvidas por Silva (2001), Morais (2009) e Vilela (2009) que apresentam uma atuação ainda tímida da Biblioteca.

O trabalho de Silva (2001) procurou verificar a atuação da biblioteca escolar a partir da interação desta com o professor de ensino fundamental. Utilizou a rede municipal de Belo Horizonte como campo. Dentre suas descobertas, constatou que houve um avanço na relação entre professores e biblioteca, mas, em contrapartida, concluiu que o professor ainda não utiliza a BE em sua prática pedagógica, demonstrando a falta de parceria neste processo.

Morais (2009) pesquisou em seu trabalho a atuação de profissionais nas bibliotecas da rede municipal de Belo Horizonte. Sua pesquisa abrangeu todos os profissionais atuantes neste espaço. O trabalho pôde delinear um painel das bibliotecas da rede municipal. Dentre os resultados obtidos, foi apontada a necessidade de se rever as visões do corpo docente sobre o espaço da biblioteca e suas possibilidades.

O trabalho de Vilela (2009) investigou a atuação da biblioteca escolar no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O trabalho investigou a atuação da biblioteca do ponto de vista dos profissionais atuantes na EJA, ou seja, professores, auxiliares e bibliotecários. Também este trabalho teve como campo de pesquisa a rede municipal de Belo Horizonte. O trabalho aponta que a atuação da BE ainda pode se desenvolver mais neste âmbito da educação. Aponta um consenso entre as ideias de professores e equipe da biblioteca, mas pontos como a falta de formação específica para uso desse espaço de forma pedagógica contribui para essa atuação ainda tímida.

Pode-se destacar que os três trabalhos citados convergem no fato da falta de interação entre o bibliotecário e o professor. Ambos citam, também, o pouco conhecimento das possibilidades de atuação da biblioteca no contexto escolar, além do pouco conhecimento por parte dos docentes a respeito das atividades do bibliotecário. Outro dado que aparece em ambos os trabalhos é a pouca especialização do bibliotecário para atuar na biblioteca escolar dentro de suas especificidades.

A bibliografia sobre biblioteca escolar demonstra que, apesar desse espaço nem sempre existir, sua importância é afirmada em todas as teorias. Problemas existem, mas existem também esforços dos profissionais na busca por uma atuação eficaz.

Assim, estudos como o de Vilela (2009) demonstram que a biblioteca diante do desafio, no caso de atuar na EJA, busca oferecer serviços e emendar esforços para compensar os diversos problemas, seja a escassez de acervo para o referido público, a dificuldade de equipe, falta de entrosamento nos projetos da escola.

Por outro lado, o trabalho de Félix (2014) destaca que existem na realidade bibliotecas efetivas, que atuam ativamente nos projetos da escola. A pesquisadora procurou investigar a contribuição da cultura escolar para o sucesso dessas BEs.

Ainda que essa não seja a realidade de todas as bibliotecas, saber que existem e que é possível encontrar, inclusive em escolas públicas (a autora investigou escolas da Prefeitura de Belo Horizonte - PBH), serve de subsídio para o trabalho de outros bibliotecários.

Já o trabalho de Moreira (2014) demonstra que muitas das ações empreendidas por esses profissionais não são registradas, o que contribui para que permaneçam no esquecimento. O registro das atividades contribui para perpetuar o que é feito, possibilitando seu aperfeiçoamento. Ela apresenta importantes exemplos de contribuições da BE na PBH em ações de promoção de leitura.

Dessa forma, pode-se perceber que os bibliotecários atuantes na biblioteca escolar não estão parados. Apesar de todas as dificuldades, esses profissionais desenvolvem várias atividades, muitas vezes com o apoio dos auxiliares e em parceria com a escola.

A pesquisa aqui desenvolvida teve como um de seus pressupostos que o papel da biblioteca escolar vai além da tradicional formação de leitores. Como destaca Campello (2009),

A ação do bibliotecário não se restringe, pois, à promoção da leitura nem à orientação bibliográfica, mas amplia-se para abranger aprendizagens mais complexas, levando ao aparecimento do conceito de letramento informacional (CAMPELLO, 2009b, p. 11-12).

A função pedagógica da biblioteca escolar deve ser mais debatida e assumida pelos profissionais presentes nesse espaço. Essas reflexões estão presentes nos estudos sobre letramento informacional que, conforme Gasque (2012) define,

(...) é um processo de aprendizagem que favorece o aprender a aprender, visto que engloba conceitos, procedimentos e atitudes que permitem ao indivíduo identificar a necessidade de informação e delimitá-la, buscar e selecionar informação em vários canais e fontes de informação, bem como estruturar e comunicar a informação, considerando os seus aspectos éticos, econômicos e sociais (GASQUE, 2012, p. 46).

Os bibliotecários atuantes nas bibliotecas escolares, além do seu papel como educadores, têm que se preocupar em adequar sua atuação aos alunos a serem atendidos. Como destaca Castro, “a geração de alunos que as escolas recebem atualmente está cada vez mais envolvida pelos avanços tecnológicos” (CASTRO, 2014, p. 37).

Esses novos alunos recebem várias denominações por parte de autores, mas todos na ânsia de salientar sua característica mais marcante, que é esse acesso cada vez mais intenso às tecnologias da informação e da comunicação. Para fins

desta tese, foi adotado o termo nativos digitais. Nativos digitais são aqueles que interagem de forma diferente com os outros. Eles trabalham, estudam e se relacionam geralmente mediados pela tecnologia. Assim como se relacionam de forma diversa com as amizades, eles encaram a informação de forma diversa (PALFREY; GASSER, 2011).

Diante da necessidade da biblioteca presente no contexto escolar assumir sua função pedagógica e se preparar para atuar com os jovens nativos digitais, a pesquisa acreditou ser fundamental conhecer esse novo público, que se encontra inserido na Sociedade da Informação e imerso em tecnologia. Para uma atuação mais eficaz acreditou-se ser necessário compreender como esses alunos pensam e lidam com a biblioteca e com as informações.

Dessa forma, o seguinte problema norteou todo o trabalho:

“O que os alunos atuais, os nativos digitais, pensam sobre a contribuição da biblioteca escolar e do bibliotecário na sua formação?”

Consequentemente, esperou-se como contribuição, ao se resolver este problema, apresentar indícios e sugestões que respondam a questão adjacente: como a biblioteca escolar deve se adequar para atender as expectativas desses alunos em relação aos seus serviços de informação?

Assim, delimitou-se o seguinte objetivo geral:

“A partir da compreensão do que pensam os alunos atuais sobre o papel da biblioteca escolar na sua formação, compreender como esse equipamento e seu bibliotecário devem se adequar para atender às expectativas de seus usuários.”

Determinou-se os seguintes objetivos específicos:

- Investigar os alunos atuais, considerados pela literatura como nativos digitais;
- Aprender a relação desses nativos digitais com a informação;
- Analisar a visão de biblioteca escolar e de bibliotecário desses alunos;
- Compreender o papel da biblioteca escolar e do bibliotecário na formação dos nativos digitais.

Pode-se justificar a importância da presente tese ao se verificar que os estudos sobre a biblioteca escolar em programas de Pós-Graduação ainda são em quantidade insuficiente, conforme atestado pelo trabalho de Campello *et al* (2013). Desta forma, o presente trabalho se propôs a levantar questões para reflexão sobre a atuação da biblioteca no contexto escolar, aumentando o número de pesquisas

sobre o tema. A literatura da área muitas vezes apresenta os aspectos negativos da BE, contudo, autores como Campello *et al* (2012) sinalizam a necessidade de se focar de forma positiva este espaço,

Talvez fosse o momento de reverter o paradigma da miséria, e buscar expor aspectos positivos da biblioteca, revelando suas potencialidades como espaço de aprendizagem, e usando evidências científicas, mostrar como a biblioteca escolar pode ajudar crianças e jovens a aprender. (CAMPELLO *et al*, 2012)

Pode-se verificar através dos trabalhos de Campello (2009a) e Campello *et al* (2012) que o tema biblioteca escolar tem um grande potencial de estudo e oferece oportunidade para aprofundamentos nos debates. Esses trabalhos destacam a importância da BE e seu reconhecimento. Contudo, esses mesmos trabalhos apontam para uma dicotomia: se por um lado os bibliotecários demonstram ter um maior preparo para atuação na área técnica biblioteconômica, por outro apresentam dificuldades para embasarem uma prática pedagógica.

A presente tese se propôs compreender a atuação da biblioteca no contexto escolar, baseada na teoria e buscando propor novos conceitos de atuação, de forma a aprimorar e reforçar as práticas eficientes. Acredita-se que, dessa forma, seja uma ferramenta para auxiliar aos demais profissionais a compreender como superar as dificuldades em atuar de maneira pedagógica.

Muitos dos trabalhos com a temática da biblioteca escolar estabelecem como pesquisados os adultos do processo, sejam eles, professor, bibliotecário, professor em desvio de função ou auxiliar, como se pode verificar nos trabalhos de Vilela (2009), Madureira (1985), Moreira (2014), Félix (2014), Soares (2014), entre outros. Apesar de serem a maioria, encontram-se trabalhos que estudam a BE com base também em dados coletados junto aos alunos, como é o caso dos trabalhos de Fialho (2009), Pinheiro (2006) e Santos (2002), por exemplo.

Como já destacava Silva (1995), a biblioteca escolar precisa “estar atenta para as necessidades e interesses de seus leitores”, mas também “deve identificar as expectativas dos não leitores e empreender atividades capazes de satisfazê-las, como forma de atraí-los” (SILVA, 1995, p. 106). Assim, estando no ano de 2018 e trabalhando com uma geração de alunos bastante diferente da nossa geração, é necessário aos profissionais envolvidos ter uma sensibilidade e uma astúcia para lidar com estes. O trabalho pretendeu conhecer mais essa geração, seus

pensamento e ideias, de forma a contribuir para uma atuação mais eficaz da biblioteca escolar.

O campo da Ciência da Informação trabalha o conceito de Sociedade da Informação, na qual todos nós estamos inseridos. O papel da biblioteca escolar como formadora de sujeitos capazes de utilizarem eficazmente o que se encontra disponível se mostra acentuado. Quando essa atuação se desenvolve ainda no período escolar, tende a ser ainda mais efetiva. Assim, compreender como a atuação dessa biblioteca afeta a formação dos alunos contribui para a busca de práticas e ações eficazes.

Outra contribuição importante a partir do desenvolvimento desta pesquisa foi a possibilidade de analisar, a partir de uma perspectiva científica, o trabalho da biblioteca escolar. Conforme salienta Campello (2009a), os bibliotecários brasileiros ainda avaliam intuitivamente as atividades desenvolvidas. Estudos fora do Brasil já apresentam estratégias de avaliação do aprendizado na biblioteca escolar e já é o momento dos bibliotecários brasileiros se apoderarem dessas ferramentas.

Dessa forma, acredita-se que o presente trabalho contribui para o debate e o avanço nos estudos sobre biblioteca escolar.

A presente tese se estrutura com a Introdução, onde são destacados alguns dos conceitos a serem utilizados no trabalho, o problema de pesquisa, bem como os objetivos (geral e específicos) e a justificativa.

Em seguida, encontra-se o referencial teórico, com ênfase na biblioteca escolar, seus conceitos e histórico no Brasil, assim como o letramento informacional e as atribuições do bibliotecário no contexto escolar. Nesse capítulo também se encontra a questão dos nativos digitais, objeto máximo do presente estudo.

O próximo capítulo se refere à metodologia, onde é exposto o percurso adotado. Nesse capítulo explicitam-se as ferramentas de etnografia utilizadas. Neste capítulo também se encontra a caracterização do campo pesquisado, bem como o diário de campo com as observações realizadas nas três escolas. Em seguida, encontram-se as análises das categorias apontadas a partir das entrevistas realizadas. Nessas análises estão transcritas, literalmente, algumas das falas dos entrevistados.

Por fim, encontram-se as conclusões e referências.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para buscar responder aos objetivos estabelecidos pela pesquisa, elaborou-se um referencial teórico baseado na questão da biblioteca escolar e nos nativos digitais, como se segue.

2.1 BIBLIOTECA ESCOLAR

A era pós-industrial é caracterizada por uma sociedade centrada na informação e no conhecimento, com a economia alicerçada e dependente da comunicação. Essa sociedade tem como premissa o acesso de todos à rede, à informação e ao conhecimento. Nessa nova configuração da sociedade, Tarapanoff, Suaiden e Oliveira (2002) afirmam que as tecnologias de informação se tornam instrumentos, contribuintes de um desenvolvimento centrado no ser humano.

Para garantir o novo desenvolvimento social é vital incluir a garantia de acesso democrático a toda informação publicada, a computadores e aos sistemas necessários, além de oferecer oportunidade de aprendizagem constante. Prioriza-se, ainda, possibilitar que a informação chegue ao indivíduo, que este seja conectado à rede e analise-a, inferindo e produzindo novas informações e novos conhecimentos.

Não há uma sociedade da informação sem cultura informacional. Além disso, estar bem informado é essencial para se exercer os direitos de cidadão. Nesse contexto o não dispor do acesso à informação, se traduz em uma forma de exclusão moderna.

Essa chamada Sociedade da Informação traz consigo novos paradigmas educacionais como acentua Furtado, C. (2004):

Uma vez que um dos novos paradigmas da educação é aprender a aprender; isto é, adquirir habilidade para aprender, saber obter, utilizar e gerar nova informação; os sistemas de informação tornam-se extremamente importantes, pois podem contribuir para a sua democratização, ou seja, facilitar e aumentar o seu acesso e, mais ainda, contribuir para que a informação recebida transforme-se em conhecimento, melhorando a qualidade de vida dos cidadãos (FURTADO, C. 2004).

O novo paradigma educacional lança sobre o sujeito a responsabilidade por seu aprendizado, sem se preocupar com o contexto no qual o sujeito se insere.

Morin (2006) a pedido da UNESCO tece reflexões sobre o que ele chama de sete saberes necessários à educação do futuro, sintetizados da seguinte forma:

1. As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão. É necessário conhecer o que realmente é conhecer. Há a necessidade de se conhecer o funcionamento cerebral, da parte física, psíquica e cultural, buscando ter a clareza de que se pode incorrer no erro ou na ilusão.
2. Os princípios do conhecimento pertinente. O conhecido deve ser concebido de forma a compreender problemas globais e fundamentais, inserindo conhecimentos parciais e locais. O conhecimento não deve ser fragmentado, apreendendo, assim, os objetos em seu contexto, diante de sua complexidade, em seu conjunto. Para tal, se faz necessário o ensino de métodos capazes de estabelecer relações mútuas e recíprocas entre as partes e o todo, em um mundo complexo.
3. Ensinar a condição humana. O ser humano também é complexo. Também é formado por várias partes (físico, biológico, psíquico, cultural, social) para compor um todo, contudo, a educação tende a estudar esse todo também de forma fragmentada, desintegrada em disciplinas. Portanto, é preciso recompor essa integridade, essa identidade complexa.
4. Ensinar a identidade terrena. O desenvolvimento da era planetária se inicia no século XVI, com o advento da comunicação entre todos os continentes. A crise planetária desencadeada no século XX ressalta que os seres humanos partilham de um destino comum.
5. Enfrentar as incertezas. As ciências produziram muitas certezas e essas vieram acompanhadas de inúmeras outras incertezas. A educação deveria preparar o indivíduo para lidar com imprevistos, situações inesperadas e incertezas, fazendo um contraponto às concepções deterministas da história humana.
6. Ensinar a compreensão. Para o desenvolvimento da compreensão é necessária a reforma das mentalidades. É mais importante compreender o que causa o racismo, a xenofobia e o desprezo do que apreender e explicar seus sintomas. Esse é o caminho mais eficaz na busca pela paz.
7. A ética do gênero humano. A condição humana é, ao mesmo tempo, ser indivíduo/sociedade/espécie. Essa realidade evoca, no século XXI, a

cidadania planetária, sendo a ética desenvolvida a partir do momento em que o indivíduo se percebe como formado e formador dessas três facetas.

Portanto, com base nas reflexões de Morin (2006), pensar a educação desse século é ir além do que estava posto até então. É mais que pensar no aluno como repositório do saber transmitido pelo professor. É pensar na formação de cidadãos terrestres, complexos e vivendo em uma sociedade também complexa. Soluções simplistas, que visualizem apenas um ou outro aspecto do problema podem não obter resultados satisfatórios.

Diante do atual contexto social, no mundo dominado pela informação, onde os sujeitos têm dificuldades em se inserir nesse processo, o papel da biblioteca escolar e do bibliotecário ganha destaque, pois esse espaço e esse profissional têm papel importante na formação dos alunos, dentro de uma perspectiva do letramento informacional.

A biblioteca escolar possui a função de integrar-se ao processo de ensino, e para tal são necessárias condições propícias para sua atuação. Para tanto, Almeida Júnior e Bortolin (2009) descreveram,

Dessa forma, idealizamos uma biblioteca escolar que, preocupada com seus usuários, cuide detalhadamente dos seguintes aspectos: acervo atualizado e diversificado (nos temas e suportes); serviços e atividades apropriados (condizentes com a faixa etária e interesse dos alunos); boa localização (de fácil acesso e distantes de máquinas e espaços muito ruidosos); mobiliário confortável (permitindo o repouso dos pés, independência em pegar os materiais de informação desejados e segurança para que não cause acidentes); decoração agradável (sem exageros e esteticamente aprazível); iluminação, ventilação e temperatura adequadas (possibilitando ao leitor conforto visual e físico) e controle de umidade do ar (goteiras e vazamentos de água proliferam os fungos, causando prejuízos à saúde do homem e do acervo). Quanto aos profissionais, estes devem ser empáticos e versáteis, pois quando um profissional se coloca no lugar dos seus educandos, torna-se também um aprendiz e o resultado dessa postura se revela no trabalho de um mediador mais flexível, interessado e respeitoso. Outra característica básica do mediador é o de ser um leitor atento e desprendido de preconceitos, sendo um “modelo” a ser seguido, sem deixar, porém, de manifestar as suas preferências literárias (ALMEIDA JÚNIOR; BORTOLIN, 2009, p. 207-208).

2.1.1 A biblioteca escolar no Brasil

Ao se analisar a história do surgimento das bibliotecas, percebe-se que esta nasceu da busca, em muitos casos, pela acumulação de todo o conhecimento produzido. Alguns autores como Furtado, J. (2007) destacam que a Internet pode

representar a realização, de alguma forma, desse sonho. Partindo da concepção de biblioteca enquanto reunião do conhecimento produzido, pode-se perceber que estas não se constituem apenas como um lugar, como um espaço físico. Na realidade trata-se de uma instituição, um projeto, uma forma de poder, um mito (FURTADO, J., 2007).

A biblioteca escolar tem sua existência e história diretamente ligada à Educação. Dessa forma, no momento de colonização do Brasil, a existência de livros era rara. Os livros, assim como as escolas, chegaram ao Brasil junto com os Jesuítas por volta de 1549, na Bahia. Naquela época os livros eram poucos e de difícil aquisição, o que obrigava que os padres utilizassem os acervos das bibliotecas dos conventos para a alfabetização. Essa escassez e a inexistência de livros específicos para crianças eram empecilhos para o estabelecimento de bibliotecas dedicadas para o ensino, ou seja, para a existência do que hoje conhecemos como biblioteca escolar.

Ainda assim, pode-se constatar que “a força dos colégios religiosos na construção das bibliotecas escolares deu-se, expressivamente, até o final do século XVIII, quando começa sua decadência, efetivada em meados do século XIX” (Silva, 2011, p. 492).

A decadência dos colégios religiosos cria as condições necessárias para a fundação de outros tipos de escolas. Neste contexto, as bibliotecas escolares se formam muito voltadas para os estudantes, além de criar uma associação entre literatura infantil e literatura escolar. Com relação as funções da educação, Válio (1990) sinaliza que “as escolas foram criadas com a lei de 15/10/1827 para ensinar a ler, a escrever, a aritmética e a religião, privilegiando-se as leituras da Constituição do Império e História do Brasil” (VÁLIO, 1990, p. 16).

Ainda relacionado à criação das primeiras bibliotecas escolares em terras brasileiras Válio (1990) destaca que

A criação de bibliotecas escolares, no sentido hoje entendido, começou a acontecer no país com a fundação das escolas normais. A primeira a ser criada foi a Biblioteca da Escola Normal Caetano de Campos, São Paulo, em 30 de junho de 1880 e, anos depois, em 16 de junho de 1894, inaugura-se a Biblioteca do Ginásio do Estado da Capital (INL, 1944) (VÁLIO, 1990, p. 18).

Se a implantação da primeira biblioteca escolar, com as características que se conhecem hoje, somente ocorreu no final do século XIX, os debates e reflexões

sobre esse espaço e suas funções só começaram a partir de meados do século XX. Fazendo uma análise sobre essas discussões é possível notar mudanças no conceito de biblioteca escolar no decorrer das décadas, bem como em suas conjecturas e desafios. As mudanças afetam também a atuação do bibliotecário no contexto escolar.

É importante ressaltar que a biblioteca escolar possui sua história vinculada à história da educação. Dessa forma, no Brasil, assim como a educação, a história da biblioteca pode ser considerada lacunar e, muitas vezes, elitista. Somente a partir da metade do século XIX começam a surgir discussões que apontam a necessidade de se criar bibliotecas apropriadas às escolas. Conforme Silva (2001)

Nesse sentido, o final do século XIX e o século XX trouxeram importantes e definitivas alterações tanto comportamentais quanto conceituais que suscitaram reflexões acerca do objeto educação, entendido enquanto fato social (SILVA, 2001, p. 36).

Em revisão de literatura empreendida por Viana, Carvalho e Silva (1999), foram relacionados 16 (dezesesseis) conceitos para a biblioteca escolar.

Nos primeiros estudos desenvolvidos, a biblioteca escolar era vista como laboratório, local propício à pesquisa escolar. Dentre os autores citados na referida revisão, Costa (1975) já vislumbrava o papel pedagógico da biblioteca. A questão do espaço como laboratório é frequentemente retomada nos diversos conceitos, no decorrer dos tempos.

Entre os conceitos descritos, destaca-se o de Barbosa (1991) que,

refere-se a biblioteca como um espaço vivo e atuante de que o usuário deve usufruir em toda sua potencialidade, pois além de servir como apoio no processo ensino-aprendizagem constitui-se em lugar onde oportunidades de experiência cultural podem ser criadas. Ela tem diferentes papéis a cumprir, não devendo, portanto, estar isolada da escola devendo, ao contrário, interagir com a escola, comunidade e com o meio social. (BARBOSA, 1991 apud VIANA, CARVALHO e SILVA, 1999, p. 19).

O trabalho de Viana, Carvalho e Silva (1999), encontra termos negativos, como *“inoperantes. Precárias. Fechadas. Instituições marginais ao ensino. Órgãos sem vida. Último e mais esquecido departamento da escola”* (VIANA, CARVALHO e SILVA, 1999, p. 20) para descrever a biblioteca escolar brasileira, um contrassenso ao papel de destaque dado pela UNESCO a esse equipamento, demonstrando que a situação ainda não é a ideal.

A análise dos vários conceitos para a biblioteca escolar aponta alterações no decorrer das décadas de 1970, 1980 e 1990. Antes da década de 1970, o que se

percebe na literatura sobre biblioteca escolar é a presença de muitos manuais para implantação ou manutenção desses espaços. Isso pode ser creditado ao fato de a educação desta época não se caracterizar pelo debate, tendo o livro-texto como base do processo ensino-aprendizagem. A partir de então, da década de 1970, com as mudanças na educação, a posição da biblioteca na escola também muda, o que suscita novas discussões na literatura da biblioteconomia.

Dentro do conceito tradicional de educação, na qual se deve desenvolver uma habilidade cumulativa e repetitiva do aluno, a biblioteca escolar tinha seu papel restrito ao mero depósito de livro, tendo como função básica a reprodução da ação repressora e unilateral exercida em sala de aula. Dessa forma, a biblioteca escolar não era valorizada, já que o professor e o livro-didático eram tidos como os únicos transmissores de conhecimento. A partir dessa realidade pode-se inferir que esse seja um dos motivos da existência de bibliotecas escolares geralmente frias, burocratizadas, de caráter punitivo e estático na escola. Essa visão pode colaborar para o abandono desse espaço na escola.

Cheiro de mofo, poeira e silêncio sepulcral foram os traços característicos da biblioteca escolar por um longo tempo, que a confinaram como um depósito de livros. Localizada em um canto obscuro da escola, quase sempre fechada, a biblioteca tornou-se um espaço isolado, desvinculado de seu contexto e, naturalmente, à margem do processo de ensino-aprendizagem, à espera de uns poucos que a usassem (SILVA, 2001, p. 37).

A década de 1970 tem como marca o modelo capitalista de educação, em que a preparação do indivíduo a fim de acumular conteúdos não satisfazia. Nesse momento, a educação inicia um processo de reestruturações, a fim de preparar o indivíduo para a sociedade capitalista. Nesse momento também surgem os debates sobre cidadania. A escola agora teria que preparar um sujeito economicamente produtivo, sendo assim, considerado um cidadão valioso. Em agosto de 1971, a Lei nº 5692 (BRASIL, 1971) propõe a reformulação do ensino, que passa a ter como objetivo geral proporcionar ao aluno a formação de habilidades que possibilitem seu desenvolvimento para auto-realização, para o trabalho e para o exercício consciente da cidadania.

Essa necessidade de preparar o aluno para o trabalho fica clara na definição de biblioteca escolar dada por Carvalho (1972) citada por Antunes (1988):

Coerente com essa abordagem, CARVALHO, D. Q. (1972), bibliotecária brasileira, define biblioteca escolar como “a instituição que tem por objetivos específicos facilitar o ensino, fornecendo o material bibliográfico adequado,

tanto para uso dos professores como para uso dos alunos; desenvolver nestes o gosto pela leitura, habilitando-os a usar os livros; desenvolver-lhes a capacidade de pesquisa, enriquecendo sua experiência pessoal, tornando-os assim, mais aptos a progredir nas profissões para as quais estão sendo preparado” (ANTUNES, 1988, p. 39).

Nesse contexto, que no Brasil se caracteriza pela época da ditadura militar, a educação assume uma função utilitarista, deixando à margem a formação humanística em prol de se formar uma mão de obra qualificada. Diante dessa movimentação da educação, a biblioteca escolar também sofre reestruturações. Neste momento, ela se torna um centro de informações e de cultura, que deve estar a serviço da comunidade escolar. É evidente que a Lei 5.692/71 (BRASIL, 1971) contribuiu para o debate sobre a biblioteca escolar e a busca por mudanças em sua atuação. A literatura da década de 1970 discute ainda a importância da biblioteca escolar “para a auto-realização, a auto-educação do aluno e a realização de pesquisa escolar”(SILVA, 2001, p. 40). Essa década enfatiza a pesquisa escolar como método de ensino-aprendizagem e a leitura como uma das funções da biblioteca. Mas essa literatura encontra-se na fase da expectativa, pois a realidade das bibliotecas escolares ainda gira em torno da realidade de espaço inexistente, ou de meros depósitos de material impresso.

A década de 1980 acrescenta a essas discussões a questão das novas tecnologias. A Lei 7044/82 (BRASIL, 1982) modifica a Lei 5692/71 (BRASIL, 1971), contudo, mantém como objetivo do ensino quatro ideias consideradas fundamentais:

- o desenvolvimento das potencialidades do educando;
- a auto-realização;
- preparação para o trabalho;
- preparação para o exercício consciente da cidadania (SILVA, 2001, p. 40-41).

A década de 1980 significou para a biblioteca escolar um impulso em suas discussões, partindo desde sua conceituação até as formas de se usufruir dos benefícios oferecidos pelas novas tecnologias. Contradizendo o conceito tradicional da biblioteca escolar, a literatura da época mostra a importância desse espaço como recurso ao processo de ensino, servindo de local alternativo para o desenvolvimento deste processo.

No momento em que a biblioteca escolar se firmou como instrumento de apoio ao ensino, passou a ser percebida como necessária à escola. Nesse novo

cenário, a biblioteca escolar se posiciona não somente a serviço dos alunos, mas também do corpo docente, que passa a fazer parte de seu escopo de usuários.

A ampliação do uso da biblioteca pela comunidade escolar abriria horizontes para os alunos, que, até então, se limitavam às informações contidas nos livros-textos ou livros-didáticos. Diante dessa realidade, a prática da pesquisa escolar ganha espaço na arena de debates. Os estudos sobre essa prática mostram pontos positivos e negativos. Dos pontos negativos, o mais criticado é o fato de que, geralmente, a pesquisa escolar na biblioteca tenha virado sinônimo de mera cópia. Essa prática certamente não contribui efetivamente para a produção do conhecimento.

Junto ao debate sobre pesquisa escolar, a questão do desenvolvimento da leitura, mais precisamente, a importância de se formar leitores ganhou força na literatura da área. É sabido que a biblioteca é uma forma de garantir ao cidadão o direito de acesso à leitura, mas a forma de se realizar tal empreendimento ainda não se mostrou plenamente eficaz. Assim, apesar de tantos discursos em prol da importância da biblioteca, o que se percebe na década de 1980 é que ela se encontra, ainda, de forma precária.

A valorização da biblioteca escolar na década de 1980 é notada também no discurso dos professores, como destaca Antunes (1988) a importância e possibilidade de atuação desse espaço, ainda que notada, não implica no engajamento dos docentes para a sua viabilidade.

No entendimento do professor, a biblioteca é espaço adequado para o desenvolvimento do leitor e usuário da informação. Também é oferecida a leitura como forma de recreação. Estimula o desenvolvimento de habilidades de pesquisa. Ele também vê na biblioteca, a possibilidade de expansão dos conhecimentos do aluno, podendo ser integrada a todos os trabalhos que acontecem a partir do desenvolvimento curricular. O professor reforça a necessidade de estímulo ao aluno para frequentá-la, devendo a biblioteca ser acolhedora para recebê-lo, clara, limpa, arejada, alegre e atraente. Com relação ao período disponível ao atendimento, o professor evidencia a necessidade de a biblioteca permanecer aberta o tempo todo. Enfim, ele tem consciência de como a biblioteca deve funcionar mas se omite na sua criação (ANTUNES, 1988, p. 149).

A década de 1990 apresenta discussões em torno do educando enquanto indivíduo, ou seja, ele passa a ser o foco da ação, a fim de se desenvolver suas potencialidades, sua liberdade, seu aprendizado contínuo, enfim, o aluno passa a ser visto e respeitado com suas características próprias. A biblioteca escolar ganha

novas funções, passando a ter realmente a necessidade de contribuir para a formação do aluno.

A nova sociedade que se delineia, a chamada Sociedade da Informação requer também um novo modelo de indivíduo para atuar nela, ou seja, pessoas flexíveis, críticas, atentas às mudanças, conscientes de seus direitos e deveres. Assim, essa nova sociedade e esse novo cidadão geram a necessidade de mudanças no cenário da educação e, conseqüentemente, na biblioteca escolar. O indivíduo agora deve ser capaz de selecionar conscientemente aquilo que lhe é realmente relevante, exercitando assim, habilidades de leitura, pesquisa e seleção.

Faz-se necessário mudar tanto a sala de aula quanto a postura do professor. O professor passa a ser um facilitador do processo de busca e a biblioteca se configura como o espaço ideal para essa atividade. Nesse momento, a biblioteca escolar marca definitivamente a necessidade de sua presença na escola.

Ao ampliar sua linha de ação, colaborando com o professor, desenvolvendo habilidades de pesquisa, incentivando habilidades de leitura, a biblioteca integrar-se-á não só a escola, mas à exigência da educação formal que vem convivendo com mudanças significativas (SILVA, 2001, p. 49).

Em termos conceituais, a década de 1990 parece recuperar os conceitos das décadas anteriores, ora enfatizando a importância da informação e do desenvolvimento intelectual, ora ressaltando o valor dado à vivência e convivência sociocultural. Também a pesquisa escolar ganha nova valorização, principalmente graças às possibilidades provenientes da Internet. Ainda assim, não podemos ignorar que este processo ainda possui falhas. Também a questão da leitura se mostra ainda crucial e valorizada. Contudo, neste momento, a leitura adquire não somente sua função utilitarista, mas também se orienta à biblioteca escolar explorar seu lado lúdico, de fruição e prazer.

No entanto, na maioria dos casos, chega-se mesmo a questionar a necessidade da biblioteca escolar, uma vez que a sua falta em nada impede o processo de ensino-aprendizagem (SILVA, 2001). Apesar dos discursos fervorosos em favor das bibliotecas escolares, sua importância ainda permanecia no papel.

Trabalhos de pesquisa desenvolvidos na década de 1990, no Brasil, mostram a biblioteca como um artigo de luxo, apesar de não ser quantificada pelas instâncias governamentais. Pode-se creditar ao cenário caótico na educação pública, a falta de condições de funcionamento das bibliotecas escolares. As existentes acabam por

sofrer com problemas como a falta de recursos humanos, dificuldades diversas com acervo, além de restrições nos serviços prestados.

A biblioteca escolar foi tema de muitos trabalhos, nos quais se buscou, sempre, sua conceituação. Diante do grande número de conceitos existentes, Silva (2001) listou alguns aspectos comuns nesses textos:

- a necessidade de a biblioteca escolar estar integrada ao trabalho proposto e desenvolvido na escola e principalmente em sala de aula, servindo à escola e dando suporte as suas atividades;
- a importância da biblioteca escolar para fornecer suporte informacional ao ensino, constituindo-se extensão da sala de aula;
- sua contribuição para a melhoria do ensino e melhor compreensão da ação educativa da escola e redução da distância cultural entre o educando e seu meio social;
- sua atuação como instrumento de apoio pedagógico, para atender aos interesses individuais do educando, permitindo-lhe aquisição personalizada de conhecimento;
- seu compromisso com o desenvolvimento de hábitos de leitura, pesquisa, frequência à biblioteca, além de sua responsabilidade com a formação do cidadão;
- em alguns casos como forma de suprir a falta de uma biblioteca pública, dentre outros (SILVA, 2001, p. 24-25).

Constata-se que, apesar de ter sido uma das primeiras formas de biblioteca implantadas no país, a biblioteca escolar ainda não se solidificou como uma instância de importância reconhecida para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Em muitos casos, o que se tem nas escolas são praticamente depósitos de livros, em sua maioria os livros didáticos. Os dados do relatório-técnico do Censo Escolar de 2013 (INEP, 2014) apontam que a existência de bibliotecas em todas as escolas ainda não é total. Destaca-se o fato de que a pesquisa é realizada colocando-se em uma mesma questão bibliotecas escolares e salas de leitura, ou seja, não é possível afirmar a quantidade exata de bibliotecas escolares, com espaço, acervo, recursos humanos, existentes no Brasil.

Se a ausência de bibliotecas nas escolas é grande, a proporção de bibliotecas que possuem o profissional bibliotecário é ainda mais ínfima. Segundo Garcez (2007) apenas 1,4% das instituições de ensino que possuem biblioteca, possuem também bibliotecário. Assim,

A quase inexistência [da biblioteca] no meio escolar somada à pouca atuação do profissional bibliotecário, fazem com que a biblioteca, para a maioria da população, seja concebida como qualquer lugar com livros e estantes, não importando a qualidade e o tamanho do espaço físico e do acervo; usuário é apenas o aluno, como se o professor tudo soubesse e não

precisasse fazer uso da biblioteca; bibliotecário é a designação genérica para quem está na biblioteca, podendo ser professor, aluno, ou funcionário remanejado de outra área da escola, que, independente do nível de formação, é chamado, erroneamente, de bibliotecário. (GARCEZ, 2007, p. 28)

Dessa forma, apesar da teoria exaltar a biblioteca escolar como um ambiente de grande importância para o processo de ensino-aprendizagem, apontada como laboratório propício ao aperfeiçoamento dos alunos, a situação desses espaços na realidade não reflete essa valorização, ficando esta nos limites das páginas de discursos políticos e/ou científicos.

Dentre as possibilidades possíveis, o que pode justificar a atuação insatisfatória e o funcionamento precário das bibliotecas escolares é consequência das ações políticas ligadas a essa área serem fragmentadas.

A implantação de um programa ou sistema de bibliotecas escolares, no Brasil, deve estar inserida nos planos, metas e estratégias dos órgãos responsáveis pelas políticas educacionais, assim como também, deve ser sustentada por uma legislação e está vinculada ao conjunto de leis que regem o sistema educacional (FURTADO, C., 2004).

Outro problema que pode colaborar para essa realidade é a falta de conhecimento por parte do corpo docente do papel e das possibilidades da biblioteca escolar no processo de ensino-aprendizagem (SILVA, 2001). O Manifesto da IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar atribui à BE a missão de promover “serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios” (IFLA/UNESCO, 2009).

Pensando em termos de atuação da biblioteca, Castro Filho (2008) esclarece que o papel desse espaço seria o de “direcionar as atividades de apoio aos estudos e a pesquisa, instrumentalizar o aluno para utilizar os recursos da biblioteca na obtenção de informações, sejam elas por meio de materiais impressos, eletrônicos e virtuais (CASTRO FILHO, 2008, p. 77 *apud* BEDIN, SENA, CHAGAS, 2016, p. 30)”.

Se nos anos 1970, os debates sobre a biblioteca escolar giravam em torno dos manuais para sua implantação e, com o passar das décadas, os conceitos sobre esse espaço evoluíram, acompanhando normalmente os avanços nas teorias educacionais, nos anos 2000 foi a tecnologia que veio para revolucionar conceitualmente a área.

Como destacado por Furtado (2013) a inserção da tecnologia, com a *web 2.0* faz com que a biblioteca escolar repense a sua atuação, frente aos alunos presentes na escola atualmente. Assim,

A atuação da biblioteca tinha como foco oferecer serviços informacionais, registrado sem produtos manufaturados, a um usuário indiferente e consumidor. Com o emprego da *web social*, tem-se a Biblioteca 2.0 a oferecer conteúdo e serviços digitais, mas, para além deste diferencial, o ponto que caracteriza a proposta é facultar serviços personalizados e ambientes de socialização, criação e partilha do conhecimento (FURTADO, 2013, p.1).

As questões da biblioteca escolar, ainda nos dias atuais, não foi completamente equacionada, como indicado por Campello (2015). Essa situação foi detectada por um estudo realizado pelo MEC, que pode ser resumido da seguinte forma:

- A falta de percepção de vínculo entre a biblioteca escolar e o projeto pedagógico da escola. [...] O professor entende a importância da biblioteca, mas pouco a utiliza como espaço de potencialização do trabalho de sala de aula. O funcionário que atua na biblioteca parece bastante deslocado das atividades escolares como um todo, não interagindo com o trabalho pedagógico.
- A falta de profissionais especializados. [...] O número de bibliotecários graduados presentes nas bibliotecas escolares é baixo: no estudo do MEC variou entre 34,8% (Santa Catarina) a nenhum (Acre). Outros estudos (CAMPELLO *et al.*, 2012) mostraram que há variação nesses percentuais, dependendo da região e da vinculação das bibliotecas (se de escolas públicas ou particulares). A ausência de um profissional especializado para assumir a responsabilidade pela biblioteca traz diversas consequências, desde a desativação do espaço, passando pela limitação de horário de atendimento até a precariedade dos serviços oferecidos.
- A precariedade do espaço físico [...] A falta de espaço é um fator limitador, impossibilitando a realização de atividades com uma turma inteira ou com grupos maiores de alunos.
- As características da coleção [...] O acervo é formado principalmente por material destinado aos alunos, recebido por doações, seja do Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE ou de outras agências governamentais, e complementado por meio de campanhas organizadas pela própria escola. Muitos acervos são formados predominantemente por livros didáticos e, em alguns casos, a biblioteca é utilizada como espaço de armazenagem e distribuição desses livros. Poucas bibliotecas contam com recursos específicos para a aquisição de material. As coleções são diversificadas, e incluem livros, jornais, revistas, recursos audiovisuais, jogos, mapas. Parece que só agora os acervos das bibliotecas começam a apresentar um aumento resultante do envio do material do PNBE, implementado em 1997. Entretanto, esse rico e variado acervo não é utilizado adequadamente. Os livros recebidos costumam ficar empacotados em suas embalagens originais ou guardados em armários trancados a chave, indisponíveis para consulta.

- A pobreza dos serviços oferecidos [...] Os serviços mais oferecidos são o empréstimo domiciliar e a consulta no local, situação coerente com a falta de pessoal especializado: são serviços rotineiros, que não exigem planejamento ou ação proativa do funcionário, além de não demandarem integração com o corpo docente.
- A inadequação do tratamento técnico do acervo [...] As técnicas para organização do acervo não seguem em geral a norma padrão, utilizando-se, em alguns casos, cores para cada área do conhecimento. Sistemas informatizados são raros em bibliotecas de escolas públicas, embora atualmente observe-se que algumas redes de bibliotecas começam a adquirir softwares especializados. O controle de empréstimo é feito manualmente, por meio de fichas ou cadernos. Com relação à organização, observa-se uma situação peculiar. Quando o responsável é um bibliotecário graduado há maior investimento na organização técnica do acervo e quando é um professor, o investimento maior é nas atividades de estímulo à leitura, ou seja, parece que não se chega a um funcionamento harmonioso, que equilibre um acervo bem organizado com o oferecimento de serviços adequados (CAMPELLO, 2015, p. 5-7).

Para a biblioteca da atualidade, em 2018, suas funções necessitam serem repensadas e, conforme Santa Anna (2016),

De acordo com as análises realizadas na literatura e com bibliotecários, considerando as unidades e contextos em que atuam, foi possível perceber, em linhas gerais, que, na contemporaneidade, a biblioteca extrapolou sua função meramente informacional, exercendo também funções sociais. Com essa constatação, presume-se que no futuro, a biblioteca ampliará suas funções deixando de ser um ambiente meramente informacional para transformar-se em espaços de convivência (SANTA ANNA, 2016, p.243).

A biblioteca escolar deve fornecer aos seus frequentadores um ambiente propício para seu desenvolvimento. Silva (2009) destaca as orientações de Baró, Mañà e Velloso:

Nos casos dos alunos, a biblioteca proporciona-lhes:

- Encontrar seu ritmo e buscar na biblioteca os materiais que mais lhes interessem.
- Permitir que ampliem as explicações da sala de aula, de acordo com seus interesses.
- Ensinar a trabalhar com documentos muito diferentes e em todos os suportes.
- Preparar os alunos para utilizar outras bibliotecas.
- Preparar para o uso de novas tecnologias, para navegar na internet.
- Compreender o mundo.
- Despertar o gosto pela leitura (BARÓ; MAÑÀ; VELLOSO, 2001, p. 16-17 *apud* SILVA, 2009, p. 117).

A situação delicada das bibliotecas escolares causou problemas também nos Estados Unidos, na década de 1980, quando as mesmas foram ignoradas na lista das preocupações presentes no documento *A National Risk: the imperative for*

educational reform (NATIONAL COMMISSION ON EXCELLENCE IN EDUCATION, 1983). O referido documento apresentava as preocupações daquele País com a precariedade da educação pública, mas não citava, em nenhum momento, a questão das bibliotecas escolares. Essa ausência causou revolta nos bibliotecários americanos da época. Essa revolta fez com que se iniciassem movimentos a fim de mostrar a todos a importância das bibliotecas na formação dos discentes. Tem-se o início do movimento de competência informacional (CAMPELLO, 2003).

2.1.2 O letramento informacional e o papel pedagógico da biblioteca escolar

Conforme a literatura, o termo Competência Informacional apareceu em 1974, em trabalho de Paul Zurkowsky (DUDZIAK, 2003; MELO; ARAÚJO, 2007). Ele utilizou o termo *Information Skill* em um relatório para a *National Commission on Libraries and Information Science*, intitulado "*The information service environment, relationship and priorities*". Estava interessado em criar um plano decenal para a capacitação de estudantes para o consumo de produtos informacionais. "O termo *Information Skills* referia-se a pessoas capazes de resolver seus problemas de informação utilizando-se de fontes relevantes, onde se incluía a utilização de tecnologia" (MELO; ARAÚJO, 2007).

Nota-se que a literatura científica brasileira ainda debate a respeito do conceito de competência informacional e sobre a melhor tradução do termo em inglês, *Information literacy*. Conforme CAMPELLO (2003) coube a CAREGNATO (2000) a primeira menção ao termo no Brasil. Em seu texto, Caregnato (2000) destacava a dimensão, desde a década de 70, dos estudos sobre treinamentos de usuários. Nesses estudos, dos muitos termos utilizados, começam a aparecer

novas formas para designar o serviço educacional oferecido pelas bibliotecas aos seus leitores: desenvolvimento de habilidades informacionais (em inglês, "*information skills development*") e alfabetização informacional (em inglês, "*information literacy*"). Os termos utilizados já denotam uma preocupação com a expansão do conceito e se mostram particularmente atraentes no momento em que se fala da sociedade da informação. (CAREGNATO, 2000, p. 50)

Em 2003, Dudziak definiu competência informacional como:

[...] processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessário à compreensão e interação permanente com o universo informacional e a sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida (DUDZIAK, 2003, p. 28).

O surgimento do termo competência informacional na literatura brasileira de biblioteconomia e ciência da informação traz reflexões de autores que percebem a necessidade de se ampliar a função pedagógica da biblioteca, construindo um novo paradigma educacional para esta e, assim, ampliando o conceito de educação de usuários e repensando o papel do bibliotecário no processo de aprendizagem (CAMPELLO; ABREU, 2005).

A partir dessa premissa, o bibliotecário ou o profissional da informação passa a ter um papel diferenciado nos processos de educação do usuário, de forma a atender mais adequadamente suas necessidades frente à sociedade da informação. Essas novas atribuições contribuem para que o bibliotecário deixe de ser apenas um profissional com funções técnicas e passe a interagir com os usuários (SILVEIRA; VITORINO; SANTOS, 2013).

Pereira, R. (2010) aponta que há uma grande euforia ao se pensar a escola e a educação nessa sociedade contemporânea, onde o sujeito deve ser preparado para se tornar cidadão, possuidor de habilidades que o capacitem a transitar pela Sociedade da Informação e seus vários cenários informacionais. Assim,

A Competência em Informação, como parte desse processo de desenvolvimento apresenta-se como mais uma das "ferramentas" que, de forma inclusiva, poderão contribuir significativamente para a formação dos indivíduos dessa nova sociedade, capacitando-os a perceber, acessar e usar de forma efetiva o insumo básico da sociedade da informação, ou seja, a informação, em benefício próprio e de toda a comunidade na qual se insere. (PÉREIRA,R., 2010, p. 36)

A competência informacional pretende movimentar a biblioteca e inseri-la realmente como ferramenta pedagógica dentro da escola, se mostrando como uma alternativa para a mudança da atual situação das bibliotecas escolares no Brasil. Contudo, a postura do bibliotecário, atuante nas bibliotecas escolares, também deve sofrer alterações, tomando para si o desafio de preparar os alunos para esse contexto de excesso informacional. Assim, se faz necessário romper com a noção de biblioteca como um mero apêndice da escola, tornando-a um espaço vital no processo de ensino-aprendizagem, tanto dos alunos quanto do coletivo da escola (DIAS; SANTOS, 2004). "Pode-se considerar que o letramento informacional constitui um passo à frente na trajetória da profissão bibliotecária, na busca de maior espaço para exercer seu papel educativo" (CAMPELLO, 2009a, p. 7).

O letramento informacional ou competência informacional possui, em seu conceito, três articulações básicas: a sociedade da informação, a tecnologia da

informação e o construtivismo. Diante desses conceitos e das novas perspectivas da sociedade, pode-se perceber que o conceito de *information literacy* é composto por:

- O processo investigativo (ou de pesquisa)
- O aprendizado ativo
- O aprendizado independente
- O pensamento crítico
- O aprender ao aprender
- O aprendizado ao longo da vida (DUDZIAK, 2001, p. 61).

Esses componentes seguem as premissas do novo modelo educacional, em que o sujeito é responsável pela construção do seu conhecimento e por sua constante atualização.

Como dito anteriormente, a evolução do conceito e da atuação da biblioteca escolar acompanha as mudanças empreendidas pela educação. Conforme as teorias educacionais atuais (FURTADO, C., 2004; MORIN, 2006) os indivíduos devem ser preparados para aprender a aprender, buscando uma educação ao longo da vida, corroborando os componentes indicados no conceito de *information literacy*. Gasque (2012) ressalta que o letramento informacional favorece os conceitos de aprender a aprender, colaborando para esse aprendizado ao longo da vida.

Retomando os estudos empreendidos fora do Brasil, estes resultaram em modelos para o desenvolvimento de habilidades informacionais. Assim, a pesquisadora Carol Kuhlthau começa a desenvolver seus estudos na década de 1980. A pesquisadora se dedicou a pesquisar os usuários e suas formas de buscar a informação, a partir de análises cognitivas. O modelo *Information Search Process - ISP*, desenvolvido em estudos com jovens escolares,

(...) abarcou três aspectos do processo de aprendizagem pela busca e pelo uso de informação, a saber: os pensamentos que ocorrem durante o processo (dimensão cognitiva), os sentimentos que tipicamente acompanham a evolução do pensamento (dimensão afetiva) e as ações de buscar e usar fontes de informação (dimensão física), compondo-se de seis estágios: início do trabalho, seleção do assunto, exploração do foco, definição do foco, coleta de informações, apresentação dos resultados, mais a avaliação do processo (CAMPELLO, 2009b, p. 75).

Os estudos que apoiam teoricamente o letramento informacional também foram desenvolvidos por outros pesquisadores, como Christina Doyle e Christine Bruce, que realizaram suas pesquisas a partir da década de 1990, buscando identificar e compreender características das pessoas que são competentes no uso da informação.

Como destaca Campello (2009a, b), Doyle utilizou a técnica de Delphy para conseguir um consenso entre especialistas sobre o conceito de letramento informacional. Sua pesquisa enquadrou o letramento informacional como a habilidade de acessar, avaliar e usar informação de fontes variadas. Dessa forma, a pessoa competente informacionalmente seria aquela que atendesse aos seguintes requisitos:

1. Reconhece sua necessidade de informação;
2. Reconhece a importância de informações precisas para a tomada de decisão;
3. Formula questões com base na sua necessidade de informação;
4. Identifica fontes potenciais de informação;
5. Desenvolve estratégias adequadas de busca;
6. Acessa fontes de informação, inclusive eletrônicas;
7. Avalia as informações;
8. Organiza as informações para uso prático;
9. Integra novas informações ao conhecimento existente;
10. Usa a informação criticamente para solução de problemas.

Os estudos de Doyle influenciaram as diretrizes norte-americanas para a aplicação de programas em bibliotecas escolares.

Já a pesquisa empreendida por Bruce utilizou a fenomenografia de forma a criar um modelo relacional, em que as pessoas usam informação de forma competente. A partir dos estudos foram estabelecidas sete concepções ou experiências que compreendem o fenômeno do letramento informacional:

1. Tecnologia da informação, em que o centro da experiência (Information Literacy) está na importância dada à tecnologia da informação e às formas de acesso à informação;
2. Fontes de informação, onde a Information Literacy é experimentada como o conhecimento das fontes de informação e sua estrutura;
3. Processo de informação, onde a Information Literacy é vista como a execução de um processo de busca e uso da informação;
4. Controle da informação, onde a Information Literacy é experimentada como a capacidade de controlar a informação, sua organização para recuperação posterior;
5. Construção do conhecimento, onde a Information Literacy é experimentada como um processo de construção pessoal de conhecimento;
6. Extensão do conhecimento, onde a Information Literacy é experimentada como um conhecimento ampliado, incorporando a criatividade e/ou intuição, com a criação de sentido;

7. Inteligência, onde a Information Literacy é experimentada como o uso inteligente da informação produzida a partir do que se aprendeu, em benefício de outros; ou seja, incorporando a noção de ética, de valores pessoais e sociais no uso da informação. (DUDZIAK, 2001, p. 46-47).

O movimento de *information literacy*, desde seu surgimento, ainda na década de 1980, nos Estados Unidos, traz para o debate a importância da biblioteca escolar para a educação dos alunos. Países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, possuem problemas estruturais básicos, como a deficiência na educação. Como dito anteriormente, biblioteca escolar e educação caminham juntas e as lacunas de uma estão presentes na outra.

Para exemplificar como a questão da importância do espaço da biblioteca da escola ainda possui problemas, podemos retornar a realidade Norte Americana. Lá é possível notarmos um avanço nos estudos e teorias, mas ainda perpassado por momentos de questionamento. Dos trabalhos desenvolvidos por lá, destaca-se o estudo desenvolvido e conhecido por "Estudo de Ohio", realizado entre os anos de 2002 e 2003 pelo *Center for International Scholarship in School Libraries* (CISSL). Esse estudo tinha como propósito,

- 1) levantar evidências empíricas detalhadas de como a biblioteca escolar ajuda na aprendizagem dos estudantes e 2) oferecer subsídios para o desenvolvimento de políticas educacionais, além de instrumentos para bibliotecários verificarem como suas bibliotecas contribuem na aprendizagem (CAMPELLO, 2012, p. 20-21).

A pesquisa realizada demonstrou que bibliotecas eficientes colaboram efetivamente para o aprendizado e bom desempenho de seus alunos. Neste mesmo sentido, o trabalho de Félix (2014) demonstrou que o trabalho de bibliotecas consideradas efetivas faz diferença no processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Para além de se mostrar como uma ferramenta importante para o processo de ensino-aprendizagem, a biblioteca escolar precisa pensar sobre a sua atuação. Ela deve ir além do que se espera de uma biblioteca tradicional, ou seja, não basta organizar e disponibilizar o acesso ao acervo, mas é necessário dinamismo e inserção nos aspectos pedagógicos. Como afirma Roca (2012) "tem-se claro que a biblioteca escolar deve vincular-se à prática da leitura e à competência informacional, já que esses conteúdos curriculares requerem e justificam o uso continuado da biblioteca" (ROCA, 2012, p. 15).

Roca (2012) destaca, ainda, que a biblioteca escolar possui duas dimensões: a física, que abrange ações voltadas à gestão e organização do setor, e a educacional, que traz ações de apoio vinculadas à prática educacional. Focando nas atividades que a biblioteca escolar deveria desenvolver em sua dimensão educacional, a autora sintetiza no quadro abaixo:

Quadro 1 - Tarefas e ações necessárias ao desenvolvimento da biblioteca escolar como recurso educacional e agente interdisciplinar de apoio pedagógico.

AÇÕES DE APOIO VINCULADAS À PRÁTICA EDUCACIONAL (serviços, atividades ou programas) – <i>DIMENSÃO EDUCACIONAL</i>
<p>A biblioteca escolar é um agente interdisciplinar, catalisador de demandas educacionais que exigem o uso de materiais específicos vinculados a trabalhos de pesquisa e a atividades de leitura e escrita.</p> <p>1. Ações de apoio para toda escola (localizadas em um contexto específico ou que se referem a uma necessidade da escola)</p> <p>Apoio a projetos pontuais realizados na escola.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Facilitar os materiais e os recursos necessários para a realização das atividades dos projetos. • Desenvolver ações em determinados aspectos dos projetos colaborando para a difusão e dinamização. <p>Dinamização cultural aproximando escola e sociedade.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver atividades culturais ao longo do ano escolar em função de efemérides locais ou nacionais. • Promover e difundir atividades culturais do contexto social no qual a escola está inserida. <p>Função social como espaço aberto à comunidade educacional.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver ações de atendimento às desigualdades entre os alunos e a necessidades educacionais especiais. • Desenvolver ações e atividades de envolvimento das famílias na promoção da leitura. <p>2. Ações de apoio ao trabalho de sala de aula (localizadas dentro de uma atividade específica, dentro de uma sequência formativa determinada e em uma programação).</p> <p>Apoio ao trabalho da área ou de sala de aula.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver ações e atividades de apoio às solicitações dos professores em relação a trabalhos de pesquisa ou resolução de problemas de pequena ou grande magnitude. • Facilitar as atividades de reforço educativo e de adaptações curriculares para o atendimento dos alunos com problemas de aprendizagem. • Desenvolver na biblioteca local de autoaprendizagem das diferentes matérias.

Apoio na aprendizagem de habilidades para pesquisar e informar-se.

- Desenvolver ações de apoio referentes ao acesso e a melhor utilização dos distintos tipos de materiais, na formação básica de usuários da biblioteca.
- Desenvolver ações de apoio na aplicação das etapas de trabalho intelectual para a realização de trabalhos ou projetos de pesquisa em uma matéria ou interdisciplinares.

Apoio no desenvolvimento de atividades de leitura e escrita.

- Oferecimento de recursos bibliográficos (material ou digital) para o uso dos diferentes tipos de textos.
- Oferecimento de leituras literárias para a formação e experiência literárias.

Fonte: ROCA, 2012, p. 27.

Para uma atuação eficaz, como já dito a biblioteca escolar deve ser um local propício para o desenvolvimento do aluno. Assim,

as diversificadas fontes de informação e as possibilidades de leitura oferecidas pela biblioteca escolar são condições fundamentais no processo de formação do leitor, e em sua interferência crítica e consciente no contexto educacional e social em que vive (MAROTO, 2012, p. 64).

A biblioteca escolar está às voltas com o letramento informacional, que traz para o bibliotecário a necessidade de ser um educador, mas, antes de mais nada, esse bibliotecário necessita ser um mediador de leitura e, como destaca Silva, Ferreira e Scorsi,

igualmente importante é garantir um tempo na escola para ler e, por consequência, fazer um investimento pessoal, silencioso, individual, contínuo e, também, coletivo na leitura. Como também são fundamentais a percepção da leitura literária para a formação humana e a valorização do trabalho de mediação (SILVA; FERREIRA; SCORSI, 2009, p. 52).

A leitura, seu pleno domínio é condição prévia para que o sujeito possa desenvolver-se no letramento informacional. Mas é necessário ser “leitor” e não “ledor”, como bem diferencia Perrotti,

[...] há uma distinção fundamental a ser feita entre *ledores* e *leitores*. Os primeiros seriam sujeitos que se relacionam apenas mecanicamente com a linguagem, não se preocupando em atuar efetivamente sobre as significações e recriá-los. O texto é tábula *rasa*, exposição sem mistérios das poeiras do mundo. Os leitores, ao contrário, seriam seres em permanente busca de sentidos e saberes, já que reconhecem a linguagem como possibilidade e precariedade, como presença e ausência ao mesmo tempo, ambiguidade irredutível face aos objetos que nomeia [...] (PERROTTI, 1999, p. 32).

A biblioteca escolar, para atuar de forma educativa, deve ter seu trabalho desenvolvido com o a colaboração da equipe de professores da escola. Como atesta

Félix (2014), em escolas onde a cultura escolar favorece essa colaboração é possível encontrar bibliotecas escolares efetivas. Em sua pesquisa, a autora atesta a existência do papel educativo da biblioteca escolar e destaca que,

por fim, como síntese, uma conclusão que emerge é a importância da articulação de professores, bibliotecários e diretores como agentes determinantes para que bibliotecas escolares atuem na aprendizagem, na educação e orientação dos alunos de modo efetivo (FÉLIX, 2014, p. 111).

O trabalho de Bedin, Sena e Chagas (2016) procura sintetizar, a partir de diversos autores, as ações para o desenvolvimento da competência informacional nas bibliotecas escolares, conforme quadro abaixo:

Quadro 2 - Ações para o desenvolvimento de competência informacional

Item	Autoria (ano)	Ação
1	Côrte e Bandeira (2011)	Preocupação com a infraestrutura (local de fácil acesso, passagem obrigatória, com facilidade para pessoas com necessidades especiais, sem ruídos, acolhedor e agradável).
2	Côrte e Bandeira (2011) VidottiLanzi e Ferneda (2014)	Compor e manter um acervo atualizado, visando atender a uma demanda ampla e diferenciada.
3	Peres (2011) Fusatto e Silva (2014) Farias e Vitorino (2009)	Presença de um bibliotecário (com constante capacitações voltadas para seu trabalho).
4	Neves (2000)	Atividade de pesquisa (instigada pelo bibliotecário).
5	Mata e Silva (2008) Kuhlthau (2009)	Integrar o programa da biblioteca com as atividades de sala de aula (planejamento em conjunto entre bibliotecário e professor).
6	Gasque e Cunha (2010) Vidotti, Lanzi e Ferneda (2014)	Instigar a reflexão e o raciocínio crítico.
7	Aguiar (2012)	Desenvolver melhores práticas de ensinar ao público infantil formas de recuperação, acesso e utilização das informações disponíveis.
8	Rasteli e Cavalcante (2013) Kuhlthau (2009)	Mediação da leitura.
9	Vidotti, Lanzi e Ferneda (2014)	Hora do conto
10	Kuhlthau (2009)	Capacitação dos alunos para compreender a disponibilização do acervo, a fim de desenvolver a autonomia do aluno.
11	Kuhlthau (2009)	Oportunizar atividades em grupo.
12	Vidotti, Lanzi e Ferneda (2014)	Viabilizar o compartilhamento do conhecimento gerado.
13	Furtado (2013)	Criar momentos de lazer ligados à leitura literária por meio

		de livros digitais infantis e juvenis.
14	Furtado (2013)	Formação de usuários para a utilização dos recursos <i>web</i> na recuperação eficaz e eficiente da informação.
15	Vidotti, Lanzi e Ferneda (2014)	Inserção da biblioteca em ambientes digitais (possui blogue, página em rede social).

Fonte: Bedin, Chagas e Sena (2016).

Em síntese, para a aplicabilidade da competência informacional, a biblioteca precisa repensar muitas questões em sua constituição e em sua ação, desde a infraestrutura aos recursos humanos e tecnológicos disponíveis.

2.1.3 A formação e a atuação do bibliotecário na escola

O bibliotecário, principalmente aquele atuante no contexto escolar, necessitaria estar disposto a servir como catalisador da informação, de forma dinâmica e integrada à atuação pedagógica dos docentes. Esse profissional, atuante na biblioteca escolar, necessita dominar não apenas as técnicas biblioteconômicas, como ter noções da área de Educação. Isso se deve ao fato de que esses bibliotecários necessitam atuar também como educadores e essa premissa colaboraria para um melhor resultado das ações desses profissionais.

Por outro lado,

deve estar atento, não confundindo sua função, ou seja, ter bem definido quem é o professor e quem é o bibliotecário, pois o bibliotecário não foi preparado para ser professor assim como o professor não foi preparado para ser bibliotecário (ELLWEIN, 2006, p. 91).

Na Sociedade da Informação, onde realmente a informação é o centro das discussões, a biblioteca escolar pode servir como um centro para disseminação cultural, através de atividades como hora do conto, palestras, encontro com escritores, entre outros. Para tanto, deve apresentar um ambiente físico adequado e agradável, que venha a atrair os estudantes (FURTADO, C., 2004).

Contudo, nem sempre a infraestrutura presente nas bibliotecas escolares é a ideal. Silva (2009) destaca que

Em geral, as bibliotecas escolares brasileiras estão dispostas em espaços que não oferecem segurança e conforto para receber pelo menos uma turma de alunos, pois o ambiente é pequeno, o mobiliário está incompleto, sendo composto pelas sobras de outras salas da escola. Além disso, a iluminação não é boa e a ventilação revela-se precária, uma vez que tudo foi improvisado desde o começo, sem planejamento para criação de um espaço adequado (SILVA, 2009, p. 119).

O bibliotecário necessita ser um sujeito mais do que técnico, mas também um intelectual. Nesse momento, para uma atuação mais eficaz somente o domínio das técnicas biblioteconômicas não basta, como salienta Rubens Borba de Moraes citado por Maroto (2012):

O bibliotecário moderno deve ser um misto de técnico e de intelectual. A sua preocupação principal não deve ser datilografar fichas perfeitas, segundo um código de catalogação, mas conhecer o conteúdo dos livros que possui, ser um guia intelectual do leitor. Muitos bibliotecários esquecem que a principal coisa na biblioteca para o leitor é o livro, e não a técnica que se empregou para catalogá-lo e classificá-lo. O bibliotecário moderno, repito, é um intelectual e um técnico [...]. É por isso que julgo um erro colocar à frente das bibliotecas não só eruditos sem preparo técnico, mas também técnicos sem erudição (MORAES, 1983, p. 43-44 *apud* MAROTO, 2012, p. 55).

A atuação do bibliotecário no ambiente escolar nem sempre é fácil. Em pesquisa de Morais (2009) todas as bibliotecárias entrevistadas afirmaram não terem sido preparadas na graduação para coordenarem bibliotecas escolares. Silveira (2007) já delineava a questão da formação do bibliotecário, ao constatar que,

(...) se nosso objetivo era investigar em que medida os currículos das escolas de Biblioteconomia aproximam o universo das práticas culturais às atividades desenvolvidas em uma biblioteca, penso já termos levantado indícios suficientes para apontar que o ensino de Biblioteconomia no Brasil optou, isto é uma característica histórica, por formar profissionais capacitados tecnicamente para o processamento e gestão dos acervos preservados em uma unidade de informação, em detrimento do exercício de capacitá-los a compreender criticamente a importância que seu ofício assume no processo de construção das muitas esferas de atuação humana (SILVEIRA, 2007, p. 194).

Contudo, sob outro prisma, encontramos a visão de Campello (2009b), que enfatiza haver por parte dos bibliotecários a consciência de seu papel como educadores, além das funções técnicas que necessitam desempenhar. Entretanto, enfrentam dificuldades, que vão desde o número reduzido de pessoas em sua equipe até o desconhecimento, por parte do corpo docente da escola das funções que o bibliotecário deve (ou não) desempenhar.

Em sua atuação na biblioteca escolar o bibliotecário necessita, inicialmente, de sensibilizar e conquistar o usuário. Assim, predominam as ações que atraem a comunidade escolar para a biblioteca e a leitura.

Furtado, C. (2004) destaca a necessidade da interação entre corpo docente e equipe da biblioteca, o que nem sempre ocorre. A integração entre bibliotecário e professor melhoraria os trabalhos dos dois segmentos (ALVES, 1992; MOTA, 2004, MORAIS, 2009, FÉLIX, 2014).

Em estudo empreendido por Alves (1992) sobre a questão da integração entre bibliotecários e professores, ficou claro que se trata de uma ação promissora, mas até o momento falha, ao menos em terras brasileiras, superficial e ainda longe de colaborar efetivamente para as ações de ambos. Contudo, como demonstra Montiel-Overall (2005 *apud* Félix, 2014) a colaboração entre bibliotecário e professor é possível. A pesquisa foi realizada nos Estados Unidos e mostra que essa colaboração pode ocorrer em quatro níveis. No primeiro nível, a colaboração é como uma coordenação, requerendo baixos níveis de envolvimento entre professor e bibliotecário. No segundo nível, ou cooperação, professores e bibliotecários trabalham próximos a fim de oferecer melhores recursos para os alunos. No terceiro nível, ou instrução integrada, envolve um maior grau de aprofundamento e compromisso entre professores e bibliotecários, exigindo certa confiança mútua. No quarto nível, o currículo integrado (*integrated curriculum*), requer um grau profundo de colaboração, alterando inclusive a estrutura curricular.

Tendo um panorama sobre a atuação do bibliotecário escolar, é necessário refletir sobre a questão da formação oferecida pelos cursos de Biblioteconomia.

O trabalho de Silveira (2007) deixa claro que os currículos dos cursos de Biblioteconomia oscilam entre o tecnicismo e o humanismo. Trata-se de uma situação histórica, na qual, em determinada fase um aspecto se sobressai sobre o outro. O advento das novas tecnologias trouxe destaque para a necessidade dos bibliotecários, profissionais da informação, se aperfeiçoarem nas técnicas, motivo a mais pelo qual o lado humanista da profissão acabou ficando em segundo plano.

Autores como Santos (2002) e Maroto (2012) destacam que o bibliotecário atuante na biblioteca escolar deve aliar as técnicas a um lado social, humano. Dessa forma, se faz necessário verificar como a formação em Biblioteconomia está preparando esses profissionais para atuar no contexto educacional, na Biblioteca Escolar.

Desde 1988, em artigo publicado por Murilo Bastos da Cunha, se fala na necessidade de mudança na postura do bibliotecário, sendo necessário assumir seu papel como educador. Contudo, como salienta Soares (2014) o papel educador do bibliotecário é debatido desde o século XIX, através dos Serviços de Referência.

Apesar disso, Campello (2009a) identificou em seu trabalho que o papel educativo do bibliotecário brasileiro, ainda que apareça em discurso desde 1960,

ainda não reflete a prática. E um dos entraves para esse papel ser desempenhado de forma mais eficiente é a falta de entrosamento entre o bibliotecário e o professor como já citando anteriormente.

Soares (2014) sintetiza o panorama da atuação pedagógica do bibliotecário salientando que

podemos dizer que os empecilhos para o exercício do papel pedagógico são principalmente a ênfase nas atividades técnicas e a falta de interação entre bibliotecários e professores. Soma-se a esses o fato de o bibliotecário não possuir formação suficiente para exercer este papel, conforme explicitado por diversos autores (SOARES, 2014, p. 21).

A questão da formação do bibliotecário para atuar no contexto escolar pode ser melhorada através de programas de pós-graduação, como demonstra Pereira, G. (2009) ao analisar a criação do curso de Especialização em Biblioteca Escolar no Centro de Ensino Superior Anísio Teixeira (CESAT), no Espírito Santo. Conforme a autora, o curso buscou em seu escopo, prover os bibliotecários dos conhecimentos necessários para atuar no contexto educacional. Pode-se perceber que a criação de cursos específicos para a atuação do bibliotecário escolar seria uma boa opção.

Diante de tantas questões, como destacam Castro e Calil Jr. (2014), os bibliotecários escolares devem estar atentos ao novo público que está nas escolas: os nativos digitais. Esses jovens necessitam de atenção diferenciada e ações voltadas para seu perfil. Trata-se de mais um desafio para os bibliotecários que atuam nas escolas.

2.2 O USUÁRIO DA BIBLIOTECA ESCOLAR NA ATUALIDADE: OS NATIVOS DIGITAIS

Conforme dito anteriormente, estamos diante de uma geração de pessoas que já nasceram com a internet, os computadores e os videogames. É uma geração que domina bem a tecnologia, usa o celular, o *tablet*, o controle remoto da televisão. Essa geração pode assumir diferentes denominações, segundo os diversos autores.

Se a nomenclatura não está bem definida, as características desse grupo estão: são aqueles nascidos depois da invenção das tecnologias da informação e da comunicação, passam boa parte de seu tempo conectados, o que torna a

diferenciação entre real e digital nem sempre clara. Em trabalho de 2014, Castro elaborou um quadro que resume bem as definições segundo os diferentes autores:

Quadro 3 - Relação autores e conceitos de Nativos Digitais

Autores	Termos adotados	Definição
Prensky (2001)	Nativos Digitais	'falantes nativos' da língua digital dos computadores, vídeo games e da Internet
Palfrey e Gasser (2008)	Nativos Digitais	Aqueles que têm acesso às tecnologias digitais e possuem habilidades para lidar com tais tecnologias Indivíduos que passam boa parte de suas vidas conectados e não distinguem sua vida <i>online</i> de sua vivência <i>off-line</i>
Veen e Vrakking (2006)	Homo Zappiens	Geração que cresceu usando vários dispositivos tecnológicos desde a infância
Rowlandset al (2008)	Geração Google	Fazem parte de um grupo que não tem memória da vida antes da internet
Tapscott (1999)	Geração Net	A primeira [geração] a crescer rodeada pelas mídias digitais

Fonte: Adaptado de CASTRO, 2014, p. 41

Como destaca Lemos (2009), essa geração é formada por sujeitos que querem as informações de forma rápida e estão acostumados a multitarefas. Assim “os nativos digitais vivem imersos em diferentes comunidades de aprendizagens, abrindo várias janelas ao mesmo tempo” (LEMOS, 2009, p. 39).

A Ciência da Informação, principalmente a Biblioteconomia, ainda se debruçou pouco no tema de Nativos Digitais. A busca em bases de dados acusa poucos resultados, o que demonstra a necessidade de se refletir mais a respeito. Principalmente no caso da Biblioteca Escolar, que atua diretamente com esses novos sujeitos, é primordial compreendê-los e entender o que eles pensam sobre a biblioteca e o bibliotecário.

Esses jovens estão em processo de formação e, como já dito, possuem uma relação bastante distinta com a tecnologia e a informação. Essa relação traz consigo algumas surpresas, como o fato desses nativos digitais não dominarem plenamente os computadores, como destacado por Antunes (2015) ao citar a pesquisa de Rowlands,

Os resultados da pesquisa de Rowlands revelam que constitui um mito a ideia de que estes jovens tenham capacidades especiais para lidar com a informação virtual. Segundo este estudo, o impacto das tecnologias de informação e comunicação sobre estes jovens tem sido superestimado. O estudo ainda evidencia que eles, embora aparentemente demonstrem facilidade e familiaridade com computadores, constituem uma geração que confia demais em motores de busca. Ainda de acordo com o estudo, estes jovens “correm os olhos” ao invés de ler e não têm habilidades, consideradas pelos autores críticas e analíticas, para julgar o que encontram na Internet (ANTUNES, 2015, p. 32).

Os nativos digitais presentes nas escolas atuais são normalmente ensinados por “colonizadores digitais” e por “imigrantes digitais”, cujos conceitos são sintetizados por Santos, Scarabotto e Matos

Os autores Palfrey e Gasser (2011, p. 13) caracterizam os colonizadores digitais como pessoas mais velhas, as quais estão desde o início da era digital, mas cresceram em um mundo analógico e vem contribuindo para a evolução tecnológica, continuam conectados e sofisticados no uso das tecnologias, porém baseados nas formas tradicionais e analógicas da interação. Como exemplo é possível citar Bill Gates, criador de um dos maiores softwares utilizados, porém nascido antes da década de 80, ou seja, não pode ser caracterizado como nativo digital conforme definição dos autores, acima citados.

Os imigrantes digitais são definidos por Palfrey e Gasser (2011, p.13) como menos familiarizados com o ambiente digital, os quais aprenderam ao longo da vida a utilizar as tecnologias como e-mails e redes sociais (SANTOS; SCARABOTTO; MATOS, 2011, p. 15844).

Parte-se do pressuposto de que o bibliotecário é o especialista que domina o processo de busca da informação. É na biblioteca que se encontram as ferramentas que possibilitam a produção do conhecimento. Mas, será que esses alunos pensam dessa forma? Será que eles têm essa noção de atuação? Confiam neste espaço e neste profissional para auxiliá-lo? Será que a BE e o bibliotecário escolar estão preparados para auxiliar os nativos digitais?

3 METODOLOGIA

Ao se traçar os caminhos metodológicos dessa tese, foi fundamental lembrar que “o objeto das Ciências Sociais é complexo, contraditório, inacabado, e em permanente transformação” (MINAYO, 2004, p. 22).

Para o desenvolvimento da pesquisa é necessário o emprego de teorias e métodos para responder seus problemas, além de colaborar na formação do conhecimento científico.

A pesquisa desenvolvida nas Ciências Sociais possui características próprias, já que seu objeto pode se confundir com o próprio pesquisador. As Ciências Humanas e Sociais não têm a possibilidade de isolar seu objeto e analisá-lo friamente, diferente das Ciências Naturais.

Segundo Laville e Dionne (1999) a teoria é a “explicação geral de um conjunto de fenômenos” (p. 93). Já o método é assim destacado por Marconi e Lakatos (2011).

Todas as ciências caracterizam-se pela utilização de métodos científicos; em contrapartida, nem todos os ramos de estudo que empregam esses métodos são ciências. Dessas afirmações, podemos concluir que a utilização de métodos científicos não é da alçada exclusiva da ciência, mas não há ciência sem o emprego de métodos científicos (MARCONI; LAKATOS, 2011, p. 44).

Compreender como pensa uma determinada população (ou geração, no nosso caso) não é das tarefas mais fáceis. Conforme salientado anteriormente, há o risco de o pesquisador se confundir com o objeto pesquisado. Na busca de dados mais precisos, ou ao menos próximos da realidade, foi proposta fazer uma pesquisa do ponto de vista etnográfico.

Para tanto, trabalhou-se com alguns conceitos-chave dessa perspectiva. O primeiro se refere à dicotomia proximidade/distanciamento. Trata-se de um movimento circular de entrar e sair dos contextos pessoal e estudado. Ou seja, o pesquisador caminha entre o seu contexto pessoal e o contexto onde se desenvolve a pesquisa, sempre de forma circular e contínua.

Outro conceito importante é o de reflexividade. Este conceito está presente no fazer, no pensar, no seguir na perspectiva etnográfica. É o momento em que temos de fazer o exercício de pensar o campo, nossos valores, perspectivas, opiniões. A questão da reflexividade ajuda a minimizar o receio de “contaminar” a pesquisa com

a subjetividade do pesquisador. Lembramos novamente que o objeto das Ciências Sociais pode facilmente se confundir com o próprio pesquisador.

A escrita etnográfica também se mostra muito importante. Pensar na audiência, na contribuição do trabalho, é uma questão que muitas vezes se perde no decorrer do caminho de pesquisa. O pesquisador deve estar sempre atento a escrever de forma que os que leiam possam compreender e produzir, a partir de suas reflexões, novos conhecimentos.

Alguns autores utilizados para tratar da escrita etnográfica – Wolcott (1994), Spradley (1979) e Lea; Street (1998) – trouxeram aspectos que elucidaram esse fazer, cooperando não somente com o leitor mas em grande parte com o pesquisador. Wolcott (1994) descreve três níveis de escrita: a descrição, a análise e a interpretação. Esses níveis não organizam apenas o texto, mas o fazer e o raciocínio do pesquisador.

Já Spradley (1979) contribui ao destacar a importância do etnógrafo como tradutor. Suas orientações quanto a forma de entrevista etnográfica demonstraram, de maneira bastante elucidativa, as especificidades da ferramenta. A entrevista etnográfica é uma estratégia de aproximação dos sujeitos mais sutil que uma entrevista comum. Dessa forma, o pesquisador tem a possibilidade de apreender mais a fundo as informações que o sujeito pesquisado possui.

3.1 COLETA DE DADOS

Diante da questão sobre a forma como os alunos pensam sobre a biblioteca escolar e o bibliotecário, acreditou-se que a forma de aproximação através da entrevista etnográfica se mostrava mais pertinente.

A pesquisa de campo se realizou em um período de 03 (três) meses. Conforme a perspectiva etnográfica adotada para o desenvolvimento do trabalho, foi necessário um referencial teórico que preparou a pesquisadora para a entrada em campo. Inicialmente, a intenção foi de entrar nas escolas selecionadas, conhecer e observar os espaços das bibliotecas, as ações e atitudes de professores, alunos, diretores, coordenadores e bibliotecários, observar e tentar compreender o funcionamento desses equipamentos dentro da vida escolar. A coleta de dados foi realizada através de notas de campo/diário de campo e gravações.

A observação do campo, como destaca Agrosino, deve registrar, no mínimo:

- Uma explicação do cenário específico (p. ex., escola, lar, igreja, loja);
- Uma relação dos participantes (número, características gerais, p. ex., idades, gêneros);
- Descrições dos participantes (feitas da forma mais objetiva possível: “O homem vestia calças rasgadas e sujas”, não “O homem parecia pobre”);
- Cronologia de eventos;
- Descrições de cenário físico e de todos os objetos materiais dentro dele (detalhadamente, sem pressupor coisa alguma);
- Descrições de comportamentos e interações (evitando interpretações: “o homem chorava e batia na cabeça com os punhos”, não “o homem parecia descontrolado” – especialmente se não for possível gravar em vídeo);
- Registros de conversas ou de outras interações verbais (tão verbais quanto possível, especialmente se não for possível ou desejável ligar um gravador) (AGROSINO, 2009, p.59).

Além desses pontos, foram observados também aspectos encontrados nos Parâmetros para Biblioteca Escolar, desenvolvidos pelo GEBE (Grupo de Estudo em Bibliotecas Escolares).

Neste momento, usou-se as teorias de Wolcott (1994), utilizando o quadro de descrição, análise e interpretação para organização e tratamento dessas informações coletadas. Esse método consiste na transcrição da observação na coluna descrição, sua análise na respectiva coluna e a interpretação, utilizando-se a análise combinada com a literatura e/ou outros eventos. Ao término do período, voltou-se à revisão de literatura, para iniciar o processo de interpretação dos dados coletados. Durante esse período é primordial ficar fora do campo.

Após esse período, novamente foi feita a imersão no campo. Nesse novo período de campo foram feitas as entrevistas etnográficas como descritas na obra de Spradley (1979). Acredita-se que neste momento o pesquisador não era mais uma pessoa estranha nesses contextos, o que poderia contribuir para que a entrevista acontecesse de forma mais tranquila, pressuposição que se mostrou acertada. A proposta foi entrevistar os alunos, preferencialmente nos espaços das bibliotecas. A seleção dos alunos foi definida no decorrer do processo de observação que foi realizado nos primeiros meses.

O roteiro de entrevista contém 05 blocos de questões contendo os seguintes temas:

- Entrando no mundo do aluno: onde foi traçado um breve perfil do mesmo;

- Entrando no mundo do aluno na escola: onde se buscou conhecer a relação do entrevistado com a escola;
- O aluno e a biblioteca: onde se busca compreender a relação do aluno com a instituição biblioteca, inclusive a escolar;
- A relação do aluno com a informação: onde o aluno é estimulado a falar das suas práticas informacionais;
- A biblioteca ideal para esse aluno: onde a palavra é do aluno para idealizar a instituição biblioteca escolar.

Com todas as estratégias definidas, a entrada no campo se mostrou mais complexa do que imaginado no início. Como já dito, a observação transcorreu no período de 03 (três) meses. O intervalo entre a observação e as entrevistas se resumiu a uma semana, pelas peculiaridades de se pesquisar no ambiente da escola. Outra modificação necessária foi quanto ao local da observação, que variou nas 03 (três) escolas pesquisadas, adequando-se às especificidades de cada uma. Contudo, o uso das ferramentas metodológicas se mostrou muito eficaz, principalmente no que se refere a conviver com os entrevistados por um período antes da entrevista propriamente dita. A entrevista também, aplicada quase como uma “bate papo” deixou os jovens mais relaxados, produzindo respostas mais sinceras.

3.2 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados foram transpostos para a tabela de Wolcott (1994), o que possibilitou uma melhor análise dos dados. De posse de todos esses dados, acredita-se que foi possível apreender como é a atuação das bibliotecas estudadas e como essa atuação é percebida pelos alunos. Como a pesquisa é de cunho etnográfico, não se tinha a pretensão de estabelecer parâmetros de comparação nem de avaliação. A intenção era compreender como esses alunos se relacionam com a biblioteca escolar e com o bibliotecário para que se possa, em outros trabalhos, pensar a atuação destes.

3.3 A PESQUISA DE CAMPO

O trabalho foi realizado em três escolas, nomeadas neste trabalho como escola A, escola B e escola C. A escola A é pública, enquanto as B e C são privadas.

A escola A é pública, municipal e se localiza na cidade de Belo Horizonte, na regional Pampulha. Foi fundada em 1990 por demanda dos moradores do bairro, atendendo inicialmente até a 5ª série do Ensino Fundamental. Apesar da inauguração da escola, o número de vagas era insuficiente, o que gerou muitas manifestações da comunidade. No ano de 1992, foi inaugurada a primeira Biblioteca Comunitária da Rede Municipal, nas dependências da escola. Atualmente, essa biblioteca é polo, ou seja, conforme a política da Prefeitura de Belo Horizonte, ela atende à comunidade escolar e também à comunidade em geral. O último Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola data de 2006, estando, portanto, defasado. Naquele ano, a informação que se tinha era que o acervo da biblioteca contava com mais de 05 (cinco) mil títulos, inclusive com assinatura de jornais e revistas.

Em seu PPP a escola estabelece a seguinte concepção de aluno:

O aluno é um sujeito ativo e participativo, envolvido pelo processo de ensino/aprendizagem. Traz seus questionamentos, soluções e diferentes formas de aprender, vivificando o processo de aprendizagem no convívio com a diversidade, com a interação e com os diversos segmentos do ambiente escolar. Constrói e se reconstrói, alinhavando as vivências do cotidiano escolar às outras, colhidas nos ambientes que frequenta e com as pessoas que tem contato. Cada aluno descobre e experimenta sua função, seu papel e sua influência nos grupos, desenvolvendo uma relação afetiva com a Escola, com a comunidade e com as pessoas e coletivos do qual participa (PPP, 2006, p. 13)¹.

O PPP da escola deixa claro que o coletivo de professores se divide entre os que possuem uma tendência mais “conservadora” e outros com uma tendência mais “progressista”, mas ressalta que, apesar das divergências teóricas, os professores atuam conjuntamente, sem qualquer intercorrência.

Nessa escola, os alunos observados foram os do turno da tarde, que compreendiam os anos finais do Ensino Fundamental, a saber, do 5º ao 9º ano. Contudo, as entrevistas foram realizadas com alunos do 8º e 9º ano.

¹ A referência do Projeto Político Pedagógico da escola não consta das referências do trabalho para preservar o anonimato da mesma.

A escola B é particular e oferece a Educação Infantil (Maternal I, II e III, 1º e 2º período), o Ensino Fundamental (1º ao 9º ano) e o Ensino Médio (1º à 3º ano). Foi fundada em 1970, oferecendo, em seu início apenas a educação infantil e até a antiga 4ª série. No decorrer das décadas, até 2006, o colégio foi ampliando sua atuação nos anos e séries escolares.

Segundo o PPP² da escola, seu objetivo geral é

Possibilitar aos nossos alunos a construção de si mesmos como seres humanos livres e éticos, críticos e responsáveis, comprometidos, felizes e inquietos na busca daquilo que mais e melhor conduza ao sentido pleno de sua existência. Tudo isso, fundamentado por um ensino sério, exigente e de qualidade (PPP, p. 4).

O PPP da escola se diz alinhado com as propostas da UNESCO para a educação do século XXI, onde o educando deve “aprender a conhecer”, “aprender a fazer”, “aprender a viver com os outros” e “aprender a ser”. O documento não cita, em nenhum momento, a biblioteca da escola.

Já a escola C é particular e oferece da educação infantil ao ensino médio. Sua ação pedagógica se baseia em princípios éticos, políticos e estéticos³. Dentre os objetivos da escola podemos citar: a capacidade de utilizar formas distintas de linguagem, de maneira crítica e criativa; desenvolver uma atitude de investigação, reflexão e crítica diante do conhecimento; o exercício da autonomia, cidadania; o desenvolvimento do autoconhecimento, autoestima, sensibilidade, introspecção e simplicidade; competência para prosseguir com sua própria educação.

Para possibilitar uma análise conjunta e comparativa com as escolas, foram pesquisados os alunos e atividades do terceiro ciclo (ou seja, do final do Fundamental 2) e do Ensino Médio (4º ciclo).

A escola C procura possibilitar aos jovens que concluem o Ensino Fundamental a complementação da Educação Básica fundada em princípios construtivistas. Propõem-se também oferecer à comunidade em geral uma alternativa aos modelos de Ensino Médio conteudistas e tecnicistas hegemônicos no país.

² Dados retirados do Projeto Político Pedagógico da escola, que não consta das referências para preservar o anonimato da mesma.

³ Dados retirados do Projeto Político Pedagógico da escola, que não consta das referências para preservar o anonimato da mesma.

Um diferencial encontrado na Biblioteca da escola C é a reformulação promovida pelo Projeto Político Pedagógico em 2015. Nesta reformulação o espaço físico, centralizador do acervo (que conta com mais de 12.000 itens) foi desfeito. O acervo foi distribuído pelos ambientes de estudo, locais onde ocorrem as aulas, possibilitando um acesso direto aos alunos. O espaço que era destinado à biblioteca foi transformado em sala multiuso.

Assim, temos 03 (três) escolas distintas, com perspectivas diferentes sobre a formação dos alunos e com distinção também nas formulações de biblioteca. Esses ambientes se mostraram propícios à realização da pesquisa, principalmente no que concerne às concepções de biblioteca escolar elaboradas pelos nativos digitais.

Nesse momento é importante lembrar que a pesquisa não pode generalizar que suas conclusões refletem todo o universo dos nativos digitais, uma vez que foi realizada em 03 (três) escolas, localizadas em um município específico, no caso Belo Horizonte.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Como explicitado anteriormente, a coleta de dados foi realizada em dois momentos e de duas formas distintas. Em um primeiro momento, foi feita uma observação, a partir das premissas da etnografia. Esse processo pretendeu verificar como os alunos lidam com a produção do conhecimento e com o mundo da informação presente no ambiente da escola e da biblioteca. Esse período de observação serviu, também, como forma da pesquisadora se tornar uma pessoa da convivência desses jovens, a fim de contribuir para a realização da entrevista.

Portanto, após o período de observação, alguns alunos foram selecionados para a participação na entrevista. Na escola A, esses jovens foram selecionados a partir da observação dos que frequentavam a biblioteca. Na escola B, a partir da análise da observadora quanto ao comportamento que estes apresentavam em sala. Nessa escola muitos alunos se ofereceram para participar das entrevistas. Na escola C, os alunos foram indicados pelos professores.

Assim, segue-se, inicialmente, os dados coletados no decorrer das observações.

4.1 DIÁRIO DE CAMPO

Como descrito, as observações nas três escolas ocorreram de forma distinta. Neste momento, serão apresentadas algumas considerações, separadas por escola. Inicialmente a pesquisadora queria observar e compreender como os alunos usam a biblioteca escolar, contudo, no decorrer do processo, algumas alterações foram feitas. Assim, buscou-se compreender não apenas como o aluno se relaciona com a BE, mas também este faz com a busca de informações e a formação do conhecimento.

4.1.1 Escola A

Essa escola é pública, se localiza no município de Belo Horizonte e possui o que se pode chamar de uma biblioteca tradicional⁴. A escola atende a alunos de 06 a 14 anos, no ensino fundamental e funciona em dois turnos. A pesquisa se desenvolveu no turno da tarde, com alunos de 12 a 14 anos. A biblioteca se localiza no fundo da escola, e tem um bom espaço físico. Seu acervo fica disposto em prateleiras e conta com quatro mesas. Não tem capacidade ideal para uma turma inteira ao mesmo tempo, mas quando é necessário faz-se algumas adaptações. A bibliotecária responsável atua nesta escola e em mais duas, servindo como coordenadora do espaço. Além da bibliotecária, atuam na biblioteca 02 (dois) auxiliares de biblioteca e 02 (dois) professores em desvio de função. A biblioteca funciona de 7:00h às 18:00h, inclusive no horário de almoço. O espaço fica aberto à disposição dos alunos, inclusive no horário do recreio.

Uma vez que a biblioteca da escola possui uma boa estrutura e funciona regularmente, optou-se por fazer a observação nesse espaço mesmo. A observação ocorreu no turno da tarde para que os alunos tivessem um perfil similar nas três escolas pesquisadas.

Logo que se chegou à escola, a entrada foi através da Coordenação da escola. A pesquisadora foi recebida pela coordenadora que destacou as dificuldades com a bibliotecária. Segundo ela, a equipe da biblioteca dificulta muito a ação dos professores. Nessa fala fica claro a falta de colaboração entre bibliotecário e docente. A coordenadora continuou discorrendo que tem uma turma de alunos que todo dia vai à biblioteca, sempre no horário do recreio (no 2º recreio). Contudo, no início do período de observação, a biblioteca ficava fechada na hora do recreio. Percebeu-se, já nesse primeiro momento, que o uso da biblioteca nesse horário era motivo de polêmica entre os professores e a equipe da biblioteca.

Desde o começo da observação, notou-se a pouca sintonia entre a coordenação pedagógica da escola e a equipe da biblioteca. Na coordenação foi informado que naquele ano (2016) não havia horário de biblioteca agendado para as turmas, informação negada pela equipe da biblioteca.

⁴ É uma biblioteca com espaço físico delimitado, com o acervo físico disposta em estantes, organizado segundo as normas da Biblioteconomia. Possui mesas e cadeiras para os usuários e espaço destinado ao atendimento pela equipe da biblioteca;

Na escola, no turno da tarde, atuavam 03 (três) coordenadores pedagógicos. Uma delas contou que o fato de pedir autorização para ir à biblioteca no recreio foi dos alunos. Nessa escola, como dito anteriormente, havia uma situação polêmica sobre o uso da biblioteca na hora do recreio. Os alunos demandavam o uso da biblioteca nesse horário, para que fosse um uso livre. A autorização citada pela coordenadora se tratava de uma forma de limitar o número de alunos. Assim, apenas 15 alunos por vez podiam permanecer na biblioteca no horário de intervalo.

No fim do primeiro mês de observação, uma das coordenadoras resolveu ir atuar na biblioteca, iniciando já a partir do dia seguinte. A professora estava de laudo médico, ou seja, não podia atuar em sala de aula, sendo encaminhada a qualquer outro setor da escola. Inicialmente ela estava como coordenadora pedagógica. Diante de tanta dificuldade junto à bibliotecária e à equipe da biblioteca, a professora de laudo resolveu ser lotada na biblioteca, a fim de melhorar o diálogo entre a equipe da biblioteca e os professores.

Todo mundo demonstrou expectativa de que a ida da professora em questão para a biblioteca poderia melhorar essa relação biblioteca-escola. Nesse caso, a parceria entre bibliotecário e professor poderia ser alcançada. Importante destacar que a atitude para o estabelecimento de parceria entre a biblioteca e os professores partiu da coordenadora, ou seja, de um docente, para atender principalmente às demandas apresentadas pelos próprios alunos.

Em um dos dias de observação, ao se chegar à biblioteca, um dos auxiliares de biblioteca estava lá e havia uma pessoa desconhecida da pesquisadora usando o computador. A professora de laudo, que anteriormente era coordenadora e foi atuar na biblioteca, estava em uma sala próxima, passando um filme para os alunos, que posteriormente seria utilizado para trabalho de incentivo à leitura. Ou seja, o trabalho de incentivo à leitura seria desenvolvido por essa professora. Diante desse cenário ficou-se a questão: quem deveria propor atividades de incentivo a leitura? Seriam os professores ou a equipe da biblioteca?

Neste mesmo dia, mais um fato se destacou. Chegou um aluno para devolver um livro, porém como ele não é de turma que tem horário marcado para empréstimo nesse dia, ele não levou outro livro para casa. As regras eram rígidas. Surgiu mais um questionamento: será que o estabelecimento de regras rígidas não pode inibir o gosto pela leitura e pela biblioteca? No momento seguinte, o auxiliar de biblioteca

relatou que é a norma da bibliotecária. Ele reclamou muito dela e expressou sua vontade de mudar de escola. Percebeu-se uma tensão no relacionamento interpessoal na equipe. Contudo, a equipe precisa de um bom relacionamento interpessoal, pois, caso contrário, isso pode refletir no andamento do setor, fato que estava demonstrado nas situações vividas por alunos, professores e equipe da biblioteca.

Conhecendo mais o funcionamento da biblioteca, ficou-se sabendo que quem monta o horário de biblioteca é a coordenação pedagógica no início do ano. Mas, não deveria ser um arranjo conjunto? Mais uma vez aparece um elemento que demonstra o descolamento entre biblioteca e professores.

Ainda nesse mesmo dia, chegou uma professora para trabalhar no espaço da biblioteca, uma vez que a sala dos professores estava sendo utilizada para uma reunião. Neste momento, percebeu-se que a biblioteca era vista como um local de todos. A biblioteca escolar não deve atender somente aos alunos, mas a toda comunidade escolar, inclusive os professores.

Informaram que nas sextas-feiras não tem atendimento, ficando a biblioteca fechada ao público para serviço interno. Ou seja, a biblioteca fecha um dia na semana para a realização de serviços internos. Não ficou claro e não se julga uma ação interessante, os alunos e professores não terem acesso à biblioteca. Quais seriam esses serviços? A equipe era composta por mais pessoas, não seria possível dividir as atividades para que fossem realizadas durante a semana?

Outro elemento que demonstra a tensão nas relações interpessoais da equipe foi a fala do auxiliar de biblioteca da tarde, queixando-se de que a professora de laudo médico, que trabalha na parte da manhã, é quem “manda e desmanda”, criando inclusive normas. Percebe-se que a falta de entrosamento entre bibliotecário e professor é interno a equipe também. Quem determina as normas gerais da biblioteca é o bibliotecário, com base nas premissas da área. Normas específicas deveriam ser estabelecidas pela comunidade da biblioteca, preferencialmente com a participação da comunidade escolar. Mas o que se notou é que a professora de laudo é quem determinava várias normas.

Dias depois, ocorreu a seguinte situação: chegaram duas alunas para usar a biblioteca no horário do recreio. Elas questionaram se poderiam fazer empréstimo, o que foi negado. Os auxiliares de biblioteca então sugeriram que elas lessem gibis

(Turma da Mônica Jovem). Uma foi embora, só ficou a outra. Nota-se a existência de muitas regras rígidas, que acabam limitando e inibindo os alunos. A biblioteca escolar deveria ser o espaço da democratização da leitura. As ações desenvolvidas, bem como regras e normas, deveriam ser no sentido de facilitar o acesso do leitor ao livro, o que claramente não estava ocorrendo.

Em conversa com a equipe, foi dito que eles desenvolveriam um trabalho com os alunos sobre as regras da biblioteca, através de atividades pedagógicas. É importante que as regras sejam claras e compreendidas por todos. Ao se trabalhar em uma escola, é necessário ter em mente que as comunicações e orientações devem estar de acordo com o nível de entendimento dos alunos.

Em outro dia, após algumas polêmicas sobre o horário do recreio, a autorização concedida a 15 alunos por vez para uso da biblioteca voltou a funcionar. Essa autorização era um crachá entregue pelo coordenador da escola aos 15 primeiros alunos que solicitassem. Nesse dia, na hora do recreio, quando os alunos chegaram, foram imediatamente deitarem-se no chão, para usar o celular. Essa era uma prática bastante comum. Em certo momento, um desses alunos se levantou e pediu ajuda para uma pesquisa de Geografia. Foi o primeiro aluno que durante o período de observação notou-se usar a biblioteca para pesquisa. O auxiliar de biblioteca se levantou para fazer a pesquisa solicitada, sem muitas explicações ao aluno. A pesquisa era sobre segregação racial nos ônibus em Washington e a luta de Martin Luther King, ou seja, um tema bem difícil de encontrar em livros. Era uma pesquisa bem específica para uma biblioteca escolar. Ressalta-se que as pesquisas devem (ou deveriam) ser realizadas não somente em livros e a biblioteca deve disponibilizar o acesso às mais diversas fontes para atender o aluno. Na sequência, o auxiliar de biblioteca entregou ao aluno uma enciclopédia com o verbete Martin Luther King para que ele lesse. A enciclopédia é onde o aluno terá uma visão ampla e inicial sobre o tema do trabalho, mas não é, necessariamente, onde encontrará tudo o que precisa. Notou-se que o auxiliar de biblioteca se ateve a procurar nas enciclopédias, sem usar o catálogo da biblioteca ou informações extras da Internet. A pesquisa solicitava a explanação sobre os seguintes tópicos: Martin Luther King: biografia, 07 (sete) frases, episódio dos ônibus, formação, cargos que ocupou, prêmios que recebeu, marcha em Washington e referência. O aluno recebeu um

bom roteiro de pesquisa, mas para alcançar os objetivos possivelmente precisará de mais de uma obra, mais de uma fonte.

Em outro dia, ao chegar na biblioteca tinha uma turma de 5º ano nas mesas com livros de poesia. Depois de um tempo de leitura individual nas mesas, a professora da referida turma convidou quem queria ler um poema para a turma. Depois que o primeiro leu, vários outros se ofereceram para a tarefa. A leitura individual, assim, foi seguida de uma leitura coletiva, compartilhada. A atividade estimula a leitura individual e o compartilhamento. Enquanto o colega lê, os demais ouvem e aguardam a sua vez de serem chamados. A participação é estimulada. Os alunos são convidados a participarem da atividade. Essa atividade, além de exercitar a leitura, colabora para que eles aprendam a escutar o outro e aguardar sua vez.

A atividade foi desenvolvida com uma turma inteira, espalhada em apenas 04 (quatro) mesas, deixando, assim, os alunos relativamente amontoados. Ainda assim eles estavam assentados e usando os livros de forma ordenada. Observou-se que a biblioteca não possuía uma boa infraestrutura para receber uma turma inteira de uma vez, o que demandava uma improvisação, que pode afetar os alunos.

O período de observação nessa escola mostrou que as questões de relacionamento interpessoal afetavam muito o uso da biblioteca por parte dos alunos. Essas questões eram tanto internas quanto externas. Assim, não conseguindo uma atuação em equipe coesa dentro da própria biblioteca, articular com a equipe de professores parecia ainda mais problemático. Durante esse período, a bibliotecária aposentou-se e foi possível notar que a professora de laudo que atuava no turno da tarde procurou tomar frente da biblioteca, inclusive tentando trabalhar com os demais professores, elaborando atividades com os alunos e buscando aproximá-los ainda mais da biblioteca e da leitura.

4.1.2 Escola B

A escola B é particular e possui uma biblioteca pequena, com um acervo limitado e se localiza também nos fundos da escola. Nessa biblioteca o funcionamento é bastante restrito, sendo 12 horas por semana com o bibliotecário, para atender aos 02 (dois) turnos. Dessa forma, a biblioteca funciona por poucos períodos na semana, o que não cria um hábito nos alunos. Apesar do bibliotecário só estar presente na escola por poucas horas semanais, alguns professores utilizam o espaço para aulas diversificadas. A pesquisa foi realizada no turno da manhã, com alunos entre 14 e 18 anos.

Nessa escola, a observação começou na biblioteca, mas, com a saída da bibliotecária logo no início do trabalho de campo e o pouco tempo que o espaço ficava disponível para os alunos, o local foi transferido para a sala de aula. Assim, pode-se conhecer os alunos de 06 (seis) turmas, acompanhando como eles buscam o conhecimento e aprofundando a relação com os sujeitos da pesquisa.

No início da observação procurou-se a bibliotecária que estava atuando naquele momento (agosto de 2016) na escola. Ela atuava 02 (dois) dias na semana na escola, sendo 02 (duas) manhãs e uma tarde, ou seja, seu tempo era pouco lá. Percebeu-se que a escola não acredita que a presença da bibliotecária em mais dias e horários seja importante. Na conversa, a profissional relatou que a biblioteca fica aberta quando ela está e quando não, a chave fica a disposição dos professores, mas não ficou claro quem controla esse uso. Novamente demonstra a pouca importância do profissional para o Diretor da escola. Ainda segundo a bibliotecária quem geralmente pega a chave são os professores de Português, mas esse uso não foi descrito por nenhum entrevistado.

Em outro dia, foi realizada uma reunião com o professor e Diretor da escola onde ele relatou que a biblioteca era pequena, mas organizada. Informou que a proposta formativa pedagógica da escola foi feita há 19 anos (considerando o ano de 2016). Destacou que é uma escola família, onde as pessoas são corresponsáveis, os professores são comprometidos e prezam pelo acolhimento às famílias. Ficou claro que a escola tem um perfil de administração bem familiar. A proposta de ser uma escola acolhedora foi bastante ressaltada pelos alunos entrevistados.

Posteriormente, em nova conversa com a bibliotecária que atuava na escola naquele momento (agosto de 2016), ela destacou que a biblioteca é pequena e fez uma observação, em tom de desabafo, que é quase uma biblioteca particular do Diretor da escola. Essa afirmação fez inferir-se que a postura do Diretor é de não valorizar a biblioteca escolar. Prosseguiu relatando que pela manhã (horário do Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio) os alunos não pegam livros, o que faz inferir, que também os alunos não valorizam a biblioteca da escola. Reclamou, ainda, que o Diretor não se dispõe a investir na biblioteca, exemplificando que tinha um mês que o computador dela estragou e até aquele dia nada tinha sido providenciado. Ela havia pedido estantes novas há 06 (seis) meses e nada também. Essas atitudes (ou falta delas) denotam que a biblioteca não é prioridade para a escola.

Sobre o curto período de atuação da bibliotecária na escola durante a semana, fica claro que esse funcionamento restrito não colabora para criar o hábito nos alunos para o uso da biblioteca.

Uma das características dessa escola é a inclusão. Sobre isso a bibliotecária relatou que lá é uma biblioteca inclusiva; a maioria dos alunos são “especiais”. Neste ponto disse não ter sido informada dessa especificidade ao ser contratada, o que dificultou ainda mais sua atuação. O bibliotecário escolar se depara com uma série de dificuldades, pois nem sempre está preparado para lidar com crianças em formação. Além disso, hoje se tem nas escolas um maior número de crianças com necessidades especiais.

Quanto ao uso da biblioteca, destacou que os alunos do Ensino Médio realmente não a frequentam. Essa situação dos alunos mais velhos denota que com o passar dos anos, os jovens tendem a se afastar da leitura e da biblioteca escolar.

Seguiu relatando que o horário dos alunos na escola é todo programado, então o único tempo que eles teriam para ir à biblioteca é o recreio e eles não vão. Os alunos alegam que lá não tem nada para eles. Nesse momento, fica a questão: qual o tempo da biblioteca? Uma forma de responder essa questão seria se a biblioteca estivesse inserida no PPP da escola, não como mero anexo, mas no currículo escolar. O aluno pode entender que, se os professores não destinam tempo à biblioteca, eles também não precisam sacrificar o horário do intervalo para isso. Outra queixa, apontada pela bibliotecária e reafirmada nas entrevistas, é a falta de um acervo atrativo.

Ao término da conversa, a bibliotecária confidenciou que estava pensando em sair da escola, denotando seu desânimo e desapontamento diante da situação encontrada por ela. A profissional chegou a dizer que se sentia “agoniada” lá dentro. Se a bibliotecária não se sente bem no ambiente, como os alunos serão atraídos?

Apesar de tantas queixas, ela destacou que no turno da tarde conseguiu desenvolver atividades com os alunos menores, mas não conseguiu nada pela manhã. Pareceu que trabalhar com os alunos mais novos era mais fácil. Geralmente os professores de alunos menores, em fase de alfabetização têm mais disponibilidade e interesse em trabalhar com a biblioteca. Parece que conforme os alunos crescem, os tempos diminuem, e os professores não veem como produtivo e interessante o uso da biblioteca.

A bibliotecária estava muito insatisfeita e incomodada com a situação da biblioteca naquele momento. Demonstrou cansaço de tentar e não conseguir mudar nada. Durante a conversa sugeriu que a pesquisa mudasse de escola, pois acreditava que não se conseguiria dados que valessem a pena. Essa fala demonstra um total descrédito da profissional frente a essa biblioteca escolar. Apesar da precariedade da biblioteca em questão, o foco da pesquisa eram os alunos, eram os nativos digitais, o que fez com que a pesquisa prosseguisse na escola.

Em outro dia de observação na escola, foi-se conversar com a Coordenadora da manhã, que já iniciou informando que os alunos lá eram muito abertos e falavam realmente o que pensavam. Essa fala foi confirmada nas entrevistas. Ela alertou que muitos diriam que nem sabiam que tinha biblioteca na escola, demonstrando também saber que a biblioteca não funciona bem. Contudo, ao contrário do imaginado, todos os alunos entrevistados sabiam que tinha a biblioteca, ainda que não a usassem. Destacou que biblioteca pra os alunos era local de estudo, porém nas entrevistas percebeu-se que eles associam, em sua maioria, o espaço à leitura e não ao estudo e à pesquisa.

Relatou que quando a escola promoveu uma excursão à Biblioteca Pública da cidade, muitos alunos acharam perda de tempo. Contudo, nas entrevistas muitos citaram essa visita como memória afetiva de biblioteca.

Ela destacou que esses alunos apresentam uma falta de interesse no saber e acredita que o caminho é voltar às pesquisas manuscritas. Nota-se que a questão da pesquisa escolar é um problema não somente da biblioteca, mas dos professores.

Talvez uma alternativa estaria realmente em uma atuação conjunta, onde cada profissional se valeria de seus conhecimentos técnicos especializados para melhorar.

A coordenadora prosseguiu dizendo que a educação nessa época estava muito rasa. Os trabalhos entregues pelos alunos eram muito rasos. Essa situação pode ser devido às características dessa geração de nativos digitais. A emergência dessa geração por respostas rápidas e curtas pode estar formando uma geração que não aprofunda nas questões. Os alunos, pela entrevista, realmente não se preocupam em saber nada a fundo. O Twitter, com poucos caracteres é um exemplo disso. Seguiu dizendo que os trabalhos não têm profundidade, os alunos não se preocupam com as fontes e não pedem ajuda. Infere-se que falta, e muito, letramento informacional para esses alunos atuais. Essa seria uma forma da biblioteca se mostrar como necessária dentro da escola. A coordenadora acredita que o famoso “jeitinho brasileiro” pode justificar a não preocupação com o conhecimento. Essa reflexão suscita questões como: será cultural a condição dos alunos em não se preocuparem com o conhecimento, com sua aquisição? Se o aluno não gosta de estudar, não valoriza o conhecimento, como fazer?

Em outro momento, a coordenadora cita uma frase do educador Mário Sérgio Cortella: “É a geração que mais escreve”. Mas é necessário destacar que eles escrevem muito, mas em mensagens curtas, repletas de *emojis* e abreviações.

Ainda durante a conversa, a coordenadora disse achar a biblioteca da escola fraca, e destacou que as escolas particulares não demonstram preocupação com o espaço. Novamente essa fala denota a falta de conhecimento do valor da biblioteca pelos professores, que muitas vezes também são diretores. Essa desvalorização contribui para a situação da referida biblioteca, cujo acervo é restrito (como descrito pela bibliotecária e pelos alunos nas entrevistas) e a infraestrutura precária.

Assim, em outro dia iniciou-se a observação em sala de aula, a fim de conhecer os alunos e tentar apreender como esses lidam com as informações e a produção do conhecimento. Logo no primeiro dia, na primeira aula, notou-se um certo desinteresse pelas aulas, inclusive tendo uma aluna citado que estava com muita preguiça. Segundo ela “preguiça é normal na minha idade”.

Nesse dia o professor passou um estudo dirigido com 13 questões para serem corrigidas na aula seguinte, que seria uma segunda-feira. A ideia era que eles copiassem e comesçassem a responder em sala. Os alunos demoraram a acabar de

copiar e poucos começaram a responder. Naquele dia, o *PokemonGo* foi assunto, principalmente entre os meninos. Percebe-se uma atitude de procrastinação por parte dos alunos. Eles tendem a deixar para depois tudo o que não é do interesse direto deles. O *PokemonGo* era a novidade do momento, então eles estavam mais interessados em falar sobre isso do que fazer a atividade passada.

Em outro horário o professor utilizou-se da mesma estratégia de aula naquele dia, o de passar um estudo dirigido para que os alunos se preparassem para a prova. Essa era uma turma de Ensino Médio e o professor sugeriu que os alunos buscassem outras fontes de informação para realizar a tarefa e indicou o site da editora Moderna. Ele indica o site de uma editora como fonte de pesquisa, mas não cita a biblioteca. Pode-se inferir que os professores ou não acreditam no potencial da biblioteca escolar, ou sabem que a biblioteca dessa escola não possui acervo adequado.

Um dos alunos dessa turma de Ensino Médio tem déficit de atenção, condição que ele mesmo contou. Ele disse que já conseguiu estratégias para lidar com isso. Essa fala espontânea do aluno com a pesquisadora que ele acabara de conhecer comprovou a indicação da coordenadora de que os alunos da escola são receptivos e expressam o que pensam.

Na semana seguinte, ao chegar na escola, o Diretor informou que a bibliotecária realmente havia pedido demissão. Dessa forma, a observação concentrou-se realmente na sala de aula, acompanhando um professor que se dispôs a receber a pesquisadora.

Na primeira turma, o professor iniciou as atividades a partir do estudo dirigido passado na aula anterior. Como dito, a tarefa serviria para que os alunos se preparassem para a prova que ocorreria naquele dia. O professor questionou aos alunos se haviam dúvidas. Nessa sala foi possível notar o grande número de alunos com algum tipo de necessidades especiais. Durante a aula o que mais faz o professor chamar a atenção dos alunos é o uso do celular, que pode ser creditado, mais uma vez, às características dos nativos digitais. Eles, atualmente, têm no celular a forma de se manterem conectados.

O professor deu a chance dos alunos perguntarem, mas praticamente ninguém perguntou. Então o professor que começou a explicar e falar sobre alguns pontos. Uma aluna veio falar que não tinha dúvidas, mas achava que iria mal na

prova. Nesse momento o professor pediu para ver as anotações dela. Percebeu-se que os alunos não elaboram as dúvidas, mas, como disse uma aluna, eles sabiam que teriam dúvidas na hora de fazer a prova.

Na turma seguinte, com alunos do 9º ano, observou-se que os alunos eram mais agitados, sendo a primeira turma que o professor precisou mesmo chamar a atenção sobre o barulho e a conversa. Nessa turma também se nota a presença de alunos de inclusão. O professor estava relembrando a matéria, mas nessa turma alguns participavam. Conforme o professor ia explicando, eles ficavam mais concentrados, mostrando a necessidade do docente de buscar estratégias para prender a atenção dos alunos. Essa turma era bastante agitada e dispersa, demandando do professor a necessidade de procurar formas para que os alunos foquem na matéria.

No horário seguinte, foi-se para uma turma de Ensino Médio, e os alunos estavam tensos com a prova daquele dia. Assim, eles ficaram felizes por ter revisão com o professor. Nessa turma, diferentemente das outras, trouxeram dúvidas. Essa turma parecia estar mais preocupada em compreender a matéria e aproveitar os esclarecimentos do professor. Diferentemente das outras turmas, esses alunos estavam preocupados com a prova, fizeram o questionário e trouxeram dúvidas. Isso pode ser por se tratarem de alunos mais velhos e mais maduros enquanto estudantes.

Em outro dia, a observação iniciou-se em uma turma de 8º ano, e o professor começou entregando as provas. Muitos alunos perderam média e vieram tentar argumentar. Lembrando que foi a mesma turma dos alunos que não se preocuparam a tentar iniciar o estudo dirigido passado pelo professor em sala e não souberam elaborar dúvidas na oportunidade oferecida. Nesse dia os alunos, divididos em 03 (três) grupos, apresentariam um trabalho solicitado pelo professor.

A primeira apresentação tinha como tema “Primavera dos Povos”. Percebeu-se que uma aluna fez a apresentação no Power Point e os demais leram, mas na realidade eles não apreenderam nada do cerne do conteúdo. Eles simplesmente cortaram, colaram e leram (inclusive leram muito mal). A segunda apresentação era sobre “Unificação da Itália e Alemanha”. Esse grupo leu melhor que o primeiro. A terceira apresentação era “Ciência no século XIX”. Esse grupo leu razoavelmente, mas teve um que leu pior. Mas se parece com os outros grupos, ou seja, eles

apenas leram mecanicamente. Como já alertado pela coordenadora, as pesquisas são feitas de forma muito rasa. Os alunos simplesmente colaram textos no Power Point e leram para o professor, sem realmente compreender o assunto tratado. A falta de interação com o trabalho era tamanha, que até a leitura foi ruim.

No horário seguinte, observou-se outra turma de 8º ano. Novamente o professor começou entregando as provas. Até que nessa turma reclamaram pouco, apesar das notas horríveis. Nessa turma, como na outra, os alunos divididos em três grupos fizeram a apresentação de um trabalho.

Novamente a primeira apresentação era sobre “Primavera dos Povos”. A apresentação desse grupo no 1º slide era idêntica ao da sala anterior. O professor chamou atenção dos alunos quanto à quantidade de texto em cada slide. Eles apresentaram como se fosse um jogral. Ficou claro que eles cortaram e colaram, sem sequer tirar os hiperlinks. O professor solicitou que explicassem com as palavras deles o que haviam apresentado. Do trio na frente, somente um tentou falar, mas não foi muito bem. A pesquisa escolar nesse caso não ajudou a produzir conhecimento. Os alunos apenas recortaram e colaram, sem nenhuma análise crítica da informação coletada. A apresentação se resumia a leitura. A segunda apresentação foi “Unificação Itália e Alemanha”. Esse foi o primeiro grupo que trouxe o “texto” também impresso, ou seja, mesmo com problemas no retroprojetor eles puderam apresentar, mas era impressionante como eles liam mal. Infere-se que a falta de intimidade com o texto apresentado é tamanha que sequer a leitura flui adequadamente. A terceira apresentação era “Arte e Ciência no século XIX”. Foi a primeira apresentação em que se viu a aluna tentar resumir o Power Point antes de começar a ler. A segunda apresentadora fez um slide muito ruim. Ela não copiou, ela escreveu, mas sem pontuação e gramática adequadas. O professor fez alguns questionamentos de pontos ausentes no trabalho. Notou-se nessa apresentação que alguns alunos tentaram superar o recorta e cola, mas ainda não apresentam a competência informacional para tal. E os problemas não são apenas de pesquisa, mas de análise, síntese e elaboração de ideias, bem como de escrita/redação de texto.

Ao fim da aula, o professor chamou a atenção dos alunos sobre as formas de apresentar um trabalho, destacando a importância da capacidade de síntese. Nota-

se que o professor constatou e alertou para a dificuldade de síntese apresentada pelos alunos.

No horário seguinte a observação foi em uma turma de 9º ano, e o professor começou entregando as provas. Foi impressionante como as notas foram ruins. As notas na prova são ruins, ainda que o professor tenha dado ferramentas para estudo e oportunidade de se tirar dúvidas. O professor continuou mostrando os erros na hora dos alunos assinalarem as questões de múltipla escolha, destacando a importância de lerem atentamente o que consta na questão. Nota-se que os alunos têm muita dificuldade em manter a atenção, ainda que na prova. Essa é uma geração de alunos imediatistas, inclusive na hora de ler e marcar a prova. Nessa turma, os alunos demandaram que o professor dê a aula com slides que “façam barulho”. Esse desejo da turma exemplifica a necessidade de uma comunicação para além do escrito e do visual para esses alunos. Como já dito, essa turma era bastante agitada e o professor destacou que eles estão em período de transição para o Ensino Médio. Esses alunos são bastante imaturos, mas no ano seguinte estarão no Ensino Médio. Enquanto o professor explica a matéria, alguns prestam atenção, fazem intervenções, outros parecem nem estar na sala. Uns ainda estão olhando a prova.

Na aula seguinte era uma turma de Ensino Médio, 2º ano. Eles estavam ansiosos pela prova. Tiveram notas boas e muitas ruins. Ainda assim, o professor destacou que a média da turma subiu e que essa prova não estava fácil. Nessa turma também o professor chamou atenção para a questão da falta de atenção na leitura e sugeriu que é melhor responder a mais que a menos. Percebe-se que os alunos não se fixam na leitura das questões da prova e acabam errando por causa disso. Mais uma vez o professor destacou os problemas de interpretação de texto por parte dos alunos. Esses problemas podem ser reflexo de vários fatores, inclusive a pouca leitura. O professor continuou explicando, mas alguns estão dispersando, demonstrando mais uma vez a dificuldade de concentração desses jovens.

O próximo horário era outra turma de 9º ano e também todos os alunos estavam ansiosos pelas provas. Nessa turma o professor precisou falar alto e grosso para começar a entregar as provas. Dentre as provas tinham duas impressas em papéis diferentes, uma azul e outra marrom. O professor explicou que eram devido às necessidades desses alunos, sendo a prova azul para o aluno com uma

síndrome específica e a marrom para a característica de dislexia do aluno. A escola é inclusiva e se adapta a essas necessidades especiais. Nessa turma as notas foram medianas e o professor destacou que a média de notas melhorou em relação à prova anterior. O professor reclamou com os alunos da falta de respostas completas, dizendo que eles não leem com cuidado e respondem com pressa. Mais uma vez comprovando o dito pela coordenadora sobre as respostas rasas desses jovens. Aparentemente essa foi a turma que mais questionou a correção da prova. O professor destacou com os alunos que mais importante que o número (ou seja, a nota) era o aprendizado. Essa geração parece ter um compromisso menor com a questão da formação do conhecimento. Os alunos a escola se preocupam mais com a nota do que com o que realmente aprenderam.

Em outro dia, em uma das turmas de 9º ano um fato chamou a atenção. Os alunos estavam fazendo um paralelo entre os atuais acontecimentos brasileiros e o *Star Wars*. Esses alunos dessa turma conseguiram fazer paralelos, comparativos, o que demonstrou que eles compreendem a situação e, da forma deles, são capazes de analisar a informação e emitir opinião. E o professor estava sabendo jogar com isso, mostrando como o *Star Wars* tem relação com a 2ª Guerra e a Guerra Fria, que eles estão estudando. Infere-se que o docente também tem que saber aproveitar os interesses dos alunos para se beneficiar. Um dos alunos reclamou que não entende a matéria por problemas com o Português. Ele acha que o professor utiliza palavras difíceis. Importante destacar que esse aluno era um leitor voraz, e, ainda assim, tem problemas de vocabulário.

Neste dia, na turma observada no último horário, notou-se que alguns alunos estavam tão cansados que dormiam mesmo sobre as carteiras. O professor apenas os deixou assim. Mas com os que estavam acordados precisou chamar a atenção sobre o uso do celular durante as explicações. Nesse momento, um dos alunos, que conhecia o professor há mais anos, inclusive de outra escola, destacou que ele estava “menos rígido”. O professor comentou que já foi mais rígido, no começo da carreira, mas aprendeu com a experiência que isso não surtia tanto resultado. É melhor tentar conversar com os alunos e entrar em um acordo.

A observação nessa escola, apesar de ter se dado no espaço da sala de aula, permitiu que a pesquisadora se aproximasse mais dos alunos, o que se refletiu no bom rendimento das entrevistas. Muitas coisas foram observadas que corroboram as

características dos nativos digitais, como a necessidade de respostas rápidas, ainda que com pouca profundidade, e o uso constante do celular, a fim de manterem-se conectados.

4.1.3 Escola C

Em seu método de ensino, que pressupõe uma mudança na perspectiva de ensino, as aulas expositivas foram substituídas por uma metodologia de roteiros de estudos individuais. Assim as salas de aula tradicionais foram transformadas em salões do conhecimento, onde os alunos de um mesmo ciclo compartilham o espaço e os professores. Dessa forma, a biblioteca, em 2015, também se modificou: o acervo foi disposto nos salões de conhecimento, de acordo com a faixa etária e as disciplinas do conhecimento. Na escola atua uma bibliotecária, que basicamente trabalha no processamento técnico do acervo. O empréstimo e a devolução são feitas pelos próprios usuários. Portanto, durante todo o período que o aluno está na escola, em aula, ele está presente na biblioteca. Foram observados os alunos dos 3º e 4º ciclo. Para fins de melhor compreensão e comparação, eram os alunos que estariam nos anos finais do Fundamental 2 e no Ensino Médio. A pesquisa foi realizada no turno da manhã, com os alunos com idade entre 13 e 18 anos. Diante desse contexto, optou-se por realizar a observação nos salões do conhecimento.

Essa escola é bem distinta das demais. Para além de sua organização em salões do conhecimento, percebe-se uma liberdade maior dos estudantes, a começar pela não existência do uniforme. Dessa forma, pelo vestuário já se percebe as diferentes “tribos” presentes nas turmas. Desde alunos vestidos com calças jeans, camisa e tênis, àqueles de chinelo, boné, shorts e camisetas.

A entrada da pesquisadora no salão não interrompeu nem despertou nenhuma reação nos alunos. Segundo o Coordenador da escola, esses jovens estão habituados a participarem de pesquisas acadêmicas. Os alunos ficam em mesas de até 04 (quatro) alunos, em um salão com aproximadamente 25 mesas. Lembrando que, nos salões ficam todos os alunos de um mesmo ciclo e da área de conhecimento correspondente. Percebeu-se que os salões ambiente de Ciências Naturais e Matemática, e de Ciências Humanas e Sociais e Linguagens são compartilhados pelos alunos dos 3º e 4º ciclos, alterando apenas os dias de aula.

Nesses salões ficam em torno de 05 professores, disponíveis para o atendimento dos alunos: entregam e recebem os roteiros, tiram dúvidas e fazem as correções, que, na maioria das vezes é individualizada.

O primeiro dia de observação mostrou que realmente era um modo bastante distinto de estudar. Nos respectivos salões se encontram os espaços da biblioteca. Então, no salão ambiente de Ciências Naturais e Matemática encontra-se o acervo dessas áreas do conhecimento e correspondente a faixa etária desses alunos. Notou-se nesse salão que a maior parte desse acervo é composto por livros didáticos diversos e por apostilas do material didático adotado pela escola. Assim também se deu no salão ambiente de Ciências Humanas e Sociais e Linguagens, com o detalhe que lá se encontra também o acervo de livros de literatura. Ainda assim, a coleção de livros didáticos e apostilas do material específico da escola ainda se sobressai.

Observou-se que a maioria dos livros que esses alunos buscaram nas estantes eram realmente os didáticos e as apostilas. E na maioria dos casos os que estavam indicados nos roteiros. Como dito, os alunos estudam as disciplinas através de roteiros que abrangem um ou mais tópicos de uma disciplina. Percebeu-se que geralmente o roteiro trazia os objetivos do estudo, alguns possuíam o texto a ser estudado, mas a maioria indicava o livro didático específico ou a apostila, com as páginas e os exercícios a serem feitos.

Os alunos possuem também a sua disposição *l-pads* para usar a plataforma do material adotado pela escola. Ou seja, caso o aluno prefira, ao invés de buscar a apostila impressa, acessar o material *online*.

O período de observação serviu para mostrar vários tipos de situações. Por exemplo, no decorrer dos dias foi ficando claro que, ainda que a proposta da escola, com os roteiros, seja de que os alunos busquem a informação e a transforme em conhecimento, percebeu-se que esses jovens se atinham somente ao que lhes era indicado.

Durante a observação também se notou que as atividades da bibliotecária eram basicamente de processamento técnico do acervo já existente na escola. Notou-se, ainda, que a preocupação maior era com os livros de literatura. A profissional na época (2016) chegou a informar que o acervo de Ciências Naturais e Matemática não estava tratado. A associação entre literatura e biblioteca escolar também aparece forte nas entrevistas com os alunos.

A observação mostrou que o uso dos livros didáticos e apostilas é superior ao de livros de literatura. Contudo, o empréstimo e o uso não são controlados. A priori

os próprios alunos registram o empréstimo e a devolução, mas ficou claro que isso nem sempre ocorre, principalmente com relação aos didáticos. No decorrer dos meses de observação, foi apresentando aos alunos uma ferramenta de auto empréstimo, em um sistema automatizado, mas a plena implantação somente ocorreria após o término do período de observação da pesquisadora. Assim, não é possível determinar se a mudança do sistema de empréstimo e devolução surtiu alguma diferença.

Durante a estada na escola e na interação com os demais profissionais, ouviu-se muitas queixas sobre a pouca atratividade e pouca atualidade do acervo literário da escola. Essas falas corroboram a queixa dos alunos nas entrevistas, que afirmam que o acervo da escola está desatualizado e não os estimula a ler. Mas nesse momento fica a questão, será que a biblioteca se resume a leitura literária?

No decorrer do período de observação notou-se que nem todos os professores pareciam dispostos a cooperar com a pesquisadora. Nesse sentido ficou a dúvida se a falta de colaboração de alguns era por descaso com a pesquisa ou por receio de que algumas questões surgissem. O decorrer das observações levou a acreditar que era uma mistura das duas hipóteses.

Durante o tempo de aula percebe-se que esses alunos estão realmente em processo de formação. Em um dos momentos, acompanhou-se quando um aluno estava pegando o roteiro de atividades com um professor. Naquele momento, o professor registra na agenda do aluno o roteiro entregue, a data da entrega e a data prevista para devolução definitiva. Ou seja, o aluno precisa se organizar e se disciplinar para a realização da tarefa no prazo estabelecido, lembrando que para cada disciplina curricular ele receberá um roteiro diferente e com prazos bastante similares. Os alunos estão realmente em um processo de formação.

Os períodos de observação deixaram uma sensação de frustração ao notar que os alunos somente recorriam ao espaço da biblioteca para a retirada de livros didáticos ou apostilas. Esse sentimento veio acompanhado de uma questão: naquele momento, nos salões ambientes, seria o momento da aula ou o momento da biblioteca? Ou, em qual momento entraria a biblioteca para além dos livros didáticos?

É preciso repensar as funções da biblioteca escolar, não apenas para o bibliotecário, mas, principalmente, para esses jovens usuários. O tempo da escola

está todo preenchido por outras atividades? Há espaço para o uso da biblioteca? E nessa escola, qual seria esse tempo. Pode-se concluir que a escola considera que o simples fato de se sentarem próximos ao acervo os alunos estão utilizando e se beneficiando dos livros, o que não se mostra fato consumado ou atestado, inclusive conforme a própria bibliotecária, que, anteriormente disse que o acervo não é utilizado.

Em um dos dias de observação, a professora de Português fez comentários muito interessantes. Ela comentou sobre esse processo de mudança da biblioteca e citou o pouco interesse dos alunos pelos livros em detrimento do computador. Na ocasião também reclamou do acervo, novamente corroborando o relatado pelos próprios alunos. Durante a conversa mencionou que gostaria de fazer um estágio em uma biblioteca da PBH, rede de ensino que apesar de pública, possui um programa de biblioteca escolar reconhecido por muitos. A fala da professora faz inferir que ela percebe a importância da biblioteca, mas não do bibliotecário. Relatou, ainda, que nessa nova configuração de biblioteca é inculcido nos alunos o senso de coletividade, a importância de cuidar do que é de todos, contudo, o que se notou foi que muito livro sumiu. Destacou também que naquele dia específico o acervo estava até arrumado, mas que tem dias que fica muito bagunçado. Na oportunidade mostrou o caderno de empréstimo que é usado atualmente, onde foi possível notar que haviam cerca de 06 (seis) registros, inclusive para funcionário e professor.

A partir da fala da professora percebe-se a falta de um trabalho colaborativo entre bibliotecário e professor. Nota-se também a relação feita entre biblioteca e leitura literária. Essa relação quase que direta também foi percebida nas entrevistas com os alunos.

Em outro dia da observação, a professora de Português destacou a falta de interesse dos alunos por pesquisar, preferindo respostas prontas do professor. Ela citou também o desconhecimento e despreparo para usar o dicionário, além de nem saberem do que se trata uma enciclopédia. Pode-se imaginar que mais do que um espaço chamado biblioteca, faltam mesmo para esses alunos profissionais bibliotecários atuantes e efetivos. A falta de interesse dos alunos pela pesquisa se relaciona diretamente com as características dos Nativos Digitais, ou seja, o imediatismo para obter as respostas. Os alunos têm dificuldades em usar dicionários e enciclopédias, uma vez que essas obras não estão sendo utilizadas nem pelos

professores nem em atividades desenvolvidas pela biblioteca. O que se notou foi realmente uma falta de entrosamento pedagógico entre bibliotecário e professores e, conseqüentemente, alunos.

O panorama visto é sempre o mesmo: os alunos buscam mais os *lpads* que os livros. O que se vê nas mesas são livros didáticos. Mas claramente os *lpads* são preferidos pelos alunos. Os livros didáticos utilizados geralmente são os indicados pelo roteiro. Como todo Nativo Digital, os alunos veem na tecnologia uma forma mais rápida de encontrar respostas. O uso dos livros didáticos geralmente são os exigidos pelos roteiros, que indicam as páginas onde devem se debruçar, e muitas vezes, os exercícios que devem responder.

Percebeu-se que, além do uso dos materiais pelos alunos se restringirem a quase somente os livros didáticos e apostilas do material adotado, o uso e o empréstimo não possui nenhum tipo de controle. O controle de empréstimo é feito somente para os livros literários, e caso o usuário o faça.

Os livros não possuem um controle rígido de empréstimo e devolução, mas os *lpads* sim. Ao contrário dos livros, os *lpads* possuem empréstimo e devolução controlados, podendo passar a impressão de que a escola valoriza mais os equipamentos que os livros.

Em outro dia de observação, a bibliotecária tornou a mencionar a questão da pouca atualidade e precariedade do acervo. Em data posterior seria feita uma triagem no acervo do salão ambiente de Ciências Humanas e Sociais e Linguagens. A escola determina um valor a ser pago na matrícula para ser revertida em acervo, contudo, o que se infere é que esse investimento não tem sido realizado, como comprovam as falas da bibliotecária, da professora de Português e dos próprios alunos.

Apesar de possuir verba destinada para aquisição de acervo, o mesmo está defasado, como observado pela professora de Português e pelos alunos. A bibliotecária corrobora a situação do acervo e sinaliza que as doações eram todas recebidas e inseridas sem qualquer tipo de critério. Infelizmente, as pessoas acreditam que qualquer livro pode compor o acervo de uma biblioteca, principalmente a escolar. A bibliotecária demonstrou preocupação com a qualidade do material a ser incorporado ao acervo.

Notou-se que uma pessoa, que não a bibliotecária, trabalhava com os livros no ambiente da “biblioteca”, enquanto a profissional da área faz o tratamento técnico em uma sala separada. Novamente se infere que a escola não tem esse contato direto e diário com o profissional da informação, o que pode contribuir para a pouca colaboração entre professor e bibliotecário.

Em um dos dias de observação, a Internet da escola estava instável. Nesse momento os alunos ficaram agitados e alguns saíram com o equipamento até a sala do responsável pelo setor de informática da escola. Ao saberem disso, os professores chamaram a atenção de todos, relatando que a Internet estava realmente instável, que o problema já estava sendo resolvido, mas, principalmente destacando que não é permitido sair com os *lpads* de sala sem autorização expressa. Todos os dias os equipamentos eram emprestados no começo da aula, o empréstimo era registrado e a devolução era feita antes do recreio, também controlada. Depois do recreio o procedimento se repetia. Nota-se, como já dito, a preocupação com o controle de empréstimo dos *lpads*, atitude bem diferente daquelas adotadas com os livros.

Outro dia a professora de Português explicou para um aluno a importância de todos zelarem pelo cuidado com os livros. Naquele momento citou que várias gramáticas e livros didáticos já sumiram. Esse pode ser um indício de que a falta de controle do empréstimo reflete na perda de obras. Contudo, apesar do temor de perda, a preocupação se resume à gramática e aos livros didáticos.

Após vários dias de observação na escola, chegou o primeiro onde foi possível ver uma aluna na estante de Literatura. Ela folheou “Os Ratos” mas pôs de volta e continuou olhando. Em seguida pegou um livro da Clarice Lispector, folheou, devolveu e resolveu mudar de estante. Atravessou o salão, pegou um livro menor, foi para o canto onde tem “as coisas de biblioteca” e registrou, ela própria, o empréstimo no caderno do livro “Carta a meu pai”. A aluna demonstrou que estava realmente escolhendo um livro para ler, não por obrigação. Foi a primeira vez que se observou esse caso, do aluno demonstrar escolher um livro sem ser por obrigação ou indicação expressa do professor.

No decorrer dos meses de observação esse fato não ocorreu novamente, o que levou a inferir que o acervo de livros de literatura é bastante subutilizado pelos alunos. Essa dedução foi reforçada pelas entrevistas.

Em outro dia o professor de Filosofia pediu a palavra e solicitou a compreensão dos alunos porque, devido a algumas questões técnicas, só haviam 06 (seis) *lpads* disponíveis. Segundo ele, por questão de justiça, nenhum foi emprestado e somente seriam quando todos estivessem liberados. Novamente o professor pediu paciência e solicitou que os alunos fizessem as atividades que não demandassem “pesquisa”. Observa-se uma valorização da tecnologia e a apresentação desta como o local da pesquisa. Ao indicar aos alunos que façam as atividades que não demandem pesquisa, uma vez que os *lpads* estão indisponíveis, o professor deixa claro para os alunos que a Internet, a tecnologia que é a fonte de pesquisa. Os livros, nesse caso, foram completamente relegados. Pode-se concluir que o uso dos livros didáticos e apostilas adotadas pela escola somente são utilizados como fonte de exercícios e não para pesquisa de conteúdo.

A bibliotecária gostaria que a pesquisa desvendasse se a opção pela mudança na biblioteca, ou seja, nessa configuração de biblioteca aberta, se essa seria uma solução para atender esses jovens, esses nativos digitais. Contudo, a pesquisa pretendia compreender a relação entre os Nativos Digitais e a biblioteca escolar, independentemente do tipo de biblioteca. A fala deles foi bem esclarecedora, e não pretendia-se avaliar qual tipo de biblioteca era melhor para eles.

A bibliotecária narrou que esteve no antigo espaço que era a biblioteca. Hoje nesse espaço há um tatame para a prática de Aikidô, mas lá ainda tem a sala de vídeo e a de jogos de tabuleiro. Olhando o espaço ela ficou imaginando como era bom e que poderia ter sido melhor aproveitado. A fala da bibliotecária demonstra que o espaço era adequado para a biblioteca, inclusive com a possibilidade de várias atividades. A bibliotecária não chegou a trabalhar nesse modelo de biblioteca. A substituição do espaço da biblioteca pelo tatame de Aikidô pode levar a questionar a importância que a biblioteca tinha para a escola. Pode-se refletir também se a importância dada pelo Diretor era a mesma dos alunos. Pelas entrevistas, os alunos que estudaram nas duas épocas se mostram assustados com as mudanças.

Ainda durante a conversa, a bibliotecária relatou que se questiona se o investimento que seria feito com a aquisição de leitores de código de barras, caixas coletoras, além de um profissional para “repor” os materiais nas prateleiras para propiciar o auto empréstimo será realmente efetivo. A bibliotecária expressa descrença com a autogestão da biblioteca. A fala da bibliotecária vai de encontro

com o que se encontrou no decorrer da pesquisa: o profissional bibliotecário é quem faz a diferença na biblioteca. As ações da Direção da escola faz parecer que a biblioteca é feita apenas de acervo.

A bibliotecária também mencionou a mentalidade dos profissionais da escola, que consideram desnecessário um bibliotecário que atue na escola por 40 horais semanais. Ela relata que em certos momentos os professores chegam ao ponto de debochar de possíveis atividades como a Hora do Conto. Mas, em contradição, no dia anterior, as professoras dos alunos menores contrataram uma contadora de histórias para fazer atividade com os alunos. Nota-se que os professores desconhecem as funções e possibilidades do bibliotecário. A equipe de professores não conhece as funções do bibliotecário escolar, e por isso não confia na atuação do profissional. Assim, a realização de uma atividade como a Hora do Conto deve ser desenvolvida por um profissional contador de histórias e não pelo próprio bibliotecário, que, inclusive, pode ser contador de histórias.

A bibliotecária destacou que acha que mudar fisicamente a biblioteca não alterou a situação de subutilização da BE. Segundo ela, o que faltaria é a atuação do bibliotecário, principalmente em parceria com o professor. A escola imaginou romper as paredes da biblioteca escolar como forma de aproximá-la dos alunos. Romper as paredes da biblioteca escolar é muito mais do que simplesmente fazer o que foi feito. Aproximar alunos e biblioteca não é apenas colocá-los no mesmo espaço físico. Como destacado pela profissional, a atuação do bibliotecário gera impactos muito mais efetivos para os alunos do que apenas estarem no mesmo espaço dos livros.

A proposta da escola é que o aluno seja um sujeito ativo na produção de seu conhecimento. Contudo, será que ler apenas um texto e resumir no caderno, ou responder a algumas questões, é a formação de um sujeito crítico? Um dos papéis da biblioteca escolar é possibilitar o acesso a diferentes textos e formatos sobre uma questão, oferecendo escolhas e opções ao sujeito, será que isso está sendo feito nessa biblioteca dessa escola? A observação desse contexto e desses alunos salientou a importância de um profissional bibliotecário ativo na escola.

4.2 AS ENTREVISTAS

Como descrito anteriormente, as entrevistas foram realizadas após o período de observação nas escolas. Elas transcorreram no ambiente da biblioteca nas escolas A e B. Na escola C foram realizadas em vários espaços da escola, conforme disponibilidade e orientação dos professores. Assim, algumas foram feitas nos próprios salões ambientes, outras na sala de reunião e mais algumas na sala de descanso. Foram realizadas 31 entrevistas no total.

As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado e foram realizadas em tom de uma conversa, a fim de deixar os entrevistados mais a vontade. Essas entrevistas foram gravadas pela pesquisadora e transcritas em seguida. A análise de conteúdo foi realizada a partir das categorias abaixo:

1. DADOS DEMOGRÁFICOS
 - a. IDADE
 - b. SEXO/GÊNERO
 - c. ESCOLARIDADE
2. A BIBLIOTECA ESCOLAR
 - a. MEMÓRIAS AFETIVAS
 - b. USO
 - c. UTILIDADES
 - d. O BIBLIOTECÁRIO
 - i. QUESTÕES POSITIVAS
 - ii. QUESTÕES NEGATIVAS
 - e. O QUE FARIA FREQUENTAR A BCA
 - f. O QUE AFASTA O ALUNO DA BCA
 - g. CONHECIMENTO
 - i. PONTOS POSITIVOS
 - ii. PONTOS NEGATIVOS
3. O MUNDO DA INFORMAÇÃO
 - a. GOSTO PELA PESQUISA
 - i. ONDE BUSCA INFORMAÇÃO
 - b. GOSTO PELO ESTUDO
 - c. TELEVISÃO
 - i. NETFLIX
 - ii. YOUTUBE
 - iii. INTERNET
 - d. CELULAR
 - e. COMPUTADOR OU NOTEBOOK
 - i. COMPUTADOR

- ii. NOTEBOOK
 - iii. USO DOS EQUIPAMENTOS
 - iv. HÁBITOS FAMILIARES
 - v. TABLET
- f. GOSTO PELA LEITURA
 - i. E-BOOK
 - ii. INCENTIVOS
 - iii. HÁBITOS FAMILIARES
 - iv. ACESSO
- g. CURIOSIDADE
 - i. INTERESSES
- 4. A BIBLIOTECA DOS SONHOS
 - a. DESCRIÇÕES FÍSICAS
 - b. ACERVO
 - c. HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO
 - d. PÚBLICA OU FECHADA
 - e. REGRAS
 - f. ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO
 - i. IMPRESCINDÍVEL?
 - g. IMPRESCINDÍVEL
 - h. PROIBIDO
- 5. A BIBLIOTECA DOS SONHOS X REALIDADE
 - a. DESCRIÇÃO FÍSICA DA BIBLIOTECA REAL
 - b. DESCRIÇÃO FÍSICA DA BIBLIOTECA DOS SONHOS
 - c. DESCRIÇÃO PSICOLÓGICA DA BIBLIOTECA REAL
 - d. DESCRIÇÃO PSICOLÓGICA DA BIBLIOTECA DOS SONHOS

Essas categorias guiaram a organização e análise dos dados.

Para a realização das análises de dados as falas dos alunos foram redigidas respeitando a forma de expressar de cada um.

4.2.1 Biografia

A presente categoria pretende mostrar um panorama dos alunos entrevistados para o trabalho. É importante destacar que esses alunos não foram selecionados com base em critérios estatísticos, mas por uma questão de possibilidades para uma análise qualitativa. Todos os 31 entrevistados estudam em escolas de Belo Horizonte, ou seja, uma capital de estado.

O universo é formado por 16 meninas e 15 meninos, no intuito mesmo de um equilíbrio, apesar desse dado ter se mostrado relativamente irrelevante. Mesmo para

os participantes, a questão de gênero não se mostrou fundamental ou determinante de qualquer alteração nas posturas e atitudes. Essa classificação se baseou apenas na aparência biológica dos sujeitos, não representando suas opções sexuais, uma vez que tal dado não era o foco da pesquisa.

Os alunos possuem idades entre 12 e 19 anos, mas a diferença de idade não afetou as suas respostas. Os entrevistados estão divididos nas idades conforme a tabela 1 abaixo:

Tabela 1 - Idade dos entrevistados

Idade	Quantidade
12 anos	02
13 anos	06
14 anos	08
15 anos	05
16 anos	05
17 anos	02
18 anos	02
19 anos	01
TOTAL	31

Fonte: dados da autora.

Quanto à escolaridade dos alunos, o universo pesquisado foi os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Ainda que as escolas utilizem em seus Projetos Políticos Pedagógicos terminologias distintas, os alunos se encontram nos três últimos anos do Ensino Fundamental, a saber, no 7º, 8º e 9º anos, e nos três anos do Ensino Médio.

Como dito anteriormente, uma das escolas possui uma proposta pedagógica bastante distinta, assim, optou-se por não determinar as séries precisas em que os alunos se encontram. Apenas para se ter uma noção dessa escolaridade, optou-se por indicar que 23 alunos se encontram no final do Ensino Fundamental e 08 já no Ensino Médio.

Assim, pode-se sintetizar que são 31 alunos, de 12 a 19 anos, estudantes dos 06 (seis) últimos anos de escolaridade, que já estão completamente inseridos no contexto escolar.

4.2.2 A biblioteca escolar

4.2.2.1 Memórias de biblioteca

Quando o aluno entra na biblioteca ainda criança, levado normalmente pela professora, aquele espaço era uma novidade, um ambiente novo e muitas vezes aconchegante. Essa primeira impressão da biblioteca pelas crianças podem marcar em definitivo a relação do aluno pelo resto da sua vida.

O incentivo do professor é muito importante, principalmente na fase inicial da infância. Algumas atividades descritas pelos alunos são interessantes, como o caso da professora que solicitava que as crianças contassem para os demais a leitura que tinham feito. Essa atividade estimula não apenas a leitura, como a interpretação, a elaboração da informação e sua apresentação. Tem-se também casos de alunos que faziam essa elaboração através de desenhos, o que também estimula a criatividade e a apropriação da história pela criança.

As experiências que os alunos possuem desde o início do uso da biblioteca pode marcar em definitivo a sua jornada. Seja uma experiência positiva ou negativa, isso fica registrado e pode alterar a imagem que o aluno faz do espaço da biblioteca.

É... Eu lembro que uma vez nessa última escola que eu fiquei, a bibliotecária separou os livros, aí eu fui pegar, por último, aí não tinha mais livro, aí ela teve que sair por aí achando um livro pra eu pegar e eu não tive escolha, escolha zero, dessa vez foi a pior de todas (Entrevistado 19).

Ah... Eu fiquei tipo... Eu lembro que eu perguntei pra mulher onde que ficava os livros... Tipo... Pra mim... Aí ela falou, me indicou uma salinha onde ficava só livro de criança... Aí tinha um tanto assim de almofada para gente sentar... Aí eu ficava lá o tempo todo lendo... (Entrevistado 20).

Eu fui é porque é... Era aula de Literatura e a gente tinha que pegar um livro pra poder fazer a aula, cada aluno, porque antes eu nem sei pra que era aquele espaço, e eu lembro que um dos primeiros livros que eu peguei emprestado foi o "Canto de Blu", que... é o meu livro preferido até hoje (Entrevistado 15).

Encontrou-se casos de alunos que foram a biblioteca pela primeira vez levados pela professora, mas também encontrou-se alunos levados por amigos e pela curiosidade, para descobrir o que seria aquele espaço da escola.

[...] A daqui é... Eu acho... Eu tava um pouquinho mais velho com certeza, mas eu não me lembro muito bem como foi... Ah, não! Mentira, eu lembro sim, eu ficava vendo isso aqui e não sabia o que era e fiquei curioso, até que um dia eu vi que tava aberto e aí eu vim aqui ver o quê que era. (Entrevistado 21)

Porque tipo era meio escondido... Era lá no [Colégio anterior]... Aí era meio escondido a biblioteca, eu não sabia... Aí um dia a gente foi no laboratório e eu vi que tinha uma salinha lá que era cheia de livro... Aí depois que eu fui lá na hora do recreio, aí... (Entrevistado 20).

A primeira vez que eu entrei aqui [na biblioteca da escola] foi o [colega] do 8ºB que me trouxe (Entrevistado 16).

Alguns entrevistados possuem como memória afetiva de biblioteca alguma excursão para outra biblioteca, principalmente a Pública, localizada na Praça da Liberdade. A visita a um espaço tão grande, com tamanha diversidade de acervo, marcou muitos dos entrevistados.

Biblioteca escolar, não [tenho um fato marcante], mas a biblioteca pública, que eu fui no [colégio anterior], quando eu era pequena, quando eu cheguei lá e olhei, eu falei: “meu Deus, que tanto de livro!”, “que espaço enorme”. Eu fiquei impressionada com tantos livros que tinha, tanta gente que ia lá pra ler... Eu fiquei impressionada (Entrevistado 06).

Eu acho que foi uma biblioteca pública [minha primeira memória de biblioteca]. Acho que fica lá no centro. Eu fui caminhando com a minha mãe e aí a gente entrou e tinha um tanto de livro assim. Eu acho que foi no centro da cidade (Entrevistado 07).

Dentre as memórias afetivas, encontra-se a biblioteca escolar como espaço de convivência, para passar os recreios e para o descanso. Muitos destacam a sensação de acolhimento que a biblioteca proporciona, quando a equipe (ou a moça da biblioteca) os recebe bem.

Sinceramente não [lembro de um fato marcante na biblioteca]. Às vezes eu só lembro está fazendo trabalho com os meus amigos, na biblioteca do [antigo colégio], mas nenhum fato especial... (Entrevistado 07).

Ah, foi uma coisa engraçada [risos] porque assim, lá eles são muito rígidos em fazer silêncio, tanto é que você não escuta um barulhinho no Colégio, no [colégio anterior] e... Eu já entrei uma vez, eu tava, eu entrei chorando na biblioteca porque eu e a minha amiga a gente tinha discutido e... Por causa de dinheiro que eu tinha esquecido de pegar na cantina, aí eu deixei o dinheiro lá e tava uma fila enorme e eu falei que não ia voltar e a gente teve uma discussão e eu entrei na biblioteca chorando, a moça da biblioteca ela era, ela falava sempre “shiu” pra gente, pra qualquer coisa, aí ela chegou pra mim e ficou perguntando o quê que tinha acontecido, aí eu expliquei... aí a moça, aí a moça virou muito minha amiga (Entrevistado 06).

Alguns alunos possuem memórias negativas de fatos ocorridos na biblioteca escolar, mas isso nem sempre influenciou negativamente seu uso do espaço.

É, uma das primeiras bibliotecas que eu entrei foi a do [colégio anterior]. Eu lembro muito disso que... Tem uma escada de uns quatro degraus para entrar nela, eu tropecei no degrau e eu caí com o queixo e eu levei ponto aqui [mostra o queixo] e eu tive que ir no hospital. (...) Não... [tomou trauma] (Entrevistado 14).

Já [aconteceu algo marcante na biblioteca]! [risos] Lá no [colégio anterior], tipo assim, se você atrasava, a... A... Entregar o livro, você tomava multa

né... Não sei se aqui é assim e tal... E aí tipo assim, eu deixei um ano sem entregar o livro [rindo] e aí a multa foi cento e tantos reais assim... R\$150,00 reais, aí tipo... Eu falei: “gente, como eu vou conseguir?” Eu tinha perdido o livro. Foi assim no primeiro dia do ano, da... Do outro ano... Tipo assim, eles me chamaram na biblioteca e falaram assim: “oh, desde o início do ano passado você tá sem entregar esse livro, aí você vai ter que tomar uma multa”, aí eu falei: “nossa, eu não vou pagar isso”, tipo assim, “Deus eu não vou conseguir esse dinheiro”, porque eu era muito nova... Traumatizou. Nunca mais devo livro (Entrevistado 09).

4.2.2.2 *Uso e utilidade*

Os entrevistados não frequentam sempre a biblioteca da escola. Apenas 07 (sete) dos 31 entrevistados afirmaram que sempre frequentam o espaço. Para tal fato temos diversos motivos. Na escola A, a biblioteca está presente no próprio salão de conhecimento, local onde as aulas acontecem, assim, os alunos não se veem como frequentadores de uma biblioteca. Eles usam o acervo, mas não frequentam o espaço enquanto um local distinto. Dentre esses alunos alguns destacam que quando a biblioteca se constituía como um espaço separado eles a frequentavam mais.

Sim, bastante, eu ia bastante na biblioteca [antes dela se mudar para os salões] (Entrevistado 12).

Outros alunos citaram que frequentavam mais a biblioteca quando eram expulsos de sala, mas, ao não serem mais repreendidos dessa forma, deixaram de usar o lugar. Um dos alunos destacou que gostava da situação:

Ah... achei legal [o professor mandar sair de sala e ficar na biblioteca] tipo, melhor que ficar na sala da coordenadora olhando pra cara dela (Entrevistado 10).

Apenas dois entrevistados disseram que realmente não frequentam a biblioteca. E um aluno assumiu que frequenta, nos dias e horários reservados a sua turma da escola. Mas o faz apenas por obrigação. Chega, escolhe um livro e faz o empréstimo, como a professora manda, mas não o lê quando chega em casa. Na vez seguinte, devolve e escolhe outro livro, mas também não lê. Ele apenas cumpre com o ritual estabelecido.

É [vai uma vez por semana na biblioteca, no horário da turma], só pra... A professora vem mandar pegar e levar... Eu pego, levo, mas não costumo ler não... (Entrevistado 25).

Apenas 07 (sete) alunos descreveram que pegam livros emprestados nas bibliotecas escolares. Outros 04 (quatro) disseram que leem os livros enquanto esperam alguma coisa, seja o fim do recreio, seja o atendimento do professor (no

caso da escola A). Temos ainda um entrevistado que prefere pegar o livro em outra biblioteca. Temos, também, um entrevistado que se frustrou ao procurar um livro específico e não localizar. Assim, esse aluno ficou com a impressão de que é melhor buscar em sua casa ou comprar, ainda que em sebo.

Eu fui pegar um livro na biblioteca e não achei [risos], eu desisti e peguei lá em casa, é... E... Sebo (Entrevistado 24).

O espaço da biblioteca escolar é visto como local para se passar o recreio, seja para ler um livro, fica quieto apenas descansando, ler um livro e até mesmo terminar o para-casa ou alguma atividade inacabada da sala de aula. Esse também é eleito um espaço para o estudo, devido a seu ambiente tranquilo.

Geral? É muito para... Bom é muito pra estudar sabe, quando eu quero estudar eu vou para a biblioteca, porque eu tenho dificuldade para estudar em casa... Porque tem muita coisa que me distrai assim, porque, tipo, eu tenho a sorte de ter uma boa condição financeira, então geralmente quando eu quero um livro, eu posso comprar e ter ele para mim. E eu gosto de anotar também o que eu estudo, então eu não preciso de um livro para ter um conhecimento disso para poder ter o livro (Entrevistado 31).

É... Eu vinha pra biblioteca, ficava sentando numa mesa mais quietinho no meu canto... Sei lá, pegava um livro pra ler [inaudível] (Entrevistado 21).

Oito alunos citaram que usam o espaço para pesquisa e para o desenvolvimento de trabalhos, enquanto 03 (três) citaram apenas espaço para estudar. Um entrevistado citou que usa o espaço também para o grupo de estudo, formado por ele e seus colegas para se prepararem para as provas do CEFET. Um entrevistado citou que usa o espaço para uma aula extraclasse, mas frisou que é só como espaço físico mesmo. Apenas um aluno disse usar o computador disponível para pesquisa. Esses números refletem o pouco uso da biblioteca para pesquisa, seja escolar ou de qualquer outro tipo.

É, a biblioteca eu frequento muito, mas é só de manhã que eu venho estudar com os meus amigos [do grupo de estudo para o Cefet], aí eu frequento (Entrevistado 30).

(...) No [colégio anterior] você ia lá para qualquer coisa, acessar o computador que tinha lá mas com a intenção de pesquisar, fazer trabalho, dever de casa porque tinha muitas mesas lá e era bom porque tinha ar condicionado e não tinha problema (Entrevistado 7).

[silêncio] Só com a aula de robótica mesmo (Entrevistado 23).

Um entrevistado destacou que frequentava mais a biblioteca quando era “obrigado” pela professora, ou que possuía a atividade rotineira de visitar o espaço.

Mas o que é comum a maioria dos entrevistados é a associação entre biblioteca e leitura, assim, os que não gostam de ler, não frequentam o espaço.

Autores, como Perrotti (1999), Almeida Júnior e Bortolin (2009), Silva (2009) destacam a íntima relação entre a biblioteca escolar e a leitura.

Buscou-se compreender quais as utilidades que esses nativos digitais atribuem à biblioteca. Ou seja, qual a função da biblioteca na perspectiva desses alunos.

As respostas dadas reforçam que a associação entre biblioteca e leitura é muito forte. A maioria das respostas gira em torno de ler livros na biblioteca ou pegá-los emprestado para ler em casa.

Basicamente isso [ler] porque eu acho que biblioteca não é um momento de diversão, assim, eu acho que é cada um com o seu [livro] lendo (Entrevistado 11).

Biblioteca é mais para literatura mesmo, mais para ler livros de histórias... (Entrevistado 22).

Ah, eu uso mais... Na verdade eu não uso tanto a biblioteca porque eu sou mais a pessoa que vai lá na [livraria] Leitura e compra o livro, que é... Eu prefiro, do que ter prazo e tal, mas eu uso muito a biblioteca pra pegar livro pra ler, pra trazer depois de uma semana... Etalz, porque eu gosto assim. (Entrevistado 4).

Só pra ler livros mesmo... (Entrevistado 8).

Poucos alunos citam a biblioteca como espaço de pesquisa, sendo que muitos informam que procuraram livros didáticos para a realização dos trabalhos de casa. Poucos alunos citam livros paradidáticos, ou seja, a pesquisa realizada é bastante pontual, para a solução de questões das disciplinas estudadas.

Eu acho que atualmente é mais pra pesquisa né... Tipo... Tem algum livro de pesquisa... Que eu preciso, tem algum conteúdo específico assim, aí eu procuro, mais... Se não é mais na internet mesmo (Entrevistado 9).

Ah... Quando eu vou tipo pesquisar alguma coisa... Tipo... Porque o Google você pesquisa mas você não tem certeza das fontes, daí você chega aqui e pega um livro tipo... De Ciências, um trem assim. Eu já vim aqui pra fazer isso, é... E pesquisar... Mais... E como eu não sou muito de leitura, igual... meus amigos gostam... Não vou... Em... Biblioteca [risos] (Entrevistado 10).

Que na biblioteca do [antigo colégio] eu ia muito lá pra pegar livro e exercícios que também tinham resposta de outros colégios, além dos... Que tinha... É, livros tipo de Matemática, de Português... (Entrevistado 14).

Nota-se um bom número de alunos que citam a biblioteca como local para descanso, socialização, concentração, entretenimento e propício para o estudo, trabalho, para-casa e atividades não concluídas em sala de aula. Ou seja, para além do acervo literário, o espaço em si é bastante valorizado por esses jovens, o que

encontra ressonância na literatura, que mostra que a biblioteca escolar também é espaço de socialização e de acontecimentos culturais.

Quando... Tipo assim, do lado da minha casa tem uma biblioteca da Fafich [na verdade é uma biblioteca da Prefeitura de Belo Horizonte]... Aí quando lá em casa tem muito barulho, tem obra perto, coisa assim, eu vou pra lá pra (Entrevistado 20).

É... Lá no [antigo colégio] era isso, essa que tinha essa função social, assim... E eu pegava mais livro, é... Pra mim, assim, de interesse pessoal (Entrevista 24).

Ah, fica calmo... Aí dá... Calma. (Entrevistado 29)

Ich... Quando eu... Quando, quando eu gosto de me isolar um pouco, pra dar uma relaxada, por exemplo. (Entrevistado 3)

Assim, a biblioteca é ainda vista como o lugar do livro e da leitura, e a pesquisa é mais restrita. Contudo, o espaço também é valorizado e usado pelos alunos para além da leitura e pesquisa.

4.2.2.3 Bibliotecário – Pontos positivos e negativos

No decorrer das entrevistas, apenas 04 (quatro) alunos relataram questões positivas sobre o(a) bibliotecário(a) da escola onde estudou.

Eu lembro que eu ia muito lá [na biblioteca da antiga escola] pra poder desenhar, porque eu sempre fiz isso, aí sentava vários alunos numa mesa e ia todo mundo desenhar... A gente tentava imitar os desenhos dos nossos livros preferidos, e a gente depois entregava pra bibliotecária, e quando tinha feira de cultura ela colocava em exposição! Isso era bem legal pra gente! (Entrevistado 15).

É... Mas era muito bom isso, porque a bibliotecária era amiga de todo mundo assim, então a gente sempre pedia indicação de livro pra ela e acabava o livro eu sempre perguntava pra ela assim... (Entrevistado 24).

Ah, foi uma coisa engraçada [risos] porque assim, lá eles são muito rígidos em fazer silêncio, tanto é que você não escuta um barulhinho no Colégio, no [colégio antigo] e... Eu já entrei uma vez, eu tava, eu entrei chorando na biblioteca porque eu e a minha amiga a gente tinha discutido e... Por causa de dinheiro que eu tinha esquecido de pegar na cantina, aí eu deixei o dinheiro lá e tava uma fila enorme e eu falei que não ia voltar e a gente teve uma discussão e eu entrei na biblioteca chorando, a moça da biblioteca ela era, ela falava sempre "shiu" pra gente, pra qualquer coisa, aí ela chegou pra mim e ficou perguntando o quê que tinha acontecido, aí eu expliquei... aí a moça, aí a moça virou muito minha amiga. (...) Então assim, eu acho que esse dia foi bem especial assim, porque a partir de adiante ela sempre me ajudava, qualquer coisa (Entrevistado 6).

(...) É, eu lembro que quando eu fiz aquele projeto de História da Arte eu descobri umas coisas incríveis assim, e foi coisas de tal país, em tal obra, foi muito bom porque foi o profissional da biblioteca que me ajudou assim (Entrevista 31).

Pode-se perceber que quando o profissional da biblioteca possui uma postura aberta, acolhedora e mediadora, isso marca positivamente a imagem da biblioteca e o uso por parte desses alunos. Ou seja, a atuação do bibliotecário, para além das atividades técnicas é muito importante, o que corrobora as premissas de autores como Campello (2009b), Maroto (2012), Silveira; Vitorino e Santos (2013) .

Se a atuação positiva do bibliotecário marca para sempre um jovem, a atuação negativa, ou alguma atitude não tão apreciada, também deixar uma marca. Não se tratava de uma questão direta, mas as impressões foram coletadas ao longo da conversa.

Geralmente o bibliotecário é aquela pessoa que está segurando livrinho e entra na biblioteca. Não é aquela pessoa que sorri e te cumprimenta, que procura conversar com você. Geralmente aquela pessoa que só tá dentro do mundo da biblioteca no mundo dos livros. (...) Não é uma pessoa que conversa. É porque quando a gente acha uma coisa que não é convidativa ou uma coisa assim estranha, esquisita assim, na visão das pessoas a gente não quer ficar perto, a gente não quer entrar num lugar que é uma pessoa que a gente não acha assim legal, uma pessoa que não tenta se aproximar minimamente da gente, é só aquela pessoa que toma conta. Bibliotecário não tem que ser só aquela pessoa que entende tudo de livros [...]. É, não é entender de gente, mas é falar, tipo assim ser mais sociável, porque tem muita gente que tem que é mais tímido e encontra uma espécie de amigo no livro. Só que esquece que no meio a gente não está sozinho, os livros não são pessoas, tem que se aproximar mais das pessoas, pelo menos um sorrisinho. (...) Às vezes, muitas vezes, bibliotecário de escola muita gente não conhece, não vê. Ou não vê porque fica muito dentro da biblioteca ou não vê porque a pessoa não se socializa, não se faz ver, não se faz ser enxergado (Entrevistado 27).

É, por exemplo, é... Teria que ter uma mulher, ou homem, tanto faz, gente boa assim, legal, não chato que nem tem aqui de vez em quando. Veio uma mulher no começo desse ano, ela era meio chata sabe? (...) meio chata, de saco cheio da vida, tal, ela ficava reclamando é... (Entrevistado 3).

[...] A biblioteca também é muito boa [além da escola], só que eu acho que é assim, as... pessoas que trabalham ali [na biblioteca], eles faltam ter um pouco de paciência com a gente, porque tipo assim , a gente conversou, mas é tipo assim pra discutir sobre as coisas que a gente tá estudando. (...) Não é conversa paralela, e eles conversam tanto, falam também... tipo assim, eles têm que ter... (...)é, compreensão, se eles estão vendo uma coisa ali eles também têm que fazer, tem que fazer por onde né... (Entrevistado 30).

Tinha [biblioteca na outra escola]... mas era uma biblioteca bem... ruim [risos], porque a bibliotecária não era boa. Ela separava os livros que a gente podia ler e os que a gente não podia e deixava numa mesinha, e eu queria ler outros livros e ela não deixava. (...) É... eu lembro que uma vez, nessa última escola que eu fiquei, a bibliotecária separou os livros, aí eu fui pegar, por último, aí não tinha mais livro, aí ela teve que sair por aí achando um livro pra eu pegar e eu não tive escolha, escolha zero. Dessa vez foi a pior de todas (Entrevistado 19).

O que as falas demonstram é a necessidade do bibliotecário se aproximar mais da comunidade escolar, principalmente dos alunos. O atendimento acolhedor, respeitando os jovens é importante. Na cabeça de muitos o perfil do bibliotecário ainda é de uma pessoa sisuda, intimista, tímida e que não é sociável. Essa mudança na postura pode reverter a imagem negativa do profissional, o que afetará diretamente o uso da biblioteca.

4.2.2.4 O que atrai e o que afasta o aluno da biblioteca

Ao serem questionados sobre o que faria que aumentassem a frequência à biblioteca, os alunos apontaram diversos aspectos, desde o tempo até a questão do espaço físico.

Apenas um aluno se disse completamente satisfeito com a biblioteca da forma como a mesma se encontra. A maioria descreveu que o acervo é que o faz frequentar ou não o espaço. Assim, relataram que a existência de livros mais novos, atuais, variados e que sejam do gosto dos jovens é essencial, o que vai de encontro com a literatura da área. Nesse quesito, os quadrinhos também foram indicados como atrativos para a biblioteca.

[silêncio] Mais livros (Entrevistado 16).

[silêncio] Os livros que eu gosto [risos] [teriam que ter na biblioteca da escola] (Entrevistado 19).

[Ter livros] dentro da minha faixa etária e tal... Isso. Porque os livros aqui [na biblioteca da escola] são... Livros ah... Relativamente bem... Antigos assim, não bem, mas... Livros que já passaram sabe? (Entrevistado 09).

[silêncio] O que faria eu frequentar mais? É... Eu acho que, se tivesse mais livros do meu interesse, se tivesse um... Acho que mais livros mesmo (Entrevistado 12).

A quantidade de livros pra ler, a variedade dos títulos (Entrevistado 14).

Eu acho que... Ter livros que me interessam mais e uns livros mais atuais também, porque eu acho que nenhum livro aqui é atual, tipo não tem nenhum livro com tema atual. Se eu fosse procurar o livro "A 5ª Onda" eu não ia achar (Entrevistado 23).

Ah, ter livros do meu interesse, não só os livros que eu preciso para a escola, mas ter livros do meu interesse (Entrevistado 05).

Ah, coisa que chamasse mais a atenção, sabe? Tipo quadrinho (Entrevistado 03).

Os entrevistados demonstram relacionar a biblioteca escolar com a leitura, portanto, se os livros presentes no espaço não os atraem, não os despertam interesse, eles não veem motivos para usá-la. E não basta ter muitos livros, esses devem ser atuais, interessantes e condizentes com a faixa etária dos usuários, o que já era destacado por Almeida Júnior e Bortolin (2009). Percebe-se, ainda, que os alunos entendem que a leitura que a biblioteca proporciona pode ir além do exigido pela escola.

Em contrapartida, outros alunos citaram a importância de um espaço físico com melhores condições, como ventilação e conforto, também indicado nas reflexões de Almeida Júnior e Bertolin (2009), bem como em Silva (2009).

Se ela fosse um lugar físico [já que na escola C a perspectiva de biblioteca foi alterada] (Entrevistado 24).

É... Se não tivesse ah... Tanta... Pouca ventilação (Entrevistado 08).

Olha, eu acho que mais o conforto também (Entrevistado 30).

Os alunos destacam que gostariam que a biblioteca fosse um local mais interessante, diversificado, ainda que a maioria associe o local com o livro. Alguns citam que deveria ter mais elementos atrativos, como jogos, filmes, computadores, enfim, outras possibilidades de entretenimento para além da leitura.

Um jogo, ah... Um filme, sei lá! (Entrevistado 10).

Ah, coisa que chamasse mais a atenção, sabe? Tipo quadrinho, é... Computador, sabe? Tipo pra fazer alguma pesquisa [silêncio] (Entrevistado 03).

Os alunos demandaram um acervo mais adequado e interessante, mas também salientaram a importância da divulgação do que está disponível na biblioteca, bem como o incentivo e a indicação de obras. Sugeriram, ainda, atividades que divulgassem novos livros e novos autores. Nessa perspectiva, destacaram a importância da figura do bibliotecário como uma pessoa acolhedora e capaz de indicar obras do interesse desses sujeitos.

Ter... Sei lá, ter mais livros atuais e que as pessoas já leram pra me indicar, alguém pra falar que já leu esse livro e que gostou (Entrevistado 13).

Ah, podia ter, tipo, como se fosse uma... [silêncio] Tipo uma amostra dos autores com os livros mais famosos do momento, aí podia ter tipo uma prateleira falando, ah esse livro lançou tal ano e tá fazendo sucesso. Livros que assim a gente vai gostar mais sabe (Entrevistado 26).

[silêncio] Se... Se eu conseguisse saber os livros que tem e tivesse algum livro que me interessa, que eu gosto, sabe, que eu me interesso (Entrevistado 29).

Se ela [biblioteca escolar] fosse um ambiente mais convidativo. Se eu tivesse essa pessoa [bibliotecário] que falasse: “você é desse jeito meio alerta assim, você vai gostar de tal tipo de livro e aqui na biblioteca a gente tem tal e tal autor”. “O que você acha de conhecer esse livro?” “Ah, você gosta de ler não, mas esse aqui eu acho que você vai gostar desse livro, o livro da autora tal, e ele é pequenininho sô, você vai gostar de ler”. Apresentar a pessoa, ver aquela pessoa especial, deve gostar de alguma coisa. Se gostar de ler ou não. Se ela não gostar de ler, eu [a bibliotecária] vou fazer a pessoa gostar de ler, de mostrar coisas que poderia encaixar, aí a pessoa [a bibliotecária] mostra se é uma pessoa extrovertida, alegre, dá um livro assim... Não livro assim alegre, mas um livro que instigue a pessoa assim a continuar naquilo, não história triste, um drama, mas aí é um saco, serão coisas mais alegres assim (Entrevistado 27).

Alguns alunos citaram a necessidade de pesquisa como fator motivacional para o uso da biblioteca. Destacaram, ainda, ser um espaço onde se buscaria informações atualizadas e que deveria dispor de jornais.

Mais jornais (...). Mais livros e mais notificações do que realmente acontece... No mundo, porque acontece várias coisas no mundo e tem pessoas que procuram a biblioteca, algumas bibliotecas maiores, só que com isso acaba não conseguindo achar, aí tem que ir em jornal, revista. Eu acho que essa comunicação também seria importante pra mostrar pras pessoas um outro mundo e também a realidade (Entrevistado 18).

[silêncio longo] Ah... [silêncio]. Se precisar né, consultar... Livros... (Entrevistado 17).

Se por um lado alguns acreditam que precisam de mais incentivo para frequentar a biblioteca, outro aluno afirma que deve ser uma obrigação, imposta pela própria escola.

Eu acho que [ter] trabalhos que envolvam leitura de um livro. Eu sou o contra [a plataforma didática adotada] pela aqui na escola, então eu acho que tirar oh oh no [material] e talvez [...]. Tem uma parte que eu acho que tem que obrigar o aluno, que os alunos não vão fazer isso por si mesmo assim, então e se obrigar é meio escola tradicional, [...] eu concordo de ter que pegar uma parte de fontes aqui da biblioteca, talvez até livro didático (Entrevistado 31).

Ah, eu acho que se alguém me chamasse pra vir pra cá, assim... “Ah! Vão ali na biblioteca pegar um livro”, ou “vamos ali na biblioteca fazer alguma coisa assim”... Eu acho que eu voltaria a vir aqui, porque... Assim... É... [...]Um incentivo né... (Entrevistado 06).

Interessante notar que, apesar de ainda jovens, encontra-se alunos que alegam falta de tempo para frequentar a biblioteca.

Ter mais tempo. [...] É, porque eu não tenho muito tempo pra... Pra nada mesmo. Eu acho que o tempo ao invés de aumentar de acordo com [inaudível]... Ele vai diminuindo, porque quando eu era menor, pequena, mais jovem né, eu passava muuuuuta parte do meu tempo brincando, hoje eu não brinco mais e mesmo assim eu tô sem tempo (Entrevistado 15).

Tempo, porque o recreio não tô... O tempo do recreio não está mais dando... (Entrevistado 21).

Os alunos se queixaram dos sistemas de busca e de empréstimo da biblioteca escolar, sugerindo que mudanças poderiam atrair mais usuários.

Se aqui tivesse um sistema de empréstimo de livros um pouco mais avançado assim... Melhor. [...] Porque deixa eu ver, antigamente, eu acho que ainda hoje, o empréstimo é no papel mesmo. Aí a gente vai e anota. Eu acho que seria mais fácil, como tudo na vida está mudando para essa forma, eu acho que seria mais fácil digitar isso sabe. O que é ficar, anotar lá? Não tem ninguém para olhar. Eu acho que seria mais fácil (Entrevistado 22).

[silêncio] Se... Se eu conseguisse saber os livros que tem e tivesse algum livro que me interessa, que eu gosto, sabe, que eu me interesse (Entrevistado 29).

Dois entrevistados deram respostas bem distintas dos demais. O primeiro gostaria que a biblioteca tivesse um espaço exclusivo para o uso do celular. Já o outro acredita que a mudança teria que ser nele próprio, ou seja, ele deveria desapegar do seu hábito de possuir os livros que deseja ler para usufruir das possibilidades da biblioteca.

Ah... Um lugar pra... Pra mexer no celular, eu acho que um canto separado, aí eu acho que eu viria por prazer (Entrevistado 25).

Eu desapegar né, ser... Sou muito apegado a bens materiais, então enquanto eu tiver isso de botar livro na prateleira, na minha prateleira, eu não vou aproveitar bastante (Entrevistado 27).

Estranhamente, ao ser questionado sobre o que o faria frequentar mais a biblioteca o aluno citou a existência de uma próxima a sua casa, ou seja, ele sequer considerou a existência desta na escola.

Ter biblioteca perto da minha casa, não tem nenhuma que eu possa ir a pé (Entrevistado 07).

Assim, percebe-se que a biblioteca escolar precisa atuar de forma mais próxima dos alunos para que o espaço seja mais frequentado. Essa atuação vai tanto no sentido de acolhimento, quanto para apresentar a biblioteca, e dotá-la de acervo compatível com os anseios desses jovens.

Se foi possível encontrar elementos que atraem os alunos para a biblioteca, buscou-se identificar o que, na opinião desses jovens nativos digitais, afasta-os desse espaço.

O que mais foi citado foi a forma como são tratados na biblioteca. Os jovens já haviam indicado anteriormente a importância do acolhimento e aqui novamente deram destaque que atitudes como um controle excessivo do silêncio ou a pouca interação com os alunos, terminam por afastá-los da biblioteca.

[silêncio] Eu acho que o tratamento que você recebe na biblioteca [...] (Entrevistado 16).

Eu acho que... Pegar no pé excessivamente, por exemplo, não pode muita conversa na biblioteca, aí por exemplo, você tá lendo um livro, aí seu amigo tá lendo um livro diferente, aí se tem uma coisa interessante no seu livro você vai conversar com ele, ou uma coisa engraçada, se você vê uma coisa legal... [inaudível] Aí vocês dois começam a rir, porque, a maioria dos adolescentes são assim, aí oh, a pessoa que tá trabalhando na biblioteca começa a pegar no pé de vocês por causa disso (Entrevistado 15).

Aquela questão de não poder escolher o livro que eu quero ler. [...] Que tinha na minha outra escola, que aquilo eu odiava [com ênfase] (Entrevistado 19).

Ah... Não sei. Às vezes julgar o livro que o aluno tá lendo? [...] Julgar quais livros que o aluno quer... [...] Não [julgar o aluno], julgar o livro que o aluno tá lendo (Entrevistado 24).

Ah, ficar toda hora tipo, a pessoa comentar do livro com alguém que tá do lado, aí a pessoa fica "ah, faz silêncio!", fica xingando (Entrevistado 26).

Eu acho que afasta se você começar a proibir, tipo de fazer muita coisa, tipo, vamos supor, proibir de poder fazer as atividades aqui, essas coisas, então... (Entrevistado 29).

Eu acho que tem muito profissional frustrado, porque uma característica da galera de biblioteca é não ser gentil, que eu vi, que eu já vi: "não fala assim", "não toca assim", "não sei o quê". Eu tenho que ter preocupação das regras para seguir, do barulho mesmo e tal, mas eu acho que uma abordagem mais de ajuda mesmo do quê que você precisa, do que a inveja: "eu não quero que você fique no corredor", "então escolhe logo o que você precisa!". É "vamos achar juntos então" seria uma abordagem. [...] Por isso eu acho muito importante ter um profissional que seja realmente a fim de colaborar, então isso é... Eu acho que é isso mesmo (Entrevistado 31).

Ainda que alguns alunos tenham críticas quanto à atuação do bibliotecário (ou daqueles que atuam nesse espaço), outros destacam a importância de se manter um ambiente com um nível de barulho controlado, organizado e limpo.

[...] Os tipos de barulho que... Tem gente que atrapalha, tem gente que, colegas meus que não vem na biblioteca por causa do barulho (Entrevistado 16).

[silêncio] Ah, eu acho que se a biblioteca fosse muito... Fosse muito suja, os livros fossem mal cuidados, essas coisas (Entrevistado 17).

Um livro fora da estante que, tipo minissérie, que não era pra tá naquela minissérie tá em outra, isso também é um pouco de falta de organização [...] É... Também acaba atrapalhando, porque o livro que a pessoa procura, por incrível que pareça, acaba até mesmo desinteressando, por preguiça até mesmo de procurar assim: "ah, não achei, não vou ficar aqui procurando o livro", com isso também acaba atrapalhando (Entrevistado 18).

Ah, os livros fossem muito desorganizado, eu acho, pelo menos eu ia achar muito ruim de pegar livro lá e outra... Eu acho que só isso mesmo (Entrevistado 22).

Acho que quando ela não está organizado. Que o aluno não tem nem paciência de procurar aquilo que ele quer [...]. O aluno já bate o olho, fala: “então deixa” (Entrevistado 07).

É... Muitos alunos atrapalhando aqui... Não usando a biblioteca para ler... Isso me espantaria daqui (Entrevistado 08).

Infelizmente, alguns alunos destacam o pouco gosto pela leitura, tanto dele quanto dos adolescentes, como itens que os afastam da biblioteca. Tanto encontra-se alunos que reclamam do tamanho dos livros, quanto da pouca variedade. Outros alegam que o espaço não possui atrativos. Encontrou-se, ainda, um aluno que informou que desconhece o acervo da biblioteca, o que contribui para o afastamento dos alunos.

[silêncio] Ah, num sei. Tem muita gente que não gosta de ler, aí evita muito a biblioteca, mas acho que só isso (Entrevistado 01).

Adolescente, a maioria não gosta de ler [...]. É... Então o repelente já é a própria mesmo biblioteca né... Porque bastante adolescente não gosta de ler (Entrevistado 12).

[A biblioteca] não ter o que me chama a atenção (Entrevistado 10).

Eu acho que ligar tanto os livros ao estudo porque as pessoas muitas vezes tem um certo preconceito com o estudo, e as pessoas falam “ah, é bom, é tipo um estudo pra você, você aprende muito lendo...” Eu acho que às vezes o estilo poderia ser outro, pro aluno. [...] É... Ou então colocar os alunos para conhecerem os livros que estão ali, porque eu não conheço os livros direito que estão na biblioteca, eu não sei direito o quê que tem aqui... (Entrevistado 13).

É pela pouca variedade de livros e... É... Isso mesmo então, pouca variedade (Entrevistado 14).

Ah... Acho que... O conteúdo dela por exemplo, ter só um tipo específico de livro, por exemplo ter só livro de comédia, não ter variedade (Entrevistado 15).

A biblioteca em si nada demais, eu só acho que as pessoas não estão com muito interesse assim de ir a algum lugar pra pegar um livro, mesma coisa da locadora, depois do Netflix, acabou... Agora tem áudio book, a pessoa não vai querer ficar parada pra ler, tá ouvindo? É. Agora também tem livro digital (Entrevistado 21).

[silêncio] É... Não é só a biblioteca, mas muita gente hoje não gosta de ler. Então, o problema não é só biblioteca e dos livros, então por mais que tivesse livros bons... Não adianta ter livros bons para pessoas que não querem ler esses livros (Entrevistado 23).

Não ter livro de gosto diferente sabe? [...] Assim não ter uma diversidade grande (Entrevistado 03).

Ah, sei lá, os livros são muito grandes, eu acho que assusta né, os alunos que hoje em dia ficam no computador, *tablet*, acho que assusta. Eles

preferem ler livros pequenininhos e tal, livro grande assusta (Entrevistado 30).

Ah, eu acho que seria mais o conteúdo mesmo dela, tipo os livros... Se for uma coisa muito padrão sabe? Tipo, sempre os mesmos assuntos, isso é chato. Podia ter... Igual, eu tô aqui eu tô vendo né... Tem a parte de livros escolares, aí aqui Filosofia... Essas coisas aí pra... Ali são livros infantis... Eu acho que isso é legal de um certo modo por que... Eu já fui em bibliotecas que eram tipo assim, meio padrão, tipo de livro... Livros antigos... (Entrevistado 09).

Um aluno citou que a localização da biblioteca pode contribuir para afastá-la (ou não) dos alunos. Além do fato de que é necessário o incentivo por parte dos professores.

[silêncio] Ah... Eu acho que assim, igual a biblioteca aqui da escola, ela é muito escondida, é... Os professores não incentivam o aluno a vir na biblioteca, a escola em si não incentiva o aluno a vir à biblioteca, mas eu acho que... Pra melhorar isso, eu acho que... Deveria por livros que chamasse a atenção dos alunos e... Darem mais... Incentivar mais os alunos virem aqui (Entrevistado 05).

Das opiniões emitidas pelos entrevistados, um citou que a imagem de biblioteca transmitida pelos filmes influencia em seu não uso. Essa imagem seria de um lugar de austeridade, pouco atrativo e com regras rígidas.

[silêncio] Eu acho que é essa visão que os filmes dá, que todo mundo... Que tem que ficar muito em silêncio e tudo, porque eu acho que, a minha idade, pelo menos o povo da minha idade hoje em dia, não é de ficar muito caladinho e tudo é mais descontraído, então eu acho que é essa visão que os filmes passam que é das bibliotecas é tudo muito silêncio então dá... Muito esse afastamento do povo (Entrevistado 04).

Encontrou-se, ainda, aluno que destacou a associação entre livro e estudo como um fator negativo:

Eu acho que ligar tanto os livros ao estudo porque as pessoas muitas vezes tem um certo preconceito com o estudo, e as pessoas falam "ah, é bom, é tipo um estudo pra você, você aprende muito lendo...". Eu acho que às vezes o estilo poderia ser outro, pro aluno (Entrevistado 13).

Encontrou-se entrevistados que destacaram que a biblioteca pode ficar obsoleta frente às novas tecnologias:

Ah, sei lá, os livros são muito grandes, eu acho que assusta né, os alunos que hoje em dia ficam no computador, *tablet*, acho que assusta, eles preferem ler livros pequenininhos e tal, livro grande assusta (Entrevistado 30).

A biblioteca em si nada demais, eu só acho que as pessoas não estão com muito interesse assim de ir a algum lugar pra pegar um livro, mesma coisa da locadora, depois do Netflix, acabou... Agora tem áudio book a pessoa não vai querer ficar parada pra ler, tá ouvindo? É. Agora também tem livro digital (Entrevistado 21).

Essas falas comprovam um dos aspectos dos nativos digitais, que é a emergência pela informação. Esses jovens necessitam que esta seja rápida em relação ao acesso. Ou seja, ler um texto curto no computador ou no *tablet* é melhor, ou mais próximo à realidade deles, que um livro com muitas páginas.

Ainda que pareça que a biblioteca escolar tem muito a melhorar, dois entrevistados citaram que não, ela é boa da forma como se encontra hoje.

Ah, acho que a biblioteca não tem nada pra afastar o aluno, é um lugar tão tranquilo, é um lugar tão bom pra você... Às vezes você distrair a cabeça por alguns minutos, pegar um livro, às vezes você se distrai assim, qualquer problema seu vai embora. Eu acho que não tem nada que afaste na biblioteca, eu acho que nada que afaste o aluno (Entrevistado 06).

Eu acho que nada, eu que está... Uma biblioteca é um lugar pra ler, eu acho que... Não estão fazendo nada de errado (Entrevistado 25).

Diante do exposto, fica claro que a biblioteca escolar não precisa de uma mudança tão radical em suas características estruturais. A mudança deve começar pelo perfil do profissional atuante nesse setor, de forma a se aproximar dos alunos e criar com eles uma interação. As maiores mudanças devem ocorrer no acervo, que deve atender as demandas de atualidade, interesses e diversidade.

Cabe a biblioteca escolar, e, principalmente ao bibliotecário que atua nela, mudar a imagem do espaço como um local “sagrado”, onde se tem muitas regras e poucas razões para frequentar por prazer.

4.2.2.5 Conhecimento sobre a biblioteca da escola

Foi verificado o grau de conhecimento sobre a biblioteca da escola por parte dos alunos. Dos 31 entrevistados, 07 (sete) afirmaram desconhecer o espaço, enquanto outros 16 afirmaram conhece-lo. Dos que afirmam desconhecer, encontra-se respostas tais como:

Não, eu vim poucas vezes aqui, mas as poucas vezes que eu vim aqui não tinha o livro que eu queria tá aqui pode ter uma gama de livros mas pelo que eu vi não me atraiu [...] (Entrevistado 11).

Não [conhece a biblioteca da escola] (Entrevistado 13).

A maioria dos entrevistados disse conhecer a biblioteca da escola, inclusive muito bem. Inclusive um aluno que afirmou não ser frequentador, mas conhece bem o espaço.

Conheço. [...]É assim... Eu não venho muito mas eu conheço (Entrevistado 17).

Conheço bem! (Entrevistado 19).

Ah, conheço que eu sempre frequentei ela muito né... Eu, desde o 7º eu sempre venho pegar livro toda semana, eu tô aí, agora mais né, desde... Eu acho que abril, toda terça e quinta eu tô aqui (Entrevistado 30).

Conheço. [...] Sim, porque eu frequento ela há muito tempo muito (Entrevistado 18).

Alguns alunos citaram que conhecem, mas não muito bem, a biblioteca da escola. Nesse sentido, alguns consideram um conhecimento relativo de algumas coisas ou mais ou menos de tudo.

Bem não, eu conheço algumas coisas, mas é só o que quis ir atrás, tipo, o que eu tive interesse de olhar (Entrevistado 13).

Conhecer bem eu acho que não... Eu alugava alguns livros o ano passado, mas eu acho que do ano passado para cá ela já mudou bastante, está mudando... (Entrevistado 22).

Mais ou menos (Entrevistado 26).

Conheço mais ou menos, porque a gente não vem muito aqui pra tipo ler sabe? Eu vinha muito aqui quando eu era expulso de sala (Entrevistado 03).

Um entrevistado citou que só foi na biblioteca quando foi apresentado aos ambientes da escola.

[Primeiro ano na escola] Só uma vez pra conhecer. (...) [só veio em fevereiro e voltou pra entrevista em novembro] É... Tipo... É... [silêncio] Eu não sei porque mas eu num... [silêncio] Tipo... Eu nunca vim mais aqui... (Entrevistado 28).

Tem-se ainda o caso dos alunos que conheciam a biblioteca quando ela possuía um espaço físico próprio, mas com a alteração realizada pela Escola A, a situação mudou.

[Hesita] Sim... Antes eu conhecia mais quando era biblioteca mesmo na sala lá embaixo... Hoje eu não tenho tanto convívio com ela. [...] Ela tá pequena, muito menor, eles... Era muitos livros (Entrevistado 12).

Peguei [a biblioteca lá embaixo]. [...] Eu fiquei muito... Tipo... Surpreendida, porque quando eles explicaram pra gente como que seria, eu não entendi absolutamente nada, foi daquelas assembleias em que eles estão falando e a gente fica assim [faz cara de desentendida] “ai... Não ligo...”. [...] [silêncio] Senti [muita diferença], porque... Ah, quando era lá embaixo a mulher fazia as coisas pra gente... Era só escolher: “ah, eu quero esse”, aí ela já anotava lá, já vinha atrás da gente quando tava atrasado, tinha uma multa que tinha que pagar. Aí quando subiu era tão tranquilo, tão... É só pegar aqui e tá tudo bem... Não tem problema ficar com o livro mais tempo... Porque não vai vir a mulher atrás de mim... (Entrevistado 13).

Conclui-se que os alunos sabem em sua maioria da existência e da forma de funcionamento da biblioteca da escola, ainda que não a frequente. Mesmo aqueles

que dizem desconhecer o espaço, alguns não possuem o hábito de frequentar, mas sabem de sua existência. Ainda assim, é bastante preocupante os casos em que os alunos percebem a biblioteca como um espaço de pouco uso, afastado ou mal localizado na escola e que não veem o incentivo por parte da comunidade escolar para seu uso.

4.2.2.6 Pontos positivos e pontos negativos da biblioteca escolar

No roteiro de entrevistas não havia uma questão que solicitasse aos participantes apontarem claramente pontos positivos para a biblioteca escolar, mas, no decorrer das falas, foi possível identificar alguns. Um entrevistado destacou que a mudança da biblioteca escolar na Escola C, que deixou de ter seu espaço físico separado e passou a existir nos salões do conhecimento foi bom por uma questão de proximidade com os livros, o que gerou praticidade para o uso.

[Durante a assembleia para explicar o novo sistema de biblioteca da Escola A] “Estou dormindo em pé, quando que chega a parte interessante?” que eles iam falando, falando, falando e a gente tava... E no final vinha as perguntas e no final a gente nem lembrava mais onde que a gente tava... Mas aí quando chegou lá em cima, aqueles livros lá eu fiquei “meu Deus, é aqui que eu vou estudar? Eu vou ter livros ao redor de mim? Eu vou poder levantar e ir ali pegar um livro sem precisar ir lá embaixo? E passar pela fila, esperar ela anotar, achar o livro...” (...) Bem mais prático (Entrevistado 13).

Outro entrevistado destacou que essa mudança também favoreceu quanto ao sistema de empréstimo dos livros. Se antes o controle de empréstimo e devolução era feito pela bibliotecária, agora o mesmo ocorria manualmente pelo próprio usuário.

Ah eu acho [que o sistema de empréstimo melhorou]. [...] Eu acho na verdade eu acho que o pessoal sempre foi responsável, mas eu acho que o que mudou mesmo foi o sistema de anotação de quem pegou tal livro (Entrevistado 22).

Tem-se um aluno que destacou que a biblioteca de sua escola era adequada para a mesma, tanto em questões de tamanho físico quanto de acervo.

É... Dividido por tema... Tem cadeiras, lugar pra ficar e parece... Que as pessoas que querem ler livros, pegar livro, essas coisas... É... [silêncio] Eu acho que o espaço da biblioteca atende bastante, tipo... A escola e tal... A quantidade de livros... [...] Eu acho que é adequado pro tamanho da escola... E pro número de alunos... (Entrevistado 28).

Encontrou-se ainda quem destacasse o ambiente da biblioteca escolar como propício para o descanso da mente.

[...] Às vezes você distrair a cabeça por alguns minutos, pegar um livro, às vezes você se distrai assim, qualquer problema seu vai embora (Entrevistado 06).

Assim como com os pontos positivos, não havia uma questão direta sobre o assunto. As opiniões apareceram no intercurso da entrevista. Assim, surgiram queixas sobre a mudança da biblioteca na Escola C, onde o acervo passou a se localizar nos salões do conhecimento. Além disso, no decorrer do ano de 2016, aconteceu também uma reorganização do acervo. Os alunos queixaram-se da mudança, pois passaram a ter dificuldades em localizar as obras e a falta de ajuda por parte da bibliotecária (que não fica naquele espaço). Reclamaram ainda que a forma de se realizar o empréstimo e a liberdade do acervo favoreceu para a perda de obras.

Eles reorganizaram, eu fui achar um livro lá e eu não consegui... [...] Pois é... Enfim, eu sabia onde estavam os livros dele [um autor específico] antes, mas não sei mais, aí... Eu pedi pra moça, a bibliotecária, um help, ela falou que ia procurar, mas aí, ainda tem que resolver... [...] Por mais que seja uma ideia autônoma do controle dos livros aqui, não funciona muito, sabe... Eu acho que muito livro é perdido... Ou às vezes mesmo de levar pra casa e esquecer sabe... E quando você tem uma bibliotecária, tem um controle das coisas (Entrevistado 24).

Sumiu bastante livro da escola depois que a biblioteca foi para o salão, some os livros interessantes (Entrevistado 12).

Outros entrevistados criticaram o acervo da biblioteca, muitas vezes composto por um número maior de livros didáticos que de literatura. Em outro caso nota-se uma ausência de obras que pudessem contribuir para que os jovens conheçam sobre suas futuras carreiras.

É, mas é bem assim de [livro] didático mais que os [livros de] literatura hoje. Literatura eu peguei um pouco disso parece que tem pouco né (Entrevistado 31).

Não [frequenta muito a biblioteca]. Eu vim poucas vezes aqui, mas as poucas vezes que eu vim aqui não tinha o livro que eu queria. Tá, aqui pode ter uma gama de livros, mas pelo que eu vi, não me atraiu. Eu acho que seria bom também se tivesse algo direcionado, por exemplo, eu quero fazer Medicina. Por que não trazer alguns livros direcionados? Assim, que vai te esclarecer algumas dúvidas. Porque não ia ser legal? (Entrevistado 11).

Um entrevistado reclamou do tamanho da biblioteca, que foi descrita como pequena:

[silêncio] Biblioteca, é pequena... (Entrevistado 20).

Ainda dentro da questão de infraestrutura, apareceram queixas sobre o mobiliário inadequado, a falta de um espaço reservado à leitura individual e melhores condições, como ventilação.

E aqui [na biblioteca da escola] é péssimo. Olha essa cadeira aqui, olha, não dá para você encostar. A mesa, uma vez quando eu vim aqui tá balançando assim. [...] Me desanimou totalmente, porque aqui seria um bom ambiente né, sei lá, se tivesse uma salinha que pudesse entrar, um espaço que é vazio (Entrevistado 11).

Eu acho que o espaço disponível, assim, para você ler, é muito pouco, e as cadeiras são meio antigas, não tem aquele conforto. O ventilador faz barulho pra caramba... desculpa o palavreado [...]. Faz muito... Faz muito barulho. Acaba distraindo você né... Você não consegue prestar atenção no que está lendo. E os ventiladores, as janelas assim são muito pequenas. Quando tá muito calor, igual esses dias pra trás aí, tive que ligar o ventilador. Só que o ventilador tava atrapalhando porque... Ele faz muito barulho. [...] É, a gente prefere até abrir a janela pra tentar... Dar uma resfriada assim... E deixar o ventilador desligado (Entrevistado 30).

Assim, pode-se perceber que a biblioteca deveria ser um local agradável, com mobiliário e condições apazíveis para o estudo e a leitura. O acervo deve ser variado, tanto com obras paradidáticas quanto de literatura, além de estar de forma organizada. Essa organização do acervo deve ser de domínio dos usuários e, preferencialmente, o bibliotecário deve estar disponível para assessorá-los em suas buscas. Também o sistema de empréstimo e devolução deve ser claro e controlado, evitando, como reclamado, as perdas de obras.

4.2.2.7 Biblioteca atual X Biblioteca anterior

Dos 31 entrevistados, apenas 01 (um) sempre estudou na mesma escola. Os demais tinham outras experiências escolares, e, dessa forma, experiências com outras bibliotecas escolares. Assim, foi proposto a eles compararem essas bibliotecas, nos aspectos que eles definissem como importantes.

Apenas 02 (dois) entrevistados estudaram anteriormente em escolas que não tinham bibliotecas.

Não [tinha biblioteca na outra escola] (Entrevistado 18).

Não [tinha biblioteca]. [...] Era uma escola bem pequena (Entrevistado 26).

Também apenas 02 (dois) entrevistados acharam que as bibliotecas da escola onde estudavam e da atual eram parecidas. Outro entrevistado citou que a organização das bibliotecas é semelhante, seguindo um mesmo padrão.

São [parecidas as bibliotecas das duas escolas] (Entrevistado 15).

Olha, eu acho que até que não [são diferentes as bibliotecas]... A quantidade assim de livros acho que são... [...] Parecidos... (Entrevistado 30).

[silêncio] Ah, a biblioteca da minha antiga escola era maior, mas a escola também era maior... Mas eu acho que, tipo... A organização... Segue mais ou menos o mesmo padrão, sabe? Então eu acho que... [silêncio] Eu acho que... Tipo... É mais ou menos do mesmo jeito... Sabe, eu acho que... É... Tipo... Isso que precisa mesmo... Tipo... Eu acho que tá adequado ao... Ao... (...) [Ao tamanho?] É... Ao tamanho da escola... Isso (Entrevistado 28).

A maior diferença apontada é quanto ao tamanho da biblioteca em relação ao espaço físico. Nesse quesito, 14 entrevistados citaram claramente que a biblioteca da escola onde estudavam era maior que a da escola atual.

Tipo, lá tinha... Lá era enorme, tipo... Não que ela era enorme, tipo... Tinha uma variedade muito maior... É... Se você pegar essas prateleiras aqui e juntar, e fazer a sala toda, tem mais sabe? (Entrevistado 10).

Tem mais diferenças [que semelhanças]. A biblioteca do [colégio anterior] era enorme, muito grande só [inaudível] (Entrevistado 12).

Lembro [da primeira vez que entrou na biblioteca onde estuda]. Achei ela muito pequena, tinha muito pouca coisa. Que no [colégio anterior], porque a biblioteca do [colégio anterior], ela era tipo maior e tinha estantes pelos meios, essa só tinha estante nos... Você chegou a conhecer [a biblioteca antes de mudar para o salão do conhecimento]? (Entrevistado 13).

Tinha [biblioteca na outra escola]. A biblioteca é bem melhor que aqui. Acho que é duas vezes o espaço dessa [biblioteca daqui] (Entrevistado 15).

Tem [muita diferença entre as bibliotecas]. A de lá [da outra escola] era muito maior né... Do que aqui [na escola onde estuda]. Como a escola é maior, tem mais alunos, tinha computador... Essas coisas (Entrevistado 17).

Principalmente lá [na outra escola] a biblioteca tinha dois andares né... [risos] (Entrevistado 20).

A de lá [da outra escola] era maior (Entrevistado 21).

Todos os alunos [frequentavam]. Era um espaço muito bom, uma biblioteca grande, é... (Entrevistado 24).

Um entrevistado deixou claro que sente falta da biblioteca da escola anterior:

Tinha [biblioteca na outra escola] e a biblioteca do [colégio anterior] é excepcional. [...] [sente falta da biblioteca do antigo colégio] sim (Entrevistado 11).

Alguns alunos citam questões de infraestrutura como diferenciais. Assim, algumas bibliotecas de outras escolas eram climatizadas, possuíam sala de estudo individual, possuíam setores claramente separados, os ambientes de estudo eram, segundo eles, mais propícios. Algumas bibliotecas também possuíam computadores para consulta, o que nas escolas atuais eles não encontraram.

É no [colégio anterior] que eu realmente achei assim muito legal, um ambiente climatizado tudo. [...] Excepcional e tem até um lugar reservado se você quer estudar realmente, as aulas são fechadas, pode pegar uma chave para você ter trancar lá dentro (Entrevistado 11).

É... Fica depois das quadras, é... Bem longe das salas de aula. É muito grande, tem... Tem a seção infantil e a seção dos alunos do fundamental 2 pra cima, então tem muita diferença (Entrevistado 14).

Ah... Acho que pelos livros mesmo, por causa que lá era quieto, eu gosto de lugares quietos... (Entrevistado 20).

Ah... Lá [na outra escola] tinha tipo ar-condicionado. Ah, lá era mais eficiente, tinha as coisas mais detalhadas pra achar... Tinha computador, vários computadores [para consulta] (Entrevistado 25).

Lá é... Sabe, bem, bem mais silencioso e limpo. Porque fica bem mais afastada do resto da escola e eu acho que com mais estantes, esse negócio (Entrevistado 29).

É muito mais, muito mais, porque tinha umas cabines e, é... Lá muitas pessoas para estudar até a matéria. Como lá [na outra escola] é muito puxado, cria uma cumplicidade entre os alunos, e aí os alunos estudam juntos. E aí tinha mesa com várias pessoas e tinha mesa separada. E aí lá é assim, você entra tem várias mesas, tem o balcão com a moça, você desce e lá embaixo tem vários livros assim (Entrevistado 31).

Tinha [biblioteca na outra escola]. Era uma biblioteca muito [ênfase] grande e tinha vários espaços, vários cantinhos pra você ler... Você ficava lendo e ninguém te atrapalhava. Era bastante grande e eu sempre ia. Era o lugar que eu mais frequentava era a biblioteca no [colégio anterior] (Entrevistado 06).

[...] no [colégio anterior] você ia lá para qualquer coisa, acessar o computador que tinha lá, mas com a intenção de pesquisar, fazer trabalho, dever de casa, porque tinha muitas mesas lá e era bom porque tinha ar condicionado e não tinha problema (Entrevistado 07).

Percebe-se que em algumas escolas o uso da biblioteca era sistematizado, o que contribuía para a frequência dos alunos no espaço. Assim, citaram aulas de Português e de Literatura, além de visitas semanais estabelecidas pela escola como diferenciais.

É... frequentava. Tipo, tinha as aulas lá de Português, a gente [ia] pra lá, aí eu e meus amigos iam pra lá, de lá né, pra ficar vendo livro de Guinness Book, pra ficar vendo os recordes (Entrevistado 10).

Tipo assim, lá a gente tinha uma aula de leitura toda semana, é... Tipo assim, a gente tirava um dia da semana pra ir na biblioteca, mas não o dia todo sabe? (Entrevistado 03).

Lá [na outra escola] tinha... Tinha, tinha sim biblioteca, só que eu não lembro muito bem como era o sistema de pegar livro emprestado... Eu acho que quando era todo mundo da sala de aula ia para a biblioteca de uma vez... Escolhia um livro para pegar todo mundo de uma vez, uma vez por semana e aí a gente pegava [livro emprestado] (Entrevistado 22).

Toda semana a gente tava lá [na biblioteca], então era uma coisa lá e tal. Então era uma coisa mais frequente ainda, só que... É, era mais sistematizado, não era tanto por conta própria que eu ia [...] Então... a gente fazia assim tipo toda semana a gente fazia trabalho na biblioteca... (Entrevistado 09).

Percebeu-se que uma parcela considerável de entrevistados sinalizou que frequentava mais a biblioteca da escola anterior. Dentre eles, chama a atenção alunos que sofriam *bullying* e tinha no espaço da biblioteca escolar uma espécie de refúgio.

[Frequentava] Bastante. [...] Quando eu estava na outra escola, eu saí de lá, com 9 anos, eu lia de 40 a 50 livros por ano (Entrevistado 12).

[Usava a biblioteca] Muito (Entrevistado 13).

[Frequentava] Todos os dias. [...] Porque lá eu não tinha amigos, eu vim pra cá, eu fiz amigos. [...] Todos os dias, porque como eu sofria muito *bullying*, lá era o melhor lugar pra mim (Entrevistado 15).

[Frequentava] Muito. [...] Pra fazer trabalho... (Entrevistado 17).

Aqui pouco, mas no outro colégio que eu estudei, eu praticamente vivia na biblioteca... [risos] (Entrevistado 20).

Tinha sim [biblioteca na outra escola]. Eu usava muito, muito, muito, muito. É porque a biblioteca também é espaço de estudo e aí véspera de prova a biblioteca até que fica lotada, cheia de gente, todo mundo... Tem gente que falta, todo mundo pega livro para estudar. Era muito usado mesmo (Entrevistado 31).

Em contrapartida, 04 (quatro) entrevistados disseram que não frequentavam mais a biblioteca da antiga escolar do que agora frequentam a biblioteca escolar.

É... não muito, porque a quantidade de deveres que eles passavam e que os professores pediam pra gente, e os livros que os professores pediam pra gente ler pra fazer atividade avaliada ou prova, era muito grande, então não tinha muito tempo pra ir na biblioteca, escolher um livro pra eu ler que eu queria ler, então [inaudível] muito, mas [o que] eu podia ler, eu lia (Entrevistado 14).

Ah, é, frequentava pouco, porque [risos] eu não tinha, é... Eu não gostava muito de ler na época, aí eu não frequentava bastante, eu frequentava mais às vezes pra pegar um livro que a professora pediu (Entrevistado 23).

Não [usava mais lá] (Entrevistado 29).

Ah, lá eu não frequentava tanto. Eu comecei a ter interesse por leitura mais agora, então antes eu só ia quando a professora mandava, que era muito raramente, aí tinha vez que eu nem ia... (Entrevistado 30).

Os alunos citam também que as outras bibliotecas apresentavam mais uma função social na escola. Era também um espaço de socialização dos colegas.

É... Frequentava. (...) Aí eu e meus amigos iam pra lá, de lá né, pra ficar vendo livro de Guinness Book, pra ficar vendo os recordes (Entrevistado 10).

É... Lá no [colégio anterior] era isso, essa que tinha essa função social, assim... E eu pegava mais livro, é... Pra mim, assim, de interesse pessoal (Entrevistado 24).

Ah, a gente a maioria das vezes vinha de turminha. Ah, a gente pegava, escolhia um livro, lia esse livro e depois ia embora (Entrevistado 25).

Encontrou-se alunos que destacaram que a escola anterior possuía um acervo mais diversificado, além de ser mais organizada.

Tipo, lá tinha... Lá era enorme, tipo... Não que ela era enorme, tipo... Tinha uma variedade muito maior... É... Se você pegar essas prateleiras aqui e juntar e fazer a sala toda, tem mais sabe? (Entrevistado 10).

Eu acho que a daqui, ela tem pouca variedade de livros, que, assim, aqui tem bastante livro, mas se você for olhar não tem alguns que vão me interessar muito e com as pessoas que eu já conversei sobre a biblioteca também não interessa muitos temas. Lá tem temas diversos e a biblioteca é um pouco maior, tem mais livros etc., essas coisas (Entrevistado 23).

Era grande, tinha muita variedade de livros, tanto didáticos quanto... pra gente ler (Entrevistado 05).

Lá tem um controle muito maior, tipo, para você pegar um livro você tem que botar a digital, aí aparece o seu cadastro. E se você não devolver em uma semana, chega um bilhete na sua sala te cobrando R\$ 2,00 eu acho, tem uma multa, que eu concordo plenamente, se não deixa solto e a biblioteca lá é bem maior (Entrevistado 07).

Apesar do grande número de respostas colocando a biblioteca da escola anterior como melhor, apareceram também aspectos onde a biblioteca escolar atual se sobressai à anterior. Um desses aspectos apontados foi a limitação imposta pela bibliotecária na hora dos alunos escolherem um livro para ler.

Tinha... Mas era uma biblioteca bem... Ruim [risos]. Porque a bibliotecária não era boa, ela separava os livros que a gente podia ler e os que a gente não podia, e deixava numa mesinha, e eu queria ler outros livros e ela não deixava. [...] Tinha limitação. [...] Que a daqui é muito melhor, não porque tem mais livros, porque a outra tinha mais livros, mais porque tem mais disponibilidade dos livros para eu conseguir estudar e ler... (Entrevistado 19).

Outro aluno apontou que a biblioteca escolar atual possui mais livros que a anterior.

Tinha menos livros, ela era menor... (Entrevistado 08).

Como já descrito anteriormente, a Escola C promoveu uma mudança em sua configuração de biblioteca. O acervo foi levado e instalado nos salões de conhecimento, numa premissa de romper as paredes do ensino. Dentro dessas mudanças, encontrou-se alunos que acharam a mudança melhor e outros nem tanto. Um entrevistado disse preferir o que ele chamou de biblioteca tradicional, com espaço físico próprio. Essa preferência vem de encontro com a sua visão de biblioteca como local de socialização também. Outro apontou que essa proximidade entre os livros e a sala de aula favoreceu e se mostrou cômoda para os alunos, que não precisam se deslocar para pegar um livro.

[...] Agora [com a biblioteca nos salões] é difícil encontrar as coisas. Você tá precisando de um livro, ele tá em outro lugar... Bem mais complicado, não

tem... Antes a gente tinha gente pra ficar controlando a organização dos livros, agora não tem, então mudou bastante (Entrevistado 12).

Tinha uma biblioteca... Tradicional. Eu achava bem melhor. [...] Primeiro ter o espaço biblioteca né... Você tem aquele espaço pra você ir, que não, que não é o mesmo lugar assim... E aí é outro... Todo lugar das pessoas procurando livros e lendo... Aquele ambiente silencioso e destinado pra isso mesmo, sabe? Faz muita diferença... (Entrevistado 24).

[...] É um bom ambiente para estudar, é... E uma boa coisa aqui é que já está no salão, então você não precisa tomar o trabalho de sair e descer escada, e atravessar a escola inteira. Então já está pertinho de você, não tem porque você não pegar o livro (Entrevistado 07).

Assim, pressupõe-se que o espaço físico da biblioteca é valorizado pelos alunos, como local de descanso, de estudo, de leitura e também de socialização. O acervo diversificado também se mostrou importante, bem como a infraestrutura do espaço, tanto em questões de dimensões físicas quanto em questão de mobiliário adequado. Outro ponto que se mostrou importante foi o incentivo do uso da biblioteca por parte da escola, seja levando os alunos para estudarem no local, seja solicitando leituras e pesquisas.

4.2.3 O mundo da informação

Para compreender mais sobre os nativos digitais, um bloco de questões era sobre a relação entre esses alunos e o mundo da informação, em vários aspectos e suportes. A seguir serão apresentados alguns resultados considerados importantes para se traçar um perfil desses jovens.

4.2.3.1 Gosto pela Pesquisa

Foi questionado aos entrevistados se eles gostavam de pesquisar, ou se somente o faziam por exigência da escola. A maioria disse gostar de pesquisar e que faz também para além do exigido pela escola.

Gosto de fazer pesquisa. Às vezes eu tô em casa sem fazer nada, eu: "Ah! Bacana esse assunto, fiquei curiosa sobre essa tal coisa, vamos pesquisar", aí eu anoto as coisas. Tenho até um caderninho pra isso (Entrevistado 12).
Eu gosto de fazer pesquisa (Entrevistado 14).

Eu gosto de fazer pesquisa, ainda mais de alguns livros que eu procuro. Aí eu procuro algumas dicas interessantes (Entrevistado 16).

Alguns alunos gostam de fazer pesquisa, dependendo do tema, ou seja, pesquisam com gosto somente aquilo que lhes interessa.

É... Depende... Porque tem algumas coisas que eu gosto de pesquisar... Mas a maioria que eu faço é pra escola... (Entrevistado 01).

Hum... Depende... Os assuntos que trata na escola eu pesquiso pra escola, mas às vezes eu gosto de entrar no Google, ficar pesquisando, entrando em sites... Olhando tipo algum tema... (Entrevistado 13).

Depende do assunto eu pesquiso bastante... (Entrevistado 20).

Tem-se alunos que dizem gostar mais ou menos de pesquisar.

Ah, de vez em quando eu faço umas pesquisas idiotas, mas faço (Entrevistado 25).

Algumas vezes sim [gosta de fazer pesquisa], principalmente pra política (Entrevistado 03).

Outros alunos assumem que só fazem a pesquisa quando a escola solicita, sendo que alguns afirmam que não gostam da tarefa.

[silêncio] Não [gosto de fazer pesquisa]... Eu só faço pesquisa a maior parte quando a escola exige, mas quando tipo... Ah, eu fico sabendo de uma notícia ou alguma coisa assim, eu deixo pra procurar (Entrevistado 10).

Eu não [gosta de fazer pesquisa]... (Entrevistado 17).

Eu pesquiso mais só o que a escola manda (Entrevistado 18).

Ah... Eu... É muito raro eu pesquisar alguma coisa assim fora o que a escola pede. Pesquiso mais o que a escola pede, os professores pedem, eu pesquiso assim (Entrevistado 30).

Não [gosta] [muitos risos] [...] Só [pesquisa] pra escola (Entrevistado 05).

Alguns alunos dizem gostar de fazer pesquisa, mas não têm feito. Chegam a alegar a falta de tempo e outros não entendem porque não pesquisam mais.

Gosto, muito. [...] Ah... Eu acho que assim... Ah... Eu acho que ainda tenho uma curiosidade, assim... Acho que é da escola mesmo, sabe... De querer saber o porquê das coisas... Só que eu acho que agora a gente tem tão pouco tempo, tá tão preocupado em formar, que eu não me sinto, eu não sinto que vai valer a pena estudar o que eu deveria estar estudando (Entrevistado 24).

Eu gosto... Mas eu não faço... Muito. Tipo assim, às vezes eu fico pensando: "nossa! Eu tenho que pesquisar sobre isso porque é um assunto que me interessa", tipo, fora da escola sabe? [...] Mas... Às vezes, assim... Tipo, eu gosto de fazer, mas não tenho feito muito ultimamente (Entrevistado 09).

Um entrevistado destacou que gosta de fazer pesquisa em grupo, pois ele acredita que assim é mais proveitoso para todos.

Gosto, principalmente em grupo [risos]. [...] Porque eu acho que rende mais [trabalho em grupo], aí cada um tem uma opinião, aí você descobre mais coisas assim... Uma coisa que a gente não sabia, aí fica sabendo. Então eu acho que, a gente consegue entender mais o que tem que fazer (Entrevistado 06).

A maioria dos alunos gosta de fazer pesquisas, apesar de não terem o hábito de fazê-lo sempre. Os alunos em alguns casos não imaginam que a pesquisa pode ser uma forma de acessar informações diversas e não apenas as escolares. Eles não consideram a busca por quaisquer informações como forma de agregar conhecimento.

4.2.3.2 *Curiosidades e interesses*

No afã de compreender mais sobre esses jovens, eles foram questionados sobre serem curiosos. A maioria (27) respondeu ser curioso, dois disseram que depende, um se disse mais ou menos curioso e um relatou que era curioso, mas deixou de ser. Nem todos quantificaram sua curiosidade, mas 08 (oito) entrevistados se disseram muito curiosos, enquanto 06 (seis) se classificaram como bastante curiosos. Um entrevistado se disse curioso, mas não pergunta o que tem curiosidade.

Hum... Hum... [no sentido de afirmação] Gosto muito de saber as coisas (Entrevistado 11).

Sim [é curioso], bastante [risos] (Entrevistado 12).

Eu sou bastante curiosa (Entrevistado 15).

Isso [ser curioso] é uma coisa que eu sei com certeza que eu sou (Entrevistado 21).

[silêncio] Hum... Acho que eu era bem curiosa. [...] Não... Não... [está mais curiosa] (Entrevistado 24).

Acho, eu me acho curiosa mas eu não pergunto, sabe, eu guardo as perguntas comigo, eu fico, eu penso em muita coisa, só que eu não pergunto muito, sabe (Entrevistado 23).

Aos serem questionados sobre seus interesses, ou sobre quais questões despertam suas curiosidades, muitos entrevistados não sabiam bem o que responder. Assim, alguns responderam sobre situações que lhes trazem curiosidade e um entrevistado chegou a dizer que é realmente a vida alheia.

Nossa... [silêncio] Ai... Eu acho que é quando um pessoa fala que tem uma coisa pra me contar, aí ela fala "nossa, depois eu te conto"... [risos] (Entrevistado 17).

Como, como seria se os super heróis fosse de verdade... [...] Se eles conseguiriam ter super poderes ou não, eu gosto de ver isso (Entrevistado 19).

Ah, saber das cosas mais, tipo, eu vi uma pessoa ali eu vou conversar com ela, ham! Eu me acho uma pessoa muito curiosa. [...] E, conhecer [mais as pessoas], saber o que ela é, eu acho muito bom (Entrevistado 25).

Coisas que envolvem mistério, tipo, você fala metade de uma coisa e te deixa curiosa pra saber o resto... essas coisas (Entrevistado 26).

Ah, quando a pessoa fala: “deixa eu te falar uma coisa”, aí depois desiste, aí eu fico muito curiosa, porque... É... Tipo... A gente fica muito revoltada, muito revoltada também quando as pessoas ficam falando perto de mim umas coisinhas assim... Segredinho... E eu não posso saber, eu sou uma pessoa curiosa (Entrevistado 04).

[breve silêncio] Ah... Eu acho que... A vida dos outros! [risos]. [...] [silêncio] Ah... Eu amo, tipo assim, quando tem alguma coisa polêmica... Tipo assim, qualquer assunto mesmo polêmico que esteja aí eu fico super curiosa... Pra saber, tipo assim nos mínimos detalhes e tal... (Entrevistado 09).

Fora essa curiosidade e interesse geral sobre os outros, vários temas foram citados como sendo de interesse dos jovens. Um grande número de entrevistados citou questões como política, atualidades, história, cultura geral, questões ligadas a gênero, à raça, sociais. Lembrando sempre que um mesmo entrevistado pode indicar mais de um interesse.

[silêncio] Bem... Eu me interesso bastante pelo assunto de igualdade de gênero, bastante, política eu tô tentando tá difícil, mas... Doendo um pouquinho a cada dia, tenho ainda um pouco ainda dessa resistência à política, mas igual igualdade racial, igualdade de gênero são assuntos que... (Entrevistado 12).

É... Ciências Biológicas, é... A Matemática, é... Cultura Geral (Entrevistado 14).

[silêncio] Nossa... Acho que é os jovens do mundo... Atual (Entrevistado 17).

É... É uma coisa que eu acho importante, mas não sei se é... Tenho interesse sim, sei lá, político-social, mas interesses pessoais assim, não sei se tenho assim, sei lá... Eu gosto muito de música e eu toco muita música ultimamente... É... [silêncio] Não sei [risos]. Difícil isso! Eu gosto muito de ler (Entrevistado 24).

Eu acho que varia assim, do tipo que tá acontecendo... Eu não sei te falar um assunto... Depende... Do assunto que me interessa... [...] Sobre as coisas que estão acontecendo agora... Eu acho... Tipo no mundo agora... É, atualidades... (Entrevistado 28).

Percebe-se também que alguns alunos se interessam por temas e áreas ligadas ao que pretendem exercer como profissão no futuro.

Eu sou muito interessado por tudo como eu vou dizer sou muito interessado em Direito a única profissão que eu pensei em ser até hoje e sempre... (Entrevistado 07).

Criminalidade. [...] É, aí eu acho que assim esse assunto me interessa muito porque eu quero ser Promotora de Justiça (Entrevistado 06).

Conclui-se que esses jovens estão em processo de formação e ainda não têm muita clareza sobre seus interesses. Inclusive, alguns apresentavam dificuldade em responder a essas questões.

4.2.3.3 Onde busca informação

Sendo que a maioria dos alunos afirma gostar de pesquisar, e estando todos em um mundo rodeado pela informação, foi questionado a esses alunos onde as busca. Os alunos foram inqueridos tanto em termos de informações para pesquisa, para conhecimento, quanto informações para se manterem atualizados.

Os alunos citaram uma extensa lista de fontes de informação, tanto para pesquisa escolar, para pesquisa sobre temas de interesse pessoal e também para se manterem informados sobre o que está acontecendo na realidade. Segue um quadro com o quantitativo das fontes citadas por mais de um aluno:

Tabela 2 - Fontes de Informação

Internet	17
Google	15
Jornal na TV	14
Interação com a família e/ou amigos	13
Facebook	8
Televisão	7
Livro	6
Instagram	6
Jornal impresso	5
Revistas impressas	5
Youtube	3
Celular	3
GloboEsporte.com	3
Jornal virtual	2
Site da Globo	2
WhatsApp	2
Twitter	2

Fonte: Elaborado pela autora.

Outras fontes foram citadas por apenas um entrevistado, tais como Wikipédia, debates, os professores, entre outros.

A fonte mais citada foi a Internet, seguida pelo Google. Muitos alunos entendem a Internet e o Google como a mesma coisa. Ao serem questionados se

tenham algum site de preferência ou alguma estratégia de busca, eles citam que geralmente não, apenas entram com o termo desejado.

Na internet... [...] Não... [tem site específico] [...] É... [entra no Google e vai] (Entrevistado 01).

É... Tipo pesquisa no Google, Mestre... Google. [...] [silêncio] Eu gosto de entrar no Google, por exemplo, pra pesquisar sobre... Às vezes sobre o produto de cabelo que eu vou usar... Pra ir numa festa, uma maquiagem que eu quero tentar ou até mesmo entrar no Google para pesquisar o que tá acontecendo no Congresso Nacional, então, é bem... (Entrevistado 13).

Em pesquisas na Internet, no Google, eu procuro saber. [...] Não [tem um site predileto] (Entrevistado 18).

Eu vou no Google, procuro sobre o assunto e entro em uns 2 ou 3 sites pra... O primeiro... Pra... Confirmar e pegar mais informações (Entrevistado 19).
[silêncio] Eu... É, às vezes eu pesquiso na Internet, eu... Olho, tipo assim... É... A Internet mesmo (Entrevistado 23).

Em casa, no computador. [...] Eu pesquiso no Google mesmo (Entrevistado 26).

Ah... Geralmente é internet né... (Entrevistado 28).

Poucos alunos demonstraram preocupação em averiguar a confiabilidade das informações encontradas na Internet ou no Google. Um entrevistado disse que inclusive tinha o hábito de pesquisar na Enciclopédia Barsa, por acreditar ser uma fonte mais confiável. Outro indica que procura ler as informações que ele já conhece para “testar” se o site está correto.

Porque tem muitos sites de internet que a gente não pode confiar, tem muitas gravuras em livros mais antigos que são mais interessantes para a gente colocar em trabalho e tal. Então eu sempre fui muito acostumada a fazer meus trabalhos em Barsa e nesses tipos de livro (Entrevistado 27).

Às vezes... Muitas vezes eu joga no Google e vou na parte que eu já sei, pra ver qual que tá mais certo (Entrevistado 21).

Os entrevistados também citaram em grande número os telejornais televisivos como fonte de informação.

Eu vejo muito jornal, principalmente da Globo, é o “Globo Repórter”... Eu via muito “Bom Dia Brasil”, que passa de manhã, é... quando estudava no [colégio anterior], é... (Entrevistado 14).

Mais os [jornais]... O [jornal] da Record. Eu acho que é mais fácil de entender (Entrevistado 15).

Assisto [no jornal] (Entrevistado 17).

É o MGTV, o G1 de vez em quando, quando eu levanto mais cedo, porque eu tenho que fazer alguma coisa, eu sempre vejo. [...] Aí eu vejo... Jornal Nacional também à noite eu gosto de ver (Entrevistado 18).

Às vezes eu vejo [jornal]. Tem um [chamado] “Cidade Alerta” na Record [que] eu assisto bastante. Então eu sempre fico assim... Assim, porque eu acho que é uma ação muito legal e também tem um... Não sei onde passa, esqueci é... (Entrevistado 06).

Muitos alunos também citaram como fonte de informações as interações com amigos e familiares. Alguns preferem perguntar aos pais sobre os acontecimentos atuais, outros preferem conversar com amigos e trocar opiniões.

[silêncio] Nossa, complicado porque eu sei bastante sobre esse assunto [de maior interesse desse aluno]. Vivo atualizando, mas não tenho um lugar muito certo. Mas geralmente conversando com as minhas amigas eu descubro bastante coisa. [...] Sim, é mais com interação mesmo (Entrevistado 12).

Normalmente eu pergunto pra minha mãe, porque ela fica o dia todo assistindo o jornal... (Entrevistado 15).

Aí é... Pra isso [se manter informado] que eu tenho até alguns amigos, porque eu sou muito... Eu não gosto muito assim de noticiário que nem tem na TV, e também não leio jornal, aí... Então eu só sei mais ou menos o que acontece ao redor do meu prédio, e o que acontece por aí eu falo com a minha mãe, com o meu pai, ou então de vez em quando eu vejo na TV passando, quando eu tô almoçando, ou falo um pouco com amigo (Entrevistado 21).

O meu pai, quando ele chega em casa, ele... Ele vê muito, ele já liga o jornal e fica vendo o jornal. E a minha mãe também. E durante... Na hora do almoço, a minha mãe também, a minha mãe liga a TV no jornal, e aí que eu tenho mais contato com as notícias e tal... Igual, tem uma menina lá na sala que ela não sabe o quê que é PEC (Entrevistado 27).

Eu meio que ouço nas redes sociais, que eu converso com meus amigos e família e também uso assim o boca-a-boca. Eu vou... A gente vai conversando, vão surgindo os assuntos, aí eu vou sabendo das coisas (Entrevistado 04).

As redes sociais também são bastante utilizadas por esses alunos. Um bom número de entrevistado citou o Facebook, mas outros citaram também o YouTube, o Instagram e em menor número o WhatsApp e o Twitter.

Tem um [site] que chama “Adoro Cinema” que eu sempre entro [inaudível] pelo Facebook, e... Não, não lembro o resto. [...] YouTube, aqueles... sabe canal do YouTube? (Entrevistado 10).

A internet em geral, no YouTube (Entrevistado 11).

Geralmente eu acho lá no *timeline* do meu Facebook (Entrevistado 12).

Redes sociais, tipo, no Facebook, por exemplo, tem várias páginas que ficam... Mandando as notícias... (Entrevistado 13).

WhatsApp, Instagram... Essas duas [redes sociais] que eu uso mais (Entrevistado 17).

Eu uso o WhatsApp, Face, as redes sociais Facebook, Instagram, Snapchat (Entrevistado 27).

Tipo o Facebook, o WhatsApp e o Instagram, que lá que tem fotos. O WhatsApp, que tem grupos que você cria, então dá pra você ter noção de muita coisa que tá acontecendo (Entrevistado 04).

[...] E eu mexo muito no Twitter também. E sempre tem coisas, porque eu sigo no Twitter várias páginas de informação, tipo coisas que estão acontecendo no mundo inteiro. Eu sempre fico sabendo de novidades antes da minha família então. [...] [segue no Twitter] É... Globo News, é.. UOL. Acho que Band também eu não sei... Sei que não é uma variedade muito grande assim... As três têm o mesmo foco né... Não vão me dar três opiniões diferentes mesmo, assim, sobre o assunto... Mas só para manter informado (Entrevistado 07).

Ah... Eu fico... Hum... Normalmente eu uso todo tipo de mídia social... Então YouTube, Facebook... É, tudo isso, você acaba sabendo de qualquer notícia que acontece, entendeu? Você não necessariamente precisa ficar frequentando site de notícia (Entrevistado 08).

Apesar de se imaginar que os nativos digitais só utilizam o que é tecnológico, encontrou-se alunos que citaram o livro como fonte de pesquisa.

[...] Através de livros [...] (Entrevistado 11).

Física eu prefiro nos livros, porque o Google é mais complicado (Entrevistado 19).

No livro mesmo... Ou então na internet, às vezes... (Entrevistado 20).

Eu busco normalmente em livros. [...] Livros. [Por] que eu tenho vários livros lá em casa, que eu ganhei quando era pequeno. Só que aí, quando eu era pequeno, eu ficava só folheando e vendo as imagens que eu gostava mais. Ele é muito... Mas aí de vez em quando eu sempre pego um e fico lendo, o que tem lá eu acho legal (Entrevistado 22).

Alguns alunos citaram que leem jornal impresso. Dos 05 (cinco) alunos que citaram essa fonte de informação, apenas 03 (três) indicaram o nome do jornal lido. Destaca-se, ainda, um entrevistado que destacou a dificuldade dos jovens para ler um jornal, tarefa que, segundo ele mesmo, demanda mais concentração. Alguns alunos citam que leem os jornais virtuais.

E eu estou tentando também diversificar as fontes, tipo ler o jornal “O Tempo” né... Também [inaudível] Carta Capital, porque eu acho muito importante ver os dois pontos de vistas assim, e ao mesmo tempo eu acho que para essa geração, ler o jornal é um fato muito incrível, porque a gente tem uma dificuldade de concentração. Como a gente está acostumado a ler texto de três linhas, seja no WhatsApp seja no Facebook, Twitter e tal, para a gente conseguir concentrar e ler uma coisa é difícil. Eu conseguia ler mais quando eu era pequena, que eu tinha 10 anos e lia o livro inteiro assim, tranquilo, do que hoje em dia que eu fico pensando para continuar para conseguir ler assim (Entrevistado 31).

Olha, eu sempre acabo entrando no G1... No... Leio o jornal Estado de Minas que a minha mãe assina [...] (Entrevistado 07).

Jornal. Jornal sim. Jornal é a melhor escolha (Entrevistado 11).

Jornais, revistas, jornal também, porque eu vejo bastante jornal na televisão... (Entrevistado 18).

Bem, eu procuro ler [inaudível] virtual, jornal virtual, é... (Entrevistado 12).

Então estou tentando mudar isso [buscar apenas na Internet] atualmente. Ainda mais por causa do Enem. Infelizmente eu acho que é muito Facebook, é o tempo inteiro notícia né... Mesmo que... Mesmo que são jornais. Página de jornal que você curte e tal... Eu falo, infelizmente que pega, desapega, tem uma variedade muito grande. A informação, acho que é muito superficial. E aí agora eu tou tentando, apesar de ser difícil, que é super difícil, mas eu tô tentando ler jornal assim (Entrevistado 31).

Também no caso das revistas, 05 (cinco) alunos declararam que leem, sendo que 04 (quatro) citaram os nomes das publicações. Os entrevistados não deixaram claro se esse acesso é à mídia impressa ou virtual.

[...] Eu sempre tenho às vezes revista em casa, jornal, eu assisto TV [...] sempre eu leio em algum lugar (Entrevistado 06).

Ah... Revista na verdade é a que tem na hora que eu leio assim, tipo quando tem algum subtítulo, alguma coisa... [...] Não tem um [título] específico, mas geralmente é a Veja né... A Veja? Não, a Caras (Entrevistado 09).

É interessante notar que das fontes citadas por mais de um entrevistado encontra-se o site GloboEsporte.com.

Eu tenho o GloboEsporte.com (Entrevistado 30).

Não [digita no Google e vai], tipo assim, eu sigo pessoas que falam sobre o universo em geral assim, é cientistas né... Futebol eu sempre acesso o "Globo Esporte" (Entrevistado 07).

Google, sempre... Tem... Às vezes eu vou, eu gosto muito de esportes, às vezes eu vou no "Globo Esporte", aí sempre tem alguma coisinha lá que dá pra... (Entrevistado 25).

Das fontes citadas por apenas um entrevistado, algumas são interessantes. Um entrevistado citou que frequenta debates sobre os temas de seu interesse, a fim de se manter mais informada.

[...] Mas eu gosto muito também de ir direto participar, ou seja, ir no debate feminista, ir no debate sobre cotas. Eu vou muito, por exemplo, na UFMG, lá na FAFICH, para ouvir os debates. Eu gosto de participar e ir em tal manifestação (Entrevistado 31).

Apenas um aluno citou os professores como fonte de informação, assim como também 01 (um) aluno foi capaz de citar o nome do site de pesquisa utilizado, como o InfoEscola e Wikipédia. Esse mesmo aluno faz distinções entre a disciplina e a melhor fonte de pesquisa. Assim, se História ele prefere a Internet, para Física ele prefere os livros mesmo.

Eu não uso só a Internet, eu também uso a televisão e o ensino que os professores passam aqui, a gente fica aprendendo e às vezes eles passam alguma coisa pra gente pesquisar e aí eu não só pesquiso aquela coisa, eu procuro pesquisar mais coisa (Entrevistado 16).

É... Pra História eu gosto de usar Wikipédia, mas eu nunca checo só lá, checo nela e no InfoEscola. E História eu acho que é a matéria que eu mais uso a Internet (Entrevistado 19).

O celular também foi citado por alguns alunos e outros não especificaram em qual suporte utilizam a internet. Um entrevistado chegou a citar que quando o professor passa uma questão para resolver, procura primeiro no Google, onde, em alguns casos, encontra a questão com a resposta correta.

[...] Às vezes o professor entrega uma folha impressa que estão... Aí tá lá que estão [questões] de tal faculdade, ano tal. Aí, eu não entendi o quê que aquela questão está falando. Aí eu pesquiso. Aí tem a resposta certa da questão e porque que aquela questão... Qual que é a resposta correta entendeu (Entrevistado 27).

Tem-se, também, um entrevistado que disse que não se mantém informado.

Não me mantenho informada não [risos] (Entrevistado 24).

É importante frisar que os alunos geralmente responderam mais de uma fonte de informação, inclusive com diferenças entre onde pesquisa para a escola, onde pesquisa para interesses pessoais e onde se mantém informado das notícias atuais. Os alunos apresentavam muita dificuldade em responder essas questões, demonstrando que não refletem sobre esses assuntos.

4.2.3.4 Gosto pelo estudo

Sabia-se que essa seria uma questão delicada, pois os alunos poderiam ter receio de respondê-la. Foi bastante interessante, pois, como as entrevistas transcorreram após o período de observação, os entrevistados já estavam habituados e a vontade com a pesquisadora, o que facilitou o contato. Nesse sentido, percebeu-se que eles foram realmente sinceros ao responder se gostavam ou não de estudar.

A maioria dos alunos disse que gosta de estudar. Dentre esses, tem um aluno que diz inclusive não entender o porquê, já que até sofrendo *bullying* na escola, gostava de ir para aula.

Eu gosto, sempre gostei. Eu acho que eu sou uma pessoa bastante estranha, porque eu sempre gostei de vir pra escola, mesmo com tudo [ela sofria *bullying* na outra escola] (Entrevistado 15).

Um aluno disse que gosta de estudar, mas possui memórias ruins sobre estudo. Esse aluno estudava em um colégio bastante rígido com relação as notas. Ele mudou de escola por acreditar que não era tratado como um indivíduo, mas como uma nota.

[silêncio] Gosto, só que... Eu tenho meio... Que... Não posso chamar trauma... Mas são várias memórias ruins de estudo (Entrevistado 14).

Outros simplesmente dizem gostar de estudar, de ter mais conhecimento.

Eu gosto muito (Entrevistado 16).

Eu gosto de estudar... Tipo assim, eu gosto... Tipo assim, de reler a matéria... Porque, tipo assim, eu tenho lá em casa... Um resumo das matérias, poder reler aqueles estudos... Tipo assim, quando dá matéria nova, eu... Gosto muito de anotar, tipo, eu vou anotando e depois eu vou relendo... Eu... Pra eu memorizar... E... Eu estudo mesmo, de pegar tudo, ler tudo, só antes da prova... Mas eu vou sempre fazendo esse resumo antes da prova... (Entrevistado 28).

Tem aluno que disse que não gostava de estudar, mas ao trocar de escola, passou a gostar. O aluno foi para a Escola A, que possui um método de ensino diferenciado, conforme descrito anteriormente.

Sim, bastante! Eu gosto de estudar! Eu não gostava antes d'eu entrar nessa escola, mas a partir de quando eu entrei aqui foi melhorando. Porque aqui o estudo é bem mais legal, bem mais divertido do que antes e eu acho que eu aprendi mais nessa escola que nas outras (Entrevistado 19).

Ao contrário, um entrevistado, aluno da mesma escola, disse que gostava de estudar, mas ao ir para essa escola, perdeu um pouco do sentimento.

Eu sempre, sempre gostei assim, desde que era... Até no ano passado. [...] Eu perdi muito a vontade de estudar, assim... Estímulo, eu gostava muito... E esse ano virou um fardo assim... [...] Eu me senti pouco estimulada também, sabe... Eu não sei, esse método não está dando certo pra mim... (Entrevistado 24).

Outro aluno afirma que gostava de estudar, mas no ano da entrevista era o ano que faria a prova do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e a pressão para se sair bem contribuiu para que perdesse o gosto.

Bom, eu achava que eu gostava, até chegar o ano do Enem, que para mim foi um absurdo assim, ter que estudar para responder uma prova de "abcd". E aí eu acho que eu gosto de estudar assim... Eu sempre fui assim muito animada para fazer as coisas, mas eu não sei se a idade assim... Que chega e que dá uma preguiça de fazer as coisas, uma rejeição de seguir a ordem (Entrevistado 31).

Sete alunos disseram gostar "mais ou menos" de estudar.

Estudar... Olha, mais ou menos (Entrevistado 22).

Ah, mais ou menos [risos]. [...] Tipo assim, quando você olha uma matéria que eu me interesse, eu gosto bastante (Entrevistado 23).

Mais ou menos, depende da matéria (Entrevistado 03).

Estudar? Ah... Mais ou menos. Tem hora que dá uma preguiça na gente, mas, como eu sei que é obrigatório assim pro futuro hoje em dia, aí eu pego e estudo (Entrevistado 30).

Alguns dos alunos dizem que gostam de algumas matérias e de outras não.

[silêncio] Gostar é uma palavra complicada né, pra eu dizer. Eu gosto de algumas atividades que eu faço, eu acho legal, tipo, tá aprendendo aquilo. Por exemplo, em História, aprender as guerras que tiveram, saber o que aconteceu... Estudar História do Brasil, é... Formular suas teorias conspiratórias sobre a vida... Ou, mas aí depois eu vou fazer uma coisa tipo Geografia, que aí vem tudo repetitivo, a mesma pergunta várias vezes formulada de outra forma, eu fico assim: “eu já respondi isso”, não é... Não é esperto responder isso mais de uma vez... (Entrevistado 13).

Tipo assim, quando você olha uma matéria que eu me interesse, eu gosto bastante (Entrevistado 23).

Tem um aluno que critica o método de ensino adotado em sua escola. O aluno estuda em uma escola com ensino tradicional, com aulas expositivas.

É... Adquirir conhecimento é sempre interessante né... O problema é o método que eles usam pra isso (Entrevistado 08).

Um aluno disse que gostaria de gostar mais de estudar. Ou seja, ele tem consciência da importância do estudo, mas não gosta muito.

[silêncio] Queria gostar mais. [...] É porque eu acho que todo mundo que tem uma barreira na hora do estudo não gosta. É igual Matemática e Física, eu tenho problema com as exatas, na hora de estudar me empaca e é isso que eu tenho que melhorar (Entrevistado 11).

Sete alunos afirmaram categoricamente que não gostam de estudar. Alguns justificaram sua resposta, outros apenas negaram.

Não. Tipo, é... História e Geografia, esses trem eu acho legal. Tipo... Que não, eu gosto mais de Química... E História. É, essas matérias mais teóricas... Que tipo, tem mais... É... História, que legal, teve uma guerra civil no Brasil... Aí acabou, é por isso que a gente tá assim... Acho legal. Aí Química eu fico assim: “ah! por isso que é assim desse jeito, não é magia [risos] que legal!” (Entrevistado 10).

Não [risos sem graça] (Entrevistado 17).

[risos] Não! Acho que só Inglês e Química mesmo... (Entrevistado 20).

Não! [risos] [...] Não, eu sou aquela que não gosta de estudar, mas tem que estudar, mas fica, quando fala que tem que estudar fala: “que preguiça!” (Entrevistado 06).

Dois estudantes disseram questionar porque estudar matérias que não serão úteis em sua vida futura.

Hum... [bem reticente sem saber o que responder] [...] Bem mais ou menos, porque eu não me sinto muito estimulada para estudar, porque tem muita coisa que eu vejo que eu não vou precisar para minha profissão. Aí... Aí o estímulo para estudar é só para tirar uma nota boa na escola e mostrar para

os pais. Estímulo assim verdadeiro, eu acho que poucas pessoas têm (Entrevistado 27).

Como eu disse, eu nunca consigo parar muito tempo pra estudar coisa da escola. Acho que é porque uma parte das coisas que eu tô vendo agora, eu não tô usando muito. Até parei pra pensar outro dia e eu pensei: “tem coisa que eu tô aprendendo agora [que] eu vou usar na faculdade, coisa e tal, mas tem coisa que eu não ia precisar aprender por não tá na matéria do meu interesse”. Por exemplo, eu penso em estudar Medicina, Biologia... Alguma coisa assim sabe? E tem muita coisa de Física que eu tô aprendendo que eu não vou usar sabe? Tem coisa importante? Tem, mas tem coisa que eu não vou usar... (Entrevistado 21).

Pode-se concluir que a maioria dos alunos gosta, ao menos em parte de estudar. Foram apenas 06 (seis) entre os 31 que afirmaram categoricamente não gostar de estudar. Para esses sujeitos, o aprendizado é melhor quando se interessam pelo tema estudado. Quanto ao método, os alunos mostram que são sujeitos diversos e, portanto, um mesmo método pode funcionar para um e não para outro.

4.2.3.5 Televisão

Pretendeu-se conhecer os hábitos dos entrevistados sobre o uso da televisão, uma vez que se acreditava que os Nativos Digitais usassem bastante esse meio de comunicação de massa.

Ao serem questionados se assistem televisão, a maioria dos alunos disse que sim, sendo que somente 02 (dois) negaram.

Sim. Ah não, televisão eu quase não assisto, mas eu gosto muito de assistir tipo Netflix, e YouTube (Entrevistado 22).

Não (Entrevistado 29).

Ou seja, no caso do entrevistado 22, ele substituiu a televisão tradicional pelo Netflix e YouTube. A maioria dos outros entrevistados também diminuiu a frequência da televisão para assistir a esses novos formatos. Assim, apenas 09 alunos informaram assistir muita televisão ou todos os dias. Os demais assistem pouco, muito pouco ou raramente.

Gosto, mas é muito pouco que eu assisto (Entrevistado 05).

Com muito pouca frequência. [...] É muito pouco mesmo. [...] Eu acho que nem por semana, por mês mesmo... (Entrevistado 08).

Não muito né, Porque eu vejo mais é Netflix né. Minha TV tem Netflix, então eu assisto mais, mas eu vejo muita televisão (Entrevistado 04).

Não gosto muito de televisão (Entrevistado 12).

Se a frequência quanto à televisão apresentou praticamente dois extremos, os tipos de programas citados foi mais diversificado, conforme tabela abaixo.

Tabela 3 - Tipologia de programas citados pelos entrevistados

Filmes	7
Novela	7
Jornal	5
Desenhos	4
Entretenimento	2
Animações	1
Anime	1
Mini-série	1
Premiações	1
Série	1

Fonte: a autora.

Não havia uma questão específica sobre o tipo de programa predileto, portanto, nem todos os entrevistados indicaram sua preferência. Já com relação aos canais prediletos, encontra-se tantos canais da TV aberta, quanto canais a cabo. A mais citada foi a Rede Globo, sendo outros 14 canais foram citados por apenas uma fonte. Nos quadros abaixo apresenta-se os canais citados, sendo no primeiro, com mais de uma indicação e o segundo os que apareceram apenas uma vez.

Tabela 4 - Canais de Preferência dos entrevistados – com mais de uma citação

Globo	5
Disney	3
Fox	3
Nick	3
Discovery	2
Discovery Home and Healthy	2
History	2
MTV	2
Record	2

Fonte: a autora

Quadro 4 - Canais de preferência dos entrevistados – com apenas uma citação

Animal Planet
Arte 1
AXN
Cartonn
Fox Sport
Globo News
GNT
Megapix
Premier
SBT
Sony
Telecine
Telecine Cult
TNT
Warner

Fonte: a autora

No ranking dos citados mais de uma vez, além da Rede Globo, tem-se a Record, que são canais com programação mais variada. A MTV também possui programas mais variados, mas todos voltados ao público jovem, ao contrário das outras duas, que possuem programas diversos, para um público de idade e gosto variado. Os demais canais possuem programação temática.

Em uma análise do perfil de público desses canais, tem-se a Disney e a Nickelodeon são canais infanto-juvenis, mas com uma programação mais infantilizada. Já os canais Discovery e History possuem um perfil mais de documentários e programas sobre Ciências e História. O Discovery Home and Health é um canal bastante feminino, com programação temática inclusive durante a semana, apresentando um dia para relacionamentos, outro para culinária, outro para moda e assim por diante. Já o canal Fox apresenta filmes e séries. Ou seja, são públicos variados por uma perspectiva, mas especializado por outra.

Analisando os canais que foram citados apenas uma vez, essa miscelânea também está presente. Entre canais de documentários, de ciências, encontra-se canais mais femininos, de séries e filmes. São as múltiplas personalidades em formação desses sujeitos.

Os programas que eles assistem tiveram uma diversidade ainda maior. Apenas 04 (quatro) foram citados por mais de um entrevistado. A saber, “Os Simpsons” tiveram 03 (três) menções, seguido pelo “Diário de um vampiro”, “South

Park” e “Trato Feito”, com 02 (duas) menções cada um. Depois aparece uma lista de 35 outros programas, tão variados quanto a tipologia indicada anteriormente.

Interessante notar como o mesmo aluno gosta de programas totalmente diferentes entre si. Assim, um adolescente que gosta de programas como o “George Shore” da MTV, que acompanha uma turma de jovens em várias baladas de verão (e que possui cenas de consumo exagerado de álcool, cigarro, além de sexo), também gosta de “Padrinhos Mágicos”, no Disney Channel, com uma temática bem mais infantil.

[silêncio] Ah, eu gosto muito da MTV, que fica passando o George Shore, essas coisas, apesar de não ser da minha idade porque, assisto... Esses conflitos e tal. É... Ah, eu gosto muito de MTV, ah... Eu gosto da Disney também, porque passa tipo um nostálgico, sabe? Ficar vendo aqueles filmes que a gente via quando era pequeno. Eu gosto da Nick... E da Globo. Eu vejo mais esses. [...] Na Disney eu assisto “Padrinhos Mágicos”, que eu gosto, e eu também costumo assistir esses “Jesse”... Essas coisas assim (Entrevistado 04).

Durante as falas encontrou-se outras contradições relacionadas aos tipos de programas de preferência dos alunos.

Eu gosto muito de desenho animado, animação, é... Tipo assim, assisto Cartoon, assisto Globo News, de vez em quando Globo Esporte, sabe? (Entrevistado 03).

Eu sou aquelas que gosta muito de desenho animado ainda, assim, eu gosto de desenho animado assim, porque eu sempre tô com a minha prima e eu sempre assisto alguma coisa assim... E às vezes não tem nada de bom pra ver, aí eu assisto Nick, Disney, mas eu também assisto bastante a Warner e a Sony, que tem as minhas séries e tem as séries de CSI, [que] é de polícia de Nova York (Entrevistado 06).

Essa dificuldade de se colocar como um jovem, quase adulto, e suas preferências e gostos fica ainda mais evidente na fala de um entrevistado que tem vergonha de gostar de “South Park”, que apesar de ser um desenho não é infantil, sendo muito crítico e politicamente incorreto.

Eu... Sinceramente? Não quero admitir. [...] Mas eu assisto muito “South Park”, porque nessa correria toda, nesse cotidiano muito puxado, eu só queria relaxar a cabeça vendo uma coisa muito idiota... Então humor negro, coisa totalmente errada... Ah, tudo bem. [...] [Mas] Eu acho que é péssimo (Entrevistado 02).

Apenas um entrevistado não citou nenhum programa ou canal, alegando que assiste o que estiver passando.

Normalmente quando eu vou assistir televisão é que estou sem nada para fazer e coloco em qualquer canal (Entrevistado 08).

Na questão sobre televisão, percebeu-se que os nativos digitais não assistem apenas os canais tradicionais, mas um grande número indicou o Netflix e o YouTube

como hábitos televisivos. Dessa forma, optou-se por criar subcategorias para essas mídias.

A Netflix é um serviço que transmite online a seus clientes uma variedade de séries, filmes e documentários. Para ter acesso ao serviço é necessário ter acesso à Internet e fazer uma assinatura. Ainda assim, dos 31 entrevistados, 20 afirmaram assistir ao Netflix. Desses, 09 (nove) afirmaram que assistem muito e/ou quase todo dia. Apenas 03 (três) disseram usar pouco.

Como já dito, a plataforma apresenta séries, filmes e documentários, contudo, apenas um entrevistado disse assistir aos documentários e apenas 05 (cinco) se referiram diretamente aos filmes.

Eu, eu gosto de assistir é... Filmes, só que o que eu mais... O que eu gosto muito de assistir são documentários. Documentários sobre... É... Documentário sobre muitas coisas sabe, adoro (Entrevistado 22).

É... "Jornal Nacional", é... "Fantástico", jogos de futebol em geral, porque... Quando eu... [Poe] Que filme geralmente eu vejo no Netflix (Entrevistado 07).

Segundo um entrevistado, na plataforma a seleção de filmes é mais complicada de fazer, o que pode explicar porque poucos entrevistados citaram assistir filmes pelo Netflix.

Nisso eu fui assistir um filme com a minha mãe, outro dia, que chama "A Ilha do Medo". O filme é muito bom, mas eu nunca entraria nesse filme pelo título, porque pra mim seria um filme de terror, mas não tem nada a ver com o título, tipo ... É um filme de suspense com... É muito legal! [...] Porque Netflix você fica 10 horas... Fica mais tempo para achar o filme do que assistindo, então às vezes eu entro no Google e digito assim: "dicas de filmes para assistir no Netflix, sei lá, quando você está muito feliz", aí aparece uma lista de filmes, sites que colocam listas de filmes... Aí "filmes de suspense para assistir no Netflix" (Entrevistado 13).

Assim, percebe-se que os alunos buscam mais as séries para assistir. A plataforma possui um número bastante elevado de títulos, sendo que os entrevistados citaram 31 séries. Dessas, apenas 11 foram citadas por mais de um aluno, conforme tabela abaixo:

Tabela 5 - Séries Netflix citadas por mais de um entrevistado

Pretty Little Lies	6
Filmes	5
Diário de um Vampiro	3
Crows	2
Dexter	2
Flash	2
Friends	2
Grey's Anatomy	2
How To Get Away With a Muder	2
Once Upon a Time	2
Stranger Things	2

Fonte: a autora.

Percebe-se a variedade de temas abordados pelas séries, desde as relações humanas, história, fantasia, medicina, crimes, direito... Esses jovens não se prendem a apenas uma temática. Interessante também notar que séries mais antigas, como “Friends”, passam a ser conhecidas por esse público jovem.

O YouTube é uma rede social de compartilhamento de vídeos. Nessa plataforma tanto empresas quanto pessoas comuns disponibilizam seus vídeos. Com o avanço da tecnologia e sendo seu acesso cada vez menos complicado, encontra-se vários “canais” onde as pessoas têm disponibilizado conteúdo em forma de vídeo.

Pelas respostas dos entrevistados, foi possível notar que eles não são fieis aos canais e aos produtores de conteúdo. Inclusive, em alguns casos eles indicam o nome do canal e em outras apenas o nome do produtor. Em muitos casos também indicam apenas o tipo de canal que mais lhes atraem.

A tipologia de canais está expressa na tabela abaixo, lembrando sempre que nem todos fizeram essa indicação e que o mesmo entrevistado pode citar mais de um tipo.

Tabela 6 - Tipo de canais assistidos no YouTube

Canais de Jogos	5
Canais de ciência	2
Canais de Informação	2
Canais de música	2
Canais de atualidade	2
Canais de maquiagem	2
Vídeos de faça você mesmo	1
Canais de livro	1
Canais de série	1
Vídeos que façam rir	1
Vídeos de animação	1
Canais de curiosidade	1
Canais de moda	1

Fonte: a autora

É possível perceber que o tipo de canal predileto é o que aborda temas sobre jogos, com 05 (cinco) citações.

Tem vários canais de jogos, tem muita coisa, aí eu sigo um de... Informação. Aí tipo... Tem um que é um cara gordo gritando e fica falando, assim... (Entrevistado 10).

[Gosto de] Jogo e notícias (Entrevistado 11).

Tipo, [o canal fala de] jogo, mas aí eles [os canais] têm as mesmas pessoas, tem um de *vlog*. Eu também assisto de vez em quando esse de *vlog* (Entrevistado 29).

Quanto aos *youtubers*, ou seja, os produtores de conteúdo, segue a tabela com as indicações dos alunos.

Tabela 7 - Youtubers indicados pelos entrevistados

Kéfera	3
Leon e Nilce*	3
Cauê Moura	2
Christian Figueiredo	2
Felipe Neto	2
Júlio Coscielo**	2
Arthur	1
Bianca Andrade***	1
Dani Russo	1
Mari Maria	1
Mariana Nolasco	1
Mariana Saad	1
Nah Cardoso	1
Peu Resende	1

Fonte: a autora

Os *youtubers* assinalados correspondem aos canais indicados na tabela abaixo, reforçando que os alunos não se preocupam em citar o nome do produtor de conteúdo ou o nome do canal que assistem.

Tabela 8 - Canais de YouTube citados pelos entrevistados

Coisa de Nerd*	2
Boca Rosa***	1
Canal Canalha**	1
Casos Desconhecidos	1
Forever Player	1
Le Ninja Mold	1
Luba TV	1
Mamãe falei	1
Não Salvo	1
Nerdologia	1
Território Nerd	1
Think Mind	1
Vinícius 13	1
Você Sabia	1

Fonte: a autora.

Os entrevistados responderam ou que usam “muito” ou “não muito” o YouTube, sendo que o “não muito” representava, em sua maioria, não usar todos os dias.

É... Eu não... É... Quase todo dia [assiste ao YouTube] (Entrevistado 29).

Ah todo dia [assiste aos YouTube] (Entrevistado 07).

Hum... YouTube sim [assiste todo dia], mas televisão e Netflix não (Entrevistado 09).

YouTube eu assisto diariamente, porque, tipo, essa questão, eu chego em casa e tô tipo, argh [som de se enforcando], aí eu odeio tudo, aí... (Entrevistado 02).

Um entrevistado disse utilizar o YouTube para rever programas que passam em horário ruim para ele, muito tarde. Assim, ele pode assistir durante o dia e não atrapalhar sua noite de sono.

[Revê os programas que passam tarde da noite] No YouTube (Entrevistado 11).

Outro entrevistado disse que possui a rede social desde muito novo, e por isso possui várias inscrições. Contudo, destaca que com o passar do tempo o seu gosto e hábitos vem mudando.

Eu tenho muitos [canais inscritos] porque desde pequenininho que eu vinha me inscrevendo, a maior parte era de jogos e foi mudando conforme eu fui crescendo... (Entrevistado 21).

Um dos entrevistados destacou a vantagem do YouTube de apresentar vídeos mais curtos, o que corrobora a característica dos nativos digitais, de se dispersarem e não prestarem atenção por muito tempo.

[Os vídeos] são curtinhos, tem 15 minutos né, cada vídeo. Então fica fácil de ver. Às vezes eu vou fazendo a minhas coisas e vou vendo o vídeo, só escutando. Eu sempre estou fazendo mais de uma coisa (Entrevistado 07).

Pode-se inferir que o YouTube representa bem essa geração de nativos digitais, uma vez que os vídeos ali postados são produzidos por diferentes pessoas, são curtos, gratuitos, acessíveis tanto pelo computador quanto pelo celular, são variados e de curta duração. Essas podem ser algumas das possíveis explicações para esclarecer o crescimento exponencial da plataforma.

Ainda na questão sobre televisão, 03 (três) entrevistados citaram que preferem assistir ao que gostam pela Internet. São sujeitos que gostam de séries e as assistem pelos serviços de *streaming*, onde são postados os vídeos e, muitas vezes a temporada inteira.

É... Pela Internet pirata [que acompanha a série]. [Porque] Ficou muito atrasado em relação a original no Netflix. Game of Thrones que eu vi fora também, que não tem no Netflix [...] (Entrevistado 11).

Mas esse último [seriado] que eu vi, eu não fiz nada além de assistir até acabar... Eu não saí da frente do computador, assistindo a 1ª temporada, a 2ª temporada, um atrás do outro... (Entrevistado 21).

Não [assiste pela televisão]... Tipo assim... Eu não gosto de acompanhar pela televisão... Não tenho paciência... Eu... Espero acabar uma temporada inteira [Supernatural] aí eu pego pela Internet... (Entrevistado 20).

Ou seja, a Internet os abastece de suas férias favoritas, na hora e onde eles estiverem dispostos a assisti-las. Novamente ressaltando a característica dos nativos digitais, de se manterem online e com a necessidade de informação atendida de forma mais imediata.

4.2.3.6 Celular

Inicialmente se questionou ao aluno se usava celular ou smartphone. Essa questão se mostrou impertinente, já que para esses jovens não havia diferença. Todos utilizam smartphone. Neste caso, o termo celular será utilizado como sinônimo de smartphone. Um entrevistado chegou a achar engraçado pensar que atualmente muitas crianças sequer sabem que já existiu outro tipo de aparelho.

Aí depois que eu ganhei o smartphone eu nem... Eu sempre esquecia o que era telefone, eu... Pra mim celular é o smartphone agora, mas depois que você me perguntou se eu uso smartphone ou celular, aí eu sempre lembro, mas se você perguntar, por exemplo, pra minha prima o que você prefere, celular ou smartphone, ela vai falar assim: "é a mesma coisa, mas não é a mesma coisa?". Sim, então... [...] É... Eu tinha! Eu tinha um celular, eu sei a diferença né... Porque um, o meu celular não tinha *touch*, então era só digitar (Entrevistado 06).

Quanto à frequência de uso do celular, a maioria absoluta, ou seja, 19 entrevistados afirmaram que usam muito.

Smartphone... [baixinho], uso, demais. [...] Muito tempo, tipo, sempre que me mandam, eu tô 24h no celular (Entrevistado 10).

[usa] Muito. [...] Muito, meu xodó (Entrevistado 11).

Todo dia [risos] (Entrevistado 17).

Uhum... Todo dia! (Entrevistado 20).

[risos] Todo dia! (Entrevistado 23).

Muito, bastante (Entrevistado 25).

[risos] Uso. Celular eu uso muito (Entrevistado 04).

Três alunos informaram que usam o celular sempre que não tem outras coisas para fazer.

WhatsApp, de vez em quando os joguinhos... Quando não tem nada pra fazer... (Entrevistado 10).

Ah... Pra... Quando eu tô sem nada pra fazer, entro em rede social ou em jogo... E quando mais precisa comunicar com as pessoas, senão não tem jeito, você sempre tem que tá com ele [celular] realmente, se não precisasse eu nem estaria com ele agora [risos] (Entrevistado 12).

Em casa, quando eu não tenho... Quando eu tô sem nada para fazer na hora (Entrevistado 21).

Em contrapartida, um aluno informou que não usa o celular e outros 03 (três) indicaram que usam pouco.

Não (Entrevistado 08).

Oh, não. [...] Interessante, não. Tem dia que eu esqueço meu celular, fica duas semanas sem bateria em casa e eu nem lembro. [...] Não, não... Eu não sou daquelas pessoas que: "gente eu vou pra tal lugar, não tem internet, eu preciso levar celular, eu não sei o que fazer!", não sou de ligar pra isso (Entrevistado 12).

[silêncio] O tempo todo não, eu acho que... Eu gosto de tá com umas pessoas que... Tipo assim... Eu esqueço que eu tô com celular sabe? Eu prefiro quando eu tô com outras pessoas não ficar usando o celular, eu acho chato... Você tá com os amigos... (Entrevistado 13).

A maioria absoluta dos alunos (18) afirmou que utilizam o celular mais em casa, inclusive destacando que na escola o uso não é conveniente e nem permitido.

É... Na minha casa mesmo (Entrevistado 16).

Quando eu uso muito, eu uso em casa (Entrevistado 24).

Ah, toda hora... Só quando eu não tô na aula, que eu não trago. Meu pai não deixa eu trazer (Entrevistado 25).

Aqui eu nunca usava, porque os professores nunca deixam né... (Entrevistado 30).

Dois alunos informaram que usam o celular em todo lugar, enquanto um afirmou usar na van, no trajeto entre sua casa e a escola.

Ah, eu uso em todo lugar. Eu levo pra viajar, eu uso lá, eu uso muito no meu quarto, eu uso em qualquer lugar [risos] (Entrevistado 04).

Todo lugar [risos] (Entrevistado 10).

[silêncio] Em casa... Ou na van indo pra escola. Porque na van eu uso ele o tempo todo pra escutar música (Entrevistado 19).

Apenas um entrevistado disse utilizar o celular na escola, contudo frisou ser na hora do recreio, para ouvir música.

Eu uso ele [o celular] na escola, na hora do intervalo pra ouvir música (Entrevistado 06).

Os alunos têm receio de furtos e roubos, portanto, somente 03 (três) entrevistados disseram utilizar o celular na rua. Inclusive entre os entrevistados, encontra-se ao menos dois que já haviam sido assaltados.

[Ficou] Desplugado total [porque seu celular foi roubado]. Igual segunda e terça, eu tava na depressão total, aí eu fiquei vendo “Grey’s Anatomy” no computador assim, morgando até tarde. Só que antes [de ter o celular furtado] eu gostava do celular porque eu podia levar para cama ele, esperava até vir o sono, aí eu estou sendo obrigado a ir deitar um pouco mais cedo e eu estou gostando disso. Querendo ou não isso é bom (Entrevistado 11).

Acho que não tem um lugar que eu uso mais... Mais na rua mesmo... Menos em casa... (Entrevistado 20).

Na rua, só pra... [...] Só pra avisar onde que eu tô... (Entrevistado 24).

Foi questionado quais as funções que o celular possui segundo os alunos. A maioria girou em torno das redes sociais, sendo que a maioria citou expressamente “Rede Social” (14), WhatsApp (14), Face-book (11), YouTube (08) e Instagram (07). Essas foram as 05 (cinco) funcionalidades mais citadas.

Igual eu falei, assim, pra saber das coisas na rede social e... Eu jogo muito pouco assim no celular, é mais pra isso mesmo [...] WhatsApp e Instagram (Entrevistado 17).

Facebook, WhatsApp e Mensager, que eu mais uso (Entrevistado 18).

Facebook, WhatsApp, Instagram, só (Entrevistado 25).

Whatsapp, Facebook, redes sociais (Entrevistado 26).

Sim, o WhatsApp [risos]. Também mexo no YouTube... (Entrevistado 28).

Ah... Eu uso WhatsApp, Instagram, Facebook, pra pesquisar alguma coisa quando tem trabalho... YouTube, isso (Entrevistado 05).

É importante notar que 08 (oito) entrevistados responderam que usam o celular para acessar a Internet, para usar o Google e, principalmente, para fazer pesquisa. Essa atitude mostra como o celular contribui para que esses alunos, nativos digitais, se mantenham conectados e online praticamente todo o tempo.

[o celular] Eu uso mais o Google mesmo pra fazer pesquisa, que eu... Sou meio viciado em pesquisa, que eu... Gosto. Eu sempre gosto de me manter informado sobre atualidades, da política, dos assuntos que tão [sendo muito falados]... (Entrevistado 14).

Ah... Pra tudo! Pra conversar, pra... Na rede social... É... Postar foto, conversar com os amigos e pra pesquisar também. Quando você não tá com o computador do lado, tá a Internet no seu telefone, você vai lá e usa né... (Entrevistado 06).

Pesquisa, tirar algumas dúvidas, é... YouTube, e só (Entrevistado 16).

Ah... Eu uso WhatsApp, Instagram, Facebook, pra pesquisar alguma coisa quando tem trabalho... YouTube, isso (Entrevistado 05).

Dos entrevistados, 02 (dois) declararam que usam o celular até para fazer trabalho de escola, inclusive usando aplicativos como Word e Power Point. Essa é

uma demonstração de que o celular pode suplantar até mesmo o computador para esses jovens.

Eu faço de tudo no meu celular. Tudo, tudo, tudo, tudo. Eu tenho até planilha, tipo de controle de gastos, que dá para fazer no telefone [risos]. [...] Power Point para fazer trabalho eu tenho, eu uso no meu celular. Para receber e mandar trabalho, eu uso o meu celular (Entrevistado 27).

Eu fazia trabalho também. Eu tinha Word baixado nele que... (Entrevistado 30).

O celular atualmente é uma forma dos nativos digitais se manterem conectados. É mais que um meio de se comunicarem. Inclusive a maioria sequer cita as chamadas de voz como funções utilizadas por eles. É o local das comunidades virtuais, seja no Facebook, ou nos grupos do WhatsApp. É a facilidade de ouvir música, ver vídeos, pesquisar na Internet, tudo na palma de suas mãos e onde estiverem.

4.2.3.7 Computador

Normalmente ao se imaginar a geração dos nativos digitais, imagina-se esses alunos constantemente na frente do computador. Contudo a pesquisa mostrou que não é tão assim. O computador de mesa não é utilizado pela maioria. Apenas 14 entrevistados disseram utilizar esse equipamento. Outros 17 afirmaram utilizar o notebook, enquanto 10 utilizam o *tablet*. Alguns alunos utilizam mais de um tipo de equipamento.

Quanto ao local de utilização do equipamento, um aluno disse nunca usar o computador na escola. Outros 04 (quatro) disseram ser muito raro o uso do computador na escola, enquanto 03 (três) afirmaram utilizar o *tablet* na escola. É importante destacar que na Escola C os alunos possuem *lpads* a sua disposição, pois o material didático adotado pela escola encontra-se em meio impresso e também digital.

O computador? Ah, muito pouco eu uso aqui [na escola]. Eu uso só em casa mesmo (Entrevistado 30).

Não. Muito pouco não. É zero aqui na escola que a gente usar [o computador] (Entrevistado 03).

[O *tablet*] Eu acho que uso [o computador] mais aqui [na escola] (Entrevistado 12).

Aqui eu uso bastante os *iPad*. Hoje eu vim com o meu computador também (Entrevistado 31).

A maioria absoluta utiliza os equipamentos em casa.

Não. Só [usa] em casa mesmo (Entrevistado 08).

Aham [usa mais em casa] (Entrevistado 14).

E mais em casa, eu não uso ele [computador] na escola (Entrevistado 19).

Em casa, é, em casa [que usa mais] (Entrevistado 22).

Através das entrevistas percebeu-se que os alunos diferenciam muito pouco o uso entre o computador, o notebook e o *tablet*, tratando muitas vezes esses equipamentos como de um tipo só. Assim, passou-se a analisar os três de forma conjunta.

A maioria absoluta, ou seja, 20 entrevistados disseram usar o equipamento (seja computador, notebook ou *tablet*) para a realização de pesquisas.

Pra assistir série, filme, quando eu prefiro... Às vezes prefiro fazer pesquisa no notebook, que é maior que o celular. E às vezes eu também jogo no computador (Entrevistado 23).

[...] Pesquisa de escola e tal, eu uso o notebook [...] (Entrevistado 09).

Pesquisa, só (Entrevistado 17).

A segunda funcionalidade mais citada pelos alunos foi realização dos trabalhos de casa (11 alunos), além de 03 (três) citarem a realização do para-casa, 02 (dois) para estudar, também 02 (dois) para escreverem textos, um utiliza o software Word e um assiste a vídeo-aulas. Ou seja, os equipamentos são bastante utilizados por esses jovens nas atividades acadêmicas.

É [só quando tem trabalho para fazer] (Entrevistado 05).

Ah, eu faço muito trabalho pra escola... Word... Eu fico mexendo nas redes sociais, Twitter (Entrevistado 30).

Pesquisa e... é mesmo trabalho.[usa] Mais pra trabalho de escola, porque eu não sou muito de usar notebook (Entrevistado 18).

Ah, tanto [uso para fazer] para-casa quanto... Coisas de lazer mesmo, tudo (Entrevistado 12).

É... Às vezes eu faço dever de casa, porque eu tenho um site lá da escola que a gente sempre acessa, porque os professores colocam dever lá ou... Pra... Saber, curiosidade de moda, beleza, o que tá acontecendo no mundo assim... Eu gosto de música... (Entrevistado 06).

Eu geralmente uso mais o computador da minha mãe tá... Pra fazer pesquisa da escola. O meu computador, [...] eu vejo mais vídeo aula. O áudio do meu computador não é dos melhores, demora para eu conseguir entender o que alguém fala (Entrevistado 21).

Os equipamentos também são bastante utilizados para entretenimento, como os próprios jovens disseram. Assim, 10 alunos indicaram usá-los para jogos. As

redes sociais, como Face-book e Twitter somaram 09 (nove) indicações. Os sites de vídeos, como Netflix e Youtube, assim como o ato de assistir a filmes e séries somaram 16 citações.

Eu jogo, eu jogo bastante, oh... Eu estudo de vez em quando, sempre tem alguma coisa que tô com dúvida eu procuro, pesquiso (Entrevistado 03).

Ah... Pra pesquisa, Netflix mesmo e jogo (Entrevistado 20).

Pra jogar (Entrevistado 29).

Eu tenho um laptop e eu uso ele bastante para jogar jogos online e eu acho que é mais para isso. E eu uso também para fazer trabalho de vez em quando sabe... (Entrevistado 22).

Pra assistir série, filme, quando eu prefiro às vezes, prefiro fazer pesquisa no notebook que é maior que o celular, e às vezes eu também jogo no computador (Entrevistado 23).

Não, tem alguns dias que eu fico sem jogar, mas a maioria dos dias eu jogo um pouco, nem que seja um pouco (Entrevistado 29).

Netflix... É... Eu acho que é... Tipo assim, quando eu preciso fazer alguma pesquisa pra escola, alguma coisa também... Assim, no notebook e tal, mais assim no meu dia-a-dia... Ver algum vídeo que eu quero, entrar no Facebook... Mais essas coisas assim, mais de lazer mesmo... (Entrevistado 28).

Notebook eu vejo Netflix, mexo nas redes sociais e também às vezes quando eu tô tipo assim... Muito entendida eu baixo música, aí eu faço remix porque eu aprendi fazer remix de música, aí eu fico fazendo remix, daqueles vídeos, filmes, sabe? Fico fazendo um pouquinho de tudo (Entrevistado 04).

Putz... Twitter, YouTube, Netflix, o Globo Esporte e G1, fico nesse, nisso mesmo assim (Entrevistado 07).

Para buscar compreender melhor o uso dos equipamentos, como computadores, por parte dos entrevistados, foi questionado a eles sobre os hábitos familiares de uso desses. Assim, notou-se que em sua maioria são os pais que mais usam, sendo 16 pais e 14 mães. A maioria dos pais utiliza para o trabalho, conforme a resposta de 17 alunos. Os pais em sua maioria usam para o trabalho mesmo, sendo que apenas um utiliza para serviços bancários, outro para o Facebook e mais uma para compras *online*, sendo essas mesmas quantidades para as mães. Contudo, temos um mãe que utiliza para o estudo e outra para buscar receitas no YouTube.

Mais usa? O meu pai. [...] Pra trabalhar, só pra trabalhar. De vez em quando ele dá uma pesquisadinha nos sites de esportes, pra ver os jogos, mas ele sempre, todo tempo ele tá trabalhando (Entrevistado 10).

É... Meu pai e minha mãe eles trabalham em casa... [Por] Que a minha mãe, ela é escritora também... E professora de música... E o meu pai é

empresário de móveis e economista, então os dois usam muito o computador pra... pra... [...] [pra trabalhar] Aham (Entrevistado 14).

Usa [o computador], minha mãe principalmente porque ela faz faculdade e meu pai também por questão de trabalho (Entrevistado 18).

[Quem mais usa] Meu pai [risos]. [...] [Para] Facebook (Entrevistado 26).

Para pagar a conta ela [mãe] usa bastante, fazer movimentação bancária. Facebook ela usa bastante, ela usa bastante também para fazer os cursos de *scrapbooking* dela e é mais focado nisso (Entrevistado 07).

Raramente agora. O meu irmão usava mais, mas como meu irmão mora sozinho agora... Ele usa mais para trabalho da faculdade também acredito. Minha mãe, ela não domina muito tecnologia. Agora que ela veio começar a usar o WhatsApp, tal, conhecer o YouTube, pesquisar aviso sobre receitas. E o meu pai, ele usa mais para... Porque ele... Ele, para fazer compras online e pesquisa, eu acho que ele quase ele não... Quase não pesquisa online. E só... E para fazer depósito de banco, alguma coisa assim, fora isso ele não tem rede social. Minha mãe também não (Entrevistado 27).

Irmãos e irmãs também são indicados como usuários do computador em casa, sendo que as meninas geralmente usam para ouvir música (01) ou para pesquisa (03). Já os meninos, um também pesquisa, mas os demais usam o Facebook (02) e os jogos (03).

Ah, o meu irmão, eu tenho outro irmão que tem 12 anos, ele usa bastante, ele faz muita pesquisa também, joga... (Entrevistado 30).

Então, ele [irmão] usa pra muita coisa, porque ele faz Direito, então ele usa muito pra ler, é... Livros, essas coisas assim, mas ele usa também pra jogar, pra... Pra mexer no Facebook, essas coisas (Entrevistado 05).

Minha irmã, é... O computador em sim é pouco. Minha irmã quase não sai do quarto dela, está sempre ou ouvindo música ou fazendo desenhos, aprendendo a desenhar, pesquisando alguma coisa da escola, ou fazendo... Ou dançando na frente do computador (Entrevistado 21).

Ele [irmão mais velho] só joga... (Entrevistado 20).

Apenas um entrevistado disse que em sua casa as pessoas não utilizam o computador, sendo que outros 05 (cinco) informaram que o celular superou ou está superando o uso.

Não. [...] Lá em casa não é muito tecnológico (Entrevistado 16).

[silêncio] Computador? Não, mas o smartphone está sempre usando (Entrevistado 01).

[silêncio] Computador não. [...] Não é o mais acessível, o celular continua ganhando, ele é o... Todo mundo mais mexe... (Entrevistado 23).

Bom, a minha irmã usa muito o celular, tanto que ela gastou 70 gb do *wifi*, tem... A minha mãe ela usava, mas aí o computador dela estragou e tem que comprar um novo, porque estragou sem conserto, e aí o computador

que eu uso é meu e da minha irmã, só que a minha irmã prefere usar o celular (Entrevistado 29).

Pode-se perceber que o celular, o smartphone, está substituindo o computador em muitos casos, tanto para alunos quanto para seus familiares.

4.2.3.8 O mundo da leitura

Buscou-se conhecer um pouco da relação desses alunos com a leitura. Para tanto, abordou-se nas entrevistas aspectos como o gosto pela leitura, os livros que estavam lendo naquele momento ou que os tenha marcado, o que pensam sobre os e-books, se eles tinham incentivos para ler, qual a forma de acesso aos livros e como eram os hábitos familiares relacionados a leitura.

Dezessete alunos, ou seja, a maioria disse que gosta de ler, tanto na escola quanto em casa. Três informaram saber da importância da leitura e, por isso, estão tentando gostar de ler.

Gosto (Entrevistado 01).

Gosto (Entrevistado 12).

Gosto, agora faz um tempo que eu não leio, mas... Eu gosto muito (Entrevistado 13).

Eu? Gosto, gosto muito. Agora sim eu dei uma parada... Eu tô lendo uma série de um livro e eu estou esperando lançar o próximo (Entrevistado 22).

Gosto, gosto bastante de ler livros (Entrevistado 23).

Eu sempre quis desenvolver este gosto pela leitura, só que tipo... Poxa, a escola podia também dar uma ajuda né em relação a isso (Entrevistado 11).

Como eu falei, eu não consigo parar muito para ler livro porque... É importante? É. Eu sei disso? Sei. Eu quero? Quero. Eu consigo? Nem... Eu tento, eu tento, mas é muito difícil... (Entrevistado 21).

Sete entrevistados disseram que seus índices de leitura diminuíram com o tempo. Alguns alunos citaram que param de ler próximo às provas, outros que realmente com o passar dos anos têm menos tempo para leitura, além de notarem uma mudança mesmo em seus perfis.

[Gosta de ler] Aham. Hoje deu uma diminuída, quando entrei na escola, ainda lia bastante, com a biblioteca eu ficava praticamente o dia inteiro lá. De uns dois anos pra cá, dei uma diminuída na leitura. Eu acho que a escola está mandando menos livro pra gente ler (Entrevistado 12).

[...] Agora eu não tô tendo muito tempo, porque como são as provas finais, eu tô estudando bastante. [...] Aí eu deixei os livros de lado, porque se eu

começo a ler um livro, eu não consigo parar de ler o livro [risos]. Então, eu prefiro deixar de lado [do] que começar a ler e aí ficar... (Entrevistado 23).

Lembrar, tipo, quando eu era pequeno... A minha leitura mudou 100% sabe, só não mudou os quadrinhos, que eu ainda leio. [...] Pra dar uma relaxada e tal, mas tipo assim, atualmente eu... Tem uns três meses que eu não leio um livro. O último que eu li foi “A Cidade de Papel”, eu acho assim... Hum... Tem bastante tempo que eu não leio um livro em casa (Entrevistado 03).

Acho que foi o apelo da televisão, da internet e do videogame, mas eu estou voltando [a ler] firme agora. Acabei de ler um livro antes de ontem, aí eu já peguei outro (Entrevistado 07).

É... [risos] Eu esqueci de ver os livros assim... Eu amava ler, só que agora eu parei de ler às vezes [...] (Entrevistado 06).

Alguns alunos destacaram que dependendo do livro eles gostam da leitura, enquanto 05 (cinco) disseram que, apesar de não gostar muito de ler, já leram livros considerados “legais”, ou seja, muitas vezes o jovem acredita que não gosta de ler, ou que ler é uma atividade chata, contudo, o que falta a eles é conhecer mais obras, de vários tipos, para que possam estabelecer aquilo que lhes agrada. Dois alunos citaram que leram (ou começaram a ler) livros taxados por eles como chatos. Mas eles não têm a consciência, ainda, de que a leitura é um ato pessoal. As histórias podem ser boas para uns e chatas para outros. Assim, a partir dessas experiências negativas, eles definem um conceito geral de que ler é chato.

Tipo, é... É... Eu não tenho nada contra livro... Tipo, alguns eu achei bem legais... Que a professora de Português mandou né... [...] Tipo, uma hora eu posso começar a ler, aí eu continuo, mas pra começar... Sabe como é... (Entrevistado 10).

Nem sempre [eu desgosto de ler] na verdade... Por exemplo, “Diário de Pilar na Grécia” [foi] o primeiro livro que eu li e que eu gostei (Entrevistado 21).

[silêncio] Olha, eu não sou muito de ler, mas dependendo do livro, igual a professora de Português passou um bem interessante, aí dependendo do livro eu tenho interesse de ler. [...] Mas tem alguns que aí eu começo a achar chato e eu não termino (Entrevistado 26).

Só alguns livros que as escolas já mandaram ler que eu achei que eram livros que me instigavam a passar as páginas, se não, eu li os livros, mas por obrigação, porque ia cair numa prova e eu tinha que saber responder às questões da prova (Entrevistado 27).

Depende do livro, se for um livro interessante, eu gosto de ficar lendo, lendo. Mas se for um livro chato, eu não consigo (Entrevistado 29).

Uma das características dos nativos digitais é o imediatismo. Dessa forma, parar por um tempo considerável para a leitura de um livro pode lhes parecer difícil. Com isso, alguns alunos preferem a televisão – entendida aqui em sua forma mais ampla - (ou os seriados) do que o livro.

[lê pouco em casa] Porque a maior parte do tempo eu tô assistindo seriado porque... Eu acho que aprendo mais rapidamente com séries do que com livros. Porque livros, você fica bastante tempo, tudo bem que prende bem mais sua atenção, mas eu acho seriado uma forma mais fácil, mas não tão eficaz, porque com o livro você desenvolve a sua leitura, você não... Não... Prejudica a sua visão e você ainda aprende o Português. Você fica uma pessoa culta, no seriado você... Vê tudo mastigado na sua mente e é mais fácil... É realmente mais fácil, é mais... É mais... Agressivo, porque você olha com seus olhos. Eu mesma estou com problema de visão de tanto ver televisão (Entrevistado 15).

Não é bem que eu não gosto, é que eu prefiro ver TV [risos]. Eu gosto, só que... (Entrevistado 19).

Alguns citaram que gostam dos livros, ou porque sabem que tem um filme relacionado, ou porque viram o filme e queriam ler o livro. Nesse caso, outra forma de iniciar esses alunos no mundo da leitura foi a coleção do Harry Potter.

[...] Porque a maioria dos livros que eu li, ou foram porque eu saí do cinema depois de ver o primeiro filme eu falei “meu Deus eu preciso ler esse livro, preciso saber o que acontece depois”, foi assim que eu comecei a ler, depois de sair do cinema. Eu tinha ido assistir Harry Potter 6, eu falei assim “meu Deus o que acontece depois, eu não posso esperar até o ano que vem pra continuar a saga...”. Aí, eu passei na Leitura e comprei o livro (Entrevistado 13).

Agora, o primeiro livro que eu li, um livro grande assim, que eu tinha, era o Harry Potter. Foi o primeiro livro grande que eu li. E aí eu li a série toda e depois que eu terminei, eu saí lendo assim, livro de verdade, livro maior assim... (Entrevistado 24).

O último [livro] que eu li foi “Simplesmente Acontece”. [...] Ah, eu gostei, aí depois eu fui e vi o filme, aí eu gostei (Entrevistado 04).

Um entrevistado lembra-se do primeiro livro que ganhou do pai. Ou seja, essa é uma memória marcante, que acabou por contribuir para seu gosto pelos livros.

Foi o livro de animais, foi o primeiro livro que o meu pai comprou, depois que trouxe de uma viagem pra mim, a trabalho (Entrevistado 06).

Um entrevistado relatou que vai à biblioteca, como a professora manda, com sua turma, escolhe um livro, leva para casa, mas não lê.

É, só pra... A professora vem mandar pegar e levar... Eu pego, levo, mas não costumo ler não... (Entrevistado 25).

Certamente, entre os entrevistados alguns declararam abertamente que não gostam de ler, sendo um esse que leva o livro para casa e não lê e o outro assume que tem preguiça.

Não sou fã de leitura. [...] Não... É legal... Ler é legal, tipo... Quando eu pego um livro que me mandam ler, é... A leitura é... Legal... Tipo, alguns livros, aí... Mas... Xô vê... [silêncio] É, acho legal, mas... Como eu vou falar? Tenho preguiça (Entrevistado 10).

A maioria dos entrevistados citou o tipo de livros que gostam de ler, conforme a tabela abaixo:

Tabela 9 - Gêneros literários – Preferências

Suspense	5
Ficção	4
Romance	4
Aventura	3
Fantasia	3
Ficção Científica	2
Investigação	2
Mitologia	2
Seriado	2
Ação	1
Best-Seller	1
Comédia romântica	1
Diários	1
Estratégia de guerra	1
Histórico	1
Mistério	1

Fonte: a autora.

Percebe-se que a maioria indicou o suspense como seu gênero favorito, mas geralmente eles citam mais de um. Ou seja, o gosto desses alunos parece ser bem eclético.

Ah, agora eu tô gostando mais de ler suspense. [...] Investigação, essas coisas assim (Entrevistado 01).

Ah, adoro ver best-seller... Ficção, suspense, adoro esse tipo de livro (Entrevistado 12).

[Livro] De aventura, de suspense, desses tipo assim... É muito variado também, porque tem desde um livro meio suspense, macabro, meio estranho, a um de... Mitologia, a Harry Potter... Pierce Jackson, ou então esses livros do John Reed que são mais casazinho fofo...(Entrevistado 13).

[Livro de] Ficção científica (Entrevistado 14).

Eu gosto muito de... De romance. Eu acho que é o que eu leio mais. Eu não gosto muito de suspense, essas coisas (Entrevistado 17).

[Gosto] Mais [de] fantasia, ficção científica e tipo estratégia de guerra, essas coisas assim... E tem assim... Mais ou menos assim... De comédia romântica... (Entrevistado 20).

Durante as entrevistas, apenas 06 (sete) autores foram citados: John Reed, Saramago, Gabriel Garcia Marquez, Kéfera, Sartre e J. R. R. Tolkien.

É... Eu gosto muito de literatura brasileira. É, eu estou lendo o Saramago agora, adoro Saramago (Entrevistado 24).

Eu gosto de literatura mesmo. E eu tenho, talvez por causa da minha escolaridade na França, eu gosto muito de ler livros de autores franceses assim. Eu já li bastante do Sartre (Entrevistado 31).

É, do Tolkien (Entrevistado 08).

Foram citados 42 títulos de livros, sendo que apenas o “Harry Potter” (como um todo) foi citado por 04 (quatro) entrevistados, “A Culpa É das Estrelas”, “Diário de um Vampiro” e “O Senhor dos Anéis” por 03 (três) cada um e “Sombra” por 02 (dois) alunos. Ou seja, pelo menos 38 outros títulos foram lidos por alguns desses alunos.

É, “Harry Potter e a Criança Amaldiçoada” (Entrevistado 14).

[...]Mas acho que os meus três [livros] favoritos são um que chama “Terra de histórias”, “Eragon” e “Harry Potter”... (Entrevistado 20).

[...] Mas já teve um livro mais pé no chão que eu parei muito pra ler, tem um livro [chamado] “Sombra”. Eu não para muito pra ler, mas eu parei para ler um pouquinho e é... Até que foi indo... (Entrevistado 21).

É... Tem um, que eu li também... Deixa eu ver... Um bom... É... Tem um que é bom, que é “A Culpa é das Estrelas” [...] (Entrevistado 28).

É... Eu gosto muito de reler os livros quando eu leio, eu gosto, eu já... Os que eu mais gostei de ler assim foi “A Última Música” e “A Culpa é das Estrelas” (Entrevistado 05).

[Gosto do] “O Senhor dos Anéis” (Entrevistado 16).

Eu já li alguns livros, ahm... E também eu gosto de histórias tipo “O Senhor dos Anéis”?!?! Sabe? (Entrevistado 19).

Diário de um Vampiro. [...] É, eu acho que é uma sequencia de livros porque eu só li o primeiro (Entrevistado 15).

“Diário de um Vampiro”... (Entrevistado 18).

Por se tratar dos nativos digitais, verificou-se a relação e a opinião desses sujeitos quanto aos livros digitais, os e-books. A maioria (14) disse que prefere os livros impressos, enquanto outros 13 informaram que nunca leram esse tipo de texto. Inclusive um entrevistado disse que nem sabia da existência do e-book. Outro aluno disse nunca ter lido, mas imagina ser a mesma coisa, ainda que prefira o contato físico com o livro.

[Já leu e-book?] Não. [...] Eu nunca nem sabia disso. [...] Igual aquela coisa, tem muita coisa boa, mas a gente não sabe nunca...Ninguém chegou: “Porque que vocês não acessam a e-book uai?” (Entrevistado 11).

Não, eu nunca consegui achar um site ou um aplicativo bom para poder ler no celular. E também, se você não ler o livro, perde a graça de um livro, se você lê num computador ou no celular (Entrevistado 15).

Não. [...] Pra falar a verdade, eu acho que ia ser a mesma coisa, só que eu prefiro ler livro, tocar na página é... Tocar no livro (Entrevistado 16).

Não, não li. Eu, para falar a verdade, eu não gosto muito dessa ideia de ler no computador. Eu gosto de ler no livro mesmo sabe... [...] É, pegar no livro (Entrevistado 22).

Não, não, eu acho péssimo esse... [...] É... Só vê a cara disso aqui... (Entrevistado 24).

Não, nunca tive, nunca cheguei a ler (Entrevistado 30).

Não, eu acho que não. Eu nunca tentei. Eu acho que nunca tive curiosidade. Eu sempre gostei mesmo do livro mesmo. Eu sempre gosto daquele cheirinho do livro novo!!! Que você compra. É muito bom (Entrevistado 06).

Não, eu fico meio que me recusando a ter um *Kindle* assim... Não... [...] É, eu sou um ativista [do livro impresso] (Entrevistado 07).

Tem-se dois entrevistados que disseram não ler, ou nunca ter lido, livros digitais, mas utilizam para ler a Bíblia no celular, devido a praticidade.

Ah... Assim, eu nunca li assim não. [...] Eu leio mais é assim, pego a Bíblia no celular, porque eu vou pra igreja e tudo, e mexo mesmo, mas livro assim, livro não (Entrevistado 04).

Não. [...] Só a Bíblia. [...] Quando eu tenho, vou pra igreja com a minha mãe, aí eu não levo o... O... [tisc] A Bíblia. Eu levo o meu celular e lá tem a Bíblia, aí eu costumo ler lá (Entrevistado 25).

Sete entrevistados acham a leitura do *e-book* mais difícil, sendo que um destaca a falta de paciência para esse tipo de leitura. Entre os fatores destacam-se a dificuldade de concentração em um equipamento que possui outros aplicativos e as questões de problemas de visão.

Não gosto de ler na Internet. Eu acho ruim (Entrevistado 23).

Não, não, eu até prefiro ler os livros da maneira impressa, que eu posso pegar no livro e ler. Porque, por exemplo, eu me distraio muito fácil. Porque se eu pegar, por exemplo, se eu tava lendo no celular, que também tem essa função... Aí vem uma mensagem do WhatsApp... Aí vem uma notificação do Facebook, uma notificação de qualquer rede social que tenho acesso no meu telefone... [...] Eu olho. "Nossa, que negócio legal", porque as redes sociais foram criadas para serem legais. Eu fico olhando, aí eu perco a minha atenção [...] (Entrevistado 27).

É, para mim ver assim... É como se eu tivesse fazendo algo no celular, Fabebook; ele não me atrai muito. Teve uma vez que eu tive que ler no celular, não no *ebook*... Porque eu não tive tempo de comprar um livro da escola, aí fui ler um Machado de Assis assim...Péssimo, ainda mais o *ebook*. Ainda tem aquela adaptação de olho, assim, que o celular não tem (Entrevistado 31).

Não... [gosta] [...] Porque cansa muito, como eu tenho problema de vista, minha cabeça dói (Entrevistado 05).

Cinco entrevistados disseram ler, muitas vezes por falta de opção, mas não gostam do *e-book*, enquanto outros dois leram e não gostaram mesmo.

Ah... Tem... Gostar muito eu não gosto não né, mas quando eu não tenho outro jeito de pegar, eu baixo né... (Entrevistado 01).

Eu já aluguei um no *e-books*, que tem no *lpad*. Só que agora estragou e... Só que... Mesmo sendo *tablete*, eu achei a letra muito pequena, aí eu parei de ler o livro e aluguei na biblioteca do [antigo colégio], que tinha o livro impresso (Entrevistado 14).

O aplicativo é só quando assim... Não tem mesmo o livro pra mim ler, ou tá muito caro... Porque acaba que se eu pegar o celular para eu ler, acabo distraíndo com outra coisa [risos], aí eu não leio mesmo [risos] (Entrevistado 17).

Eu não gosto muito de *e-book* porque eu prefiro pegar no livro, ler o livro do que ler na Internet. Eu tentei começar a ler Harry Potter [engasgou] pela Internet, mas... Eu não consegui, porque eu acho que tenho que ter o livro ali (Entrevistado 23).

Apenas 03 (três) entrevistados relataram que leem e gostam do *e-book*, sendo que um indicou ser mais prático.

[Lê] Isso. [...] Gosto (Entrevistado 18).

De ler, eu gosto. [...] É... Eu sei, eu leio bastante. [...] Aham, eu acho que é a mesma coisa do livro em páginas (Entrevistado 19).

Já. [...] [Acha] Muito melhor. [...] Aham... Muito mais prático, você tem aquilo ali toda hora... Parece que o tempo passa mais rápido assim (Entrevistado 09).

Os alunos foram questionados sobre os incentivos a leitura que recebem. A maioria (11) dos entrevistados indicou a mãe como suas maiores incentivadoras, seguido pelos pais, com 06 (seis) citações. Ambos, ou seja, os pais, também foram citados por 02 (dois) entrevistados e a família em geral por um.

Minha mãe. [...] É, ela fala assim: “Quem lê muito, sabe muitas coisas”, aí ela me incentiva sempre a ler (Entrevistado 01).

Ah... Minha mãe. Eu acho. [...] [A mãe] Sempre me incentivou a ler, sempre, sempre (Entrevistado 13).

Meus pais me incentivam muito (Entrevistado 15).
[silêncio] Bom, a minha família toda fala assim: “Ah, é muito bom ler”, mas... Não tem jeito... [risos] Eu não gosto muito (Entrevistado 17).

Minha mãe [risos]. Ela fica falando: “lê, lê, lê” (Entrevistado 19).

Uhum... É... A minha mãe, ela gosta muito que eu leia assim. Eu também gosto, mas eu acho que quem incentiva mais é ela (Entrevistado 22).

O meu pai com certeza. É assim, é muito engraçado, que meu pai é assim... [...] Se você me pedir R\$ 1.000,00 de livro eu te dava, mas R\$ 1.000,00 de

celular, eu não dou. Então realmente para ele é... Para ele é essencial (Entrevistado 31).

Com certeza é minha mãe (Entrevistado 12).

Outros familiares, como irmãos e avós também foram citados como incentivadores de leitura.

Meu irmão, ele gosta bastante de ler. E ele gostava de ler uma série, chamada "Diário de um Banana". Aí ele me emprestou os livros dele, e aí depois eu passei a ler muito (Entrevistado 23).

Gostam. O meu avô, ele lê muito também. E ele que me deu muito livro assim... Às vezes ele me liga perguntando assim: "Tem algum livro que você queira ler? Eu compro pra você". Aí ele compra (Entrevistado 24).

É... Sim... Da minha vó, muito... (Entrevistado 28).

[silêncio longo] Minha vó (Entrevistado 29).

A minha irmã. Eu comecei a ler por causa dela (Entrevistado 08).

Temos 03 (três) entrevistados que disseram que ninguém os incentiva a ler. Nesse caso, alguns gostam de ler, e atribuem esse gosto a uma questão pessoal. Um simplesmente não respondeu, ficando em silêncio.

Não [ninguém incentiva a ler]. [...] Gosto meu (Entrevistado 18)
[silêncio] (Entrevistado 26).

Ah, minha mãe e meu pai... [nega com a cabeça] [...] Ah, eles... Meu pai e minha mãe eles... Eu acho também que eles nem estudaram direito, minha mãe só fez até a 7ª série, meu pai fez... Ensino médio e fundamental completo, e fez um curso. Meu pai nunca foi desses [inaudível]... Tem que estudar. Mas, agora ler assim... [...] [ler não tem essa cobrança] Não (Entrevistado 30).

Ninguém. [...] É, tipo assim, esse ano eu, por exemplo, eu não li nada (Entrevistado 09).

A escola foi citada por 02 (dois) entrevistados. Professores, amigos e a bibliotecária foram citados por um entrevistado apenas.

[silêncio] Acho que os professores e alguns amigos (Entrevistado 16).

[Tinha estímulo à leitura na escola] Muito! Que eu era muito assim... Eu sempre gostei muito de ler... Aula de redação... Essas coisas assim... Por causa disso... (Entrevistado 20).

[silêncio] Primeiro eu acho que é uma coisa que vai de cada um né, porque num sei... Acho que o [colégio anterior] me incentivou muito a ler. Eu acho que o [primeira escola] desde pequena. Eu acho que meu pai sempre leu histórias pra mim antes de dormir, quando eu não sabia ler. Mas eu tinha muitas colegas assim, que não gostavam de ler assim, e que estudaram nos mesmos lugares que eu. Então eu acho que é uma coisa muito pessoal... [...] É... Mas era muito bom isso [o estímulo da biblioteca], porque a bibliotecária era amiga de todo mundo assim, então a gente sempre pedia indicação de livro pra ela e acabava o livro eu sempre perguntava pra ela assim... (Entrevistado 24).

Alguns entrevistados disseram que as mães tentam incentivá-los a ler, mas nem sempre conseguem. Um deles disse que sente falta desse incentivo também por parte da escola.

Minha mãe tentou muito, mas... [...] Eu sempre quis desenvolver este gosto pela leitura, só que tipo, poxa, a escola podia também dar uma ajuda né, em relação a isso. Mas até tive... Você podia escolher um livro por mês, pelo menos nas séries onde que eu tava, depois você podia contar para as pessoas como que era o livro [...] (Entrevistado 11).

Minha mãe quer que eu leia. Ela até comprou um livro de Filosofia pra mim. Eu tô querendo ler, mas tá difícil de pegar o livro direito, mas eu tô achando legal, tem lá um teste, é... um tipo de teste de ideologia (Entrevistado 21).

A maioria dos entrevistados disse ler, mesmo que não gostando, assim, questionou-se a eles sobre as formas que utilizam para ter acesso ao livro que querem ler. A maioria absoluta, ou seja, 21 alunos informaram que compram os livros de seu interesse, contra apenas 08 (oito) procuram na biblioteca da escola.

Olha... É igual, a professora é... Consegue um desconto... Tipo eu compro (Entrevistado 10).

Eu peço mais a minha mãe pra comprar (Entrevistado 17).

Pela [livraria] Leitura ou pela Amazon... (Entrevistado 20).

Geralmente eu compro... Geralmente eu vou, tipo, [livraria] Leitura... Esses lugares assim... Eu vou... Tenho já um livro em mente, entende... (Entrevistado 28).

Geralmente eu olho, ou então eu olho na, eu vou... Quando a gente tá esperando alguma coisa, às vezes a gente vai na [livraria] Leitura, aí eu fico olhando os livros (Entrevistado 29).

Sim [pega na biblioteca da escola ou na outra]. E tem algumas vezes que eu baixo no celular também pra ler (Entrevistado 01).

Eu procuro primeiro aqui na biblioteca. Se eu não achar eu... Olho em livrarias e peço meus pais pra comprar, porque muitas vezes eu ouço falar desses livros com os meus amigos ou então eu vejo na internet, aí eu vejo a sinopse do livro e falo: "oh, quero ler! É bom", ou até mesmo o título do livro. Esse último que eu li mesmo foi por causa do título, porque eu vi "A Pirâmide", uai, fala sobre o Egito, o Egito é interessante então eu vou ler (Entrevistado 15).

Eu pergunto [na biblioteca], mas na maioria das vezes não tem. [...] Sempre procuro na biblioteca. Quando não tem, eu vou mais em Internet... No celular também. Eu uso muito aplicativo de livro, para poder pesquisar até (Entrevistado 18).

Outras formas de acesso citados são pela Internet (07), pegando emprestado com alguém (06), já possuem livros em casa (02), ganha de presente (01) e busca

em outras bibliotecas (01). Na maioria dos casos, essas são formas alternativas, principalmente no caso de não conseguirem comprar os livros.

Geralmente já tem lá em casa. Ou geralmente eu compro. Eu vejo assim, eu estou passando pela [livraria] Leitura, aí eu falo: “nó... Deve ser interessante” (Entrevistado 11).

Olha, comprar livro na minha situação financeira [risos] hoje tá muito difícil. Então hoje, quando eu quero ler um livro, e minha mãe às vezes não tem condições de comprar, aí ou consegue emprestado... [...] Meu professor de Filosofia me mostrou um site super legal, que tem vários tipos de revista, de livros e agora eu tô lendo por ele, então me salva bastante pra voltar a ler (Entrevistado 12).

Eu peço a minha irmã, que frequenta muito a biblioteca do [colégio onde ela estuda]. Então eu peço. Sempre que peço pra ela olhar se tem o livro, se não tiver, minha mãe tem uma amiga que é bibliotecária, ela... Eu peço pra ela ver se tem lá na biblioteca... Se não eu compro o livro (Entrevistado 14).

É, às vezes o meu colega, o [nome do colega] tem alguns livros, ele empresta. Ou às vezes eu desço aqui [na biblioteca da escola] e uso o empréstimo pra pegar (Entrevistado 16).

Eu costumo comprar os livros ou pegar emprestado com... Normalmente com meu primo, porque ele lê também algumas séries que eu leio, aí normalmente ele compra um livro... (Entrevistado 22).

Eu já tentei vir aqui na biblioteca uma vez, mas aí não tinha o livro... Faz um tempão já. Aí eu procurei na Internet, uma página que tinha o livro, aí eu achei (Entrevistado 26).

Eu peguei emprestado com um amigo meu (Entrevistado 03).

É, pego na biblioteca. Se eu não achar, eu tento achar com os meus amigos... Eu procuro na Internet, vejo se o preço é muito alto, aí eu vejo, aí eu... Se for muito caro, aí não, agora senão... Primeiro [olho] que meu pai e minha mãe, se dá pra comprar aí eu compro (Entrevistado 30).

Ah... Geralmente quando o livro é muito caro eu... Eu leio pela Internet (Entrevistado 05).

Aí, depois disso, eu comprei outro que alguém falou que era bom, que tinha saído o filme. Ganhei um de presente... Aí li... (Entrevistado 13).

Pode-se perceber pelas respostas que o mesmo aluno geralmente busca mais de uma forma de acesso ao livro, mas são poucos que buscam em bibliotecas.

Na busca por uma compreensão mais abrangente desses hábitos de leituras dos entrevistados, foi questionado a eles sobre a relação entre suas famílias e a leitura. Treze alunos informaram que as mães gostam de ler, o mesmo número de alunos que falaram que os pais gostam de ler. As mães também foram apontadas, como dito anteriormente, como as maiores incentivadoras de leitura.

A minha mãe, ela gosta de ler. Ela lê, só que não é pra diversão, ela lê pro trabalho. Meu pai ele gosta de ler, mas ele não tem muito tempo (Entrevistado 19).

Minha mãe... Ela nem assiste televisão, só o jornal mesmo... Ela... Tipo... O dia todo ela fica deitada lendo... (Entrevistado 20).

Só o meu pai. [...] Meu pai é bem culto, nesse negócio de livro... (Entrevistado 25).

Meu pai gosta bastante [de ler], minha mãe também. Ela gosta muito de ler sobre comida... (Entrevistado 03).

Muito! Os meus pais com certeza adoram e leem muito (Entrevistado 31).

Meu pai, ele lê bastante, ele tem milhares de livros, porque ele é... Como fala... Ele é administrador de empresas, e ele administra uma empresa de advogados. Então ele tem vários livros, de várias coisas assim, então ele lê bastante. Todo dia tinha um livro em casa, [...] Minha mãe também tinha vários livros, mas quem me influenciou mesmo a ler assim foi o meu pai. Meu pai que comprou meu primeiro livro, assim... Então... [...] Minha mãe também lê, mas ela [risos] não lê tanto quanto o meu pai lê (Entrevistado 06).

Uhum... Na casa da minha mãe, quando ela pega pra ler um livro, ela lê ele, tipo assim, em um dia, e aí ela vai engajando assim... Lê um tanto. Meu pai não, ele tá sempre lendo um livro tipo assim... É... Sempre, sempre mesmo, mas só que ele lê uns livros bem específicos assim, tipo... Psicologia, essas coisas (Entrevistado 09).

Percebe-se que irmãos e irmãs também são citados como leitores. Em alguns casos, a família é toda caracterizada como leitora.

Minha irmã (Entrevistado 10).

Mais eu, minha mãe e minha irmã (Entrevistado 14).

[silêncio] Eu acho que as minhas irmãs gostam de ler (Entrevistado 16).

Gostam muito, eles [os irmãos] gostam de ler. [...] Eu tenho dois irmãos pequenos, uma de 9 e outro de 6, e eles sempre têm, eles trazem livro. Eles estudam na mesma escola que eu estudava. Aí os professores fazem a mesma coisa com eles, aí sempre trazem [o livro] pra mim. Aí eu ou o meu pai lê, aí tem esse negócio de ler historinha pra dormir e tal... Aí pega eu e meu pai lê pra eles (Entrevistado 30).

Todo mundo gosta. [...] Meu pai, meu irmão, gostam muito de ler. [...] Uhum [a mãe gosta de ler] (Entrevistado 05).

Apenas um entrevistado disse que em sua casa ninguém gosta de ler.

[silêncio] Não [ninguém gosta de ler na família] (Entrevistado 26).

Pode-se inferir que em lares onde os jovens convivem com livros e onde veem pais e irmãos lendo, a tendência é que eles também se tornem leitores. Nas falas, as questões familiares apareceram mais que a influência da escola e/ou da biblioteca escolar.

4.2.4 A biblioteca ideal

Os alunos foram convidados a descreverem como seria a biblioteca dos sonhos de cada um deles. Essa questão lhes pareceu bastante difícil. Muitos não sabiam por onde começar, o que pensar, parecendo que essa nunca foi uma questão pensada anteriormente por eles. Em muitos casos, as repostas tiveram que ser estimuladas mesmo pela pesquisadora. Um dos entrevistados chegou a queixar-se de que se tratava de um pergunta difícil.

Ah, nossa, é difícil essa pergunta. Não sei como eu construiria, não tenho noção (Entrevistado 25).

Tomando-se as principais características físicas das bibliotecas dos sonhos citadas pelos entrevistados, pode-se sintetizar através da seguinte tabela:

Tabela 10 - Principais características da biblioteca dos sonhos

Grande	12
Computadores	6
Puffs	6
Confortável	4
Mesas confortáveis	4
Prateleiras muitas	4
Sofá	4
Fileiras	3
Gigante	3
Igual de filme	3
A Bela e a Fera	2
Aconchegante	2
Bastante cor	2
Clássica	2
Espaço para leitura	2
Jovem	2
Livros divididos	2
Movimentada	2
Poucas janelas	2
Uma bca normal	2
Uma planta	2

Fonte: a pesquisadora

Na descrição física do espaço dessa biblioteca dos sonhos, a maioria, ou seja, 12 alunos destacaram que a biblioteca deve ser grande. Outros 03 (três) entrevistado gostariam de uma biblioteca gigante. Dois se referiram diretamente à

biblioteca do filme “A Bela e a Fera”, que é bastante grande, tendo que utilizar escadas para acessar as prateleiras mais altas. Nessa mesma linha, outros 03 (três) alunos disseram querer uma biblioteca como as apresentadas em filmes. Outros 02 (dois) dizem querer uma biblioteca clássica, como as europeias, que, possivelmente, também foram vistas em filmes e seriados.

É uma biblioteca... É... Um filme que eu gosto muito é “A Bela e a Fera” da Disney, por causa daquela biblioteca. Sempre que eu vejo aquela biblioteca, eu fico de boca aberta. Teve uma vez que eu abri a boca tanto, que eu até babei... [risos] Aquela biblioteca gigante, então eu construiria uma biblioteca daquela (Entrevistado 14).

Eu acho que seria tipo... Um espaço aonde a gente fosse ficar o mais confortável possível, que os livros ficassem bem acessíveis. Eu acho bem interessante aquelas bibliotecas com prateleiras enormes, que tem que pegar de escadas (Entrevistado 15).

[...] Ah! Eu lembrei de uma coisa agora! Você já viu “A Bela e a Fera”? [...] Que tem aquela biblioteca maravilhosa, num castelo. Nossa! Eu sempre adorei aquela biblioteca [fala com bastante empolgação] (Entrevistado 24).

Ah, uma biblioteca tipo aquela de filme, sabe, que tem tipo, é... Estantes gigantes, com vários livros, aí tem uma plaquinha falando qual livro o que, assim... (Entrevistado 26).

Nossa, eu sempre sonhei em ter uma biblioteca muito alta, assim com aquelas escadas que você sobe para pegar o livro, toda de madeira, com várias mesas assim encostada, sem uma janela... Com janelas grandes. Uma biblioteca muito alta, com janelas gigantes, com mesas de madeira para galera sentar, aquela coisa bem assim... [risos] Biblioteca europeia mesmo, bem antiga. [...] É [bem clássica] (Entrevistado 31).

Eu acho que eu faria igual uma biblioteca clássica mesmo, sou dessas que não gosta... Acho que o clássico pra mim é o mais bonito, é... Com um monte de prateleiras, um monte de livros interessantes, de todo o... [...] Eu acho que assim, uma biblioteca cheia de gente assim, de todas as idades. Então assim, seria aquela biblioteca bem grande, computadores, livros, é... Com gente contando histórias pras crianças, então assim, aquela biblioteca bem clássica mesmo, com cantinho de leitura, então assim. [...] É, bem movimentada (Entrevistado 06).

Como um dos entrevistados citou, a biblioteca clássica é a que possui a estrutura que os alunos conhecem. Nesse sentido, dois entrevistados também destacaram que suas bibliotecas seriam “normais”, ou seja, como as bibliotecas que eles conhecem.

[A biblioteca seria] Normal, com prateleiras, mas sempre iria ter aquela divisão, por questão de idade também (Entrevistado 18).

Com certeza eu não ia fazer muito diferente de uma biblioteca normal, porque não é uma biblioteca só pra mim, se é uma biblioteca as pessoas iam querer livros. [...] Eu com certeza ia basear um pouco nessa [biblioteca]

aqui, porque, se eu for tentar botar alguma coisa da minha cabeça ia ficar muito desorganizado (Entrevistado 21).

Apenas 06 (seis) alunos citaram o computador como parte da biblioteca dos sonhos deles, o mesmo número que citou que teria um *puff* no ambiente. Além do *puff*, também foram citados outros elementos como a necessidade de um ambiente confortável, mesas mais confortáveis, almofadas e até uma cama. Os alunos se mostraram preocupados com que o seu usuário se sinta bem dentro do espaço da biblioteca, que deve ser também aconchegante.

Eu faria... [...]É... um sofazinho [silêncio]. Umhas almofadas, um *puff*, é... [silêncio] (Entrevistado 10).

[silêncio] Eu acho que... Muitas prateleiras de livros de fantasia, alguns livros de aventura também, mesas mais confortáveis para sentar e eu acho que é só isso (Entrevistado 16).

Eu queria colocar... Tipo, sofás pras pessoas ficarem, pra poderem ler, e computador assim pra se for de consultar... Alguma coisa (Entrevistado 17).

[silêncio] Eu acho que teria uma cama [risos] e vários livros de... Vários livros de ficção, de romance e... Teria um espaço para mim ler, confortável... [...] Alguma coisa confortável, é. [...] É, ou um *puff* (Entrevistado 23).

Putz... Muito grande, é... Com ar condicionado, com muita... Que nem aquelas que a gente vê nos filmes... Que é uns corredores gigantescos, com livro até o teto e com aqueles corredores centrais, que é maior, uma mesa comprida com as lâmpadas, as cadeiras... [...] É. E com alguns *puffs* também, porque tem gente que gosta de ficar relaxado enquanto está lendo (Entrevistado 07).

Algumas ideias de biblioteca ideal são bastante inusitadas, como o aluno que faria uma cobertura mágica em sua biblioteca, ou outro que a faria como uma casa da árvore e mais um que a faria de vidro.

Eu acho que não [faria] uma biblioteca fechada, [faria] uma biblioteca ao ar livre. [...] [E se chovesse] Aí seria uma situação mais difícil. [...] É [teria uma cobertura mágica] (Entrevistado 18).

Eu acho que seria uma coisa mais rústica... Tipo... Não desse jeito, tipo bem... Tipo uma natureza mesmo, fraga... Traz mais tranquilidade para ler... É mais tranquilo lá dentro... [...] [Com] Estantes de madeira mesmo... Sem ser essa madeira assim, tipo troncos, paredes tipo com tronco mesmo, tipo paredes de tronco... [...]É... Tipo isso... [uma casa da árvore] (Entrevistado 20).

Eu faria um lugar tipo muito grande assim, e de vidro sabe? Tudo de vidro. [...] É, com muita natureza em volta também... Que eu acho que relaxa sabe? Pelo menos eu gosto de ler na natureza. E eu ia fazer tipo uma parte dos livros... É... Materiais mesmo assim, tipo livro de página, de folha (Entrevistado 09).

Alguns alunos destacam a necessidade da biblioteca ser mais atrativa, e na tentativa de melhorar esse aspecto, acreditam que deveriam servir café, equiparem o espaço com uma área de convivência e, até mesmo, uma lanchonete.

É, aí pra galera, se eu fosse dona da biblioteca, eu colocaria sim café, biscoito, de uma coisa bem clássica assim (Entrevistado 31).

Ah, não! Ia ter a... A área de convivência... Lanchonete, porque eu acho que também tem que, tem que ir na biblioteca, mas tem também que descontrair um pouco. Porque lá nos filmes que você vê, parece que é só silêncio e pra ler. Eu acho que não. Biblioteca você tem que ir lá e gostar de lá, porque também se você for lá só pra ler assim, ficar só assim, ninguém gosta (Entrevistado 04).

Percebem-se descrições hora bem próximo do que eles veem, seja nas escolas seja nos filmes, hora eles extrapolam essa visão. Mas, o que sempre, todos falam, é da necessidade de ter livros, seja os preferidos deles, os de literatura em geral, os de pesquisa, os livros didáticos... Assim, foi verificado o que esses alunos entendem que seria o acervo a compor a biblioteca dos sonhos deles. A seguinte tabela sintetiza os itens mais citados:

Tabela 11 - Tipos de acervo

Todos os tipos	9
Só livros	7
Romance	4
Livros de literatura	3
Livros digitais	3
Pesquisa	3
Todos os gêneros	3
CDS/DVDS	2
Ficção	2

Fonte: a pesquisadora

Um entrevistado disse que gostaria de ter todos os livros do mundo em sua biblioteca, enquanto outra comparou a extensão de sua coleção ao que existe na Internet.

Nossa! Ela ia ter todos os livros do mundo! Ela ia ser gigante! (Entrevistado 12).

Ah... Ela seria... Ela teria todos os tipos de livro, igual na Internet. Cada um tem o seu gosto e eu queria que fosse o mais silenciosa e limpa possível (Entrevistado 01).

Sete entrevistados citaram que seu acervo seria composto somente por livros. Apenas um disse que poderia aceitar outro tipo de material, deste que fosse manual.

Só livro, porque... A gente já tem espaço para colocar outro tipo de material, livro que a gente precisa a gente não tem. Livro a gente deixa, por exemplo, na cabeceira da cama... Em cima da mesa... Assim, eu acho que a biblioteca mesmo, seja ou uma biblioteca pública ou dentro da sua casa, ela tem que ser só livros (Entrevistado 15).

Só livro. [...] Ou só coisas manuais assim... Tipo, não eletrônica, não, não, que, da mesma espécie. Tipo, minha mãe me falou ontem, que em São Paulo eles abriram uma biblioteca de moldes de costura, então lá tem tipo todos os moldes de estilista, tem máquina de costura lá (Entrevistado 24).

Acho que só livro. [...] Todo tipo de livro (Entrevistado 25).

Não [teria outro material além de livro] (Entrevistado 17).

A maior parte das respostas girou em torno dos livros, sendo que a maioria destaca que teriam todos os tipos de livros e de gêneros. Outros estabelecem tipos de livros, como os seus favoritos, ou o gênero de romance. Livros de outros idiomas e de fotografia receberam uma citação, assim como livros infantis e mapas.

É... Livros de todos os tipos e de todos os assuntos. [...] É... Se... Eu gosto da maioria dos tipos de livro, não tem um que eu não gosto, uns eu gosto menos outros eu gosto mais... (Entrevistado 14).

Eu acho muito legal. E uma biblioteca com todas as diversidades de livros, porque tem muitos livros que eu queria ler e que não tem aqui [na biblioteca da escola] (Entrevistado 15).

Todos os gêneros né... (Entrevistado 20).

Eu ia querer ter muita literatura. Eu ia gostar de ter... Eu acho que assim, pelo fato de eu ser bilíngue, eu acho que é muito importante ter livro de outras línguas, para quem quer aprender. Eu acho que ajuda muito assim, então eu ia colocar muito livro alemão, em inglês e outras línguas. Até porque eu acho que tem muito estrangeiro assim que chega na cidade e fica muito perdido assim, e quer ler na língua dele. Eu, por exemplo, aqui já quis ler vários livros em francês... Que dificuldade para achar... Até para comprar estava muito caro os livros. Colocar estantes maravilhosas, muita literatura, literatura brasileira. [...] A literatura nacional tem que ser muito valorizada, porque os autores aqui são incríveis [...] (Entrevistado 31).

[silêncio] Ah, eu acho que teria os livros que geralmente eu gosto, de ficção, fantasia, seria bem tranquilo e seria bem ventilada (Entrevistado 08).

Três alunos citaram a questão dos livros digitais, indicando que estes também comporiam o acervo das suas bibliotecas ideais.

Eu acho... Outros tipos também... Aqueles... lá ter nas mesas... Eu ia colocar aqueles... De ler digital, sabe? Aqueles... É... Tipo aqueles... [e-books] Pode escolher né, o que ela prefere... [Kindle] (Entrevistado 28).

É... E eu ia fazer tipo assim uma outra opção, que seria de livros online, tipo e-book e tal (Entrevistado 09).

Ah, tipo assim, esse trem de e-book seria legal, sabe? Tipo um espaço separado pra quem gosta, porque tem gente que não gosta né... Gosta de ler é [livro] físico (Entrevista 03).

Alguns alunos pensam em formas de tornar, também através do acervo, a biblioteca mais atrativa. Assim, pensam em colocar filmes (e a televisão) para que os usuários assistam, CDs de música, jogos (tanto de tabuleiro quanto digitais) além de notícias cotidianas.

Ah, não sei, poderia ter filmes, uma televisão também, se quisesse tipo... Fazer... Assistir um filme (Entrevistado 26).

Eu acho que se eu... Colocaria... Se eu fosse colocar outra coisa, não seria filme nem nada, porque eu acho que hoje em dia eu acho que não ia acrescentar muito para biblioteca, porque hoje em dia você acha isso em qualquer site, mas eu ia colocar talvez música CD, que você pode pegar emprestado, principalmente CD (Entrevistado 31).

Provavelmente eu ia botar livros, revistas diferentes, talvez um jogo ou outro de tabuleiro, ou virtual, porque isso tem em quase toda livraria até. Em biblioteca até que ia ser legal na verdade, ia ter mais atenção, porque quem quer ler, tem lá, quem quer jogar um jogo de tabuleiro, tem lá, quem quer jogar um videogame, tem lá também (Entrevistado 21).

Teria mais um pouco mais da informação, do que acontece no dia-a-dia das pessoas, até mesmo jornal, notícias e livros também de episódios que eu gosto bastante, acho muito interessante e também um pouco de livros infantis, mas seria mais pra adultos que pra crianças (Entrevistado 18).

Conclui-se que, quanto ao acervo, os entrevistado são bastante focados na presença dos livros, contudo, com uma variedade de títulos, tipos e gêneros. Em termos de estrutura administrativa, apenas 04 (quatro) alunos indicaram que a biblioteca deles poderia funcionar 24 horas.

[Seria] 24 horas (Entrevistado 14).

Muitas pessoas acordam de madrugada sem sono, e num faz nada, fica olhando pro nada, pro tempo. Eu acho que se fosse uma biblioteca 24h seria bem útil para esse tipo de pessoa, e elas iriam tá fazendo uma coisa boa, com o tempo delas (Entrevistado 15).

Achei legal... Ela podia ser 24 horas [risos] (Entrevistado 24).

É... 24 horas... (Entrevistado 30).

Para aqueles que indicaram que seria melhor ter um horário de funcionamento pré-estabelecido, as razões geralmente são devido à dificuldade de administrar o período da madrugada. Um entrevistado se preocupou com o salário a mais que teria que pagar, caso a biblioteca fosse 24 horas.

Ah... Tem que ter um horário né... Vou ter que pagar o salário dos dois... (Entrevistado 10).

Ah, horário marcado, porque 24 horas ia ser difícil né! [risos] (Entrevistado 12).

É... Eu acho que teria horário [por] que se não ia ser difícil né... Entrar uma pessoa lá 2:00 da manhã, não é... (Entrevistado 07).

Ainda no quesito administrativo, a maioria dos entrevistados disse que sua biblioteca seria aberta ao público, sendo que um destacou que seria para os amantes de romance.

E que seria aberta ao público, [as] pessoas poderiam usar ela (Entrevistado 07).

Eu acho que eu abriria ao público porque muita gente num... Perdeu o que é uma biblioteca. Muita gente só conheceu uma biblioteca mesmo na escola, e muita gente não frequenta. Vem aqui [na biblioteca da escola] só quando é obrigado mesmo, ou quando vai pegar o livro anuário [livro didático]... Que é o livro que a gente usa o ano inteiro (Entrevistado 15).

Todos! Que gostassem de romance... (Entrevistado 05).

Em contrapartida, 04 (quatro) entrevistados disseram que a biblioteca seria pessoal, sendo que um possibilitaria que os pais também a utilizassem e outro que apenas pessoas de confiança poderiam ter acesso ao espaço.

Provavelmente só eu [usaria a biblioteca] (Entrevistado 01).

É... Eu podia abrir o espaço também para os meus pais, pois eles gostam de ler. Aí podia ter lá os livros que eles gostam também (Entrevistado 22).

É [uma biblioteca pessoal] (Entrevistado 08).

Então eu acho que não seria... Essa biblioteca não seria pública, seria minha e eu emprestaria para amigos e pessoas próximas (Entrevistado 13).

Ainda dentro das questões administrativas os entrevistados disseram que em sua biblioteca existiriam sim regras, ou ao menos algumas regras. As seguintes regras foram citadas:

Tabela 12 - Regras na biblioteca dos sonhos

Cuidado com os livros	10
Devolver	10
Não comer	7
Silêncio	6
Não falar muito alto	5
Não fazer muito barulho	5
Respeitar o outro	5
Não beber	2
Sem celular	2
Celular no silencioso	1
Não correr	1
Não fumar	1
Não jogar livro no chão	1
Não roubar livro	1
Se estragar, paga	1

Fonte: a pesquisadora

Das regras citadas, a maioria fala na questão do cuidado com o livro e da necessidade de se respeitar a devolução do livro emprestado.

Teria [regras]. [...] Ter cuidado com os livros e é... (Entrevistado 13).

E ter cuidado com os livros né... Não rasgar, porque vai ter outra pessoa que vai querer. E devolver na data certa né... Porque a pessoa, também, às vezes a pessoa quer devolver... Quer ler aquele livro, mas não tem, porque a pessoa não devolveu, ou porque rasgou e tá esperando chegar outro... Então ter, sempre o cuidado com o livro assim (Entrevistado 06).

Teria [risos]. [...] Tipo, não estragar o livro né... [...] É... Fazer silêncio, é... Livro, devolver onde que tava, do jeito que achou. Eu acho que as principais são essas (Entrevistado 17).

[silêncio] Só devolver o livro. [...] No prazo certo, ou falar que vai ficar mais com o livro. [...] É... E cuidar bem do livro [risos]. Eu acho que isso é uma coisa muito importante. Eu acho que uma coisa que não ia, que não poderia faltar, ia ser você ter que entregar o livro do jeito que você pegou. [...] É, toda vez que eu empresto um livro eu falo: “você me devolve desse jeito”, “não pode ter nada diferente, não pode rasgar, não pode ter nenhum arranhãozinho” [risos] (Entrevistado 23).

Outro item bastante lembrado pelos entrevistados foi restrição a comer e beber dentro da biblioteca. Essa norma pode soar conflituosa com a ideia de alguns entrevistados de servir café com biscoito, ou colocar uma lanchonete dentro da biblioteca. Essa contradição pode indicar que os alunos têm em seu íntimo as regras tradicionais das bibliotecas, mesmo que alguns não saibam bem o motivo. Um entrevistado indicou que a solução para o impasse da comida seria um espaço próprio.

Primeira regra, mais importante de todas, silêncio absoluto. E segunda, não, deveria ter um espaço para comer, porque você não vai aguentar ficar, por exemplo, 8h sem comer, mas não comer perto dos livros ou das prateleiras né... É porque vai estragar o livro. [...] É [ter um espaço próprio para comer]. Porque senão o livro tá novo, na outra semana já parece que é um livro de 100 anos... Porque caiu comida, caiu bebida... Nele (Entrevistado 15).

Ah, falar baixo, é... [silêncio] Acho que não comer... Nem beber, assim, é... (Entrevistado 24).

Então, essa de não comer eu acho que é importante, né... Eu acho que senão faz muita sujeira... Eu acho que... As pessoas... Falar baixo né... Que as pessoas lá tão querendo né... Um ambiente mais... As pessoas lerem... Tem que respeitar, eu acho que essa lei, né, das pessoas ficarem mais quietas, em silêncio né... Eu acho que também não trazer comida, tipo, pra cá... É... Fora isso, a pessoa devolver né... No prazo, né... Fora isso, tem a multa e tal... Não sei, assim... (Entrevistado 28).

Hum... Não poder comer nem levar bebida, porque pode sujar os livros, molhar (Entrevistado 03).

Um entrevistado se mostrou contra a regra do “não comer e não beber” e deu mais uma solução para questão:

[...] Essa parte de não comer, é só não comer algo engordurado, porque fala sério, todo mundo precisa comer e beber alguma coisa e muitas vezes a pessoa quer fazer alguma coisa enquanto isso (Entrevistado 21).

Outra regra bastante lembrada e citada pelos entrevistados foi a questão do silêncio. Enquanto 06 (seis) estabeleceram a regra mesmo do silêncio, outros 05 (cinco) indicaram que bastaria não falar muito alto, o mesmo número indicou que seria não fazer muito barulho. Também 05 (cinco) alunos indicaram a necessidade de se respeitar o outro dentro do espaço da biblioteca. Quanto ao uso do celular, 02 (dois) proibiriam e um permitiria, desde que estivesse no silencioso.

Ah, silêncio absoluto... Sem celular, ler em voz baixa, é isso (Entrevistado 25).

Não pode fazer, não poderia fazer barulho... É... Celular só se tiver no silencioso [silêncio], e... Só isso... E... Não pode jogar livro no chão. E tem que entregar o livro pra depois a pessoa guardar no lugar certo (Entrevistado 29).

Pô, silêncio, se não fizesse silêncio ia ser expulso da biblioteca. É, o tempo que a pessoa tem para levar o livro para casa, se tivesse isso, eu ia ficar em cima da pessoa, ia pegar a ficha da pessoa, olhar o nome, qual que é o telefone... Qualquer coisa chega uma multa na casa dela, entendeu? (Entrevistado 07).

Não poder comer dentro da biblioteca e nem falar muito alto (Entrevistado 01).

Sim... Aquelas básicas assim... Não comer na biblioteca, não falar alto pra não atrapalhar as outras pessoas, só essas mesmo... (Entrevistado 12).

Ah... la ser só o básico mesmo, tipo não correr, não falar muito alto, é... (Entrevistado 21).

Ah, teria. Não poderia conversar, igual regras que tem em biblioteca comum, não poderia conversar alto... Não poderia usar o celular... (Entrevistado 05).

Ah, só pra num... Só pra num fazer muito barulho mesmo... Eu acho (Entrevistado 08).

Só de respeitar quem tá lendo os livros, alguma coisa assim... De resto... [...] Assim, quando a pessoa tá lendo, não fazer muito barulho (Entrevistado 06).

Ah, sempre tem que ter regras né [...], senão vira uma coisa totalmente zuada e tal, mas... [...] Respeitar os outros, e também não ficar atrapalhando os outros quando eles estiverem lendo... É, ah, eu nem sei direito o quê que teria, mas teria regras que, eles teriam que cumprir (Entrevistado 04).

Para as questões do barulho e da necessidade que muitas vezes os jovens possuem de conversar com os colegas, também foram apresentadas soluções:

la ter um espaço assim, só pra conversar, sabe? Pra não ficar aquele trem chato, mas teria que ter silêncio no espaço de leitura (Entrevistado 03).

[...] Eu acho que esse [ponto] é legal também, colocar um lugar separado assim... No outro... Uma outra sala, que aí pode vim, estimular [...] muitas galeras assim... De turma, pode ser mais novas, pode ser mais velhas. E aí os alunos poderiam escolher livros. Aí, é... Todo mundo escolher livro, depois uma moça ia ler para todo mundo uma história, o livro de história assim... Eu acho legal, então, é um espaço onde a galera pode conversar né... É um espaço. E até mesmo a galera mais velha pode trocar ideia sobre um livro e tal... Eu acho legal (Entrevistado 31).

Outras regras foram citadas como não correr, não fumar, não roubar ou jogar o livro no chão, demonstrando, novamente, que os alunos não fugiram das regras normais das bibliotecas.

Foi questionado, ainda, aos entrevistados se trabalharia alguém em suas bibliotecas ideais. Apenas 05 (cinco) indicaram que seria desnecessário, com diversos argumentos, como a biblioteca mágica, uma biblioteca muito pequena ou o auto empréstimo.

Eu faria essa biblioteca tipo, eu pensava em um tipo de livro e aí aparecia... [...] Uhum [por ser mágica não precisa de alguém trabalhando]. [...] É, uma biblioteca mágica que ia aparecer os livros... Desse assunto... Uma coisa bem... (Entrevistado 14).

Eu acho que... Eu acho que eu não ia precisar de alguma pessoa assim trabalhando... Na minha biblioteca eu acho que o espaço assim não é grande... É do tamanho daquele corredor ali, tem o que, 6 metros ou 7... Eu acho que não precisa (Entrevistado 22).

É... Acho que ninguém. Acho que a pessoa podia ir lá, pegar o livro e depois devolveia (Entrevistado 23).

Os alunos citaram alguns tipos de pessoas que trabalhariam em suas bibliotecas, conforme quadro abaixo:

Tabela 13 - Tipos de pessoa que trabalharia na Biblioteca dos Sonhos

Pessoas que gostam de ler	5
Bibliotecária	3
Cara chato do silêncio	3
O próprio aluno	3
Pessoa conhecida	3
Mulher	2
Gente boa	1
Mãe	1
Muita gente	1
Ou homem	1
Pessoa organizada	1
Recepcionista	1

Fonte: a pesquisadora.

Percebe-se a importância da relação entre biblioteca e leitura estabelecida pelos alunos. Assim a pessoa a trabalhar na biblioteca tem que gostar de ler. Destaque para a figura da bibliotecária lembrada por 03 (três) alunos, assim como a figura da pessoa que sempre exige o silêncio no recinto.

Sim... [silêncio] é... Eu acho que eu ia pegar primeiro uma pessoa que gosta de ler né... [Que] Fosse assim, tipo, organizada... Que fosse... Que eu acho que... Uma bibliotecária tem que gostar de ler e tem que se interessar pela leitura e tal, então eu acho que ia pegar alguém que eu conhecesse, tipo, que eu achasse que é, tipo, organizada, que fosse... Também eu ia querer alguém... Que soubesse, sabe, tipo... Informar, e organizar, e... Eu ia pegar alguém que gostasse disso... (Entrevistado 28).

Sim. [...] Profissionais da área de biblioteca (Entrevistado 25).

Trabalharia. [...] A recepcionista. [...] E aquele cara chato que fica mandando a gente calar a boca (Entrevistado 10).

Muitos bibliotecários, muitos, porque não pode fazer barulho não [risos] (Entrevistado 07).

Alguns alunos confiariam sua biblioteca a pessoas conhecidas, ou a ele próprio ou a sua mãe, mostrando a preocupação e o zelo pelo espaço criado por eles. Em contrapartida, mostra que a figura do bibliotecário não está presente de forma tão positiva para eles.

É [ela quem trabalharia na biblioteca] (Entrevistado 13).

Claro! [...] As pessoas que são mais próximas de mim e de confiança né... Porque, quanto melhor o atendimento pra pessoa, melhor pra ela voltar e frequentar a sua biblioteca né (Entrevistado 18).

[silêncio] Ah... Eu trabalharia e, eu acho que eu ia por a minha mãe também pra me ajudar (Entrevistado 05).

Com certeza, talvez até eu. Nossa, eu lembrei que quando eu era pequenininho eu queria mesmo ter uma biblioteca, eu via o livro e falava com a minha irmã: “vai ter tal coisa, e tal e tal, pra gente e ia custar tanto”. Na época eu era muito pequetinho e pensava que ia ser caro e coisa e tal, mas eu não ia comprar coisa cara! [...] Bom, eu ia tentar pelo menos botar mais gente, pelo menos que eu conheço e confio um pouco, amigo e coisa e tal... Provavelmente eu ia tentar colocar um amigo meu, amigo da infância (Entrevistado 21).

Quanto às funções que a equipe da biblioteca exerceria, a mais citada foi a possibilidade de aconselhar os usuários sobre os livros (05), sendo que outros 03 (três) alunos indicaram a importância da orientação. Três entrevistados também indicaram a necessidade de se auxiliar no processo de procura dos livros.

É... Dar conselhos de livros, ajudar a procurar. [...] Pra orientar (Entrevistado 10).

[silêncio] Pessoas que entendem de livro mesmo... Quem saberia tipo assim... Se alguém chegasse perguntando qual livro seria bom para tal caso... A pessoa saber responder... Uma pessoa de nível assim... (Entrevistado 20).

Eu ia [colocar alguém] para o pessoal, para atender quem está buscando o livro. Esse... Tipo, por exemplo, eu tô procurando tal coisa... Aí a pessoa acompanha o processo todo para achar o livro, é... Eu ia colocar gente para servir um cafezinho e tal... E uma pessoa que fique tipo, no... Na administração, tipo assim, “ah, eu quero... Eu quero um livro emprestado”, aí os... No computador tá uma pessoa que gerencia as entradas e saídas, por exemplo, o nome quando entra, o nome quando sai (Entrevistado 31).

Ah, eu colocaria sim, pessoas que gostam de ler e conhecem muito pra ajudar você a escolher um livro bom, dar sugestão. Igual, a pessoa pode chegar: “eu quero ler um livro, você me indica algum?”, aí a pessoa pode indicar um livro pra ele (Entrevistado 30).

Enquanto 03 (três) alunos citaram a necessidade de uma pessoa para administrar o local e controlar a entrada e saída de materiais, outros 03 (três) apostam no autoatendimento, ou seja, não sendo necessária a presença de alguém, conforme descrito anteriormente.

Ah... Eu acho que sim, mais por causa da organização, entrada e saída de livros... Eu acho que é bastante importante, que às vezes acaba sumindo bastante livros e a biblioteca fica meio vazia né... (Entrevistado 12).

Dentro do tema “se trabalharia alguém na biblioteca” foi questionado a esses alunos se eles acham (ou não) importante a presença do profissional bibliotecário em uma biblioteca. Três alunos acharam a presença e/ou a atuação desnecessária.

Até poderia ter alguém, mas sua atuação não é tão importante para o funcionamento do setor, sendo dispensável.

Não, eu acho que não seria... Porque eu gosto de mexer com os livros, mas... [o profissional seria ela] É, mas... Eu sou muito alérgica então eu não posso ficar tanto tempo mexendo, deixando eles parados, mexendo lá, então seria bom ter uma pessoa para às vezes tirar eles e tipo limpar, mesmo que seja pra... Eu não ter alergia [risos] (Entrevistado 13).

[silêncio] Acho que... Acho que não é necessário, não, eu acho que seria pra... Atender as suas dúvidas, se você tivesse (Entrevistado 23).

Foi questionando também qual (ou quais) seria(m) a(s) função(ões) do bibliotecário. Apenas um entrevistado disse desconhecer o funcionamento da biblioteca, portanto, não teria como responder.

Ah, eu não sei muito de biblioteca... Então não posso dizer [quais atividades esse profissional faria] (Entrevistado 15).

Um entrevistado destacou que o profissional bibliotecário pode contribuir com o usuário para além de simplesmente localizar a obra na estante. Sua postura e colaboração faz a diferença na vida do usuário e na sua relação com a biblioteca.

Sim, mas não [um] profissional que falasse: “oh, esse livro deve estar mais ou menos ali e tal” e é isso. [...] Faz a diferença um profissional que sabe, que fala: “Ah, esse livro é meio pesado porque a autora tal, ela pega muito pesado na hora da escrita, ou os livros dela são meio chatos, ela coloca coisa no livro que não precisa”. Sabe, ter mais interesse, ser mais inteirado sobre os autores e tal. [...] Para informar a pessoa que está dentro da biblioteca, buscando o livro na biblioteca. [...] “Você tem que me entregar tal dia” e ah... É isso. Só isso... Não um profissional... Porque tem um profissional bibliotecário que realmente é apto, porque é uma profissão que sabe, que te instiga a ler [...] (Entrevistado 27).

As funções mais citadas para o bibliotecário são as de indicação de livros (07), bem como de orientação (também 07). Considerando que essa orientação também pode ser vista como a de ajudar a achar o livro na estante (05), essa seria a função principal do bibliotecário. As questões sobre organização (05), coordenação (04), fazer com que as regras sejam seguidas (04), controlar as entradas e saídas de materiais (03), cobrar as devoluções (02), bem como vigiar e zelar pelo acervo (02), essas funções demonstram que uma grande parte dos alunos vê no profissional bibliotecário alguém que exerce mais uma tarefa mesmo de administrador da biblioteca.

[silêncio] Eu acho que tem que ter sim [um profissional bibliotecário]. [...] Porque... Acho... Acho que precisa por causa da organização mesmo. [...] Isso... Acho que precisa, porque as pessoas ainda têm essa necessidade, tomara que daqui um tempo elas não precisem mais, porque pegam o livro e não devolvem ele... Espero que futuramente isso não aconteça (Entrevistado 12).

Se ela não fosse uma biblioteca mágica eu acho que sim porque... Tem... É que nem uma escola, uma escola não pode não ter um diretor, alguém que fica ali, senão a escola não... Ela não ia funcionar direito que nem a biblioteca (Entrevistado 14).

Ah, eu acho que tem que ter pra controlar... Controlar saída e entrada dos livros assim... Ah, essa pessoa ficaria na recepção... É... Anotando os livros que a pessoa pega, leva pra casa... (Entrevistado 17).

Acho que sim pra organizar e pra mostrar as pessoas onde que os livros ficariam (Entrevistado 19).

Uhummm... [...] Porque se não tiver um profissional dentro do espaço... Não vai ser muito bem... É... Como é que fala... Orga.. [...] Organizado, as coisas... Não vai ter muito... As pessoas não vão saber muito o que fazer... Como lidar com o trabalho delas... [...] [um organizador] Uhum... Acho que é manter as pessoas... Falar o que elas estão... Tipo os erros assim... Não criticar, mas assim... Dá um toque só... [...] Ajudar. [...] Tipo um gerente num restaurante (Entrevistado 20).

Percebe-se que os alunos não tem dimensão das possibilidades de atuação do bibliotecário uma vez que, fora as funções burocráticas e gerenciais, o auxílio do mesmo é em localizar livros nas estantes e indicar livros de literatura interessantes.

Nota-se, ainda, que as funções do bibliotecário não diferem muito das descritas para a(s) pessoa(s) que trabalharia nas bibliotecas dos sonhos, sendo que, naquele momento, apenas 03 (três) alunos citaram o bibliotecário ou a pessoa que trabalha em biblioteca, ou seja, eles não fazem distinção entre o profissional formado e outra pessoa que esteja trabalhando naquele espaço.

Para finalizar as questões sobre as bibliotecas idealizadas pelos alunos, foi questionado a eles o que não poderia faltar no espaço sonhado por eles. Disparado o item mais citado foi o próprio livro (14 entrevistados). Alguns inclusive responderam em tom de obviedade.

Livros! (Entrevistado 15).

[silêncio] Nossa... [risos] É... Acho que é o livro mesmo... (Entrevistado 17).

Livros! (Entrevistado 19).

Livro! (Entrevistado 20).

Bom, não ia faltar livros. Porque numa biblioteca vai ter, livros (Entrevistado 21).

Outras 14 respostas se relacionavam com livros, seja com a indicação de títulos que não poderiam faltar, aos gêneros e assuntos prediletos.

Além de livros? [risos] É... Teria... Num sei! Teria os livros, uma estante, ou alguma coisa assim e teria que ter... Não sei, esqueci a palavra... Ela teria que ser importante, ela tinha que tá lá por algum motivo, porque tinham que

ser livros que valerem a pena tá ali, eles mereceram estar ali, mesmo que seja um livro que seja um trenzinho que faz “fi!fi!” [imita um som de apito de trem] de quando eu era pequena... (Entrevistado 13).

É... Livro de ficção científica (Entrevistado 14).

As minisséries. [...]“Diário de um Vampiro”... [...] De coleção, “Os Originais” também é bom... (Entrevistado 18).

[silêncio] Acho que os livros que eu gosto [risos] (Entrevistado 24).

Ah, bastante livros de ação. De suspense (Entrevistado 26).

Hum... Tipo, bastante livro, tipo assim... É... Muito livro de diversos gêneros (Entrevistado 03).

Quatro alunos citaram o computador como imprescindível, enquanto outros dois indicaram *puffs* e estantes. Outros alunos citaram itens como boa iluminação, sofá, armários e silêncio. Um entrevistado destacou a importância de ter uma pessoa para orientar os usuários.

Com certeza? Olha, computador não é muito assim... Mas com certeza teria computador, uma... Uma, tipo um *puff* pra você sentar... Ah... Um... (Entrevistado 30).

[silêncio] Acho que um espaço confortável pra ler e livros de várias variedades (Entrevistado 23).

Silêncio é essencial (Entrevistado 07).

Uma boa iluminação (Entrevistado 31).

Essa pessoa para te fazer pegar um livro, para te agregar valor e não só para... (Entrevistado 27).

Com certeza teria... duas coisas: principalmente é... Esses livros de pesquisas, a maioria seria com certeza sobre a natureza. E a outra coisa ia ser *puffs*, eu adoro *puffs*. [...] principalmente para ler eu adoro [puffs] (Entrevistado 22).

Assim como foram questionados sobre o que não poderia faltar em suas bibliotecas dos sonhos, os alunos foram inqueridos sobre o que não teria, de forma alguma, em seus espaços. Um aluno reclamou da pergunta, alegando que não fazia sentido. Assim deu uma resposta irônica.

[silêncio longo] Não faz sentido... Posso falar uma baleia! [risos] Não faz sentido essa pergunta... Ah... O quê que não teria... Um palhaço! (Entrevistado 10).

Se os livros eram imprescindíveis, alguns gêneros e temas seriam banidos. Dois alunos não colocariam livros infantis, enquanto outros não colocariam livros biográficos, de História, de Português, didáticos em geral, mal cuidados, polêmicos,

que não sejam do gosto do idealizador da biblioteca e sujos. Dessa forma, 12 respostas foram em torno do livro.

Livros estragados, dobrados, sujos (Entrevistado 13).

Acho que um pouco dos livros infantis, que eu não leio muito livros infantis. Eu acho muito interessante, eu gosto mais desses livros assim de mistério... Aquela coisa toda, entendeu? (Entrevistado 18).

O que não teria... É... [silêncio] Deixa eu pensar... Não teria... Eu não gosto muito de ler é... Livros de biografias... Sabe... É... Eu não... Não... (Entrevistado 22).

Ah... Na minha biblioteca não teria esses livros didáticos (Entrevistado 04).

[silêncio] É... Livros de História [risos] e de Português (Entrevistado 05).

[silêncio] Os livros que eu não gosto! [risos] Eu não tenho muita criatividade para responder [risos] (Entrevistado 08).

Em termos de infraestrutura os alunos citaram itens como calor, frio, coisas infláveis ou quebradas, computador e vidro. Com relação ao barulho, foram citados itens como armários de metal, coisas barulhentas, música, caixa de som e pessoas falando alto.

Hum... Deixa eu pensar aqui a temperatura assim, ambiente. [...] É eu já fui estudar na biblioteca com calor e é impossível. [...] É... Com frio também deve ser [risos] porque você fica parado, então é um momento que você fica parado lá... Pode ficar com muito frio ou com muito calor, mas o que eu acho que não teria, que eu não ia mesmo tolerar que ter, é barulho embaixo, que me incomoda muito assim (Entrevistado 31).

É difícil... [silêncio] Olha... [silêncio] O que não teria... É difícil [risos] é...Eu imaginaria coisa que pegasse fogo, que pegasse fogo, mas acho que meio improvável, ah, coisa que não atraia fogo, sei lá... (Entrevistado 30).

Não teria... [silêncio] Não teria... Hum... Isso é difícil... É... [silêncio] Não teria, tipo assim, coisa para fazer barulho, sabe? [...] Tipo armário... De... De armário de metal, sabe? (Entrevistado 03).

[silêncio] Caixa de som... (Entrevistado 20).

Diante das respostas, é possível sintetizar a biblioteca dos sonhos para a maioria dos alunos como grande, com computadores, confortáveis, parecidas com aquelas que eles conhecem, inclusive através do cinema. O acervo seria composto principalmente por livros, com bastante variedade de temas, gêneros e formas. A biblioteca teria horário de funcionamento, aberta ao público e possuiria regras. Trabalharia alguém nesse espaço, podendo ser o bibliotecário, principalmente com a função de auxiliar os usuários.

Pode-se perceber que as descrições das bibliotecas dos sonhos, seja em sua parte física, em suas regras ou na equipe que nela atua, são bem próximas das bibliotecas padrões e coincidem em muito com o explanado por Almeida Júnior e Bortolin (2009). Apenas o acervo foi descrito diferente do que eles encontram na realidade, uma vez que os alunos colocam ter muitos e variados tipos de livros, como também indicado na literatura. Destaca-se, ainda, a fala de um entrevistado da Escola C, que frisa que sua biblioteca teria paredes.

4.2.5 A biblioteca real e a biblioteca dos sonhos – aproximações e distanciamentos

Para compreender ainda mais o que é a biblioteca escolar no imaginário desses alunos, foi proposta a eles que transformasse a biblioteca da escola onde estudam em uma pessoa, com aspectos físicos e psicológicos. Em seguida, foi proposta a mesma tarefa, mas com a biblioteca que eles idealizaram. A maioria dos entrevistados apresentou muita dificuldade em responder ao que lhe era pedido. Eles apresentaram tanto dificuldade de abstração, quanto de elaboração das ideias. Uma análise bastante rápida das respostas demonstra que a biblioteca idealizada possui menos atributos indicados que a biblioteca real, tanto no quesito físico quanto psicológico. A tabela a seguir faz uma rápida comparação entre as características físicas citadas pelos entrevistados para a biblioteca real e a dos sonhos:

Tabela 14 - Comparação das aparências físicas da biblioteca real e a dos sonhos

Aparência física	Biblioteca Real	Biblioteca dos Sonhos
Alta	2	3
Baixo	4	-
Mais ou menos bonita / Bonitinha	2	-
Beleza interior	-	1
Beleza normal	3	-
Bem arrumada	1	1
Bonita	2	3
Branca	1	-
Cabelo branco	1	-
Cabelo liso	1	-
Cabelos cacheados	-	1
Elegante	-	2
Esquisita	2	1
Estatura normal	1	-
Experiente	2	-
Feio	1	-
Fraca	1	-
Gordinha	1	1
Igual a real	-	1
Largado	2	-
Mais forte	-	1
Misteriosa	-	1
Mofado	1	-
Morena	-	1
Óculos	2	-
Olhos castanhos	-	1
Pode crescer	1	-
Trocaria de aparência (E19)	1	1
Uma parte do aluno	-	1

Fonte: a pesquisadora

A tabela seguinte traz um paralelo entre a biblioteca real e a biblioteca dos sonhos com as características de idade indicadas pelos alunos:

Tabela 15 - Comparativo de Idades para a biblioteca real e a dos sonhos

Idade	Biblioteca Real	Biblioteca dos Sonhos
Idade indefinida	3	-
Idade mediana	4	1
Idoso	10	3
Jovem	5	3

Fonte: a pesquisadora

Com relação ao gênero tem-se a seguinte tabela comparativa:

Tabela 16 - Comparativo de gênero entre biblioteca real e a dos sonhos

Gênero	Biblioteca Real	Biblioteca dos Sonhos
Homem	5	2
Mulher	3	4
Sexo indefinido	12	5

Fonte: a pesquisadora

Analisando os atributos físicos, seguindo os mais citados, teríamos uma pessoa idosa (10), de sexo indefinido ou indiferente (12), baixa (04) e com uma beleza dentro dos padrões normais. A pessoa biblioteca ser mais velha é destacado mesmo por vários entrevistados.

[silêncio] Eu acho que um pouco mais velho. [...] [risos] Bonito. [...] Não sei, uma coisa além, não sei [sexo] (Entrevistado 26).

Mais velha (Entrevistado 28).

Tanto faz [sexo] (Entrevistado 29).

Não, não faz diferença homem ou mulher (Entrevistado 06).

A primeira coisa que me vem a cabeça se eu fizesse isso seria uma coisa bem estereotipa mesmo, seria um velhinho de cabelos brancos já, com óculos e gostava de ler, bem sábio assim... (Entrevistado 08).

Já a biblioteca idealizada pelos entrevistados não teria uma aparência física tão estabelecida pelos atributos indicados. O mesmo número de alunos (03) indicou que a pessoa seria jovem ou velha. O sexo indefinido foi citado por 05 (cinco) alunos, mas 04 (quatro) indicaram que seria uma mulher. Mas essa pessoa certamente seria alta (03) e elegante (03).

Seria uma pessoa alta, bonita, misteriosa (Entrevistado 26).

Mais velha já teria ganhado um prêmio Nobel. [...] Não importa [o sexo]. [...] Dois metros de altura [risos] (Entrevistado 07).

Alta. [...] Elegante (Entrevistado 12).

Traçando uma análise comparativa entre as respostas para o atributo idade, para a biblioteca existente na realidade do aluno, houve 03 (três) citações de idade indefinida ou irrelevante, dado que não apareceu na caracterização da biblioteca idealizada. Já com relação idade considerada mediana, foram 04 (quatro) respostas na biblioteca real contra um na biblioteca dos sonhos. O número de citações para jovens é parecido, sendo 05 (cinco) para a biblioteca real e 03 (três) para a dos

sonhos. A maior diferença é na indicação de idosos, sendo 10 na biblioteca real e apenas 03 (três) na biblioteca dos sonhos.

Quanto ao sexo da pessoa biblioteca, na biblioteca real foram 05 (cinco) indicações para homem e na biblioteca dos sonhos foram apenas 02 (dois). Já com relação a indicação de ser mulher, na realidade seria apenas 03 (três) contra 04 (quatro) da idealizada. A maior diferença foi com relação ao sexo indefinido ou indiferente, sendo que os alunos citaram essa característica 12 para a biblioteca da realidade e somente 05 (cinco) na biblioteca ideal.

Foram poucas características comuns citadas pelos alunos para descrever e caracterizar a pessoa biblioteca deles. Assim, foram repetidos os atributos: “alto (a)”, “bem arrumada”, “bonita”, “esquisita” e “gordinha”.

Importante destacar que um aluno descreveu sua biblioteca tanto a real quanto a ideal como mutante. Ela se transformaria e teria tanto a aparência física quanto psicológica do livro que a pessoa estivesse procurando.

Acho que essa pessoa ela não teria... Ela seria uma pessoa que não teria gênero. [...] Ah! Não! [como se lembrasse de alguma coisa] Tipo, se ela tivesse falando de um livro ela virava o autor do livro, ela ficaria trocando de cara e de idade. Se for uma autora jovem, vira uma mulher jovem. [sobre a biblioteca dos sonhos descreveu] Ela seria uma pessoa que provavelmente seria livro [?] e ajudaria todas as outras pessoas, a cara dela? [...] Eu acho que também ficaria mudando em relação a cara do autor que ela tivesse falando [risos] (Entrevistado 19).

Tem-se também dois alunos que ao descreverem a pessoa na qual sua biblioteca idealizada se transformaria, colocaram eles mesmos na descrição.

Mulher. [...] Morena... Dos cabelos cacheados... O olho muito... Meio castanho e... Seria praticamente uma pessoa comum, só que claro cada um tem suas características, né? (Entrevistado 18).

Eu acho que eu ia botar tipo homem, porque como é a minha, ia ter parte eu acho... Que a minha mãe falou uma vez, uma criação acaba sendo uma parte sua... Não sei... O que você cria acaba tendo uma parte, alguma coisa sua... (Entrevistado 21).

Ao descreverem as características psicológicas das suas bibliotecas (reais e dos sonhos), os alunos continuaram com dificuldades de se expressarem. Nesse ponto, a variação de pontos foi maior do que nas características físicas. Assim, apresenta-se abaixo a tabela com os atributos mais citados para a biblioteca real e em seguida para a biblioteca dos sonhos:

Tabela 17 - Atributos mais citados para a biblioteca real

Inteligente/Culta	12
Muito conhecimento	5
Tímida	4
Bem informada	2
Bom relacionamento	2
Comunicativo	2
Criativa	2
Educadora	2
Instável	2

Fonte: a pesquisadora

Tabela 18 - Principais atributos para a biblioteca dos sonhos

Inteligente/Culta	7
Comunicativa	5
A mesma pessoa	4
Extrovertida	4
Saberia de tudo	4
Aberta	3
Criativa	3
Alegre	2
Atual	2
Expansiva	2
Interessante	2

Fonte: a pesquisadora

Utilizando o mesmo critério das características físicas, se elaborássemos a personalidade da biblioteca real dos alunos, a partir dos atributos mais citados, ela seria inteligente e/ou culta (12), com muito conhecimento (05), porém tímida (04). A personalidade oscilou bastante e muitos pontos negativos foram indicados, como ser chata, insegura e até, mesmo, sofrer *bullying*.

[Uma pessoa] Que conhece de tudo um pouco (Entrevistado 01).

Com o conhecimento dos livros... Ah, acho que ia ficar inteligente, culta, é... [silêncio]. [...] Tímida (Entrevistado 10).

Um pouco mais tímida... Não se socializando muito com as pessoas... Mas... (Entrevistado 18).

Inteligente, por causa dos livros. [...] Comunicativo (Entrevistado 25).

Comunicativa. [silêncio] Ah, uma pessoa muito inteligente (Entrevistado 26).

É, ela pode crescer muito ainda, inteligente mas não uma pessoa que é muito gênio, mas inteligente, e fácil de lidar. Mas é pessoa [que] ela era sofria *bullying*, as pessoas faziam *bullying* com ela. [...] Pela falta de... Como

é que fala, como se elas pudessem fazer qualquer coisa sem ter consequências entende? Como se a biblioteca não botasse moral... [...] Mas insegura assim... [...]Eu acho que o problema não seria a pessoa, seriam as pessoas que cometem o *bullying* com ela porque.... [...] Sim, sim, apesar de ser inteligente não se impor (Entrevistado 07).

A biblioteca dos sonhos também se transformaria em uma pessoa bastante culta e inteligente (07), mas comunicativa (05) e extrovertida (04). As características que podem ser tidas como negativas, como “chata” ou “esquisita” não aparecem nessa lista. Ainda temos 04 (quatro) alunos que afirmaram que seria a mesma pessoa.

Nossa! Ia ser uma pessoa super [com ênfase] inteligente, ia ser uma pessoa que sabe de vários assuntos, super simpática (Entrevistado 12).

Seria a mesma pessoa, uma pessoa criativa, culta e inteligente... E que sabe lidar com as palavras em questão de coisas difíceis né... Como por exemplo, a morte de alguém ou a felicidade excessiva de uma pessoa que pode até constranger, saber escolher as palavras corretas para conter a felicidade daquela pessoa, muitas vezes a gente não consegue, a gente fica tipo “ah, legal” (Entrevistado 15).

Ah... Ah não, acho que seria a mesma pessoa (Entrevistado 25).

Eu acho que seria... Atrair as pessoas... Um público mais jovem... Falando pra mim né, a minha faixa etária... É... Eu acho que ela ia querer passar a informação pras pessoas, sabe? Querer fazer que as pessoas tenham a mesma informação que ela tem... [...] É! Uma pessoa comunicativa... Ia ser uma pessoa que ia querer passar a informação, as informações que ela tem pras outras pessoas... [...] [silêncio] Essa pessoa ia ser bem informada, ia ter vários, ia ter conhecimento de várias coisas... Desde assuntos infantis, até assuntos profissionais, assim... Acho que ela ia ter bastante conhecimento... Só que ao mesmo tempo ela ia ser bastante divertida, que eu tomei referência na biblioteca com as cores né... (Entrevistado 28).

Destaca-se por fim, um entrevistado que apresentou uma descrição bastante estereotipada e negativa da biblioteca real. Ao se referir a sua biblioteca idealizada, a descrição foi praticamente o contrário.

Ah seria um velho ou uma velhinha, homem ou mulher, não faz muita diferença. Ia ser chata, uma pessoa chata. Não seria uma pessoa convidativa. Seria uma pessoa com óculozinho assim, carregaria os livros abraçado, teria assim aquele negócio da pessoa: “acho que eu não vou entrar na biblioteca não”, “que mulher esquisita”. Porque a gente é educado para não ficar perto de pessoas esquisitas né, nossos pais nos educam assim. Agora, quando você vê uma pessoa esquisita assim, não dá um sorriso direito, não é convidativo chegar, ficar perto da pessoa, você vai querer entrar na biblioteca que é aquela pessoa que toma conta? [...] Então seria uma pessoa chata, um velhinho ou uma velhinha ranzinhas, já que não dá um sorriso... Não é? As pessoas não querem ficar perto... E cheio de mosquinhas em volta assim. [...] É meio mofado porque sabe... Porque tá meio velho tá meio assim sabe (Entrevistado 27).

Seria uma pessoa alegre, sorridente, que está o tempo todo querendo se envolver com as pessoas, tá querendo chamar as pessoas para perto,

querendo conhecer as pessoas de um jeito diferente, e porque geralmente quando uma pessoa escolhe um livro numa biblioteca para ler que ela já conhece mais ou menos o autor aquilo diz um pouquinho da pessoa. [...] Eu acho que se eu se eu fosse uma bibliotecária, se eu fosse transformar a biblioteca que eu imaginei, ia ser mais ou menos igual a mim [...]. Dando explicações para as pessoas, querendo trazer as pessoas para perto, dou um sorriso, me comunico melhor. Com os livros, tem muito livro que te traz pra perto dele... Que te dá... Que te dá uma característica de personalidade, traz uma personalidade para pessoa, entendeu? (Entrevistado 27).

Pode-se inferir que para os alunos, ainda que a descrição de sua biblioteca dos sonhos seja parecida com uma biblioteca real, a percepção que eles têm do espaço ainda não é tão positiva, o que pode explicar o pouco uso da biblioteca escolar.

5 CONCLUSÕES

A presente tese se propunha conhecer melhor os jovens hoje nas escolas, chamados de nativos digitais. Essa escolha tinha como objetivo, a partir desse conhecimento, refletir sobre a atuação da biblioteca escolar, de forma que seja mais efetiva para esses alunos.

A partir dos estudos sobre nativos digitais presentes nas teorias, sabia-se que se trata de uma geração bastante distinta dos professores e bibliotecários que atuam nas escolas. Essas diferenças impactam na atuação desses profissionais na formação dos sujeitos em questão.

O primeiro objetivo específico da pesquisa era investigar esses alunos nas escolas. Para tal, empreendeu-se o período de três meses de observação seguida das entrevistas. O período de observação foi muito importante, tanto no sentido de apreender como esses alunos lidam com a informação e o conhecimento na escola, quanto para que a pesquisadora passasse a ser uma pessoa do convívio deles. Uma das preocupações era o fato de se tratarem em muitos casos de adolescentes. Havia o receio que a entrevista não correspondesse ao que eles realmente pensavam e sentiam.

Portanto, a partir do momento que a pesquisadora deixou de ser uma pessoa estranha a eles, foi possível criar, em muitos casos, vínculos de confiança, que refletiram nas respostas à entrevista. A entrevista também foi desenvolvida em tom de um conversa, quebrando a sensação que se podia ter de que estavam sendo avaliados por suas respostas.

O segundo objetivo era apreender a relação desses sujeitos com a informação. Uma vez que estamos vivendo em uma realidade onde a informação está em toda parte, a pesquisa queria compreender como os nativos digitais lidam com ela. Nesse ponto, tinha-se em mente o rápido e fácil acesso a uma gama enorme de informação. O que se pode perceber é que essa geração não tem a real dimensão de suas capacidades e da importância do acesso à informação para a produção de conhecimento.

Na escola C, por exemplo, onde o método de ensino prevê a busca pela informação por parte dos alunos, afim de que formem sua base de conhecimento, o que se pode notar foi a repetição da fórmula copiar e colar. Essa foi a mesma

conclusão obtida pelo acompanhamento da apresentação de trabalhos na escola B. Os alunos simplesmente buscam as informações solicitadas pelo professor, a copiam, mas não refletem sobre o texto. Eles apresentam, muitas vezes, dificuldades em elaborar suas próprias conclusões. Isso ficou claro, ainda, na descrição, na escola B, da entrega das provas por parte do professor, que destacou erros por leituras apressadas e dificuldades em interpretação de textos.

Infere-se que, a urgência em resolver a questão proposta, supera a necessidade dos alunos em elaborar, analisar e sintetizar a informação. Essa dificuldade também foi notada no momento das entrevistas. Em muitas situações eles não sabiam expressar o que pensavam ou o que sentiam. Parecia faltar-lhes as palavras, ou seja, ficava clara a dificuldade em elaborar as ideias.

Retomando as reflexões de Morin (2006), a escola, e por consequência a biblioteca, têm o desafio de formar sujeitos complexos. A ideia de aluno como repositório não atende mais a esses sujeitos, mas ao que parece, essa formação complexa ainda não é sentida. Talvez seja uma possibilidade de explicar essa dificuldade de expressão e elaboração apresentada pelos alunos. A partir do momento em que a formação deles enquanto sujeitos pressupõe um acesso cada vez mais cedo e rápido a uma enormidade de dados, esses alunos não estão sendo preparados para lidar com isso. Se a escola baseia seus pressupostos em abastecer alunos como receptáculos ao invés de investir em uma postura de facilitador no trato com os dados disponíveis, ela contribuirá para perpetuar sujeitos acríticos, com dificuldades de síntese e, conseqüentemente, dificuldades de formulação do conhecimento.

O primeiro saber que Morin (2006) indica ser necessário para a educação do futuro é a capacidade de conhecer o que realmente é conhecer. O princípio do conhecimento pertinente também se mostra importante para essa nova geração. Eles devem ser capazes de estabelecer relações mútuas e recíprocas entre soluções locais e globais para a solução de problemas. Contudo, segundo a pesquisa, esses alunos não fazem realmente essas relações.

O próximo objetivo era analisar a visão de biblioteca escolar e de bibliotecário para esses nativos digitais. O que se pode perceber é que eles claramente associam a biblioteca à leitura. Assim, a biblioteca não lhes atende principalmente devido à deficiência no que se refere à coleção literária. Os jovens

reclamaram bastante da desatualização do acervo da biblioteca diante dos lançamentos literários ou do tipo de obra que lhes agrada. Nas utilidades da biblioteca alguns alunos citam a questão da pesquisa e do ambiente propício ao estudo, mas não poucos que realmente a usam para esses fins. Nesse quesito, pode-se inferir que a tecnologia colabora para esse descrédito dos alunos para a função de pesquisa da biblioteca escolar.

Todos os alunos entrevistados possuem o celular e estão conectados na Internet. É a ferramenta que eles utilizam rotineiramente para diversas funções, inclusive para a pesquisa. Assim, como fazer com que esses alunos procurem a biblioteca escolar para solucionar seus problemas informacionais se a resposta está a um clique em suas mãos? Esse é um dos desafios não apenas da biblioteca escolar, mas da escola em si. Esse clique de distância pode atender aos alunos, ao menos na avaliação deles, mas, o que de se mostrou é que esses jovens não estão formados (ou se formando) para saber buscar, selecionar, avaliar, sintetizar e realmente produzir conhecimento com as informações encontradas.

Outro ponto dessa análise foi a visão de bibliotecário desses jovens. Inicialmente, eles não diferenciam a secretária, o cara chato que pede silêncio ou a moça emburrada que só reclama. Para eles, todos que estão dentro de uma biblioteca são bibliotecários. E, infelizmente, a imagem que eles possuem desse profissional é bastante restrita e negativa. Alguns narraram episódios desagradáveis com o profissional, desde a atuação que limitava aos alunos a escolha das obras até o estereótipo de pessoa velha, chata e pouco atrativa, que serve mais para espantar do que estimular os alunos. Claro que também se encontrou relatos de bibliotecários que eram amigos, que ajudavam e indicavam livros. Mas, geralmente essas interações eram no campo da leitura literária.

O último objetivo era compreender o papel da biblioteca escolar e do bibliotecário na formação dos nativos digitais e, nesse momento, foi uma tarefa em muitos casos frustrante. Nas escolas pesquisadas percebeu-se que esse papel era abaixo do esperado. Em nenhuma dessas escolas se viu um envolvimento profundo entre a biblioteca, o bibliotecário e os processos de ensino-aprendizagem. Na escola A, onde a biblioteca era mais bem estruturada, os problemas advindos da tensão no relacionamento entre professores e bibliotecários era presente inclusive dentro da equipe da biblioteca. Percebia-se uma “queda de braço” entre professores atuantes

na biblioteca (devido a laudo médico) e auxiliares de biblioteca. A presença da bibliotecária era pouca e, durante o processo, a mesma se aposentou. Na escola B, no começo da pesquisa existia uma bibliotecária que atuava na escola 12 horas semanais, para atender em dois turnos, ficou-se um tempo sem profissional e no final chegou outra bibliotecária, também atuando 12 horas semanais. A escola C, com sua ideia de levar a biblioteca para próximo dos alunos, também possuía uma bibliotecária, que atuava algumas horas semanais, porém, dedicada (ao menos naquele momento) aos serviços de processamento técnico, que eram realizados na sala da coordenação, ou seja, bem distante dos alunos.

Ou seja, a atuação do bibliotecário, e mesmo da biblioteca, não pareceu causar impacto na formação dos alunos pesquisados, segundo a visão deles. Essa constatação é comprovada tanto pela observação quanto pelas entrevistas. Como já dito, os alunos associam muito a biblioteca escolar à leitura, contudo, ao querer ler um livro o primeiro caminho deles é a compra. A maioria sequer cita a biblioteca como uma possibilidade.

Diante desse quadro, analisando todas as categorias descritas e as observações realizadas, pode-se concluir que a biblioteca escolar e o bibliotecário ainda se encontram a margem do processo ensino-aprendizagem. É importante destacar que esse desmerecimento inicia-se nos diretores e professores das escolas. Os diretores das instituições particulares pesquisadas demonstraram seu descrédito com a atuação da biblioteca. Um deles chegou a mencionar que tem a biblioteca na escola (formada em grande parte por seus livros pessoais) e só contrata o bibliotecário por ser uma exigência do Conselho Regional de Biblioteconomia (CRB). Os outros diretores não foram ouvidos, mas as atitudes frente as suas bibliotecas denotam o mesmo desmerecimento.

Ao se verificar como o bibliotecário no contexto escolar é visto e compreendido pelos nativos digitais, percebeu-se que dois grupos distintos de alunos se destacaram: aqueles que, pela pouca ou nenhuma convivência com um bibliotecário atuante e mediador, são incapazes de reconhecer o valor desse profissional, uma vez que nunca experimentaram sua existência, e aqueles que começam a entender a importância da atuação do bibliotecário e são capazes de enumerar algumas de suas funções: manter a ordem do espaço, sugerir leituras, ajudar a localizar materiais e informação, etc.

Notou-se que, se por um lado apareceu certo desconforto dos alunos com profissionais rígidos e que, em certos casos, sua presença não se mostrou importante, por outro, uma análise mais detalhada das respostas indicam uma valorização da atuação de um profissional. Infere-se que o bibliotecário, para atuar junto a esse público, deve estar ciente que as regras são importantes, mas a comunicação também é. Esses alunos necessitam ser acolhidos e, além de mediados com os materiais e possibilidades da biblioteca. Faz-se necessário estabelecer um diálogo e um relacionamento com esses jovens, de uma forma muito mais próxima da realizada com usuários adultos.

A comunicação com os alunos é um aspecto importante para o bibliotecário escolar. Isso pode ser comprovado pelas respostas dos entrevistados. É o momento de deixar de lado a postura do bibliotecário que apenas expressa o “shiiiiuuu” e impõe a lei do silêncio, para aquele que acolhe e reconhece os alunos, que os atende de forma amigável, caminhando com eles pelo mundo da leitura e da informação. A comunicação é uma ferramenta importante para o estabelecimento dessa relação.

Romper as barreiras da biblioteca não implica somente quebrar paredes, como pode ser verificado no caso da escola C. Levar a biblioteca, ou melhor dizendo, o acervo, para perto do aluno não se mostrou eficaz. É necessário romper as barreiras do bibliotecário, aumentando sua interação e participação não apenas no coletivo de professores da escola, mas também na vida dos alunos.

As reflexões do movimento de competência informacional podem servir de base para a atuação do bibliotecário, que deve compreender seu usuário e suas novas necessidades de informação e de serviços informacionais, suas maneiras de lidar com as informações e de se comunicar também no ambiente digital, de modo a atuar eficazmente na mediação da informação. A mudança deve começar pelo profissional e sua postura, para que as barreiras entre a biblioteca escolar e os nativos digitais possam ser rompidas.

A pesquisa demonstrou o pouco conhecimento dos alunos sobre as possibilidades de atuação do bibliotecário no seu processo de aprendizagem. Para mudar essa realidade cabe ao profissional mostrar o seu valor. Para tanto, faz-se necessário repensar também as possibilidades de comunicação com esses alunos. Assim, será realmente possível ao bibliotecário interagir e auxiliar os nativos digitais nos seus processos de aprendizagem formal e informal.

O trabalho conclui que conhecer esses novos alunos, os nativos digitais, com suas especificidades é importante para uma atuação mais eficaz da biblioteca escolar. As mudanças necessárias estão mais no âmbito do bibliotecário, de sua postura, do que no formato em si da biblioteca. Essa mudança do profissional deve começar por sua apresentação na escola. Ele deve buscar o relacionamento com a equipe de professores e também com os diretores, mostrando para eles as possibilidades da biblioteca escolar.

A partir dos dados coletados é possível desenhar esses nativos digitais como sujeitos inseridos em um mundo repleto de informação, com acesso rápido a dados, mas com uma carência em recuperar, processar e sintetizar o que está disposto. Os hábitos dos nativos digitais são diversos dos adultos (“colonizadores digitais” ou “imigrantes digitais”) que estão a sua volta para sua formação. Sua relação com a informação e com os meios de comunicação é bem diferente. Para o professor, o bibliotecário, a mãe, o pai, a televisão ainda é uma ferramenta presente em seu dia-a-dia. Para os nativos digitais a televisão se transformou em Netflix e YouTube. É uma inversão completa de relação. Na televisão tradicional, os programas são oferecidos em dias e horários pré-estabelecidos, enquanto no Netflix e no YouTube o sujeito escolhe o que quer assistir, no dia e na hora que quiser.

Essa é uma característica desses jovens, o estabelecimento de relação com as informações no momento em que eles desejam. Por isso, talvez, a frustração de não encontrar no acervo da biblioteca as obras que querem ler, e levar a crer que a biblioteca não seja o espaço para saciarem seu gosto pela leitura. O que se pôde notar é que eles buscam já o que querem ler, dando poucas chances para o que está disposto na estante. Nesse momento, a presença do bibliotecário para indicar e acompanhar esse processo de leitura é fundamental.

As análises também corroboraram a investigação de Antunes (2015), onde se nota que, ao contrário do que todos pensam, os nativos digitais não dominam plenamente a tecnologia. Eles têm todo o acesso, mas seu uso ainda é superficial. Para esses alunos a busca se restringe ao Google, chegando ao ponto da ferramenta de busca ser confundida com a própria Internet.

É importante destacar que a investigação transcorreu em apenas três escolas do município de Belo Horizonte, razão pela qual suas conclusões não podem ser generalizadas. Assim, indica-se a possibilidade do estudo ser replicado em outros

contextos, possibilitando ou afirmar ou refutar ou coletar dados que possam ser confrontados aos encontrados nesse momento.

Indica-se a possibilidade de se investigar o imaginário dos diretores escolares quanto à biblioteca e ao bibliotecário, como um novo viés de pesquisa, que pode contribuir muito para a atuação do profissional nesse contexto.

O trabalho se encerra nesse momento, destacando a importância do profissional bibliotecário para fazer da biblioteca escolar o espaço a que ela realmente se propõe na literatura: lugar do conhecimento, da leitura, da pesquisa. Para tanto, os nativos digitais mostraram que, muito mais que se inserir no mundo tecnológico, o profissional necessita se inserir no mundo da comunicação, da sensibilidade, do acolhimento. Esses jovens têm acesso a um mundo de informações, mas não estão sabendo caminhar por eles. Bibliotecários e professores deverão ser seus guias nessa jornada.

Referências

AGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009. 138p.

AGUIAR, Niliâne Cunha de. Organização da informação em bibliotecas escolares: contribuição para a competência informacional infantil. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, p. 31-41, 2012. Disponível em: www.revistas.usp.br/berev/article/view/106562. Acesso em 10/02/2018

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; BORTOLIN, Sueli. Bibliotecário: um essencial mediador de leitura. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. Campinas: Mercado das Letras, 2009. p. 205-218.

ALVES, Miriam Cristina. **A integração bibliotecário-professor no Brasil: o estado da arte**. 1992. [105]f. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Biblioteconomia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 1992.

ANTUNES, Maria Leonor Amorim. **Comportamento informacional em tempos de Google**. 2015. 206 f., enc. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/BUBD-A8SJ7E>>. Acesso em: 20/01/2018.

ANTUNES, Walda de Andrade. **Biblioteca escolar no Brasil: reconceituação e busca de sua identidade a partir de atores do processo ensino-aprendizagem**. (Tese) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo: 1988.

BARBOSA, Reni Tiago Pinheiro. Biblioteca escolar: estudo do usuário e animação de leitura. **Releitura**, Belo Horizonte, n. 1, p. 31-38, nov./dez. 1991.

BARÓ, M; MAÑÀ, T.; VELLÓSILLO, I. **Bibliotecas escolares: para quê?** Madrid: Anaya, 2001.

BEDIN, Jéssica; SENA, Priscila Machado Borges; CHAGAS, Magda Teixeira. Biblioteca escolar: um ambiente para o desenvolvimento da competência informacional. In: BLATTMANN, Ursula; VIANNA, William Barbosa (Org.). **Inovação em escolas com biblioteca**. Florianópolis: Dois por quatro, 2016. p. 21-43.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 5692/71. Brasília : 1971.

BRASIL. Lei nº 7.044/82, de 18 de outubro de 1982. Altera dispositivos da Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971, referentes à profissionalização de ensino de 2º grau.

BRASIL. Congresso. Lei n.º 12.244, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 maio 2010. Seção 1, 2010.

CAMPELLO, Bernadete Santos. O movimento da competência informacional: uma perspectiva pelo letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32 , n. 3, p. 28-37, set-dez/ 2003.

CAMPELLO, Bernadete Santos *et al.* Literatura sobre biblioteca escolar: características de citações de teses e dissertações brasileiras. **Transinformação**. Campinas, v. 19, n. 3, p. 227-236, set./dez. 2007.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento informacional no Brasil**: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico. 2009. 207 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009a.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento informacional**: função educativa do bibliotecário na escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2009b. (Coleção Biblioteca Escolar).

CAMPELLO, Bernadete Santos *et al.* **Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento**: parâmetros para bibliotecas escolares. Belo Horizonte: CFB; Autêntica, 2010.

CAMPELLO, Bernadete Santos (Comp.). Como a biblioteca ajuda na aprendizagem dos estudantes: o estudo de Ohio. In: CAMPELLO, Bernadete Santos. **Biblioteca escolar**: conhecimentos que sustentam a prática. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. Cap. 1. P. 19-33.

CAMPELLO, Bernadete Santos *et al.* Parâmetros para bibliotecas escolares brasileiras: fundamentos de sua elaboração. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v.21, n.2, p. 105-120, maio/ago. 2011.

CAMPELLO, Bernadete Santos *et al.* Situação das bibliotecas escolares no Brasil: o que sabemos? **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, p.1-29, 2012.

CAMPELLO, Bernadete Santos. Bibliotecas escolares e Biblioteconomia escolar no Brasil. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p. 1-25, 2015.

CAMPELLO, Bernadete; ABREU, Vera Lúcia Furst Gonçalves. Competência informacional e formação do bibliotecário. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 178-193, jul./dez. 2005.

CAREGNATO, Sônia Elisa. O desenvolvimento de habilidade informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 8, p. 47-55, 2000.

CARVALHO, Dóris de Queiroz. **Bibliotecas escolares**: manual de organização e funcionamento. Brasília: FENAME, 1972.

CASTRO, Jaqueline Ferreira Silva de. **Nativos Digitais na biblioteca escolar**: programas de letramento informacional para o ensino médio. 2014. Dissertação (Mestrado em Mestrado Profissional em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

CASTRO, Jaqueline Ferreira Silva; CALIL JUNIOR, Alberto. Nativos Digitais: um novo perfil de usuário. In: XV ENANCIB, 15, 2014, Belo Horizonte, MG. **Anais... Além das nuvens: expandindo as fronteiras da Ciência da Informação**. Belo Horizonte, MG: ECI/UFMG, 2014. p. 1547-1554.

CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes. Os caminhos da biblioteca escolar. In: ROMÃO, Lucília Maria Sousa (Org.). **Sentidos da biblioteca escolar**. São Carlos: Compacta, 2008, p. 73-91.

CÔRTE, Adelaide Ramos; BANDEIRA, Suelena Pinto. **Biblioteca escolar**. Brasília: Briquet de Lemos, 2011.

COSTA, Tarcilla Martins da. Biblioteca escolar do Centro Pedagógico da UFMG. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 278-282, set. 1975.

CUNHA, M. B. O bibliotecário e seus novos papéis profissionais. **Boletim Informativo ABDF**, Brasília, v. 4, p. 3, 1988.

DIAS, Maria Célia Pessoa Ayres; SANTOS, Lilia Virgínia Martins. Desenvolvimento do acervo das bibliotecas da rede municipal de ensino de Belo Horizonte. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR ESPAÇO DE AÇÃO PEDAGÓGICA, 2004, Belo Horizonte. **ANAIS** Do Segundo Seminário Biblioteca Escolar Espaço de Ação Pedagógica, 2004. Disponível em: <<http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/309.pdf>>. Acesso em: 15 /06/2015.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. *Information literacy*: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr., 2003.

ELLWEIN, Selma Alice Ferreira. Pesquisa escolar e o enfadonho exercício de cópia: como separar o trigo do joio? In: SILVA, Rovilson José; BORTOLIN, Sueli (Org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006. p. 79-96. (Coleção Palavra-Chave, v.17).

FARIAS, Christianne Martins; VITORINO, Elizete Vieira. Competência informacional e dimensões da competência do bibliotecário no contexto escolar. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 2-16, 2009. Disponível em: www.scielo.br/pdf/pci/v14n2/v14n2a02.pdf. Acesso em 10/02/2018.

FÉLIX, Andreza Ferreira. **Práticas educativas em bibliotecas escolares: a perspectiva da cultura escolar - uma análise de múltiplos casos na RME/BH**. 2014. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/BUOS-9UFN8D>>. Acesso em: 01/04/2015.

FIALHO, Janaina Ferreira. **A cultura informacional e a formação do jovem pesquisador brasileiro**. 2009. 207 f., enc. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.

FURTADO, Cássia. A biblioteca escolar brasileira no sistema educacional da sociedade da informação. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR ESPAÇO DE AÇÃO PEDAGÓGICA, 2004, Belo Horizonte. **ANAIS** do Segundo Seminário

Biblioteca Escolar Espaço De Ação Pedagógica, 2004. Disponível em: <<http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/317.pdf>>. Acesso em: 15/04/2015.

FURTADO, Cassia Cordeiro. **Rede social de leitores e escritores juniores** – Portal Biblon: a integração social on-line como catalisador da leitura, criação, expressão e partilha. 2013. 312 f. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais) – Universidade de Aveiro. Universidade do Porto, Portugal, 2013. Disponível em: <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/10351/1/tese.pdf>. Acesso em 20/12/2017.

FURTADO, Cássia Cordeiro. Biblioteca escolar, nova geração e tecnologias da informação e comunicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, XXV, Florianópolis, 07 a 10 de julho de 2013. **Anais...** Disponível em <http://portal.febab.org.br/anais/article/view/1244/1245>. Acesso em: 20/02/2018.

FURTADO, José Afonso. “O Mito da Biblioteca Universal”. **Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação**, Nº 2, p. 37-55, 2007.

FUSATTO, Melissa Pedroso; SILVA, Márcia Regina. As bibliotecas infantis e os bibliotecários: afinando competências. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v.3, n.1, p. 51-72. Disponível em www.revistas.usp.br/berev/article/view/106604. Acesso em 10/02/2018.

GARCEZ, Eliane. O bibliotecário nas escolas: uma necessidade. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 12, n.1, 2007.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **Letramento informacional**: pesquisa, reflexão e aprendizagem. Brasília: Editora FCI/UnB, 2012. 181 p.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias; CUNHA, Marcus Vinícius da. A epistemologia de John Dewey e o letramento informacional. **Transinformação**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 139-146, Agosto de 2010. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-37862010000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em 10/02/2018.

INEP - INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo Escolar da Educação Básica 2017**: notas técnicas. Brasília: INEP, 2018.

INL. **Guia das bibliotecas brasileiras**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.

KUHLTHAU, Carol. O papel da biblioteca escolar no processo de aprendizagem. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. **Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica**. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 9-14. Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1998, Belo Horizonte.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas**. Porto Alegre: Artes Médicas/ Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEA, Mary R.; STREET, Brian V. Student writing in higher education: an academic literacies approach. **Studies in Higher Education**, v. 23, n. 2, p. 157-172, 1998.

LEMOS, Silvana. Nativos digitais x aprendizagens: um desafio para a escola. **Boletim Técnico do Senac: A Revista da Educação Profissional**, Rio de Janeiro, v. 35, n.3, set./dez. 2009.

MADUREIRA, Maria Aparecida Ehlke. **A biblioteca escolar na rede estadual de ensino de 1º grau do Paraná: diagnóstico e avaliação**. 1985. 132 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) – Departamento de Pós-Graduação em Biblioteconomia, PUC, Campinas, 1985.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis, metodologia jurídica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011. 314 p.

MAROTO, Lúcia Helena. **Biblioteca escolar, eis a questão! Do espaço do castigo ao centro do fazer educativo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. 151 p.

MATA, Marta Leandro da; SILVA, Helen de Castro. Biblioteca escolar e a aplicação da proposta da competência em informação no ensino fundamental. **CRB-8 Digital**, São Paulo, v.1, n.3, p. 28-39, 2008. Disponível em www.revista.crb8.org.br/index.php/crb8digital/article/viewFile/17/17. Acesso em: 21/02/2015.

MELO, Ana Virgínia Chaves de; ARAUJO, Eliany Alvarenga de. Competência informacional e gestão do conhecimento: uma relação necessária no contexto da sociedade da informação. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, Aug. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362007000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14/04/2014.

MINAYO, Maria Cecília de. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MONTIEL-OVERALL, Patricia. A theoretical understanding of teacher and librarian collaboration (TLC). **School Libraries World Wide**, v. 11, n. 2, p 24-48, July 2005.

MORAIS, Elaine Maria da Cunha. **Impasses e possibilidades da atuação dos profissionais das bibliotecas da Rede Municipal de Belo Horizonte**. 2009. 185 f. Dissertação. (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MOREIRA, Juliana Alves. **Práticas educativas bibliotecárias de formação de leitores**: um mapeamento de suas iniciativas e articulações na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte - RME- BH. 2014. 123 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 11. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2006. 118 p.

MOTA, Francisca Rosaline Leite. Bibliotecários e professores no contexto da biblioteca escolar: uma interação possível e necessária. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR ESPAÇO DE AÇÃO PEDAGÓGICA, 2004, Belo Horizonte. **Anais** do Segundo Seminário Biblioteca Escolar Espaço de Ação Pedagógica, 2004.

NATIONAL COMMISSION ON EXCELLENCE IN EDUCATION. A Nation at Risk: The Imperative for Educational Reform. **The Elementary School Journal**, Chicago, v. 84, n. 2 (Nov., 1983), p. 112-130.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt. **Pesquisa escolar nas séries iniciais do ensino fundamental**: bases para um desempenho interativo entre sala de aula e biblioteca escolar. 2000. 177f. Tese 187 (Doutorado em Ciência da Informação e Documentação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

PALFREY, John, GASSER, Urs. **Born digital**: understanding the first generation of digital natives. New York: Basic Books, 2008. 375 p.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: Artmed, 2011, 352 p.

PEREIRA, Gleice. A formação do bibliotecário escolar. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17, 2009, Campinas. **Anais do 17º COLE**, Campinas, SP: ALB, 2009. Disponível em: <http://www.alb.com.br/portal.html>. Acesso em: 20/04/2015. ISSN: 2175-0939

PEREIRA, Rodrigo. **Aplicação da competência em informação no contexto escolar**: uma experiência no Colégio Militar de Campo Grande – MS. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista / UNESP, Marília, 2010.

PERES, Mônica Regina. Competência informacional: educação e sociedade. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**. Brasília, v.3, n.1, p. 22-33, 2011. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/6159>. Acesso em 10/02/2018.

PERROTTI, Edmir. Leitores, ledores e outros afins (apontamentos sobre a formação do leitor). In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Org.). **A formação do leitor**: pontos de vista. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p. 31-40.

PINHEIRO, Marta Passos. **Letramento literário na escola**: um estudo de práticas de leitura de literatura na formação da 'comunidade de leitores'. 2006. 296 f., enc. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

PRENSKY, Marc. Digital natives, digital immigrants. **On the horizon**, MCB University Press, v. 9, n. 5, p.1-6, 2001, Disponível em: <<http://www.nnstoy.org/download/technology/Digital%20Natives%20-%20Digital%20Immigrants.pdf> >. Acesso em: 10/09/2015.

RASTELI, Alessandro; CAVALCANTE, Lídia Eugenia. A competência em informação e o bibliotecário mediador da leitura em Biblioteca Pública. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 18, n. 36, p. 157-180, abril de 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n36p157>. Acesso em 10/02/2108.

ROCA, Glória Durban. **Biblioteca escolar hoje: recurso estratégico para a escola.** Porto Alegre: Penso, 2012. 110p.

ROWLANDS, Ian *et al.* The Google generation: the information behavior of the researcher of the future. **Aslib Proceedings: New Information Perspectives**, v. 60, n. 4, p. 290-310, 2008.

SANTA ANNA, Jorge. A redefinição da biblioteca no século XXI: de ambientes informacionais a espaços de convivência. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v.14, n.2, p.232-246, maio/ago. 2016.

SANTOS, Gildenir Carolino. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. **Estudo da interlocução entre biblioteca-escola-tecnologia, baseada na Internet um estudo de caso na escola estadual.** 2002. 181 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas.

SANTOS, Marisilvia dos; SCARABOTTO, Suelen do Carmo dos Anjos; MATOS, Elizete Lucia Moreira. Imigrantes e nativos digitais: um dilema ou desafio na educação? In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 10. Curitiba. **Anais...** Curitiba, PUC-Paraná, 2011. p. 15840-15851.

SILVA, Lílian Lopes Martins da; FERREIRA, Norma Sandra de Almeida; SCORSI, Rosália de Ângelo. Formar leitores: desafios da sala de aula e da biblioteca escolar. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação.** Campinas: Mercado das Letras, 2009. p. 49-67.

SILVA, Mônica do Amparo. **Biblioteca escolar e professor: duas faces da mesma moeda?** Investigação sobre a interação entre a biblioteca escolar e o professor do ensino fundamental na Rede Municipal de Ensino. 2001. Dissertação (mestrado) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

SILVA, Rovilson José. Biblioteca escolar: organização e funcionamento. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação.** Campinas: Mercado das Letras, 2009. p. 115-135.

SILVA, Waldeck Carneiro. **Miséria da biblioteca escolar.** São Paulo: Cortez, 1995. 118 p.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. **Biblioteca como lugar de práticas culturais**: uma discussão a partir dos currículos de Biblioteconomia no Brasil. Belo Horizonte. 2007. 246 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

SILVEIRA, Lúcia da; VITORINO, Elizete Vieira; SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos. Competência informacional em pesquisadores na área de educação. In: XXV CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. **Anais...** Florianópolis, 07 a 10 de julho de 2013. Disponível em: <<http://portal.febab.org.br/anais/article/view/1513>>. Acesso em: 14/04/2014.

SOARES, Laura Valladares de Oliveira. **A formação como aliada no exercício do papel educativo do bibliotecário na escola**. 2014. 99 fls. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

SPRADLEY, James P. **The ethnographic interview**. New York: Harcourt College Publishers, 1979.

TAPSCOTT, Don. Educating the Net Generation. **Educational Leadership**, v. 56, n. 5, p. 6-11, Feb. 1999. Disponível em: <<http://www.ascd.org/readingroom/edlead/abstracts/feb99.html>>. Acesso em: 19 jun. 2013.

TARAPANOFF, Kira; SUAIDEN, Emir; OLIVEIRA, Cecília Leite. Funções sociais e oportunidades para profissionais da informação. **DataGramZero**: Revista da Ciência da Informação, v. 3, n. 5, out/2002.

UNESCO/IFLA. **Manifesto da IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar**. 2009. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 10/10/2015.

VÁLIO, Else Benetti Marques. Biblioteca escolar: uma visão histórica. **Transinformação**, v. 2, n. 1, jan/abr. 1990, p. 15-24.

VEEN, Wim; VRAKING, Ben. **Homo zappiens**: growingup in a digital age. London: Network Continuum Education, 2006. 160 p.

VIANNA, Márcia Milton; CARVALHO, Natália Guiné de Mello; SILVA, Rosana Matos da. Entre luz e sombra...: uma revisão de literatura sobre biblioteca escolar. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. **Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica**. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 17-30. Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1998, Belo Horizonte.

VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregorio; LANZI, Lucirene Andrea Catini; FERNEDA, Edberto. A mediação da informação aliada ao uso das tecnologias da informação e comunicação em uma biblioteca escolar. **Informação & Informação**, v. 19, n. 2, p. 117-137, 2014. Disponível em <http://hdl.handle.net/11449/114745>. Acesso em 14/02/2018.

VILELA, Raquel Miranda. **Biblioteca escolar e EJA: caminhos e descaminhos**. 2009. Dissertação (Mestrado) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

WOLCOTT, Harry. **Transforming qualitative data: description, analysis and interpretation**. Sage: CA, 1994.